

O
HIGHLANDER
E A DEVASSA

Trilogia Paixões Improváveis
Volume 2

um romance de
S.G. FIDELIS



PERIGOSAS NACIONAIS



PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

1º EDIÇÃO

O
HIGHLANDER
E A DEVASSA

*Trilogia Paixões Improváveis
Volume 2*

um romance de
S.G.FIDELIS

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON

Copyright © 2019 de S. G. FIDELIS

O Highlander e a Devassa (Trilogia Paixões
Improváveis, Livro II)

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS.

Edição Digital | Criado no Brasil.

Esta é uma obra de ficção. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência. Este livro ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, da autora, exceto pelo uso de citações breves em resenhas ou avaliações críticas.

Capa: LA Desing

Revisão: Natália Dias

Diagramação: Letti Oliver

A violação dos direitos autorais é crime
estabelecido pela lei nº 9.610/98 e punido pelo
artigo 184 do código penal.

1º EDIÇÃO, 2019.

Dedico este livro às minhas ladys.

*As leitoras que riram comigo durante todo o
processo e que se apaixonaram tanto quanto eu;
sem vocês nada disso teria sentido.*



Notas da Autora

Romances de época são minhas histórias preferidas. Livros que fazem sonhar, suspirar, rir e se apaixonar. Então podem imaginar o prazer que é compartilhar cada doce romance que arrebatava minha imaginação com vocês e ter tantos leitores.

Por isso mesmo preciso deixar um aviso antes que você inicie a leitura deste livro.

O Highlander e a Devassa é uma história fictícia que se passa no século XIX e por isso vemos várias questões culturais da época representadas nela; porém, ainda assim quero que reflitam comigo que em uma sociedade tão ampla e abrangente, as pessoas não eram todas iguais e era exatamente essa singularidade que as tornava

únicas e especiais.

As mulheres eram sim criadas para serem submissas e não demonstrarem interesse sexual nem mesmo por seus cônjuges, mas sempre houve exceções, assim como hoje em dia há muita liberdade e mesmo assim muitos ainda vivem presos a conceitos morais ou dogmas religiosos extremamente rígidos.

Assim, temos a senhorita Juliette Smith, uma mocinha à frente de seu tempo e decidida. E, sim, com certeza havia mulheres como ela; mesmo que fossem uma minoria.

Portanto, se o comportamento dela não lhes parecer muito apropriado a uma dama do período em questão, peço que tenham paciência com ela, afinal, Juliette não cresceu como uma lady e bem... sempre podemos contratar uma tutora que lhe ensine as regras de etiqueta da época (caso insistam).

Outra questão muito importante que pretendo elucidar para você, querida lady que irá iniciar a leitura deste livro, é que meu vocabulário é adaptado para que funcione de maneira ideal. Não se trata de um equívoco, mas de uma escolha para que a sua leitura seja prazerosa.

Eu me utilizo de um linguajar culto e rebuscado o suficiente para que você possa ser transportada para o século XIX, para os salões de bailes ricamente decorados e os castelos nas terras altas da Escócia, porém, atual o suficiente para que se torne compreensível e aprazível e para que, quando menos esperar, esteja lendo o epílogo.

Claro que muitas palavras não caberiam nesse gênero literário e jamais serão encontradas em um livro de época, mas eu — e isso não é mérito próprio, as autoras reconhecidas mundialmente por seus romances de época também se utilizam desse estratagema —, decidi trazer um

PERIGOSAS ACHERON

linguajar trabalhado, porém acessível às leitoras do século XXI, ou seja, não encontrarão a escrita (maravilhosa) de Jane Austen, pois vejam bem, ela escrevia visando um público de pessoas do mesmo século que ela, que utilizavam do mesmo vocabulário que ela.

Mas atenção!

Isso não quer dizer que os acontecimentos na história são por acaso.

Pesquisas intensas foram feitas e dei o meu melhor para trazer uma história digna de vocês; digamos apenas que em romances, em especial os de época, queremos ver a beleza do amor em toda sua singularidade, queremos nos sentir em um conto de fadas, saber que tudo é possível. Para tudo isso acontecer existe algo lindo que chamamos de licença poética, que é dada a todo autor que se dispõe a contar sua própria história. É a liberdade de criar e narrar os fatos sob o seu ponto de vista e,

PERIGOSAS ACHERON

principalmente, sob a ótica de seus personagens.

Enfim, é isso.

Nós nos encontramos novamente mais tarde.

Boa leitura!

SG Fidelis



Índice

[NOTAS DA AUTORA](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 01](#)

[CAPÍTULO 02](#)

[CAPÍTULO 03](#)

[CAPÍTULO 04](#)

[CAPÍTULO 05](#)

[CAPÍTULO 06](#)

[CAPÍTULO 07](#)

[CAPÍTULO 08](#)

[CAPÍTULO 09](#)

[CAPÍTULO 10](#)

[CAPÍTULO 11](#)

[CAPÍTULO 12](#)

[CAPÍTULO 13](#)

[CAPÍTULO 14](#)

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

[CAPÍTULO 15](#)

[CAPÍTULO 16](#)

[CAPÍTULO 17](#)

[CAPÍTULO 18](#)

[CAPÍTULO 19](#)

[CAPÍTULO 20](#)

[CAPÍTULO 21](#)

[CAPÍTULO 22](#)

[CAPÍTULO 23](#)

[CAPÍTULO 24](#)

[CAPÍTULO 25](#)

[CAPÍTULO 26](#)

[CAPÍTULO 27](#)

[CAPÍTULO 28](#)

[EPÍLOGO](#)

[AGRADECIMENTOS](#)

PERIGOSAS ACHERON



Prólogo

O menino se levantou da cama com os pés descalços tocando o chão gelado e correu para calçar os sapatos. O frio da manhã de inverno tocava a pele e ele sentiu um arrepio; buscou então um casaco quente e desceu as escadas do castelo em direção à cozinha.

Encontrou os criados em plena atividade, preparando o desjejum enquanto conversavam animados; Gregor adorava a cozinha, o cheiro dos biscoitos de aveia e a sensação de que o castelo era realmente habitado. Em contrapartida, odiava seu quarto frio e vazio, onde passava horas sozinho.

Um prato de biscoitos foi colocado na frente

dele, enquanto as criadas continuavam a conversa, animadas.

— Gerlane, você não se cansa, mulher? Já está indo para a quinta gravidez e sempre me parece radiante quando descobre.

A pergunta foi feita por Nimue, a criada mais antiga dali; fora ama de leite de lorde Cameron, o pai de Gregor, e depois do próprio menino. A idade dela era avançada e sempre fez com que o pequeno lorde a chamasse de vovó, mas alguns diziam que era uma bruxa. Gregor acreditava. Aos olhos dele ela parecia uma bruxa, mas não das boas, como sabia que existiam; Nimue o amedrontava com suas histórias malignas e o fazia ver a mamãe. Ele a odiava principalmente por isso.

— Nimue, meu esposo e eu amamos crianças, então, quanto mais, melhor. Gostamos da casa cheia. É acolhedor saber que quando chegar

PERIGOSAS ACHERON

em casa terei meus filhos esperando por mim. Podemos nos sentar à mesa e conversar... Sempre quis ter uma família grande.

O menino, que ouvia atento a conversa, gostou da ideia que se formou em sua mente. Seria maravilhoso ter uma família também. Ele sabia que diziam que eram amaldiçoados, mas mesmo assim seu pequeno coração se encheu de esperança.

Quem sabe pudesse encher o castelo com outras pessoas? Ele também se casaria e teria um monte de filhos e então sua casa seria como a de Gerlane, acolhedora.

— Quando crescer, eu quero ter uma casa como a sua, Gerlane. Uma família beeeem grande...

Seu erro foi expressar seus pensamentos em voz alta.

Nimue o encarou com olhos arregalados e Gerlane tinha no rosto uma expressão de piedade,

PERIGOSAS ACHERON

mas por mais que sentisse pena do menino, sabia que a velha o aconselhava para seu próprio bem.

— Menino, já conversamos sobre isso, não pode se casar. Já sabe o que acontece. Você vai viver aqui, conosco.

— Mas... eu quero sentar à mesa e conversar como a Gerlane faz, vovó Nimue.

A mulher deu uma olhada ressentida para Gerlane, como se a culpasse por colocar aquelas ideias horríveis na cabeça do jovem lorde.

— Venha comigo, menino. Vou te mostrar uma coisa...

Gregor balançou a cabeça em negativa, agitado, pois sabia muito bem o que viria a seguir.

— Não, vovó, por favor. Eu não quero ir ver a mamãe.

Mesmo assim, ela o pegou pela mão e o arrastou escadaria acima; enquanto eles subiam, o menino, que tinha apenas cinco anos, tentava

escapar enquanto as lágrimas silenciosas banhavam o rosto amedrontado.

— Não precisa chorar. Você não ficará mais sozinho, lordezinho. A mamãe vai ter outro bebê. Você vai ter um irmão e é isso que eu quero te mostrar.

Ainda um pouco relutante, mas agora um pouco mais animado, Gregor segurou na mão da velha senhora e a acompanhou até o quarto, onde sua mãe permanecia trancada.

Nimue destrancou a porta do cômodo e a abriu; Gregor notou que lá dentro não havia luz alguma. No centro da cama jazia uma figura esquelética e assustadora. A pele de sua mãe colava-se aos ossos, os olhos fundos e vazios de qualquer emoção, os cabelos desganhados cobriam parcialmente o rosto e uma protuberância se agigantava sobre sua barriga.

— Vê? Sua mamãe vai ter outro filho e

vocês dois poderão ficar juntos para sempre.

Mas Gregor não prestava mais atenção; notou as mãos da mãe amarradas nas laterais da cama, o corpo estagnado no meio dela. Pensou que talvez estivesse morta, mas então notou que a respiração acelerou e o peito subiu e desceu com ela. De repente, ela o encarou com os olhos vidrados e seu grito agudo ecoou no quarto vazio.

— Vovó Nimue, eu não quero ficar aqui. A mamãe vai me mandar embora de novo, já está gritando.

A senhora lhe dirigiu um sorriso triste, mas mesmo assim o arrastou pela mão até a beira da cama, aproximando o rosto do menino da mãe.

— Está vendo isso, criança? Vê o estado em que ela está? Não reconhece o próprio filho e tem que ficar amarrada à cama... Enlouqueceu completamente e tudo isso porque seu pai não aceitou o que o destino lhe impôs. Foi a deusa,
PERIGOSAS ACHERON

milorde. Com a deusa não se brinca. Está entendendo por que não pode se casar? Precisa ficar sozinho. A maldição vai tratar de colocar uma inglesa no seu caminho... Ah, ela vai. Nunca falha. Mas precisa resistir. É exatamente assim que ela vai ficar se se tornar sua mulher. Você não quer essa responsabilidade, pequeno. Não quer ser como seu pai, quer?

Gregor se lembrou do pai, sempre fedendo a uísque, dormindo sobre a mesa ou qualquer móvel em que pudesse se escorar, choramingando e vomitando. Quase tão horrível quanto a mãe. Balançou a cabeça, negando com veemência, e só então a mulher permitiu que ele afastasse o rosto de sua mãe, que o encarava com horror nos olhos.

— Pois bem, fique com seu irmão. Cuide dele, Gregor. Seu irmão será a sua família e juntos poderão ser felizes.

— Mas e se for uma menina?

— Ah, querido, nunca é uma menina. A maldição também se encarregará disso...

Gregor assentiu e saiu correndo do quarto. Sempre temera que um dia algo desse errado e o deixassem preso com ela lá dentro. Pouco tempo depois, o bebê nasceu. Gregor soube que Nimue estava certa em tudo que dissera, era um menino. Seu irmão Ian. Sua única família.



Capítulo 01

RUPTURA INTERROMPIDA

Juliette

Na calada da noite, a moça caminhava sorrateiramente pelo corredor escuro da residência Wheston. Os pés descalços tocavam o carpete e a ela torcia muito para não esbarrar em nenhum móvel ou em qualquer vaso que pudesse fazer barulho e atrair atenção indesejada para si; a visão clareada apenas por algumas velas em pontos estratégicos.

Havia se retirado há algum tempo com sua irmã, que a acompanhara e depois se recolhera para seus próprios aposentos, sem nunca imaginar que PERIGOSAS ACHERON

Juliette tinha planos para colocar em prática ainda naquela noite.

Todos os hóspedes e residentes da mansão dormiam profundamente; ela esperara por horas para que não fosse surpreendida por alguém com hábitos mais noturnos.

A senhorita Smith mais jovem podia ver claramente que um bom futuro estava reservado para Nicole, sua irmã. Acreditava de todo coração que as coisas dariam certo para ela e seu marquês. Porém, o destino não podia ser assim tão gentil para ambas as irmãs, esse tipo de coisa não acontecia na vida real. E se tinha algo de que Juliette se orgulhava imensamente era de ser uma jovem realista.

Aproximou-se pé ante pé da porta do quarto que sabia ter sido reservado para ele. Três batidas discretas na porta e prontamente ela se abriu.

— Senhorita Juliette? O que faz aqui a esta

hora? Desacompanhada ainda por cima...

— Ande, deixe-me entrar, precisamos conversar — respondeu ao homem, que a encarava confuso.

Olhando para ambos os lados do corredor, ele lhe deu passagem e fechou a porta atrás dela antes que fossem pegos.

— Agora, diga-me, por que em nome da deusa está arriscando sua reputação vindo até aqui no meio da noite?

Ela sorriu. Estava determinada e não seria o medo bobo de ser pega que a deteria.

— Vim lhe fazer uma proposta. Uma proposta um pouco ousada, devo preveni-lo.

Gregor MacRae, agora conde de Harrington, na Inglaterra, e um homem de influência no clã MacRae, na Escócia, afastou-se de costas até o aparador. Algo lhe dizia que precisaria de um bom uísque.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom, levando em conta que se alguém a pegar aqui posso ser obrigado a fazer algo que não quero em definitivo e que a senhorita parece ter ideias obstinadas e tórridas em mente... Creio que deveria aceitar uma dose.

Ela ponderou.

— Ainda não. Se aceitar meu acordo, posso beber para o selarmos.

— Então diga logo, minha cara. O que tem em mente?

Juliette deu as costas para Gregor, pensando no que exatamente dizer a ele. Logo que encontrou as palavras, voltou-se outra vez para o escocês.

— Bom, por tudo que se sabe, o senhor é um libertino, um homem que aprecia a companhia de várias mulheres... Não digo ao mesmo tempo, claro.

Ele sorriu. A moça era tão inocente.

Fez um gesto para que ela prosseguisse.

PERIGOSAS ACHERON

— Está de certa maneira preso a esta casa até depois das festas de natal e acredito que seu interesse em minha irmã não seja real, estou correta?

— Claro que não! É apenas parte do nosso plano, ou melhor, do plano da condessa de Devon para que Wheston acabe por se casar com Nicole.

A jovem assentiu.

— Pois bem, então deve estar muitíssimo entediado e sem companhia feminina.

— Evidente que sim — respondeu com um sorriso maroto estampando os lábios.

Juliette se aproximou um pouco dele, perigosamente.

— Meu impasse é outro, lorde Gregor. — Com apenas uma sugestiva pausa, prosseguiu: — Estou pronta para os prazeres carnavais...

Ele teve um acesso de tosse. Por essa não esperava; ela tinha uma sinceridade absurda para

PERIGOSAS ACHERON

uma moça. Suas palavras eram tão surreais que se converteram em algo que não era crível.

— Perdoe-me, não quis constrangê-lo.

— Não estou constrangido, apenas surpreso em uma magnitude que não podes conceber.

Juliette sorriu.

— Ah sim, sei que uma mulher não deveria falar sobre tais coisas, mas a questão é a seguinte: não sei se está a par de nossa situação financeira, está?

Ela o olhou interrogativamente e Gregor achou sensato fingir que desconhecia, negando com um gesto.

— Somos pobres, muito pobres. Não temos dotes; nem eu e nem Nicole. Eu deveria ter sido apresentada à sociedade que compartilha do mesmo nível financeiro que o nosso. Poderia encontrar um marido, mas não quero me casar com um velho barrigudo e careca que vai estragar até mesmo

meus... ímpetos. Então, prefiro ficar sozinha a ter que me contentar com esses homens nojentos.

Gregor entendia perfeitamente. Era ultrajante que uma jovem precisasse se prestar a algo assim apenas para cumprir com as obrigações que a sociedade lhe impunha.

— Não se case então, concordo com a senhorita. Apenas não compreendi ainda por que decidiu desabafar justamente comigo. Onde me encaixo nisso?

Juliette dirigiu a ele um sorriso doce.

— Em mim, pelo pouco que entendi. É que o senhor foi meu escolhido.

A menina não tinha nenhuma noção do sentido duplo que aquela frase causara. Ou teria?

— Desculpe, temo não ter lhe compreendido bem, disse que devo me encaixar na senhorita? Eu fui seu escolhido para que, exatamente?

O sorriso dela se ampliou e havia nele uma pontada de ironia, como se ela não acreditasse que ainda não havia sido clara o suficiente.

— Para me iniciar nos prazeres, é evidente! Não há necessidade de parecer tão abismado, já tenho dezenove anos, deveria ter me casado, ou ao menos estar noiva. Porém, sem dote não tenho boas expectativas. Além disso, não sou uma lady, então posso ser sua companhia durante o tempo em que estiver aqui e o senhor pode me ensinar o que sabe. É um ótimo acordo.

Dessa vez ele soltou uma gargalhada; a situação era inverossímil.

— Perdeu o juízo? Esse acordo beneficia apenas a mim.

— Mas é claro que não! É o que *eu* quero, portanto, beneficia a nós dois. Veja bem, o senhor foi escolhido porque é incrivelmente bonito e promíscuo também; um libertino pelo que ouvi. O

PERIGOSAS NACIONAIS

que significa que deve estar acostumado à descrição e certamente saberá me conduzir. Mas não se engane, não é minha única opção.

— Quer dizer que, caso eu decline de seu... convite, vai procurar outro cavalheiro?

— Isso mesmo. O senhor Paulo tem um exterior agradável e boas maneiras, pode servir aos meus propósitos.

— Quem é Paulo?

— Um criado aqui da mansão.

— Pois bem, dê-me um instante para refletir sobre essa estapafúrdia.

Gregor se pegou analisando a proposta mais anormal que já recebera; ela tinha razão em tudo que dissera, por mais que não parecesse correto, podia ser que realmente ninguém descobrisse. Além disso, poderia apenas se divertir com a jovem, ensinar-lhe algumas coisas sem realmente a desvirtuar. Antes ele que *Paulo*.

PERIGOSAS ACHERON

— E se eu aceitar seu acordo com a condição de não consumarmos o ato até o fim?

Juliette já balançava a cabeça de um lado para o outro em uma negativa veemente.

— Não. Eu quero tudo. Sei que parece estranho e tudo, mas não tem que achar minha proposta adequada, apenas se deixar levar e ceder aos seus... impulsos. Não posso aceitar que não vá conhecer tudo isso, já me conformei em não me casar ou ter filhos. Pode ser que se essa oportunidade for desperdiçada, não tenha outra quando voltar para casa para cuidar de meus pais.

Gregor MacRae estava ciente de que deveria se recusar a cumprir com aquele disparate, afastar-se e discretamente a mandar de volta para seus aposentos; mas se ela realmente não pretendia se casar, que mal haveria naquilo? Seria um segredo escuso entre os dois, um dentre tantos outros que ele já compartilhava mundo afora.

— Bom, como bem sabe, eu sou um apreciador do seu sexo e a senhorita é um belíssimo espécime. Quem sou eu para rejeitar esse acordo que me foi oferecido de tão bom grado?

Ela sorriu e Gregor adorou saber que era ele o responsável pela alegria momentânea. Ah, ele lhe daria muitos outros sorrisos.

Enquanto o homem ainda se deliciava com sua decisão e o quão aprazível seria o tempo entre os dois, Juliette já se preparava para desfrutar de sua primeira experiência. Gregor ficou fascinado ao vê-la abrir o vestido e deixá-lo cair, amontoando-se sobre seus pés.

A moça usava apenas uma camisola branca, como se já soubesse qual seria a resposta dele e por isso houvesse se livrado das numerosas anáguas e das demais camadas de roupas. Ele notou mais uma vez como era linda, porém, apesar de ter reparado em sua beleza anteriormente, jamais cogitou que

PERIGOSAS ACHERON

uma possibilidade como aquela se abrisse para ele.

Os cabelos muito pretos e longos estavam presos em um coque rígido, como deveriam, mas logo ela os soltou e Gregor admirou a beleza das ondas que desciam suavemente pelos ombros. Os olhos muito claros, de um verde sutil, fitavam-no em um misto de temor e ansiedade.

— Começamos por onde? — questionou agitada. Se Gregor já não soubesse, aquela simples frase entregaria a inexperiência.

Ele abriu o sorriso cafajeste, que já fora responsável por arruinar mulheres desavisadas incontáveis vezes, e respondeu:

— Pelo beijo, claro. Tudo sempre começa pelo beijo.

Em poucos passos tinha a jovem diante de si. Colocou uma mecha dos cabelos dela atrás da orelha pequena e, aproveitando-se do movimento, segurou-a pela nuca.

A proximidade era um desatino. Os olhos azuis nos verdes, a sensação cálida do toque na tez macia, o tremor dela...

Por mais que Gregor fosse experiente na arte do amor, ele reconhecia que o que estava para ocorrer ali era algo ímpar.

Uma jovem intocada, pura e inexperiente, mas com mente e vontades que nada tinham de inocentes, ela se entregava a ele por vontade própria. Aquela moça poderia causar uma revolução entre as mulheres com suas ideias avançadas. Não que ele estivesse reclamando.

Um a um, os botões que mantinham a peça de roupa íntima entre os corpos foram abertos e o pulso de Juliette começou a acelerar.

Quando ele concluiu sua tentadora tarefa, inclinou-se e a beijou, enquanto uma mão a mantinha cativa, acariciando o pescoço delgado, a outra a enlaçou com força pela cintura, de maneira

a unir os corpos ainda mais.

O beijo era singular, testando os limites, conhecendo. Juliette podia senti-lo por todo seu corpo, seus seios comprimidos contra o torso rígido como mármore, suas mãos apoiadas nas costas largas, as pernas encostando-se às dele, mãos quentes em sua nuca e ao redor dela e por fim os lábios...

Toda sua curiosidade e todos os seus sonhos mais intensos jamais a prepararam para a realidade, até mesmo porque um beijo como aquele não se podia imaginar, precisava ser sentido; e sensações não cabiam em devaneios utópicos.

Gregor aprofundou o beijo. Com seu toque e com sua língua ousada ia vencendo um a um os receios de Juliette, ia entrando mais a cada instante e ela soube, naquele momento fugaz, que se permitisse, ele entraria por completo dentro dela. Não apenas do modo como ela imaginara e pedira,

PERIGOSAS ACHERON

mas um homem como aquele e uma moça como ela...

Ele poderia se instalar em seu coração com facilidade, o que Juliette jamais poderia permitir, claro.

A mão, que antes estava na nuca, agora descia sutilmente até o colo exposto pelos botões que outrora o protegeram tão bem. A pele dela era macia e clara como a neve alva que caía lá fora. Ao tocá-la ali, de maneira tão íntima e desconhecida para a jovem, notou que todo o corpo dela se eriçava.

Libertou os lábios momentaneamente e a jovem gemeu sua insatisfação. Ele desceu o rosto sobre os seios macios, trazendo um rastro de calor nos locais em que sua boca tocava. Gregor a saboreou.

Juliette agarrou os cabelos loiros dele para incentivá-lo, para sustentar-se de pé. As sensações

PERIGOSAS ACHERON

causadas pela dedicação de Gregor eram aterradoras, emocionantes e muito desestabilizadoras. Mas então, a boca experiente encontrou o cume rosado que se elevava clamando por seu toque e ele o sugou forte.

Um gritinho escapou a Juliette, vindo direto de seu âmago; ele transmitia surpresa, choque e definitivamente prazer. Com beijos lânguidos e molhados, Gregor se divertiu com os seios lindos e foi tomado pela luxúria e pelo desejo abrasador de tê-la ali mesmo, naquela noite.

Rapidamente se livrou da camisa que ainda vestia, separando os corpos apenas por alguns momentos, e retirou as botas e a calça.

Tudo que acontecia naquele quarto era novo e magnífico para ela, incluindo ver um homem apenas em seus trajes íntimos. Juliette nunca havia nem mesmo sido beijada.

Ele retornou com ímpeto para ela e

PERIGOSAS ACHERON

abocanhou o seio exposto. Controlar os ruídos que fazia a cada investida de Gregor, a cada mordida suave, a cada sucção torturante, tornou-se impossível para a moça.

Seus gemidos ficaram mais intensos e ele aproveitou a entrega e a conduziu até a cama, deitando-se sobre ela, que suspirava em seus braços. Então, iniciou uma tortura ainda maior, descendo a camisola até a cintura dela. Gregor se aproveitou de toda aquela pele nua visível e com as mãos fortes a sentiu, com a boca sempre afoita a beijou, desde os lábios até pouco abaixo do umbigo, desejando expor o que ainda estava encoberto.

Sua dedicação era recompensada com os gemidos roucos de prazer emitidos por ela. Mas então, algo totalmente inesperado aconteceu. Alguém muito irritado começou a bater na porta, ameaçando pô-la abaixo.

Em um sussurro quase inaudível, Juliette perguntou:

— Quem pode ser a esta hora?

— *MacRae, abra esta porta agora ou vou arrancá-la a pontapés. Eu vou matá-lo!*

Nenhum dos dois precisou que o homem se anunciasse. Era o marquês de Wheston, o proprietário da mansão em que eram convidados e que com certeza tinha algum problema a resolver com o conde.

— E agora? Será que ele me viu entrando aqui? O que pode estar querendo?

Com a mera sugestão de que poderiam ter sido descobertos, lorde Gregor passou de amante atencioso a um escocês bárbaro e bruto.

— Você não foi cuidadosa? Como pode ser tão esperta assim para ter esse tipo de acordo a me oferecer e tão estúpida de não perceber que alguém a viu entrar?

— Está chamando-me de estúpida?

— Sim, estou, menina tola. — Ele logo estreitou os olhos na direção dela, com outro pensamento em mente. — Ou então melindrosa. Se alguém a visse aqui, eu seria obrigado a me casar com você! Planejou isso desde o início? Eu devia saber que estava bom demais.

Juliette não soube o que dizer diante das acusações infundadas, apenas se apressou a fechar os botões abertos.

Neste momento, a voz grave de Mathew chegou novamente até eles. Correndo desesperadamente, ela levantou-se, recolheu o vestido no chão e, sabendo que não havia lugar apropriado para esconder-se, subiu no parapeito da janela e se encostou contra a parede. Rezou para que, apesar de seus pecados, Deus a ouvisse e não lhe permitisse cair. Juliette se manteve ali, sem olhar para baixo por nenhum momento.

Pôde ouvir quando a porta foi abaixo com um estrondo e um Mathew enfurecido entrou no quarto, pegando Gregor despreparado e atirando-o no corredor.

Céus! Ele estava usando apenas ceroulas.

E então, ouvindo as vozes alteradas, ela entendeu.

Wheston não havia os descoberto, apenas imaginara equivocadamente que fosse Nicole ali com MacRae e com ciúmes, agiu. Juliette viu quando o marquês voltou ao quarto e sabia que em breve ele perceberia que não havia ninguém escondido lá.

Era mesmo seu fim!

Como ela retornaria ao quarto e sairia sem que ninguém a notasse? O quarto nem mesmo tinha uma porta agora! Além disso, de jeito nenhum ela terminaria o que havia começado; o homem a chamara de estúpida sem imaginar o quanto aquela

ofensa em particular a enfurecia. Mesmo assim o havia feito.

Juliette ali, parada enquanto sentia o corpo congelando, com a camisola fina que não a protegia em nada do frio da noite, segurando o vestido volumoso nas mãos, decidiu agir. Olhou para a próxima janela e tentou se lembrar de quem era aquele quarto. Cecília. A menina podia ser esperta para uma criança, mas bastava que inventasse alguma desculpa para que a ajudasse e então logo estaria a salvo e aquecida.

Porém, antes ela precisaria chegar até a janela em segurança.

Um passo de cada vez, sem nunca tirar os olhos de seu objetivo, Juliette caminhou pelo parapeito lentamente, enquanto ouvia distante a voz da irmã furiosa com as desconfianças de lorde Wheston.

Mais um passo. Ela esbarrou em algo e

PERIGOSAS ACHERON

pedras pequenas caíram rumo ao chão, fazendo seu coração disparar. A moça o ouvia batendo em seus ouvidos e sentiu o sangue aquecer seu rosto. Adrenalina.

Poucos passos mais e ela se encontrava diante da varanda do quarto da menina. Agora só precisava reunir coragem e passar uma perna seguida da outra por cima da balaustrada.

Juliette conseguiria. Óbvio que sim! Afinal, não fora sua intrepidez que a direcionara até o quarto de um cavalheiro, no meio da noite, com uma proposta pecaminosa nos lábios? Não fora também a mesma ousadia que a fizera se lançar ao relento, fugindo da ruína que lhe seria outorgada?

Não seria agora que permitiria que o pânico a dominasse.

Reunindo cada resquício da bravura que ainda habitava seu coração, segurou firme na amurada e passou uma perna para dentro e em

PERIGOSAS ACHERON

seguida a outra. Abriu vagarosamente as portas da varanda e entrou, encontrando a cama vazia e a porta que dava para o corredor, escancarada.

Ouviu as vozes ali perto e viu quando Nicole passou irritada e bateu a porta do quarto ao lado. Em seguida, Cecília retornou, entrando em seus aposentos e deparando-se com ela ali, de pé, no escuro.

— Boa noite, tia Juliette. O que está fazendo aqui dentro?

Tia. Ao que parecia a menina tinha acatado a sugestão de lady Caroline para que a chamasse assim antes mesmo que o pai se entendesse de vez com Nicole.

— Eu... Hum, queria ver o que estava acontecendo, mas me lembrei de que saí do quarto apenas de camisola, então me escondi aqui com este vestido, mas não tive tempo de colocar.

— Óh! Muito esperta mesmo, se a vissem

PERIGOSAS ACHERON

assim teria que se casar!

Saberia a menina de alguma coisa? Não havia possibilidades reais, mas tratando-se de Cecília não dava para prever.

— Ca... Casar com quem?

— Com qualquer um que a visse vestindo apenas isso, mas não podia ser meu papai, porque ele já é da Nicole. Meu tio Albert e meu vovô já são casados, então teria que ser com lorde Gregor. Meu papai disse que ele faz umas coisas esquisitas e que precisa arrumar uma esposa. Tem também, claro, lorde Hether, que é o melhor. É isso! Por que não sai vestida assim para que lorde Hether a veja? Assim terão que se casar!

— Quer que eu me case com Hether? É o mordomo, certo? Acho-o um encanto, mas não acha que é meio... velho demais para mim, Cecília?

— Hum, não sei. Eu me casaria com ele se

pudesse, porque ele é um senhor muito gentil e é isso que importa em um casamento, não é?

— Com certeza! Gentileza é necessária sempre. Nunca fique com um homem que lhe ofenda, combinado? Mesmo que não saiba ler ou escrever, ele não tem o direito de menosprezar sua inteligência!

Cecília a olhava, pensativa.

— Acho que ninguém nunca me disse nada assim, mas tudo bem. Pode deixar que não vou casar com alguém que me ache boba. Eu vou aprender a ler e a escrever logo, a Nicole vai me ensinar.

— Vai mesmo? Eu bem que poderia estudar junto... — Ela pensou alto.

— Seria fanático! — respondeu a menina animadamente.

A jovem senhorita Smith ficou observando a pequena, tentando entender o que ela dizia, mas

PERIGOSAS ACHERON

ao mesmo tempo atenta aos barulhos vindos do corredor para ver se já podia retornar aos seus aposentos.

— Por que acha que seria fanatismo meu estudar?

A menina não entendeu a pergunta.

— Não sei, mas seria fanático, maravilhoso, estupendo!

Juliette riu baixinho.

— Ah sim, seria *fantástico*.

— Iiiiisso! Eu sempre troco as palavras, por isso mesmo estou precisando de algumas aulas. Minha avó me disse que vai me tornar mais prendada.

— Huum, sua avó está certíssima. Já está tarde e eu vou para o meu quarto agora, tudo bem? Acredito que todos já devem ter ido dormir.

A menina sorriu com sarcasmo. Era possível sarcasmo em uma menina com pouco mais

que quatro anos de idade?

— Lorde Hether deve estar na cozinha, você podia ir me buscar um copo de leite.

A moça olhou para a criança à sua frente e não pôde deixar de pensar em como a semelhança entre ela e a tia era impressionante; casamenteira desde pequena, por mais que seus esforços fossem totalmente absurdos.

— Muito obrigada pela sugestão, lady Cecília, mas prefiro continuar solteira mesmo. Boa noite, querida.

Juliette tomou o mesmo cuidado de quando saíra de seu quarto mais cedo, mas dessa vez seu trajeto era o inverso.

Retornou para seus aposentos e se deitou na cama como se nada houvesse acontecido, como se ela não tivesse acabado de cometer o erro mais impulsivo de toda sua vida. Um equívoco que quase resultara em problemas muito maiores e

PERIGOSAS ACHERON

irreversíveis. Como cair da janela e se despedaçar no chão, ou ser obrigada a se casar com o homem mais bruto e atraente que ela já tivera o desprazer de conhecer.



Capítulo 02

NO CASTELO DO SENHOR

Juliette

Alguns dias depois...

Se havia alguém que compreendia as coisas relacionadas ao coração, esse alguém era lady Caroline de Courtenay, a condessa de Devon.

Em poucos dias, a mulher arquitetara um plano capcioso que uniria de uma vez por todas Mathew Calston, o marquês de Wheston, a Nicole Smith, a governanta dele e irmã de Juliette; as coisas saíram exatamente como o planejado. Em uma cerimônia intimista, o casal havia proclamado seus votos e agora partia em lua de mel rumo à PERIGOSAS ACHERON

Escócia.

O caminho sinuoso se abria diante deles como um manto verde; as paisagens foram ficando mais rústicas e os campos abertos foram dando lugar a montanhas e vales cujos cumes eram cobertos pela mais alva neve.

Uma comitiva seguia pelas estradas, abrindo caminho até as *highlands*; na primeira e mais suntuosa carruagem, puxada por quatro belíssimos cavalos de grande porte, estavam o marquês e a marquesa de Wheston, acompanhados por lorde Gregor e pela senhorita Juliette Smith, ambos um tanto quanto desconfortáveis no espaço, que por maior que fosse, parecia comprimi-los um contra o outro.

Nicole havia insistido para que Juliette fosse junto, como companhia, e Gregor, bom... ele era o proprietário do local onde iriam se hospedar.

Logo atrás seguia uma carruagem levando

PERIGOSAS ACHERON

os criados, dos quais Mathew fizera questão. Suzane fora escolhida para auxiliar sua esposa durante a viagem, afinal ele planejava dar a ela uma vida de rainha, e Helen como acompanhante de Juliette, mesmo que a moça houvesse recusado a ajuda veementemente.

Por fim, vinha uma carruagem menor com as bagagens, incluindo baús, malas e todos os pertences necessários para a viagem.

Juliette olhava compenetrada para fora da carruagem, tentando arduamente desviar sua atenção do homem ao lado, mas logo seu esforço se tornou desnecessário, pois a paisagem a capturou de tal maneira que sua atenção e foco passaram a outro alvo; dedicou-se a absorver cada imagem que era exposta diante de seus olhos.

A subida se tornou mais íngreme e lenta com o esforço dos cavalos para vencer a distância até o topo, logo, porém, ela pôde avistar da janela

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

um lago cristalino entre dois montes, no vale. Enquanto ainda olhava estarecida para a beleza do cenário idílico, apesar de toda a neve, algo muito mais monumental atraiu seu olhar. Na lateral do lago se erguia um castelo!

Nas margens da laguna, uma ponte de pedras surgiu e o cocheiro os conduziu exatamente naquela direção. Por mais que as provas estivessem ali para que ela as tocasse se preciso fosse, Juliette não podia acreditar no que via; então, vencendo um silêncio de três dias, ela o questionou:

— Essa é a sua casa?

Em um primeiro momento, a moça vislumbrou um lampejo de surpresa nos olhos dele, que ao que parecia não esperava que ela se dignasse a notar sua presença até então, mas logo ele se recuperou e assumiu a postura irônica de sempre.

— Bom, se prefere chamar assim... Eu diria que esse é o castelo de um rei!

PERIGOSAS ACHERON

Nesse jogo, no entanto, Juliette era uma jogadora exímia.

— Ah sim, pensei que fosse seu. Agora estou ainda mais interessada na construção.

Ele apenas lhe dirigiu um olhar enviesado e Mathew soltou uma risada baixa.

— Parece muito impressionada com a discreta residência do conde, cunhada. Não me lembro de ter visto essa mesma expressão quando chegou à mansão Wheston.

Ela sorriu para ele.

— Isso porque não me viu quando adentramos os portões de ferro. Bom, além disso, é uma mansão imponente e majestosa, mas ainda assim uma casa, isso aqui é um castelo. Porém, posso deveras afirmar que aprecio demasiadamente mais os residentes da mansão Wheston.

Mathew gargalhou e Juliette pôde notar quando Nicole lhe deu uma cotovelada nas

PERIGOSAS ACHERON

costelas.

— O que foi, amor? — questionou Mathew, alto o bastante para que os outros dois ouvissem.

Nicole ofereceu a eles um sorriso amarelo e tentou disfarçar, mas seu marido continuou:

— Não posso me divertir? Ela odeia o Gregor e eu acho isso de uma comicidade inacreditável.

Gregor começou a dar indícios de que estava irritado.

— Ela não me odeia, que ideia ridícula!

Mathew ainda sorria.

— Odeia sim. Diz para ele, Juliette. Pode falar.

Nicole arregalou os olhos quando percebeu que a irmã ia mesmo o fazer.

— Onde estão os modos de vocês dois? Estamos indo para a residência dele e acham adequado discutir os sentimentos de Juliette por

lorde MacRae?

Juliette abriu a boca, estupefata.

— Que sentimentos? Não sinto nada por ele a não ser asco e repulsa.

Nicole cobriu a boca com a mão antes de se voltar para Gregor e tentar remediar a situação embaraçosa.

— Lorde MacRae, tenho certeza de que ela não quis dizer isso.

Gregor apenas riu das palavras da jovem e lhe direcionou um olhar que sugeria cautela.

— Eu sei que não quis. A senhorita Juliette não me odeia.

A moça não gostou que alguém definisse o que ela sentia ou não por ele.

— Odeio sim. Se não percebe isso, o único estúpido aqui é você.

Finalmente, Nicole percebeu que havia algo mais profundo ali; se a irmã havia dito aquilo, era

porque o conde por certo a chamara de tola ou algo semelhante. Apenas elas duas sabiam como aquela ofensa em particular magoava Juliette, que nunca aprendera a ler ou a escrever.

Foi possível, então, que os companheiros de viagem ouvissem de Nicole palavras como "*homens*" e "*obtusos*" perdidas entre outras inaudíveis.

Mathew sorriu.

— Um dos apelidos carinhosos que minha amada me deu. Sou um homem obtuso, de acordo com ela.

Juliette achou graça, mas se obrigou a manter o semblante sério e voltou seus olhos novamente para fora.



Gregor

O escocês se pegou pensando no que realmente havia feito para ofender Juliette a tal ponto; a mesma moça que dias atrás planejava conhecer os prazeres carnavais em sua cama.

Fora um pouco ríspido, é verdade. E nada cavalheiresco, diga-se de passagem.

Lorde MacRae tinha consciência de que deveria ter recusado o convite ousado no primeiro momento, mas como não o fizera, seu papel seria assumir a responsabilidade pela moça em seus aposentos e se casar com ela. Um arrepio o percorreu ao simplesmente pensar na possibilidade. Se havia uma instituição na qual desacreditava, essa era o casamento. Em se tratando de quem ele era e do fardo imenso que carregava, impossível.

Mesmo assim, ao se lembrar da noite em que tudo ocorrera, o conde sentia um mal-estar enorme.

Ao ser atirado por Mathew para fora

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

daquele quarto, Gregor tinha plena convicção de que haveria de ser descoberto e de que seria obrigado a desposar a jovem, mas quando tudo se acalmou e ele ainda pensava em uma maneira para que Juliette saísse sem ser pega, descobriu que ela já havia ido.

Alívio. Puro e simples alívio o atingiu em um primeiro momento, mas quanto mais pensava, menos entendia o modo como ela escapara. Ele a vira se esconder no parapeito da janela e, apesar de reconhecer o perigo da atitude, era um ótimo lugar para se oculta, nas sombras da noite.

Quando retornou ao quarto, ela não estava mais ali e com toda certeza não havia passado pela porta; ou pelo buraco que havia agora no lugar dela. Restava apenas uma opção. Até agora, dias depois, ele ainda sentia o ar lhe faltar quando pensava no que poderia ter acontecido se ela houvesse caído.

PERIGOSAS ACHERON

Pensara a princípio que fosse apenas tola, mas apesar de tolice sabia que havia sido necessário uma boa dose de coragem para tomar aquela atitude, o que com certeza mostrava que Juliette não havia lhe preparado um ardil, algo que sugerira no calor do momento.

Gregor franziu a testa, pensativo. Recordando-se agora, podia perceber que a senhorita Smith tinha diversos motivos para odiá-lo e ele... bem, as mesmas razões para se desculpar.

Como faria isso era outra questão.

Finalmente a comitiva parou em frente ao castelo e o grupo desceu, todos ansiando pelo ar puro e gelado das *highlands*.

— Onde estão seus criados para receber o rei desse castelo, MacRae?

Gregor deu um amplo sorriso, afinal estava em casa.

— Aqui é a Escócia, Wheston. Não temos
PERIGOSAS ACHERON

essas frescuras tipicamente inglesas.

Mathew achou graça do comentário; na verdade, desde que Nicole o aceitara, ele parecia achar o mundo mais divertido.

— Não se esqueça de que é metade inglês.
— Virando-se para Nicole, prosseguiu: — Vê? Ainda bem que insisti para que trouxesse a senhora Suzane, ele não tem criados.

Descaso tomou conta da expressão do escocês ao encarar o amigo.

— Diz isso o homem que fez a pobre senhorita Smith trabalhar como escrava antes de se casar com ela. Outra coisa, seu imbecil, eu não disse que não tenho criados. Como pensa que um castelo desse tamanho se mantém? Disse que não temos essas frescuras de que venham me recepcionar.

Enquanto explicava isso, no entanto, vários criados saíram de dentro do castelo; algumas

PERIGOSAS ACHERON

mulheres e três rapazes se colocaram em fila na entrada. Gregor pareceu aborrecido com a atitude.

— Ei, Donald. O que estão fazendo aqui fora nesse gelo, homem?

O homem mais velho, que certamente era o mordomo, pareceu bastante confuso antes de responder:

— Vossa senhoria retornou ao castelo depois de longa viagem. Estamos aqui para recebê-lo, milorde. Os outros estão ocupados preparando tudo.

Gregor ouviu o amigo abafar uma tosse, mas ele sabia muito bem reconhecer a risada de zombaria.

— Deixe de tolices, podem retomar seus afazeres. Estamos na Escócia! Aqui não temos essas firulas, aliás, já que estão aqui quero que conduzam meus convidados aos aposentos que prepararam para eles, por favor.

Donald concordou, ainda aturdido com a atitude estranha do patrão.

Enquanto viu seus amigos serem levados para a torre que ficava em um dos andares superiores do castelo, Gregor se atirou em uma das poltronas que ficava no *hall* de entrada.

Colocou os pés sobre a mesa de centro e cruzou os braços atrás da cabeça, suspirando alegremente. Aquele era seu lar, era ali que se sentia bem e feliz. Se tudo fosse tão simples assim, se tivesse amigos e companhia, já teria se decidido pela Escócia e deixado a Inglaterra apenas para visitas esporádicas.

Mas Gregor sempre fora o tipo de homem que vive o presente, deixando o futuro e seus infortúnios para o seu próprio tempo. No momento, estava no castelo que aprendera a amar, apesar das lembranças, e a administrar, no país que aquecia seu coração e jantaria com seu melhor amigo e com

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

duas belas damas.

Era o tipo de plenitude que exigia seu melhor traje.

— Wallaceeee... — gritou por seu valete.

O rapaz, que devia ser uns bons anos mais jovem que Gregor, surgiu apressado.

— Vou tomar um banho. Quero que peça que preparem banhos para os convidados também. Jantaremos juntos mais tarde.

O criado concordou.

— Ah! Outra coisa... Sabe onde está meu *kilt*? Vou mostrar minhas pernas para o demônio inglês.

O valete ficou bastante sem graça com o comentário e, não tendo o que responder, preferiu assentir em silêncio.

— Seu idiota, eu estou brincando. Pode ficar tranquilo que, se eu resolvesse levar homens para a minha cama, começaria por você.

PERIGOSAS ACHERON

O rapazote arregalou os olhos pretos, que mais pareciam duas jabuticabas estaladas, e com uma reverência atrapalhada saiu literalmente correndo do *hall*. A gargalhada de Gregor ecoou pelo castelo.

Inacreditável que o rapaz não entendesse uma brincadeira. A mera sugestão feita por Gregor já era uma piada, logo ele que não dispensara uma mulher nem mesmo quando deveria tê-lo feito.



Juliette

A moça estava encantada com o lugar. Os aposentos que haviam sido reservados para ela eram imensos e tinham uma beleza clássica e rústica, quase medieval. Uma banheira grande de cobre estava à sua disposição, além de uma penteadeira onde seus poucos pertences foram

arrumados.

Preparou-se com esmero para o jantar, pois não sabia exatamente se tudo seria como um jantar tipicamente inglês ou se haveria muitas diferenças. O ideal, então, era se preparar da maneira que sabia e tentar se adequar com sutileza às diferenças que houvesse.

Trajando um de seus poucos vestidos que não eram tão gastos — os que ela selecionara atentamente para levar na viagem —, Juliette desceu as escadas do castelo; o lugar era um pouco escuro e frio, provavelmente como todas as construções com mais de trezentos anos de história, mas havia ali algo que transmitia a sensação de aconchego.

Não sabia dizer ao certo se eram os candeeiros que iluminavam parcamente o caminho, os quadros emoldurados que decoravam os corredores, as lareiras presentes e acesas em todos

PERIGOSAS ACHERON

os ambientes pelos quais passara, ou todas aquelas pessoas cumprindo seus afazeres para que o lugar ficasse mais acolhedor.

Tudo ali era lindo e perturbador, assim como o senhor do castelo.

Arrumando uma mecha dos cabelos pretos que se soltara do coque bem-feito pelas habilidosas mãos de Helen, ela alisou uma última vez o tecido verde do vestido e entrou no *hall* para encontrar a irmã e o cunhado, que se beijavam apaixonadamente.

Um pigarreio os separou instantaneamente.

— Oras! Vocês dois não durariam um dia em meio à alta sociedade. Quero descobrir como vão frequentar os eventos sem serem expulsos por se agarrarem em público.

Mathew sorriu, nem um pouco incomodado por terem sido surpreendidos.

— Ela é minha esposa, posso fazer isso

quando e onde quiser.

Nicole ao menos se fingia de encabulada.

— Não pode. Vocês não sabem que casamentos devem ser puramente negócios sólidos e impessoais? Essas demonstrações públicas de afeto renderiam um escândalo.

Eles sorriram amorosamente um para o outro. Obviamente o casamento deles não se enquadrava nesses requisitos, a não ser no fato de que era sólido.

Antes que Juliette continuasse divertindo-se por repreendê-los, o mordomo entrou no *hall* e os convidou a passarem para o grande salão de jantar. O marquês e a marquesa de Wheston seguiram à frente e Juliette os acompanhou de perto; foram confortavelmente instalados. Não antes de um inconveniente, claro.

Donald ordenou que um dos criados os colocasse nos lugares indicados pelo anfitrião. O

PERIGOSAS ACHERON

problema era que, seguindo as regras da etiqueta inglesa, Mathew deveria ocupar a cabeceira da mesa oposta a de Gregor e ficar distante de sua esposa, o que aos olhos dele era inaceitável e ultrajante.

— Ouça só, rapaz, eu vou me sentar ao lado de minha esposa e não acredito que irá querer me contrariar. Nunca me importei com essas regras ridículas e não será agora que irei começar a dar atenção a elas.

Logicamente, o rapaz apenas concordou e serviu-lhes vinho tinto — um deveras suave — antes de anunciar a chegada de seu lorde.

Gregor entrou no salão com um sorriso cínico estampado nos lábios; a moça percebeu que ele sabia que Mathew jamais aceitaria aquele arranjo, mas provocá-lo era um de seus prazeres. Porém, infelizmente não foi só isso que Juliette notou; para destroçar sua determinação em odiá-lo.

Como se não bastasse o sorriso deliciosamente arrogante e irônico, os olhos que se pareciam muito com o lago que ladeava o castelo e aquela boca que era como um imã para a sua própria, o abusado agora ostentava um *kilt*.

As pernas musculosas exibidas sem nenhum pudor. Pernas! Juliette nunca havia visto as pernas de um homem, não seria nada decoroso. Porém, naquele país as regras eram outras e Gregor MacRae evidenciava com todo orgulho o *tartan* de seu clã no xadrez azul, verde e preto do *kilt*.

A peça não era a mais formal, pelo que ela já ouvira dizer, pois um *kilt* tradicional deveria cobrir a parte superior do corpo também e o que ele usava era apenas para os membros inferiores; apenas para exibi-los, claro.

Ele era a miscelânea perfeita da Inglaterra com a Escócia. Com aquela aparência, por certo deveria ser escolhido como símbolo da paz entre os PERIGOSAS ACHERON

países, outrora em guerra. Talvez devessem transformá-lo em um brasão do Reino Unido, substituindo o usual.

O homem trajava um galante fraque preto com botões dourados. Se estivesse sentado, lorde Gregor seria o perfeito cavalheiro inglês, elegante e distinto, mas de pé ali, em um castelo escocês, com sua vestimenta típica, que demonstrava o orgulho que tinha daquele povo e da sua cultura, ele se assemelhava a um nobre guerreiro.

Era um paradoxo. O *seu* paradoxo. Desafiava as leis do mundo como deveria ser; ora galante e gentil, ora rude e grosseiro, mas uma fiel constante era a certeza de que aquela beleza tão máscula a atormentaria em seus sonhos impróprios eternamente.

Mathew interrompeu seus devaneios quando questionou o anfitrião.

— Então disse para que me colocassem no

lado oposto da mesa? Longe de minha marquesa?

Gregor continuava rindo abertamente.

— Perdoe-me, Wheston, mas as regras na Inglaterra são claras quanto a isso, um homem não deve sentar-se junto de sua esposa ou em frente a ela.

Wheston sorriu em resposta, percebendo a brincadeira proposital.

— Que bom que não estamos na Inglaterra, ou não. Bom, não sei se estarmos na Escócia pode de fato ser considerado algo bom, pois é o único país em que um homem sente-se confortável para vestir saias e achar que está apresentável.

Gregor se aproximou de onde ele e Nicole estavam sentados.

— Vesti isso em sua honra, Wheston. Sempre soube de sua curiosidade para ver minhas belas pernas.

Passando por eles, tomou seu lugar na

PERIGOSAS ACHERON

cabeceira da longa mesa de madeira.

O olhar dele, vez ou outra, caía sobre ela e Juliette tentava ignorá-lo com todas as suas forças; estava determinada a admirá-lo apenas nos momentos em que estivesse distraído o bastante para não notar.

Gregor parecia decidido a oferecer aos convidados o melhor do país, trazendo para a mesa conversas sobre as distinções que haviam do outro lado da fronteira, além de uma culinária ímpar. Juliette descobria os novos sabores e se apaixonava a cada instante mais pelas narrativas entusiasmadas dele e todo o resto.

Como entrada foi servida *Cullen Skink*, uma deliciosa sopa de bacalhau com batatas e cebola. Em seguida, ela arregalou os olhos ao ver os criados enfileirarem diversas travessas cheias de carnes assadas dos mais variados animais. Juliette preferiu não questionar a respeito de nada que

PERIGOSAS ACHERON

comia; viveria a experiência sem restrições culturais.

Após uma deliciosa sobremesa de frutas frescas ser servida, o jantar foi encerrado e Nicole se apressou a se despedir da irmã e, de maneira nada cortês, ela e Mathew se levantaram para deixar o salão.

— Como assim estão saindo e deixando-me aqui com ele?

Foi Nicole quem respondeu.

— Bom, como lorde Gregor faz questão de lembrar a todo instante, aqui não é a Inglaterra, então sua reputação não corre perigo apenas por conversar mais alguns minutos com ele sem nossa presença.

— Claro que corre, vivemos sob as mesmas regras! — rebateu a jovem.

Mathew olhou para os lados e, em seguida, voltou-se para a cunhada com um sorriso satisfeito.

— Não vejo ninguém que possa julgá-la aqui.

Juliette se mostrou bastante perturbada com a saída tão repentina da irmã, mas Nicole era tão transparente que já corava de ansiedade pelos momentos a sós com o marido.

— Nossa, vão então! Corram para o quarto. Vocês são tão óbvios, por Deus!

Quando se viu a sós com Gregor, ela concentrou toda sua atenção na degustação do doce que tinha diante de si.

— Senhorita Juliette...

A voz excitante e rouca de Gregor chamou e ela apenas levantou os olhos em sua direção; um erro, pois o olhando assim era muito mais complicado lembrar-se de todos os seus motivos para não percorrer o caminho até onde ele estava e se atirar em seu colo.

— Eu gostaria de conversar com a senhorita

sobre o que houve entre nós alguns dias atrás.

Além de tudo que fora obrigada a ouvir dele na fatídica noite, agora precisaria ouvi-lo dissertando sobre isso.

— Preferia que agíssemos como se nada houvesse acontecido, lorde MacRae.

Ele a observou sério, pesando o sentido oculto nas palavras dela, tão claras quanto o cristal da taça que repousava em seus delgados dedos.

— Arrepende-se de sua proposta, senhorita Smith? Não me pareceu alguém que voltasse atrás apenas devido a um inconveniente.

Finalmente ela lhe sorriu, mas era um sorriso recheado de escárnio.

— Não, realmente não volto atrás em minhas decisões por simples empecilhos, mas nesse caso o inconveniente a que se refere é o senhor. Ofendeu-me e com isso ficou claro para mim que havia sido afoita em minha escolha. Decisão essa

que poderia ter ocasionado em um erro irreversível.

Gregor não estava preparado para o furor que fora dirigido a ele por meio de suas palavras; tão afiadas como a melhor de suas lâminas.

— Quero me desculpar, reconheço que fui rude e a ofendi.

— Ah, reconhece? E por qual de seus erros está pedindo que o perdoe?

— A começar por ter aceitado seu convite, a senhorita merece mais da vida. Em seguida, por não ter arcado com minhas responsabilidades pedindo-a em casamento após ter tomado certas liberdades. Eu não poderia mesmo fazê-lo, ainda assim me desculpo.

Ela apenas acenou em concordância.

— Prossiga. Creio que as ofensas ainda não chegaram ao fim.

— Tens razão. Peço perdão por acusá-la de armar um ardil contra mim e por chamá-la de
PERIGOSAS ACHERON

obtusa, foi extremamente indelicado de minha parte. Sei agora que alguém que tentasse armar para conseguir um casamento vantajoso jamais se arriscaria daquela maneira a fim de escapar da... cena do crime. Além disso, admito que és uma jovem muitíssimo inteligente e por isso mesmo se ofendeu com meus insultos injustificados.

— Hum, acho que posso me esforçar para perdoá-lo, desde que não se repita.

— E podemos ser amigos?

Foi a vez dela de observá-lo longamente.

— Podemos tentar ser amigos.

Gregor levou o último pedaço de sobremesa à boca e Juliette viu o caminho feito pela língua dele, deslizando sobre os lábios.

— Apenas não posso garantir que conseguiremos nos manter apenas nessa relação — completou a moça ousadamente.

Lorde MacRae a olhava com uma
PERIGOSAS ACHERON

intensidade que beirava a insanidade; percorria o corpo esguio com a fome e o desejo instaurados pelas palavras dela, então teve que concordar.

— Já eu estou certo de que não nos manteremos. Jamais seria o bastante.

Com as últimas palavras dele ainda ecoando em seus ouvidos, a moça abandonou a mesa, fugindo como uma corça assustada pela primeira vez em sua vida; a ferocidade que viu nos olhos azuis a perturbou em demasia — corpo e mente — e foi necessário que se refugiasse em seus aposentos cedidos para que seus pensamentos se assentassem e, com toda calma que seu coração disparado permitia, tomasse uma decisão sensata.



Capítulo 03

FRIO NO ESTÔMAGO?

Juliette

Um dia inteiro havia se passado desde a última conversa que havia tido com MacRae; depois disso, a vida de Juliette se resumira a tentar evitá-lo. As engrenagens de seu cérebro giravam em busca de desculpas para não ter que estar nos mesmos lugares que ele.

Covardia! Quem diria que a mesma mulher a se lançar no parapeito da janela dias antes agora se assemelhava a um ratinho assustado? Infelizmente para ela, nada que dissesse poderia salvá-la do grande jantar que teriam logo mais, PERIGOSAS ACHERON

mesmo que fosse verdade que não se sentia muito bem; os enjoos certamente se deviam à aventura gastronômica que vinha vivendo na Escócia.

Ian MacRae, irmão de Gregor, chegara de viagem e o jantar estava sendo oferecido a fim de recepcioná-lo, portanto, os vizinhos mais próximos também foram chamados e estariam ali para o momento festivo.

Saindo do banho enrolada em uma toalha muito macia e quase maior que ela própria, Juliette retornou para o quarto e encontrou sua criada e outra jovem, que aparentava ser alguns anos mais velha que ela.

— Boa tarde, senhorita Smith. Encontrei lady Wheston há pouco e ela me pediu para que trouxesse este vestido, segundo ela é para que a senhorita o use durante o jantar desta noite.

Apesar de as palavras serem gentis, Juliette notou que a maneira como a outra falava era um

PERIGOSAS ACHERON

tanto ativa para uma criada. Ela era de uma beleza singular, os cabelos ruivos caíam em cachos até o meio das costas e os olhos verdes eram de fato extraordinários, mas havia neles uma expressão de desdém que a desagradou imediatamente. Claro que todos ali já deviam estar cientes de sua posição desprivilegiada.

— Obrigada. — Então, virou-se para ver o vestido e parte da apreensão pelo jantar evaporou. Era lindo.

O tecido azul escuro poderia ser comparado ao céu noturno; salpicado com minúsculas pedras que emitiam um brilho que era semelhante ao das estrelas. Os ombros ficariam expostos e o decote dele tinha a profundidade perfeita entre o que mal exalava sensualidade e o que seria inadequadamente explícito. A saia era rodada e três anáguas a aguardavam ao lado do vestido, além de um *corset* que daria à sua silhueta a compressão

necessária — eis a parte chata —, mas apenas por vê-lo, Juliette sabia que o resultado valeria a pena.

Ainda admirava o vestido quando ouviu a moça falando com Helen.

— A senhorita mesma irá dar um jeito nos cabelos dela, certo? Não pode descer com esse cabelo todo escorrido. Vai precisar fazer alguns cachos para ficar um pouco menos... Bom, ao menos um pouco mais apresentável.

Estava prestes a se virar e responder a outra a altura quando Helen falou:

— Como disse mesmo que se chamava, senhorita?

— Davina NicRae.

Helen pareceu estudá-la de modo pensativo.

— Não se parece com o conde, são aparentados?

A moça sorriu.

— Somos do mesmo clã, os MacRae. Como

uma enorme família inglesa para que compreenda mais facilmente, mas não temos o mesmo sangue e claramente nem a mesma posição social, sou apenas uma das criadas do castelo e de Gregor.

Juliette notou que ela usou o nome de batismo dele, como se tivesse intimidade para tal, mas isso também poderia ser outro costume naquele país tão diferente do seu, apesar de serem ligados e tão próximos.

— Mas e então? Vai dar um jeito no cabelo dela ou devo pedir que alguém venha ajudá-la. Sei que parece não ter muito jeito, mas talvez possa ao menos parecer mais... nobre.

Helen sorriu cinicamente e Juliette ficou pasma ao ver uma fagulha de maldade em seu rosto ao responder.

— Apesar de a moda na Inglaterra ditar que o ideal são os cabelos cacheados, a senhorita Juliette usará os dela da maneira como quiser. De

qualquer forma, será a mulher mais encantadora no salão, estou certa de que em todo o castelo. Então, sim, se ela quiser, eu os enrolarei, mas apenas se ela quiser assim.

Davina dirigiu um olhar irritado para Helen antes de sair do quarto sem uma única palavra. Juliette sorriu.

— Colocou-a no devido lugar, Helen. Obrigada.

A moça apenas deu de ombros e voltou à atitude serena de sempre, que agora Juliette suspeitava ser apenas ensaiada.

Helen parecia um anjo, mesmo que um anjo marcado; a cicatriz cortava a face esquerda da moça, mas não diminuía sua beleza, apenas a tornava menos angelical e mais mulher.

Os cabelos eram loiros e os olhos de um azul profundo, e sua atitude era sempre muito dócil. No entanto, pelo que Juliette acabara de presenciar,

PERIGOSAS ACHERON

ela sabia mostrar as garras quando necessário.

— A senhorita quer que arrume seus cabelos agora?

Juliette não pensou por um segundo sequer.

— Vou colocar apenas uma tiara e usá-los em um coque, mas lisos, ninguém vai dizer como devo usar meus cabelos.

Helen concordou alegremente.

— Isso mesmo, senhorita. Não permita jamais que tentem mudar aquilo que é sua essência.

Juliette franziu o sobrolho para o comentário estranho.

— Meu cabelo é minha essência?

— Não seu cabelo propriamente dito, mas sua liberdade de ser e fazer o que quiser.

— Óh sim, fique tranquila quanto a isso. Justamente por não pertencer à nobreza não me predo a tanto protocolo.

Helen aquiesceu, as mãos ágeis começando

o trabalho.



Gregor

Estava sendo evitado como se fosse um leproso perseguidor e não apenas um homem que recebera uma proposta indecorosa e desejável demais para recusar.

Seria mais fácil que um homem criasse uma máquina capaz de transportá-lo pelo ar do que supor que esse mesmo ser humano de genialidade inquestionável conseguiria compreender a mente feminina.

Seu cérebro entraria em estado vegetativo antes disso, mas por ora ele tinha outros assuntos para ocuparem sua mente, como o jantar logo mais e a presença de seu irmão no castelo, junto com os convidados.

Ian era cinco anos mais novo que Gregor, porém fora criado apenas na Escócia depois que os pais de ambos morreram. Ele nunca havia gostado muito da Inglaterra e isso não era segredo algum. Gregor esperava ao menos garantir que sua animosidade não se estendesse aos seus amigos.

Os passos de Ian ecoaram pelo enorme escritório antes mesmo que fosse avistado pelo irmão.

— Pelos chifres de belzebu! Esse seu cabelo não vê uma lâmina a um bom tempo, eu apostaria meus colhões.

Ian riu ruidosamente.

— Eu não preciso me preocupar com essas frescuras, afinal não sou um conde.

— Evidente que não, mas sabe que teremos convidados para o jantar. Espero que os trate com toda a educação que conseguir.

Ian o olhou irritado.

— Por que eu trataria seus amigos mal? Por serem ingleses? Eu não sou um monstro, Greg.

Gregor o ouvira dissertar sobre seu ódio pela Inglaterra tantas vezes que achava difícil crer em suas palavras.

— Sim, por serem ingleses. Você odeia a Inglaterra.

Servindo-se de uma dose de uísque *Single malt*, que ele virou em um único gole, Ian respondeu:

— Irmão, esse tempo por lá o tornou dramático como todos os ingleses. Eu não gosto do país, dos costumes, das malditas regras. Odeio as imposições sobre o nosso povo que já foi muito mais livre, mas não odeio as pessoas. Que bobagem! Inclusive, encontrei seu amigo Wheston uma ou duas vezes quando estudaram juntos em Eton.

Gregor se recordou do que ele falava;
PERIGOSAS ACHERON

realmente Wheston havia os visitado antes e fora bem tratado. Provavelmente seu receio se dera aos constantes comentários feitos por Davina sobre a selvageria de Ian.

— Davina me escreveu algumas vezes enquanto estive fora. Ela disse que você estava vivendo como um selvagem, caçando a carne com as próprias mãos e dentes, chegando em casa sujo de sangue, deitando-se com as criadas e bebendo como um porco.

Ian o encarou sério.

— Caçando com as mãos? Sou forte, mas isso já é demais. E qual exatamente é o problema com o restante? Sou um homem rico e eu me utilizo disso. Também sou solteiro, posso fazer o que quiser. Além disso, não pensou que ela estava apenas querendo manter contato e fazer com que você voltasse logo? Quem costuma se deitar com as criadas aqui é você, principalmente com certa ruiva

linguaruda. Ouça bem, Gregor, ela quer que a escolha por esposa, mesmo que tenha um jeito muito estranho de demonstrar isso, deitando-se com todos os homens das redondezas.

Dessa vez Gregor gargalhou.

— Davina não tem esse tipo de expectativa, ela sabe que não me casarei nem mesmo com uma mulher daqui. Ela conhece nossa história; você, por outro lado, deveria se casar — disse sorrindo apenas para irritar o irmão.

— Claro, porque você deseja o mal ao próximo, certo? Sua metade inglesa e cristã deve estar revirando-se aí dentro diante dessa crueldade.

— Não tenho uma metade cristã e o casamento não seria uma má ideia, desde que você se case com uma mulher escocesa e que consiga controlar o que esconde embaixo do *kilt*.

— E você controla? — Ian indagou irônico.

— Não, de fato não tenho muito controle.

Por isso mesmo vou permanecer solteiro. Qual o sentido em arrumar uma esposa para traí-la e por consequência ter uma mulher que me odeie em casa? Preferível ficar sozinho, sem precisar ser discreto quanto aos meus excessos.

— Tens razão, irmão. Acho que isso demonstra mais caráter de sua parte do que se desposasse uma moça tola qualquer. Mas me conte, quem veio com você e Wheston?

Gregor se serviu de uma dose, colocou outra para Ian e, em seguida, sentou-se.

— Inferno, como senti falta da minha bebida.

Ian achou graça.

— Feito na nossa própria destilaria. Não levou algumas garrafas com você?

Gregor deu de ombros.

— Claro que sim, mas era necessário racionar para não ter que beber aquela água choca

que os ingleses chamam de uísque. Voltando a questão anterior, Wheston veio com a esposa, além da cunhada e algumas criadas.

Ian parecia confuso.

— Mas Wheston não havia se divorciado da tal bruxa?

Gregor apenas assentiu.

— Ele se casou novamente semana passada. Sua esposa era a governanta da mansão.

— Ao que parece não somos os únicos que gostamos das criadas então...

— Não faça comentários assim na frente dele. Ela agora é uma marquesa e, além disso, Mathew é mais ciumento que qualquer homem que já tive o desprazer de conhecer, então também não faça gracinhas.

— Claro, prometo me comportar muito bem com a marquesa. E a cunhada?

— O que tem ela?

Ian tinha um sorriso cafajeste no rosto.

— Como ela é?

Gregor se recusava a se comportar como Mathew quando ele o questionara sobre Nicole. Jamais! Mesmo porque seu fim seria outro e ele não era um tolo, ciumento e apaixonado.

— É jovem e muito bonita, mas ela já está interessada em outro escocês, então fique na sua. Conheces nossas regras, eu vi primeiro, então você não se mete...

— Inferno. Cheguei tarde, mas sempre posso estragar tudo contando para o Wheston.

De repente, Gregor deixou o sorriso de lado e se concentrou em entonar toda seriedade que podia em suas palavras.

— Escute aqui, Ian, eu não tive nada com a moça. Mantenha o bico fechado porque se fizer alguma estupidez e eu me vir diante de um padre, pode estar certo de que devolverei o favor e a

PERIGOSAS ACHERON

escolhida não será nem de longe tão bonita quanto a senhorita Smith.

— Gregor, deixe de ser imbecil, estou lhe provocando. Claro que eu não diria nada. Agora, vou tomar um banho e ver se fico mais apresentável para suas três flores inglesas.

MacRae riu.

— Deus lhe ajude se Mathew ouvir algo assim.



O jantar estava prestes a ter início e Gregor aguardava junto com Wheston e Ian MacRae pela chegada das mulheres. Além deles, cerca de oito convidados estavam entretidos conversando na antessala, eram eles lorde Stuart e lady Brenda, os vizinhos mais próximos, e lorde Stuart e seus quatro filhos, que estranhamente levava a todos os

lugares, além da esposa lady Violet; eram o mais perto da nobreza com quem os MacRae conviviam quando estavam no castelo.

Quando ouviram que as irmãs desciam as escadas, todos os convidados concentraram a atenção nelas a fim de recepcioná-las. Apesar de Gregor desejar ardentemente se manter emocionalmente indiferente, foi impossível não perder uma batida de seu coração ao avistar Juliette sorrindo em sua direção.

Era como ver a beleza da noite diante de seus olhos, como ver o manto escuro do céu estrelado tomando forma. Ela poderia ser uma deusa se assim desejasse.

Então, um pesar tomou conta de seu peito. Ela merecia muito mais do que a vida lhe dera; uma moça destinada a cuidar dos pais desde muito jovem e que agora viveria solteira a sombra da irmã que se casara tão bem. Juliette merecia vestidos

como aquele, que realçassem sua beleza tão evidente, merecia infinitas joias que jamais brilhariam como seus olhos atrevidos e merecia — por que não? — um homem que a adoraria e lhe mostraria as delícias da vida.

MacRae estava ciente de que ele jamais poderia ser esse homem, porém com todo o resto podia lidar, mostrar-lhe as delícias da vida... Quem sabe?

Nicole, por outro lado, provavelmente estava tão bonita como sempre, mas se perguntassem a ele a cor do vestido que ela usava, Gregor não poderia informar. Seus olhos trilhavam apenas o caminho até Juliette. Ela seria sua, ao menos até que se saciasse.

Apressando-se antes que outro o fizesse, ofereceu-lhe o braço a fim de conduzi-la para o grande salão e eles seguiram logo atrás dos Wheston. Em seguida, os demais convidados os

PERIGOSAS ACHERON

acompanharam e tomaram seus assentos.

Uma conversa polida e formal teve início, mas Gregor não registrou mais que meia dúzia das palavras que eram ditas, além das apresentações que foram feitas e dos cumprimentos costumeiros.

— Lorde Ian MacRae, conte-nos mais sobre sua vida na Escócia, deve ser emocionante, não?

A pergunta fora feita por Nicole e então Ian passou a narrar suas aventuras nas *highlands*; Juliette parecia tão impressionada quanto Nicole com os feitos do rapaz e Gregor se sentiu enciumado.

Obviamente seu irmão não tentaria nada com ela; era o acordo entre eles que vigorava havia muito tempo, mas isso não impedia que aquela cabecinha incompreensível se decidisse que, de repente, outro MacRae serviria aos seus propósitos.

Gregor sabia que tinha em si certa dose de selvageria escocesa que atraía as mulheres, mas era

PERIGOSAS ACHERON

mais uma questão de personalidade, já que seus traços e sua aparência haviam sido herança de sua mãe inglesa; seu irmão, por outro lado, era a Escócia em cada fio dos cabelos ruivos e no porte grande e forte.

Enquanto ele devaneava, percebeu que Ian já entretinha a todos contando sobre a caça e deixando-os impressionados ao saberem que comeriam uma refeição preparada com a carne de animais que ele mesmo abatera.

— Precisei ir até Inverness resolver alguns negócios dos quais *sua graça* me incumbiu e na volta preparei nosso jantar.

Todos riram, incluindo o traidor Wheston.

Agora Gregor se sentia como um *almofadinha* inglês. Na Inglaterra, ele era o bárbaro escocês, sentia-se um homem bruto e másculo, mas quando o irmão usava pejorativamente o honorífico para se referir a ele, sentia-se como um cavaleiro

ocioso e jamais permitiria que Juliette o visse da mesma forma.

Os criados entraram, servindo pão artesanal e a melhor manteiga como acompanhamento. Enquanto isso, a conversa irritantemente cativante de Ian prosseguia e isso porque ele temera que o rapaz destratasse a todos.

— Eu imagino que seja necessária muita destreza para a caça, lorde MacRae...

Por Deus! Ela realmente estava intrigada e Gregor se viu como um menino tolo tentando atrair a atenção de Juliette para si. Mas então, o *haggis* chegou e com ele sua grande oportunidade; ele também era escocês afinal.

Enquanto os criados entravam com a carne recheada, todos se impressionaram com o som esplêndido da gaita de fole que começou a tocar. Tradicionalmente, todas as vezes que o *haggis* era servido, havia uma pompa acompanhando a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

apresentação e Gregor fazia questão de tudo para mostrar a beleza da cultura e dos costumes daquele que considerava seu povo.

A melodia tocou profundamente Juliette. Ele podia ver aquilo pela expressão nos olhos dela, que pareciam até mesmo marejados. Então, o conde decidiu completar a apresentação de maneira que a surpreendesse, da maneira tradicional que o anfitrião sempre fazia após a gaita começar, porém sem nenhum aviso prévio. Gregor já havia se planejado para realizar aquilo durante o jantar, mas a intenção inicial era avisá-los para que compreendessem o gesto, porém, em uma tentativa impensada de atrair os olhares para ele, preferiu omitir o ritual.

Gregor sacou a espada que estava ao seu lado, coberta pela toalha de mesa, e em um golpe totalmente imprevisto e certo cortou a carne ao meio.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

O problema é que em sua mente fértil ele já havia visto a cena; todos se surpreenderiam e as damas cobririam a boca com as mãos. Em seguida, ele seria ovacionado e aplaudido e a música aumentaria o ritmo. Perfeito! Mas a vida tem uma maneira diferente de fazer as coisas, de destruir sonhos e planos como os golpes de uma espada afiada.

O impacto cortou a carne como o planejado, mas foi então que tudo entrou em colapso. O recheio saiu voando, voando e foi parar sobre o decote de Juliette, que o encarava com olhos tão arregalados que parecia que saltariam das órbitas.

Infelizmente para ela, a carne era recheada com vísceras e elas estavam por toda parte, inclusive entrando pelo meio de seus seios, molhadas e nojentas.

O “*óhhh*” coletivo ele conseguira, mas não pelos motivos que esperara.

PERIGOSAS ACHERON

Com desespero e pensando em se redimir, rapidamente ele pegou seu guardanapo e começou a esfregar os seios da moça em uma tentativa desenfreada de tirar dali qualquer evidência do ocorrido. Isso, obviamente, apenas piorou toda a situação, pois agora as damas escondiam os rostos para não verem a cena de devassidão.

Juliette levou alguns instantes para se recompor e então despertou do transe com Gregor sobre ela, tocando-a inadequadamente em público.

— O QUE PENSA QUE ESTÁ FAZENDO?

Ele a olhou assustado devido ao tom de voz.

— Desculpe-me, já estou terminando de limpá-la, fique calma.

— FICAR CALMA? INACREDITÁVEL!

Mathew se aproximou e o afastou.

— Gregor, perdeu a sanidade? Está tocando-a descaradamente, por mais dignas que

PERIGOSAS ACHERON

sejam suas intenções.

Nicole parecia em estado de choque e Ian ria abertamente; Gregor sentiu que estava do outro lado do espelho, lembrando-se do quanto rira às custas de Mathew. Juliette não se sentia bem. Constrangida e sentindo náuseas, sua situação apenas piorou ao notar a aparência estranha da carne. Então, para desgraçar ainda mais o momento, ela o ouviu responder:

— Desculpe-me, Wheston. Desculpem-me todos, agi por impulso para livrá-la das vísceras.

Juliette sentiu uma contração no estômago e não pôde crer que aquilo estava mesmo acontecendo.

Ele dissera mesmo vísceras?

Apenas para pontuar o horror que era sua vida e o quão desajeitada era para viver em meio à alta sociedade, ela vomitou tudo que havia comido durante o dia aos pés de Gregor e Mathew.

PERIGOSAS NACIONAIS

O problema de um *kilt* — além de desestabilizar certas pessoas com pensamentos indecorosos sobre o que habita ali embaixo — é o fato de não proteger as pernas de um homem de situações inesperadas como essa.

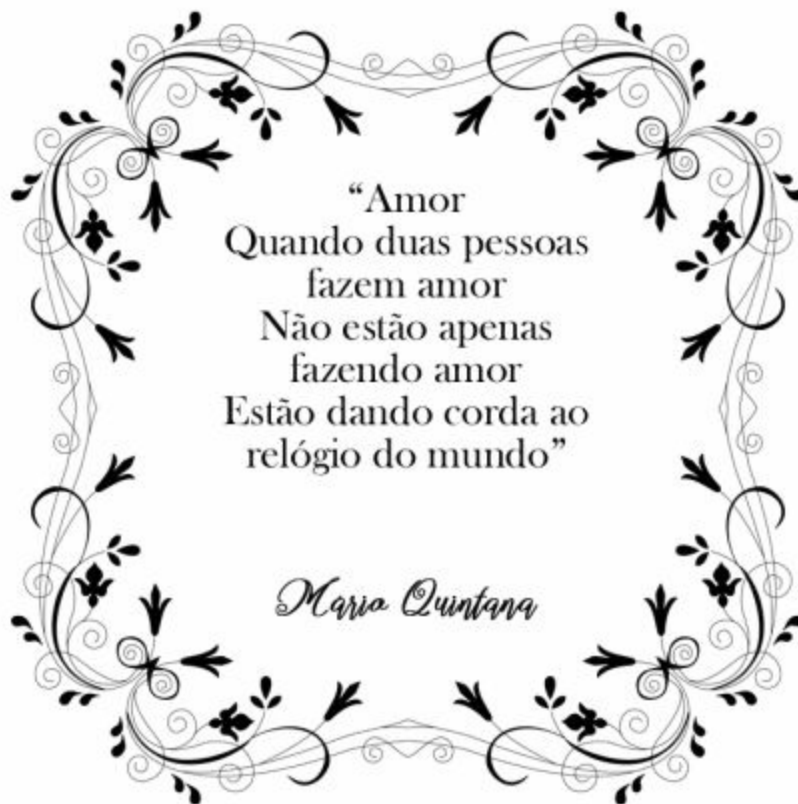
Respingos nada elegantes o sujaram todo e Gregor podia jurar que um pedaço de pão agora decorava suas botas. Por fim, o jantar obrigatoriamente teve que ser encerrado, afinal o anfitrião estava coberto de vômito, assim como um de seus convidados, e a moça tinha os miolos do carneiro até em seus cabelos. Um dia um tanto incomum e memorável, por certo.

Agora, bastava esperar que depois de tudo que fizera a moça passar, ela ainda o desejasse quando o mal-estar se fosse, pois a olhando agora, coberta de miolos e do próprio vômito, por mais inacreditável que fosse, ele ainda a desejava — depois que ela tomasse um longo banho, claro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 04

O HIGHLANDER E A DEVASSA

Juliette

Por mais audaciosas que fossem suas façanhas, nem em mil anos poderia imaginar que conseguiria não só estragar um jantar em meio à nobreza, como ainda vomitar em dois aristocratas. Que um deles fosse seu cunhado e o outro o homem para quem oferecera sua virtude, não importava, ao menos não para toda aquela gente que a olharia com asco pelo resto de seus dias.

Após o fiasco desempenhado em dupla por ela e lorde Gregor, o jantar havia sido cancelado. Quem pensaria em *haggis* naquelas circunstâncias?

PERIGOSAS NACIONAIS

Juliette se refugiara no quarto novamente, assim como antes do jantar, porém por motivos completamente diferentes.

Helen ainda lhe fazia companhia e ia e vinha trazendo-lhe as refeições, sempre tomando o cuidado de não lhe oferecer nenhuma iguaria desconhecida que pudesse lhe causar mais problemas estomacais.

— Senhorita Juliette, o clima aqui é tão bom, creio que caminhar um pouco poderia lhe fazer bem.

Helen estava parada de pé, próxima à poltrona em que Juliette bordava despreocupadamente, uma das poucas tarefas reservadas às damas em que ela não era um completo fiasco.

— Mas já estou recomposta, não preciso de ar. Além disso, aqui é muito frio, vou é me transformar em uma pedra de gelo.

PERIGOSAS ACHERON

A criada suspirou.

— Na verdade, a senhorita está escondendo-se por vergonha do que houve no jantar, mas isso já foi há dois dias e ninguém a culparia por uma doença, jamais.

— Estás certa disso? De que não me veem como a culpada por ter estragado o jantar?

O sorriso da outra era puro cinismo.

— Pelo que ouvi, esse jantar já havia sido estragado um pouco antes pelo próprio anfitrião.

Juliette sentiu quando sua face se aqueceu e soube de imediato que estava ruborizada. Cristo! Lembrar-se daquela cena era humilhação que ia além da cota que se permitia diariamente.

— Foi sem querer. Ele foi cortar a carne e, de repente, eu estava coberta com ela.

— Ouvi todos comentarem sobre isso, mas sabe dizer por que ele resolveu fazê-lo com a espada?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Bom, pelo que me explicou depois, quando aquela carne é servida, ocorre uma espécie de ritual; tocam as gaitas e o anfitrião corta a carne a espada. O que ainda não compreendi foi o motivo de ele tê-la mantida oculta sob a mesa e aí de repente sacado e quase pulado em cima da mesa para cortar. O efeito seria melhor se fizesse tudo com calma e com certeza não estaríamos nessa situação agora.

Então, ela pensou um pouco mais.

— Bom, poderíamos estar. Eu não me sentia bem desde antes, mas não quis ser indelicada com lorde Ian MacRae; poderia ter vomitado de qualquer maneira. Tem certeza de que não me acham culpada?

— Absoluta, senhorita. Sua irmã e o marquês estão preocupados que fique aqui fechada pelo resto da viagem.

Juliette estreitou os olhos.

PERIGOSAS ACHERON

— Eles estão mesmo?

Helen desviou o olhar, aceitando que fora pega em uma mentira.

— Bom, ao menos eles parecem preocupados quando não estão... a sós. Foi o que Suzane me disse.

A moça riu e suspirou pesadamente.

— Em pensar que tudo que eu queria era ficar a sós com alguém.

— Senhorita Smith! Isso é muito impróprio!

Apesar das palavras, Juliette pensou ter visto um sorriso discreto que a outra tentava ocultar.

— Sério, Helen? Quantos anos você tem? Acho que nós duas já devíamos ter pretendentes e com certeza você já poderia ter se casado. É claro que acontecem coisas surpreendentes como o que aconteceu com Nicole, mas não acho que devemos viver esperando por milagres ou por um príncipe

encantado que pode nunca chegar.

Helen a encarou demoradamente, em seguida, falou — e ao menos dessa vez havia franqueza em suas palavras, como se dissesse algo que não era o que esperavam que dissesse, mas o que verdadeiramente pensava.

— Não penso em me casar, mas ao contrário do que imagina, eu tive minha apresentação à sociedade e recebi uma proposta, mas a rejeitei. Não era alguém a quem queria dar poder sobre mim; dadas as circunstâncias, penso eu que as amantes são mais felizes que as esposas, não em todos os casos, claro, mas na maioria. Bem... Se não existem perspectivas de um casamento, por que a senhorita não deveria viver discretamente uma ou outra aventura?

Juliette se levantou da poltrona, animada com o apoio.

— É isso, Helen! Sabia que você não era a
PERIGOSAS ACHERON

moça tolinha que gosta que pensem que é. Eu não sei por que prefere que a vejam assim, mas se também quiser uma aventura, este é o momento, Helen. Estamos em um país desconhecido e ninguém saberia, podemos arrumar alguém que lhe interesse!

Helen se assustou com o entusiasmo e com as palavras da moça.

— Senhorita, sinto muito lhe decepcionar, mas eu não estou a procura de paixão. Minhas palavras foram exclusivamente pensando no que me disse sobre si mesma, porém, quero pedir uma coisa. Por favor, esqueça que conversamos a respeito. Vamos fingir que nunca a incentivei, tudo bem?

Juliette assentiu intrigada.

— Mas vai me dar cobertura, certo? Se eu por acaso não estiver aqui à noite... Não me entregaria a ninguém, não é?

— Claro que não. Estou certa de que passará a noite toda em seus aposentos e jamais nos de certo escocês.

Juliette abriu a boca, surpresa.

— Helen! Eu jamais disse que minhas pretensões eram com lorde Gregor.

O sorriso da outra era aberto e divertido.

— Não disse mesmo, eu também não disse que me referia a ele.

— Óh, bem... Estás certa, jamais dissemos nomes e poderia ser qualquer pessoa.

— Sim, qualquer escocês.

Juliette estava decidida novamente; era uma jovem instintiva e impulsiva, porém, aos seus olhos, ambas as coisas eram qualidades e não defeitos. Uma mulher não deveria ser refém de suas próprias vontades. Essas eram as regras ditadas por uma sociedade que nunca sequer olhou para ela, pois então não deveria valorizar as diretrizes que

eles constituíram para que todas as damas seguissem.

O homem em questão era extremamente arrogante e malicioso, fora também deselegante e grosseiro com ela, porém se desculpara adequadamente. Além disso, ele não poderia mesmo saber como suas palavras a haviam incomodado.

Havia dado um espetáculo um tanto quanto estranho no jantar e apesar de tê-la envergonhado, o fato de ter colocado suas entranhas aos pés dele os deixava em *pé* de igualdade. Portanto, se após o incidente terrível, em que ele vira sua pior versão — uma não apenas pobretona como sempre, mas imunda também —, Gregor ainda a quisesse, ela finalmente seria arruinada e estava radiante com a possibilidade.

Os olhares que ele dirigira a ela a noite toda, a expressão que tinha em seu rosto quando a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

viu descer as escadas, que a obrigou a segurar com mais firmeza no corrimão, apenas isso já a haveriam motivado.

A moça deixou que seus olhos percorressem o corpo deliciosamente másculo, as roupas típicas que a atraíam demasiadamente e os olhos azuis... Estava arruinada desde o momento em que colocou os olhos nele pela primeira vez e era estupidez negar algo que tanto desejava a si mesma apenas para negar a ele também.

Seu destino como uma mulher solteira estava selado e Gregor evitava o matrimônio a todo custo. Podia haver entre eles uma relação de benefícios mútuos e, quando tivesse fim, certamente levaria lembranças instigantes.

Juliette estava certa de que os momentos entre os dois seriam excepcionais, afinal, os beijos e os toques dele eram apenas o prelúdio do que viria.

PERIGOSAS ACHERON

Determinada, ela arrumou rapidamente os cabelos e calçou os sapatos. Pelos seus cálculos todos deveriam se reunir para o chá em breve, mesmo que não estivessem na Inglaterra e que não fosse uma prerrogativa, certamente Gregor daria aos convidados o que eles esperavam.

Desceu as escadas e interiormente se alegrou ao ver que estava certa. Encontrou-os reunidos na sala descomunal que ficava próxima ao salão de jantar; era exagerada, assim como tudo ali.

— Boa tarde a todos.

Ela se sentiu confiante até entrar no recinto, agora que ali estava, não sabia bem por onde começar.

— Sente-se aqui comigo, Juliette. Como está sentindo-se? — Nicole se moveu para o lado, cedendo espaço no sofá para a irmã.

— Sinto-me ótima fisicamente. — Sentou-se, tentando fazer com que seus gestos refletissem

PERIGOSAS ACHERON

suas palavras — Mas bastante envergonhada pelo que houve no jantar. Quero pedir que me perdoem, se possível. Sou muito inadequada, sei disso.

Nicole a olhava com ternura. Percorrendo a sala visualmente, Juliette percebeu que nem Mathew e nem Gregor pareciam chateados, talvez Helen estivesse mesmo certa.

Foi aquela voz grave, que lhe causava arrepios por todo o corpo, que ela ouviu responder às suas palavras.

— Não existe motivo nenhum para que se envergonhe, estava indisposta e eu fui o responsável pelo que aconteceu. Se não houvesse usado tanta... força para partir o assado ao meio, aquilo jamais teria ocorrido.

Ela o fitou e, sem conseguir se conter, acabou questionando-o.

— Não estou certa disso, afinal já estava sentindo-me mal, mas realmente cortou a carne

com certa brutalidade, isso também faz parte da tradição?

Gregor não a encarava, o que era muito incomum em se tratando dele.

— Bastava que eu cortasse à espada, a força que deve ser colocada sobre o gesto era de escolha minha.

Silêncio.

— Desculpem-me, achei que fossem gostar, que chamaria atenção. Pensei em oferecer-lhes o espetáculo completo.

Mathew riu alto.

— Deve estar feliz então, pois o objetivo foi alcançado, foi mesmo um espetáculo.

Juliette aquiesceu.

— Foi sim, mas mesmo assim devo me envergonhar, afinal eu vomitei em cima de vocês e fazem pouco disso?

Gregor sorriu para ela, dando-lhe certeza de

PERIGOSAS ACHERON

que aquele sorriso iluminaria até mesmo o céu nublado da Escócia.

— Tenho certeza de que não ficaria com raiva de mim se estivesse no meu lugar, estou certo?

Ela retribuiu o sorriso e, como quem conversa sobre o clima, disse-lhe:

— Claro que não ficaria, eu me penduraria em uma janela se isso o ajudasse, lorde MacRae. — E dirigindo-se a Nicole e Mathew, disse: — Não fiquem enciumados, também o faria por vocês.

Nicole franziu o sobrolho.

— Que gesto estranho! Por que eu iria querer que se pendurasse em uma janela por mim? A menos que eu estivesse caindo de lá e fosse me salvar...

— Claro! Eu a salvaria.

Mathew se intrometeu.

— Ainda assim é estranho, não precisaria

salvá-la, pois eu estaria lá para isso.

Juliette sorriu.

— Pelo jeito, apenas viverei essa experiência de me pendurar em uma janela se for para salvar lorde Gregor.

Mathew não perdia uma deixa para atazanar a vida do amigo, afinal era justiça divina depois de tudo que ele o havia feito passar nas últimas semanas.

— Está ouvindo, Gregor? Se estiver em apuros, Juliette poderá salvá-lo. Apenas espero que ela não deseje retribuição do favor, pois você não conseguiria salvar a ninguém, ainda mais usando essa saia que insiste em exibir.

Gregor o olhou entre irritado e divertido.

— Percebe que o que diz não faz sentido? Ela poderia me salvar de saias e eu não o faria?

— Então assume que é uma saia? — provocou Mathew.

— Acho que esse assunto já deveria ter sido encerrado. Eu já estou exasperado de explicar que não se trata de uma saia, já lhe contei sobre o *tartan*, sobre o xadrez que representa meu clã e todo significado cultural, mas seu cérebro se parece com o de um cavalo e não compreende.

Lorde Wheston olhou para a esposa e gargalhou. Instantaneamente, Nicole também se pôs a rir tanto que lágrimas escorriam. Juliette e Gregor foram deixados sem compreender bem o que acontecia ali. Apenas entreouviam algumas palavras e Juliette escutou nitidamente a frase “*Eu disse que seu lugar era no estábulo*” ser pronunciada pela irmã. A moça se aproveitou dos momentos de distração do casal para observar Gregor.

As pernas deliciosamente expostas — ela sim sabia apreciar o *kilt* —, o peito largo e os braços fortes, o maxilar marcado e as duas piscinas

PERIGOSAS ACHERON

azuis que a encaravam intensamente.

Sim, ele serviria muito bem aos seus propósitos.



Gregor

Não dava para afirmar com toda certeza, mas ela parecia de fato flertar com ele. *Haveria mudado de ideia?* Ele definitivamente esperava que sim.

Levantou-se a fim de receber a bandeja de chá que Davina trazia e a colocou sobre a mesa.

— Pode ir, Davina, nós nos serviremos.

Com um aceno, a moça deixou a sala pisando forte, furiosa com a dispensa.

— Senhorita Smith, poderia me ajudar com o chá?

Rapidamente ela se prontificou e, em

poucos segundos, estava ao lado dele na mesa. Com um olhar discreto para trás, Gregor constatou que Wheston e Nicole estavam entretidos em seu próprio mundo colorido de recém-casados.

Estendeu um prato para que Juliette colocasse os biscoitos de aveia nele e, quando ela o pegou, permitiu que sua mão envolvesse a da jovem; tocou-a de maneira suave, mas claramente intencional, e notou que os lábios dela se entreabriram diante do inesperado contato.

Tentando não demonstrar o que ocorria ali, Juliette colocou os biscoitos no prato e se aproximou um pouco mais para pegar o bule de chá, mas não sem antes deslizar as pontas dos dedos pelo peito dele; o homem estava vestido, mas sentia o toque dela como fogo.

Antes de caminhar lentamente para longe dele levando as xícaras de chá, a moça lhe dirigiu um olhar malicioso que o deixou ansioso pelo que

PERIGOSAS ACHERON

estava por vir; não precisou esperar muito, pois segundos depois, ela retornou, agora a fim de levar o prato que enchera com os biscoitos.

Gregor viu que ela relanceou os olhos na direção da irmã e, notando que Nicole não estava observando-a, subiu lentamente o vestido de um lado, deixando exposto o tornozelo. Depois, levantou um pouco mais, até que um pequeno pedaço da panturrilha coberta pelas meias se tornasse visível.

Ele arregalou os olhos para Juliette e sacudiu a cabeça em negativa, dizendo “*não*” com os lábios sem emitir nenhum som. Mas mesmo que estivesse ciente do perigo, aquelas meias brancas e as pernas... Uma vez vistas, jamais seriam esquecidas.

Foi assim que uma simples meia de seda — da pior qualidade, diga-se de passagem — encontrou morada em seus pensamentos e o

PERIGOSAS ACHERON

incomodou até tarde da noite. Até que todos dormissem e ele pudesse aguardar que na calada da noite Juliette viesse se entregar como na primeira vez, mas agora não a deixaria escapar.

Em um quarto de hora, Gregor já havia consultado seu relógio mais de três vezes, imaginando se teria entendido mal os sinais, refletindo sobre as atitudes dela durante o chá e se ela realmente viria. Pensou sobre isso até que, um pouco depois, ouviu as discretas batidas em sua porta. Abriu-a e encontrou a jovem parada no batente, olhando um pouco nervosa para os lados.

Quando o viu, porém, um sorriso insinuante se abriu.

Ela era como ouro derretido, precioso e muito quente.

Juliette vestia um robe que já vivera seus melhores dias. Os cabelos estavam presos em uma trança que descia pelo ombro. Os olhos verdes

brilhavam maliciosamente e tinham aquele ar aventureiro que Gregor já admirava tanto.

Nenhum deles disse nenhuma palavra até estarem na segurança do quarto.

— Demorou. Cheguei a pensar que havia entendido tudo errado e que não viria me ver.

Ela sorriu.

— Nicole e Mathew demoraram a se recolher. Tenho a impressão de que estiveram em sua biblioteca. Nem posso imaginar o afrodisíaco que os livros são para os dois.

Gregor fez uma careta ao imaginar seus preciosos livros antigos, que continham toda a história da Escócia e de seu clã, profanados pelo traseiro de Wheston.

— Prefiro não pensar sobre isso. Mas e então? Mudou de ideia sobre nosso envolvimento?

— Eu estou aqui, não estou?

Ele não pôde deixar de pensar novamente

em como ela era diferente das damas que conhecera, que estavam sempre usando de subterfúgios e disfarçando o desejo com recato; Juliette sabia o que queria e não se constrangia por suas vontades.

Era como se as demais mulheres que conhecera fossem uma insípida limonada morna enquanto Juliette era o mais puro uísque escocês. Agora, sendo ele seu alvo, sentia-se privilegiado por ser aquele a quem a jovem escolhera para partilhar tais delícias e para embriagar-se em seu sabor.

Percebeu que a deixara aguardando por uma resposta por muito tempo.

— Está. Posso presumir que desta vez iremos conseguir consumir aquilo em que fomos interrompidos tão bruscamente na última vez. Não vai escapar por entre meus dedos, Juliette.

O nome dela. Era a primeira vez em que

PERIGOSAS ACHERON

Gregor se referia a ela pelo nome de batismo e adorou o modo como soava doce.

Não havia mais tempo a perder; a espera fora longa e aquela tortura sensual já durava dias. Era preciso tocar a pele sedosa, sentir seu corpo ansioso e provar seu sabor.

Antes mesmo que ela formasse uma frase irônica ou o repreendesse pela intimidade de chamá-la pelo nome — o que não faria nenhum sentido na ocasião em que se encontravam —, Gregor avançou a distância que os separava e com delicadeza tomou o rosto dela nas mãos, aninhando-o antes de beijá-la demoradamente.

Juliette arfou de surpresa pelo beijo e principalmente por ser tão carinhoso, mas não se afastou e logo entreabriu os lábios para receber os dele. As mãos dela buscaram apoio na lateral do corpo de Gregor, porém, logo passeavam afoitas pelo peito, ombros e costas.

A receptividade dela... Tão excitante que era como se tivesse ateado fogo em um palheiro e rapidamente Gregor sentiu que seria consumido por aquelas chamas.

Intensificou o beijo e permitiu que sua mão traçasse a linha do pescoço delgado, tentando exprimir calma em seu gesto, uma calma que ele não sentia. Era como um vagante, que após dias caminhando no deserto, encontrava-se diante da água que mataria sua sede e do alimento que saciaria sua fome; ela era seu banquete e Gregor estava mais que disposto a devorá-la.

A mão hábil desceu um pouco mais e com uma suavidade que jamais imaginara possuir, ele desamarrou o robe, deixando que caísse sobre o tapete macio.

Por baixo, mais uma barreira se erguia entre ele e a recompensa. Se conseguisse vencer os obstáculos ardilosos preparados por vis costureiras,

PERIGOSAS ACHERON

que tinham como prazer destruir homens ansiosos, então poderia chegar ao prêmio final.

Contrariando todos os seus instintos, separou os lábios dos dela e passou a beijar-lhe o pescoço e a pequena parte exposta do colo, aquecendo a pele e causando um verdadeiro incêndio.

O tecido era revelador e os beijos de Gregor mexiam com Juliette, o que se tornou ainda mais evidente quando seus mamilos se tornaram rijos sob a vestimenta.

Atendendo aos desejos ocultos dela, que, apesar de toda ousadia, ele não esperaria que confessasse, Gregor desceu na direção dos seios e tomou o mamilo entre os dentes, tendo como instrumento causador de uma fricção torturante o cetim que separava a boca faminta do seio luxurioso.

Com os olhos azuis fixos no verde dos dela,
PERIGOSAS ACHERON

Gregor viu a expressão de deleite e puro prazer. Levantando-se rapidamente, conduziu-a até a cama, que estava envolta por espessas cortinas escuras, que desciam de um dossel feito de carvalho. Ao abri-las, Juliette suspirou ao ver a cama enorme coberta por lençóis roxos de seda e almofadas incontáveis. Gregor a ajudou a subir e a deitou sobre elas. Levou as mãos até os cabelos da moça e com dedos ágeis soltou-os, permitindo que os fios negros como ébano caíssem livres sobre os travesseiros.

Tão linda!

Exercitando um pouco mais a calma, Gregor soltou um a um os botões da camisola e, pouco depois, sua oponente jazia sobre a cama e ele tinha diante de si o corpo macio e completamente nu de Juliette.

Estavam agora em seu território e ele cuidaria para que a primeira vez dela fosse a

PERIGOSAS ACHERON

melhor possível, ao menos no que estivesse ao seu alcance. Ansiando tanto por Gregor quanto ele a queria, Juliette abriu a camisa dele de uma só vez e ouviu quando um botão aterrissou ao longe.

— Faminta, minha devassa?

Esperava vê-la corar diante da palavra, mas ela apenas sorriu. Juliette *gostou* de ser chamada assim.

Enquanto ele ainda a admirava, a moça já descia os lábios sobre o peito dele, distribuindo beijos e tentando esquecer sua inexperiência, compensando-a com disposição e sensualidade.

— Muito faminta, *highlander*.

Ali ela não demonstrava pudor, queria-o intensamente e demonstrava isso em cada toque e cada gesto.

Por um momento, ele apenas a contemplou para só então segurar os seios com as duas mãos; enfim, gemeu rouco. Era deliciosa e Gregor não

pôde evitar se sentir possessivo em relação a ela; afinal de contas, era intocada, um mar revolto que ele estava desbravando, descobrindo.

Gregor ainda vestia o *kilt* e apenas isso separava os corpos da total nudez; Juliette, curiosa — a curiosidade lendária das Smith —, colocou a mão nas pernas dele e ousadamente subiu o tecido xadrez. Encarando-o enquanto descobria seus mistérios, ela traçou o caminho para baixo da peça vagarosamente.

Tocou as coxas musculosas, demorando-se um pouco ali, e então avançou. O único indício de surpresa e choque estava nos olhos, que se arregalaram um pouco; mesmo assim, ela não o soltou. Com toda sensualidade que sua inexperiência permitia, ela o tocou, conhecendo toda sua extensão.

— Quero vê-lo, Gregor.

Maliciosamente ele sorriu, ela não ia fugir

desesperada. A virgem mais devassa que tivera o prazer de conhecer.

Desamarrou o *kilt* calmamente, causando expectativa, e o que viu nos olhos dela quando finalmente se libertou, foi abrasador.



Juliette

Tudo no castelo era enorme e ali não podia ser diferente; a jovem sentiu uma pontada de medo. Apesar de toda a ansiedade para compartilhar a cama dele, talvez não estivesse pronta para recebê-lo. Mesmo assim, tomou-o novamente nas mãos e desceu-as até a base, conhecendo e tocando cada parte dele. Duro. Por essa ela não esperava, aguardava algo mais macio e disforme com base nas poucas imagens e estátuas que já havia visto. Mas não. O membro enorme e grosso era

imponente como o dono dele.

Gregor parecia apreciar o toque e Juliette notou que foi preciso um grande esforço para que ele tirasse as mãos afoitas dela para se dedicar a proporcionar o prazer que ela deveria sentir.

— Segure-os assim para mim.

Ele pediu com a voz rouca e deliciosamente baixa, mostrando a ela como deveria unir os seios, apertando-os; Juliette, disposta a aprender, rapidamente seguiu as instruções.

Em sequência, ela viu quando Gregor afundou o rosto no meio deles e começou a torturá-la com beijos molhados e ousados. Dedicou-se aos dois da mesma maneira, sugando, mordiscando e deslizando sua língua pelos cumes rosados que ansiavam por seus beijos.

Era maravilhosa a sensação de adoração que ele empregava a cada toque. Juliette gemeu, entregue. Gregor se sentou diante dela na cama e

PERIGOSAS ACHERON

passou a beijá-la por toda parte, dizendo palavras em gaélico que ela não podia compreender, mas que a deixavam ainda mais excitada.

— *Bòidheach...*

Apesar de não compreender o sentido daquilo, a moça se sentia adorada e isso era tudo o que podia desejar saber.

Quando enfim a mão dele tocou o centro de sua feminilidade, Juliette se contorceu em busca de mais; ela sabia que estava pronta para recebê-lo, pois já se sentia desesperada por mais.

Os dedos dele escorregaram para um ponto sensível entre seu sexo, tocando-a ali. O desejo, a luxúria e a excitação que sentira até então não eram nada comparados ao que sentia agora. Sensações que jamais poderiam ser descritas com exatidão passaram a crescer em seu âmago e ela elevou o quadril em busca de mais dele, gemendo seu nome.

— Está pronta para me receber, doce Juli...

Perdida em meio aos prazeres, ela sorriu.

— Juli é demais, até para você.

Com cuidado, ele introduziu parte de seu dedo dentro dela, que se contraiu um pouco com a surpresa.

— Está enganada, é perfeito para mim. Um nome apenas meu, o único homem que a terá.

— Quem lhe disse que será o único?

— No mínimo o primeiro, mas ousou dizer que, depois de uma temporada em minha cama, Juli, não vai querer nenhum outro.

Entrou um pouco mais.

— Está fazendo-me uma proposta devassa?

— Sim, assim como você. Não gostaria de compartilhar minha cama secretamente por muitos anos?

— Ainda não sei. Descobriremos logo.

Diabólico como sempre, ele retirou o dedo e o substituiu pela presença de seu membro na

PERIGOSAS ACHERON

entrada dela.

— Vai doer um pouco, mas não se preocupe, pois é apenas na primeira vez. Está preparada?

Juliette acenou com a cabeça afirmativamente e Gregor entrou com a mesma paciência que demonstrara o tempo todo.

A moça sentiu o membro rijo penetrando-a e fechou os olhos, preparando-se para um ardor leve e incômodo. Porém, quando enfim ele venceu a barreira que o impedia de estar dentro dela, a dor aguda foi muito maior que a esperada e ela gritou.

Gregor colou a boca na dela, sufocando o grito, e acariciou os cabelos da jovem, tentando acalmá-la. Quando percebeu que ela não gritaria novamente, liberou seus lábios e lhe deu um beijo na têmpora.

— Dói muito, Juli?

— Nunca senti uma dor como essa, Gregor.

É horrível!

Ele parecia desconfortável e ela logo percebeu o rumo dos pensamentos do lorde.

— Não foi horrível estar com você, Gregor. Eu entendo que a dor é natural na primeira vez e que não é culpa sua, você foi ótimo.

Ele concordou aliviado. Nunca havia estado com uma moça virgem e não sabia se era prudente continuar; não parecia correto desfrutar de algo enquanto Juliette sentia apenas dor. Saindo lentamente de dentro dela, Gregor respondeu:

— Menos mal. Se dói tanto assim, não vamos insistir nisso hoje, mas ao menos ainda vai me deixar lhe mostrar como pode ser bom em uma próxima vez?

— Sim, desculpe-me estragar sua diversão, mas não é possível que eu possa apreciar nada enquanto essa dor aguda me dilacera...

Olhando para baixo, ela notou que

PERIGOSAS ACHERON

sangrava.

— Veja! Estou até sangrando! Eu não disse que estava dilacerada?

Gregor sorriu. Ela era fascinante, tanta intrepidez em alguém tão inocente.

— Isso também é normal quando uma jovem se torna mulher, Juliette. Nas próximas vezes, não sentirá dor e não sangrará mais, eu prometo.

Aninhou a cabeça dela em seu peito, acalentando-a.

— Mas não foi bom para você. Perdoe-me se acabei com suas expectativas.

— Para mim foi igual para você. Ótimo, até acabar — disse Gregor sorrindo. — Preciso de um banho e de uma garantia. Promete que vai voltar? Não terei mais uma noite de paz se não souber que poderei tê-la do modo adequado.

— Eu prometo que, se amanhã me sentir

PERIGOSAS ACHERON

melhor, faremos novamente. Também não me satisfiz de você.

O mesmo sorriso que podia iluminar a escuridão e que sempre dirigia a ela, surgiu.

— Perfeito! Venha, vamos limpar você para que volte aos seus aposentos.

Molhando o próprio lençol em uma tina de água no canto, Gregor a ajudou a se livrar do sangue seco e das evidências do que ocorrera entre eles. Depois, acompanhou-a de volta ao quarto dela.

— Durma bem, minha Juli.

— Boa noite, *highlander*.

Ao entrar, Juliette notou imediatamente que Helen a aguardava acordada.

— Desculpe-me se a deixei preocupada. Vou me deitar agora, pode dormir.

Helen a olhou longamente.

— Correu tudo bem? No que quer que

estivesse fazendo e que eu não faço ideia?

Juliette sorriu.

— Conforme o esperado.

— Ótimo. E então?

— Primeiro maravilhoso e depois doloroso...

Helen concordou como se soubesse exatamente a que Juliette se referia.

— Trouxe água bem quente logo que saiu, ainda deve estar morna para um banho. O que acha?

— Óh Helen, você é perfeita! Obrigada.

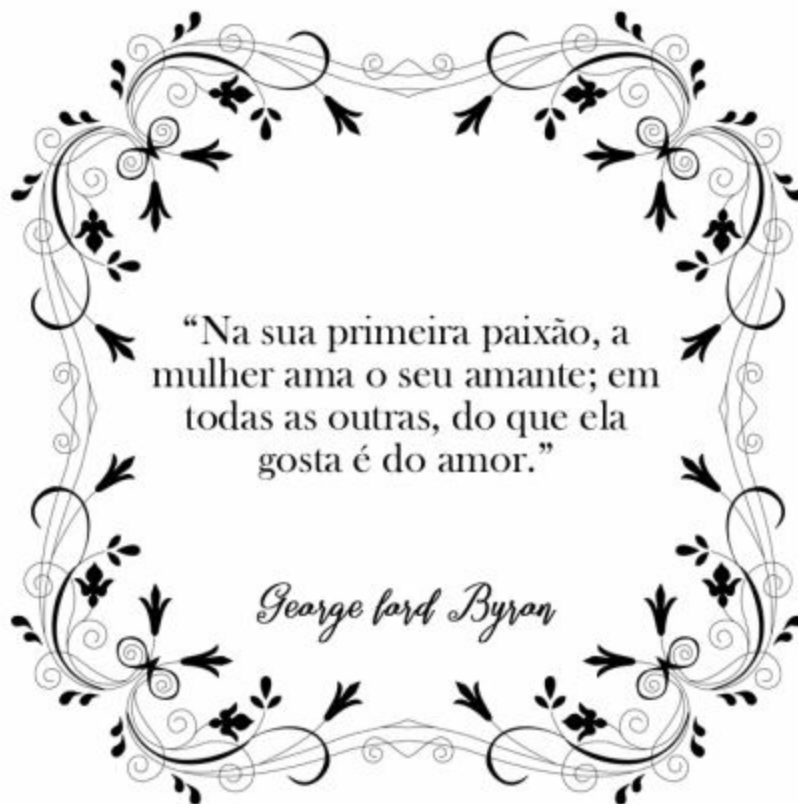
Instantes depois, Juliette estava imersa na banheira de cobre. Enquanto isso, em seus aposentos, Gregor submergia em uma banheira do mesmo material. Apesar da separação e distância entre os dois, os pensamentos de ambos tinham a mesma direção. Refletiam sobre o que haviam feito e tudo que ocorrera até então, mas, principalmente,

PERIGOSAS ACHERON

pensavam sobre a próxima vez em que estariam juntos.

Juliette sentia-se exultante. Finalmente perdera a virgindade e agora viveria sua vida do modo que quisesse, desde que fosse discreta e ninguém soubesse.

Gregor estava inquieto e ainda ereto, então, pensando nela e no corpo magnífico que estivera em sua cama pouco antes, decidiu se contentar com o prazer que poderia proporcionar a si mesmo. Descendo a mão dentro da água quente da banheira, encontrou seu membro e com movimentos rítmicos e ágeis, logo se liberou com o nome dela ainda nos lábios.



Capítulo 05

HOGMANAY É FOGO PURO!

Juliette

Algo estava diferente.

O dia amanheceu como todos os outros que vivenciara nas terras altas, o sol se mostrava discreto, como sempre se escondendo atrás das nuvens, e o ritual matinal era o mesmo; porém, por mais que as mudanças não pudessem ser vistas, ainda assim eram sentidas em cada milímetro de seu corpo.

Agora, Juliette Smith era uma mulher.

Arruinada, desvirtuada, corrompida e deflorada. A sensação era maravilhosa.

Após se vestir e ter os longos cabelos escuros arrumados em um coque, ela decidiu que era hora de encontrar sua família e aquele que se convertera em seu amante, sem nenhum arrependimento no olhar e uma determinação ferrenha de aproveitar tudo que a nova relação poderia lhe proporcionar.

O vestido lilás realçava a tez branca. Questionando-se por alguns segundos diante do espelho sobre sua palidez, Juliette beliscou as bochechas, buscando uma aparência mais corada.

Saiu do quarto, notando que o castelo estava em polvorosa, e estranhou tanta atividade logo pela manhã; criados varriam as lareiras e parecia que todos os móveis haviam sido retirados de seus lugares e estavam sendo lavados.

As vozes de Gregor e Ian MacRae eram ouvidas de longe, como se disputassem o direito de falar mais alto. Juliette os viu logo que passou pelas

PERIGOSAS ACHERON

portas rumo ao salão de refeições.

— É claro que vão querer participar da celebração, tenho certeza de que não perderiam por nada.

Ian não parecia tão certo.

— Eu sei que acredita nisso, mas acho bom perguntar, eles são cristãos e podem considerar nossos rituais pagãos.

Gregor sorriu.

— Não tenho dúvidas de que vão querer assistir.

Como sabia que era considerado falta de modos ouvir em silêncio a conversa alheia, Juliette se anunciou.

— Bom dia, vossa graça — cumprimentou Gregor com cerimônia. — Bom dia, milorde. — Dirigiu-se a Ian MacRae. Uma reverência para cada.

— Estou feliz em vê-la, não farei nem

mesmo uma crítica quanto ao fato de ter me chamado de *vossa graça*.

Gregor sorriu e, por mais serena que Juliette tentasse se mostrar, sentiu que o coração dava um salto, disparando.

— Ainda acho um pouco complicado tudo isso. Como devo me referir aos senhores se os dois são lordes e ambos são MacRae?

— Em teoria, aqui na Escócia deve me chamar de lorde Gregor. MacRae é o nome do clã e, portanto, apenas o nosso chefe pode ostentá-lo como nome próprio, a menos que se refira a mim como Gregor MacRae — explicou ainda sorrindo.

Estava confusa.

— Mas tenho certeza de que já ouvi lorde Wheston chamando-o assim várias vezes, apenas MacRae ou lorde MacRae.

— Sim, os ingleses não entendem bem como funciona essa coisa de clã. Digamos que caiu

em desuso. Agem como se fosse um sobrenome sempre, mas você não precisa ficar atenta a esses detalhes. Se ainda não notou, não sou um escocês comum e nem mesmo um inglês inteiramente — completou com seu bom humor costumeiro. — Acabei aceitando o nome fora do país, mas se disser apenas MacRae aqui, para outra pessoa, podem não entender que se refere a mim.

— Ou seja, existem tantas regras que é preferível que eu não pense muito nelas e o chame como preferir? Notei que realmente seu castelo não é o que eu esperava, tem muito mais conforto do que o comum na Escócia pelo que me disseram, esperava que não houvesse tantos móveis e que tudo fosse mais... rústico.

Foi a vez de Ian sorrir.

— A parte inglesa dele não se contentaria com a falta de luxo e de uma poltrona confortável. Gregor não consegue se decidir; o amor pela

PERIGOSAS ACHERON

Escócia e as tradições falam alto, mas o país é um pouco atrasado quando faz frente à Inglaterra.

O conde concordou.

— Por isso, trago tudo que eu quero da Inglaterra, já que estamos na fronteira; não há por que não me permitir algumas pequenas vantagens.

Juliette sabia que ainda existia muito preconceito ali em meio às famílias mais antigas com relação aos ingleses.

— Mas as pessoas aqui não o julgam por esses modos tão diferentes dos deles?

— As pessoas que moram em minhas terras já se acostumaram. Quando meus pais se casaram, foi um escândalo. Minha mãe era inglesa, filha de um conde, e foi obrigada por alianças políticas a se casar com meu pai, um escocês que estava endividado. Ela não gostava do estilo de vida daqui e importava tudo que podia de Londres. As pessoas então tiveram muito tempo e acabaram adaptando-

se a mescla de costumes que é o castelo de *Glamis* e seus ocupantes.

— *Glamis...* Então, em teoria você seria o conde Gregor de *Glamis*?

— Exatamente. Aqui nos referimos às pessoas de acordo com o lugar onde residem, mas não sou arraigado a esses costumes. Pode continuar chamando-me de MacRae se preferir, ou apenas Gregor.

Ian elevou a sobrancelha em um aviso silencioso ao irmão, mas foi a moça quem falou.

— Lorde Gregor MacRae. — Demonstrando que aprendia rápido. — Sabemos que seria altamente impróprio para os meus costumes que o chamasse apenas pelo nome de batismo.

Em público, ela quis acrescentar, mas não o fez.

— Assim como estamos cientes de que deve

me chamar de *senhorita Smith*, apesar de *senhorita Juliette* ser aceitável também.

O escocês ampliou o sorriso, que não deixara seus lábios desde que ela entrara.

— Quer dizer que *Juli* está fora de cogitação?

O rubor atingiu as faces dela e Juliette não pôde deixar de se lembrar de que, instantes atrás, tentara conferir um pouco mais de cor ao rosto — cuidado com o que deseja!

— *Vossa graça!* Isso é inaceitável.

Ian tardiamente percebeu que não era de bom tom ficar ali, mesmo que estivesse divertindo-se imensamente com aquela conversa sobre nomes e maneiras de fazer referências, que mais parecia um joguinho do qual ele não fazia parte.

— Com licença, *senhorita Smith*, vou cuidar dos preparativos para a festa de hoje.

Com uma medida discreta e uma expressão

bem-humorada no rosto, ele se retirou. Ela o viu se afastar e virou-se imediatamente a fim de repreender Gregor por constrangê-la, mas de alguma maneira ele não estava mais no mesmo lugar. Agora, encarava-a com o rosto a centímetros do seu.

— Bom dia, Juli.

A respiração dele tocava sua pele e era necessário que se concentrasse. O que estava para dizer? Tinha que ser dura com ele por algum motivo, mas com aqueles olhos azuis fixos nos seus, a boca deliciosa tão próxima...

— Hum, bom dia.

— Já estou sofrendo com sua ausência. Como está sentindo-se?

Era difícil pensar com ele assim, tão perto, aquele cheiro amadeirado que sempre exalava de sua pele alterava todos os seus sentidos.

Como ela se sentia?

Após o banho quente e o repouso de algumas horas de sono, sentia-se pronta para outra noite nos braços fortes do escocês.

— Sinto-me muito bem, obrigada por perguntar.

A expressão dele demonstrava alívio e, como se a confirmação sobre seu bem-estar fosse apenas o que ele esperava, mudou o rumo da conversa de repente.

— Hoje é *hogmanay*, noite de ano-novo. Temos muitas tradições e alguns rituais, festejamos sempre. Quero convidá-la e aos outros para participarem da celebração, o que me diz?

Uma agitação inesperada a atingiu, seria maravilhoso assistir algo assim.

— Ano-novo! Parece que o natal foi muito tempo atrás e não apenas uma semana. Agradeço ao convite e com toda certeza irei participar, mas pode me explicar o que fazem precisamente nessa

PERIGOSAS ACHERON

celebração?

O olhar era selvagem e transmitia desejo e intensidade. A jovem sentiu quando possessivamente as mãos dele puxaram seu corpo para junto de si, inesperadamente. Logo Gregor a tinha nos braços.

— Somos livres.

Então a beijou. O gesto era ousado e impaciente, cheio de promessas; os lábios instigantes devorando os dela, os braços que a circundavam colavam o corpo dele ao seu de tal forma que ela podia sentir cada um dos músculos ocultos pelas roupas, mas que agora já conhecia bem.

Sem mais ressalvas, Juliette passou os braços ao redor da nuca de Gregor e permitiu que sua mão passeasse pelos cabelos claros.

Nada no mundo poderia ser comparado à sensação de ser beijada por aquele homem, exceto

PERIGOSAS ACHERON

talvez ser tocada por ele, despida e tomada de todas as formas possíveis.

O desejo era crescente dentro de Juliette e apenas lhe trouxe uma confirmação: não havia de fato nascido para ser uma dama que se submetia aos caprichos do destino, que tão amargamente lhe tirara as chances de desfrutar de um matrimônio, de uma família sua e dos prazeres.

Não. Ela faria seu próprio destino e seria feliz apesar das convenções. Livre, como ele havia dito.

Enquanto devaneava sobre deveres e vontades, aproveitando-se do calor do corpo firme colado ao seu e do beijo intenso, ansiando pela noite, assim como o beijo tivera início abruptamente, encerrou-se em um ímpeto.

Juliette pensou que algum gênio deveria dedicar a vida a pesquisas sobre o porquê de algumas pessoas serem inoportunas e chegarem

sempre nos momentos errados.

Davina entrou no salão e seu olhar era gélido.

— Com licença. Lorde Wheston e sua senhora pediram que os avisasse de que saíram para caminhar a sós, mas voltam a tempo para as festividades.

Gregor pareceu não notar a insatisfação da criada e Juliette se perguntou se ele não percebia mesmo ou apenas não demonstrava.

— Excelente! Eles concordaram em participar, então? Não tive tempo de falar com o marquês e explicar nada sobre a festa.

Davina poderia cortar pedras com o olhar afiado dirigido ao conde.

— Estava mesmo muito ocupado pelo que pude notar; lorde Ian falou com eles. Tive a impressão de que ele os estava segurando na outra sala com suas histórias inacreditáveis, mas não

entendo a razão disso.

Gregor deu de ombros. Era nítido agora que ele tentava ignorar a petulância da tal Davina, mas Juliette não tinha certeza ainda de seus motivos.

— Não entendo também, na verdade, parei de tentar entender Ian muito tempo atrás. O que importa é que eles irão e todos teremos uma noite agradável.

— Claro que teremos — respondeu Davina. Suas palavras eram carregadas de sarcasmo e uma boa dose de irritação.

Com um último olhar mortal, dessa vez dirigido a Juliette, a moça deixou o recinto sem se despedir, sem reverência ou mesura. Juliette podia não ler livros ou jornais, mas lia muito bem as entrelinhas de conversas mal explicadas e para ela a outra moça fora transparente em demonstrar o que sentia.

— Deita-se com ela frequentemente?

Gregor se virou e seu rosto demonstrava a surpresa causada pelas palavras, mas logo ele pareceu achar graça na situação.

— Acho deliciosamente engraçado como uma moça pode ser tão inocente e sagaz ao mesmo tempo. Isso a incomoda? — questionou, referindo-se à Davina.

— Seu passado não me incomoda, mas não pretendo dividi-lo enquanto estiver aqui. Quando nos separarmos, pode tomar suas próprias decisões a esse respeito e veremos o que fazer com essa... relação inusitada.

— Quer dizer que não se incomoda com o fato de que tenha estado com outras mulheres antes, desde que, enquanto estivermos nesse envolvimento, eu não esteja com nenhuma outra? Isso se aplica a senhorita também, eu espero... Apenas minha.

Juliette acenou afirmativamente e se

PERIGOSAS ACHERON

esforçou para conferir às palavras uma convicção que não sentia.

— Exato. Ao menos enquanto isso entre nós durar. Espero que ela não seja do tipo vingativa. Exceto por esse receio, nada mais me incomoda.

Mentirosa. Sentia-se como a mais infame das mulheres.

Quando enfim percebeu que Davina estava enciumada e confirmou que ela havia mesmo estado com Gregor, sentiu que seu coração se apertava; algo dentro dela se encolhia e doía inexplicavelmente.

Era crueldade desejar que a outra queimasse os longos cabelos ruivos enquanto acendia a lareira? Quem sabe se caísse da escada e quebrasse o pes... bom, se quebrasse o pé, Juliette já se daria por satisfeita.

Talvez Davina não fosse a única enciumada, afinal. Juliette estava obcecada pelo escocês e não

PERIGOSAS ACHERON

aceitaria partilhá-lo enquanto fosse possível manter o romance entre eles dois; ao menos até que a viagem findasse e retornassem à Inglaterra.

— Perfeito, eu não aceitaria que outro homem a tocasse também enquanto compartilha de minha cama, então estamos de acordo nisso.

Aliviada, ela sorriu.

— Nós nos encontraremos após a festa, então?

O sorriso dele era misterioso e a deixaria ansiosa pelas próximas arrastadas horas até a celebração.

— Eu a encontrarei durante a festa.



O vestido era diferente de tudo que ela já usara, um tecido leve, fluido e meio diáfano. Aos olhos da jovem era semelhante a uma camisola,

PERIGOSAS NACIONAIS

mas de acordo com Nicole, ela e Mathew haviam adquirido as vestes apropriadas para o *hogmanay*.

Juliette estava animada para ver o desenrolar de tudo e, ansiosa, observava pela janela a grande fogueira que fora erguida no campo ao redor do castelo.

Os arredores ali eram muito verdes — mesmo que ainda fosse inverno —, mas a fogueira fora colocada em uma clareira ladeada por árvores frondosas que se mantinham um pouco à distância, como se mantivessem aquele espaço intocado para estes momentos.

As pessoas chegavam aos montes e ao longe Juliette já podia ouvir o som melodioso da gaita de fole e dos risos animados daqueles que optaram por celebrar ali o ano que se iniciava.

Ouviu a risada da irmã, que parecia de fato muito feliz ao entrar na sala acompanhada pelo esposo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A festa começou, Juliette. Vamos descer?

Ela ainda não o vira e não sabia ao certo se seria adequado aparecerem na recepção sem o anfitrião.

— Não seria mais sensato aguardarmos lorde Gregor para nos acompanhar?

Antes, porém, que Nicole lhe respondesse, o conde se fez ouvir.

— Já estou aqui, podemos ir.

Ele estava lindo como sempre, mas havia realmente uma aura de liberdade que não era tão evidente durante todo o tempo, mas que agora estava acentuada.

Gregor usava uma camisa branca de um tecido tão leve quanto os que seus convidados vestiam e os cabelos loiros estavam revoltos, soltos, caindo sobre os olhos e dando um ar de travessura ao rosto masculino.

PERIGOSAS ACHERON

Quando chegaram à clareira, Juliette foi surpreendida por todos os cheiros e cores, uma mesa extensa havia sido colocada ali e estava repleta de iguarias e comidas típicas; cervejas e uísque se perdiam de vista e frutas da estação já tentavam seu apetite. Tochas acesas iluminavam todo o ambiente.

Gregor se manteve ao lado dela como se fosse apenas mais um dentre os muitos convidados e, por mais que a todo instante pessoas viessem cumprimentá-lo por ser o anfitrião, ele não demonstrou nenhum interesse em se misturar aos outros.

Pouco depois de chegarem, enquanto ela ainda se entretinha com aquela celebração tão diferente dos bailes ingleses, as gaitas iniciaram uma nova canção e o espaço de um círculo foi aberto no meio da clareira; logo as pessoas começaram a se organizar em duplas e uma dança

divertida teve início.

As pessoas trocavam seus pares e formavam pequenas rodas dentro do círculo maior, sempre dançando animadamente; Nicole arrastou o marido para o meio do *ceilidh* e Juliette foi deixada com Gregor observando tudo com crescente fascínio.

— Está gostando? — ele perguntou.

— É tudo maravilhoso, lorde Gregor. Estou fascinada pelos costumes e tradições, é tudo de uma riqueza inigualável.

Ele pareceu refletir um pouco antes de dizer:

— Queria lhe mostrar outra parte da festa, algo particular e apenas nosso. Vem comigo?

Juliette não precisava pensar duas vezes, por mais lindas que a dança e a festa fossem, jamais perderia a oportunidade de estar com ele a sós novamente; apenas lhe ofereceu um sorriso encorajador e Gregor, pegando uma das tochas, PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

saiu abrindo caminho por entre as pessoas, conduzindo-os por um caminho escuro que passava por trás do castelo.

Em um determinado momento, ele se abaixou, pegou alguma coisa que ela não pôde discernir entre as pedras e olhou para trás, certificando-se de que não haviam sido vistos e de que não seriam seguidos.

Então, tomou a mão dela na sua e passou a conduzi-la por uma trilha que se distanciava cada vez mais da fogueira e da dança. O caminho era iluminado apenas pela tocha, mas logo adiante ela avistou o lago que haviam visto em ocasião de sua chegada.

Gregor abriu a manta, que certamente havia escondido propositalmente entre as pedras mais cedo, e a estendeu no chão às margens do rio.

Ainda segurando na mão dela, ajudou-a a se sentar.

PERIGOSAS ACHERON

— Vão notar nossa ausência e nos procurar.

— Preocupou-se Juliette.

Ele riu.

— Wheston só tem olhos para sua irmã, nem vão lembrar-se de nós até mais tarde, mas, por via das dúvidas, vou apagar a tocha para que não nos encontrem.

Dizendo isso, mergulhou a tocha no lago e eles foram inundados pela escuridão; porém, logo ela percebeu que a lua ainda iluminava o lago e permitia que o semblante enigmático de Gregor ficasse visível.

Perfeito.

Se dias antes a questionassem sobre o que seu futuro lhe reservava, jamais poderia supor que estaria à beira de um lago na Escócia, acompanhada do homem mais lindo que já vira e prestes a se entregar a ele pela segunda vez.

Não, nem seus devaneios mais alucinantes a

levariam nessa direção.

Gregor, que se sentara ao lado dela sobre a manta, levou a mão aos cabelos presos de Juliette e começou a soltar os grampos que prendiam os fios negros, um a um; em silêncio, ela aguardou que a tarefa fosse concluída.

Virou-se de frente e encontrou os olhos dele; agora o azul era intenso, profundo, quase preto e o que eles transmitiam também era obscuro. Não era amor, claro que não o seria, mas era mais que desejo, uma paixão desenfreada que os tornara insanos e fazia com que cometessem atos de loucura, como aquele momento fugaz.

Juliette notou as mãos fortes que agora repousavam em sua nuca e o calor que irradiava delas. Um sorriso sensual brotou nos lábios dele e causou um alvoroço em seu interior, como acontecia sempre que Gregor sorria.

Quando os lábios dele tomaram os seus, não

foi com surpresa que reagiu, mas com um suspiro de aceitação e prazer. Ela o queria, talvez mais do que já quisera qualquer coisa na vida, e isso era de fato apavorante, pois sabia que não poderia tê-lo integralmente, mas mesmo assim...

Mesmo assim, se eram apenas estes dias os momentos que teriam juntos, não seria ela a desperdiçá-los com pensamentos tolos e romanticamente trágicos. Assim, intensificou o beijo e abriu a boca para receber as carícias ousadas da língua dele.

Em instantes, Gregor a tinha deitada embaixo de si, sobre a manta.

— Gosta de histórias, minha Juli? — questionou Gregor, enquanto acariciava o rosto dela. Um meneio afirmativo foi o que recebeu em resposta.

— Muitas lendas envolvem a Escócia, algumas crenças do próprio povo daqui, outras

PERIGOSAS ACHERON

vieram com os celtas e muitas foram propagadas pelos druidas que viveram e ainda vivem neste país idílico. Uma delas conta que no *hogmanay* toda a energia sexual é usada para que a deusa traga um bom ano, um novo amanhecer... Podemos fazer a nossa parte para que a terra floresça, aqui e agora.

Fascinada.

Cada palavra que saía dos lábios dele era mágica. As lendas e crenças podiam não ser reais, mas, naquele momento, deitada sob a luz da lua, sendo tocada por ele, Juliette desejou que fossem.

Os dedos esguios encontraram a barra do vestido leve e agilmente subiram até se depararem com a pele da coxa; como se fosse uma necessidade básica, como se respirar dependesse disso, Gregor a despiu em minutos, livrando-a de todas as vestes e deixando-a inteiramente nua, ao seu dispor.

— Acredita-se que o símbolo triangular invoca a deusa, que canaliza a energia sexual para

PERIGOSAS ACHERON

abençoar a terra; bastam três beijos, um aqui. — Abocanhou um mamilo, que se erguia com a brisa gélida — Outro aqui... — Prosseguiu com a tortura e a história, tomando entre os dentes o outro cume rosado.

Um gemido rouco escapou por entre os lábios da jovem. Com um olhar que queimava mais que todo o fogo que ela já havia visto naquela noite, ele continuou sua exploração, descendo até o ponto em que ela pulsava, faminta por seu toque.

— E finalmente, no centro da feminilidade, da fertilidade e de toda a benção no mundo...

Ele a devorou. Com fome e voracidade, Gregor tomou a carne macia em sua boca e se dedicou a conhecê-la, sugando o néctar, explorando a umidade e conhecendo seu sabor.

As sensações... Juliette jamais experimentara nada semelhante, tudo que vivera com Gregor até ali, nada poderia se igualar ao que

PERIGOSAS ACHERON

sentia ao ser tomada pela boca dele daquela maneira selvagem. Exposta. Sentia-se livre pela primeira vez na vida.

Gemia sem controle, enquanto ele a torturava com sua língua afoita e com os beijos molhados. Quando Gregor permitiu que seus dentes roçassem levemente o pequeno monte inchado e febril, ela arqueou o corpo de encontro ao dele e Gregor se levantou, sorrindo como o demônio que era.

Juliette ansiava por senti-lo dentro de si outra vez e julgando-se em desvantagem, tomou-o nas mãos por baixo do *kilt*, conduzindo seu membro ereto até a entrada. Um tremor ansioso a percorreu quando sentiu o contato íntimo do sexo dele contra o seu próprio.

Estava pronta. Sem que fosse necessária nenhuma confirmação verbal e com uma calma que claramente ele não sentia, Gregor entrou

lentamente. Todo o comprimento.

Seu tamanho a preencheu completamente, mas sem nenhum incômodo, muito pelo contrário. Tudo que ela sentia era um desejo ainda mais abrasador, que fazia com que emitisse sons contra sua racionalidade.

Ciente de que havia não apenas permissão, mas também incentivo, Gregor MacRae lhe deu tudo de si; passou a se movimentar lentamente a princípio, mas logo Juliette passou a corresponder a seus avanços e elevar o quadril de encontro ao dele, com ânsia.

O ritmo aumentou e os dois encontraram uma sincronia que era só deles. A cada estocada, Juliette sentia que poderia morrer ali mesmo, pois nenhum outro prazer em sua vida se compararia ao de ser possuída por aquele homem, que a cada nova investida levava um pedaço de sua alma junto.

Seria possível se apaixonar em um curto

espaço de tempo?



Gregor

Prazer. Uma palavra usada muitas vezes de maneira displicente. Gregor acreditava já ter conhecido o prazer anteriormente, já estivera com muitas mulheres, mas nada daquilo poderia ser chamado assim se comparado ao que sentia naquele momento.

Estar dentro, ter uma parte sua ligada a ela fisicamente, sentir o caminho estreito ao seu redor comprimindo-o, mas, além de tudo isso, perceber a expressão de deleite nos olhos dela e saber que era quem a proporcionava, estar ciente de que era seu toque que a enlouquecia.

Gregor queria mais, ele desejava tê-la em todos os lugares e em todas as posições possíveis,

incluindo aquelas que eram inapropriadas para as damas como Juliette — donzela ou não, sabia que jamais deixaria de ser uma moça respeitável, ele cuidaria disso.

O perigo estava justamente aí, no quanto a queria.

Era sua. Mas por quanto tempo? Enquanto ponderava sobre isso, Juliette inclinou-se e o beijou. O toque tão suave o enlouqueceu ainda mais. Pura de uma maneira promiscuamente controversa.

Aproveitando-se da proximidade, Gregor a segurou pela nuca e deslizou os lábios sobre o pescoço dela até chegar ao ouvido.

Podia reconhecer os sinais e sabia que o ápice se aproximava velozmente. Apertando-a contra si, repetiu inúmeras vezes que Juliette era sua. Com aquele mantra de posse ecoando entre os dois, chegaram juntos ao topo e saltaram naquele

turbilhão de sensações, perdidos um no outro.



Um pouco depois, já recompostos e vestidos, os dois trilharam o caminho de volta e se esgueiraram sorrateiramente em meio à multidão. Logo encontraram lorde Ian, que os observou descaradamente, mas nada disse.

Um pouco depois, o marquês de Wheston e sua esposa caminharam até eles alegremente.

— Juliette! O que houve com seu cabelo?

Ela respondeu sem nenhuma hesitação.

— Dancei muito e algumas mechas se soltaram, então preferi desfazer o penteado.

— Ah, claro! — Nicole respondeu.

Mas Mathew a observava atentamente.

— Engraçado, dançamos o tempo todo e não me lembro de tê-la visto...

Ian saiu em sua defesa.

— Dancei com ela duas vezes e Gregor também a tirou para dançar. Devo dizer que ela aprendeu rápido o *ceilidh*.

Por mais que o marquês não parecesse convencido, não proferiu nenhuma outra palavra sobre o assunto, ao menos não até que estivesse a sós com sua esposa no quarto que ocupavam.

— Nicole, já contou à sua irmã sobre nosso presente?

Ela ainda trançava os cabelos, preparando-se para deitar.

— Ainda não... Pensei em um momento especial, o que acha?

Mathew pensou um pouco mais antes de dizer:

— Penso que devemos contar a ela o mais rápido possível, Juliette precisa saber que existem... opções.

Nicole sorriu apaixonada.

— Já disse que você é o melhor marido do mundo todo?

Ele riu.

— Hoje não.

Em outro cômodo no castelo, Juliette observava suas coisas reviradas e o vestido, que havia usado no jantar inesquecível do dia anterior, esvaçalhado sobre a cama. Questionou Helen sobre o ocorrido, mas a criada nada havia visto. Juliette, no entanto, tinha uma boa ideia de quem poderia ser a malfeitora.



Capítulo 06

DOTADA DE SENTIMENTOS

Gregor

O café estava sendo servido e a refeição era tipicamente inglesa; após uma demonstração tão evidente dos costumes escoceses e dos rituais do *hogmanay* — Wheston fora intimado a dar o primeiro passo para dentro do castelo após a meia-noite, porque de acordo com o que acreditavam, um homem de cabelos escuros daria maior sorte para os moradores do local do que um ruivo ou loiro que entrasse —, Gregor decidiu que poderia dar a eles um gostinho da Inglaterra para que se sentissem em casa.

O marquês cortava um pedaço de presunto, servindo sua esposa, mas Gregor não deixou de notar o quanto o observava; vez ou outra, os olhos de Mathew pousavam sobre Juliette e pareciam de fato desconfiados de alguma coisa, porém não disse nada sobre suas suspeitas, mesmo porque sem fundamentos seriam como uma ofensa à própria cunhada.

Juliette olhou para Gregor e ele notou quando seu sorriso se alargou, infelizmente Mathew também notou e estreitou os olhos na direção do amigo; se Nicole estava percebendo alguma coisa, disfarçava muito bem.

— Então, Juliette, sua irmã e eu temos uma surpresa para você.

Com essas palavras o marquês capturou a atenção da jovem e, claro, a de lorde Gregor também, que esperava não ser ele o surpreendido com um padre entrando pela porta da frente do

PERIGOSAS ACHERON

castelo.

Nicole parou de mastigar o pedaço de presunto que comia e observou o marido, que, percebendo a atenção, dirigiu-se a ela.

— Querida, não devemos esperar. Quando as novidades são boas, não há necessidade de aguardar o momento certo.

Nicole deu de ombros.

— Então, você ainda tem dezenove anos. Diferente de sua irmã que já era uma solteirona sem salvação...

Um acesso curto de tosse era o único indício da pancada que ele levava da esposa por baixo da mesa, mesmo assim, o marquês prosseguiu rindo.

— Como Nicole faz agora parte de uma das famílias mais influentes da alta sociedade, decidimos que você terá uma temporada. Vamos para Londres e permitirei que faça todo seu guarda-

roupa para os eventos que terá que comparecer.

Gregor observou a reação dela. Ele mesmo não sabia o que pensar ou como agir diante do que estava sendo dito ali.

Bastante surpresa, Juliette o questionou:

— Não quero parecer ingrata, mas não vejo motivo para os gastos dispendiosos de uma temporada, afinal de contas eu não tenho um dote e não dá para esperar que alguém decida se casar comigo apenas em favor dos meus vestidos bonitos.

Os olhos da marquesa brilhavam ao explicar.

— Mas você tem um dote! Mathew está oferecendo-lhe um dote exorbitante para compensar a situação social em que vivemos até então, será tão fabuloso que poderá escolher com quem se casar. Irão chover propostas, querida. — Nicole estava emocionada e a voz embargada entregava. — Ai, minha irmã, você terá o seu *felizes para sempre*.

Mal posso acreditar que Deus me deu um marido tão maravilhoso!

Gregor não conseguiu conter as palavras.

— Olhem só, correndo o risco de soar pessimista, não se esqueçam de que se casar não é sinônimo de felicidade. Ela terá um marido, mas isso não quer dizer que isso a fará feliz, não é por que vocês são felizes juntos que todos os casais serão. Na verdade, a maioria não o é e alguns vivem algo pior que a infelicidade.

Mathew lhe dirigiu um olhar afiado.

— Sei, diz isso porque, por algum motivo escuso, nunca se casará. Juliette, no entanto, terá poder de escolha e uma temporada toda para conhecer alguém de quem goste.

— Exatamente! Com toda essa beleza, honestamente, lorde Gregor, não crê que encontrará alguém que a agrade? Será um sucesso! — Nicole estava exultante.

Ele tinha plena convicção de que Juliette encontraria alguém se assim desejasse.

Em meio aos pensamentos que já se acumulavam em sua mente e prejudicavam sua capacidade de ter opiniões sensatas, Gregor ouviu a voz dela um pouco sussurrada, como se ainda não houvesse assimilado bem o que estava desenrolando-se diante de si.

— Fico muito feliz com o presente, perdoem-me se não pareço animada, mas me convenci a vida toda de que não era possível, de que não teria minha própria família, meus filhos, que jamais sonhei com uma temporada em meio à alta sociedade, então estou um pouco fora de mim...

Mathew pareceu satisfeito com a resposta, já Nicole a sondava com interesse. Talvez a reação esperada por eles fosse outra, mas Gregor sabia o que tinha na mente da jovem: um cavalheiro não

PERIGOSAS ACHERON

desposaria uma moça que não fosse mais virgem.

— Partimos para Londres hoje mesmo. Você ficará aos cuidados de lady Caroline e da duquesa; elas farão tudo que puderem para que esteja pronta e tenha tudo que for necessário e um pouco mais. Você quer isso, não quer? — questionou Nicole.

Gregor prendeu a respiração. Era agora que esperava que ela dissesse que não queria aquela vida, pois desejava ser livre e não se casaria por conveniência; se essas fossem as palavras de Juliette, ele poderia tê-la muitas outras vezes, partilhariam momentos agradáveis a dois até que o momento de se separarem chegasse e então se despediriam cordialmente. Sempre que quisessem, poderiam se encontrar discretamente e esse era o único relacionamento que ele poderia oferecer. O único que Gregor queria ter.

— Sim, eu... jamais recusaria um presente

como esse. Nunca fiz planos visando isso, mas eu seria uma inconsequente se não aceitasse, sei que com esse dote as circunstâncias são outras. Espero que não me interpretem mal, mas gostaria muito de saber a extensão deste dote, não em valor, perdoem-me se fui rude. O que quero saber é quais são as pretensões que poderei ter quanto aos meus... pretendentes?

Nicole, entusiasmada, explicava a fortuna que Mathew investira nisso.

— Temos a pretensão de que encontre o amor, querida. Creio que não seria exagero dizer que poderia ter qualquer nobre que quisesse, um duque se assim desejasse!

— Ou um conde — Mathew completou e Gregor notou que ela desviou os olhos discretamente em sua direção.

Não! Ela não poderia esperar que ele se oferecesse apenas porque agora tinha um dote;

PERIGOSAS ACHERON

afinal, não era mesmo questão de dinheiro.

— Ou um marquês! — exclamou Nicole — Podem ser um pouco turrões de início, mas se convertem em ótimos maridos.

— Não é o que dizem sobre os libertinos? — Mathew tomava seu chá, mas insistia em direcionar alfinetadas indiscretas para Gregor. Nicole era a única que continuava a fingir que as palavras dele eram aleatórias.

— Não creio que deva aceitar isso, se permite que expresse minha opinião, senhorita Juliette. — Gregor vasculhava sua mente em busca de algo que justificasse sua fala impensada. — Não acho que todas as mulheres precisem se casar, algumas não nasceram para serem esposas.

Juliette se levantou de repente e aos olhos de Gregor parecia irritada. *Imbecil!* Com certeza havia se expressado mal.

— Pois bem, fico muito grata e tenho

PERIGOSAS ACHERON

apenas uma ressalva a fazer: quero um homem moreno e bonito. Recuso-me a me casar com alguém sem graça e insípido, precisa ser um cavalheiro viril.

Mathew arregalou os olhos e Nicole começou a rir descontroladamente. Lorde Gregor MacRae, por outro lado, não sabia o que pensar ou dizer. Ela o estava instigando a uma discussão, uma que ele não teria ali com outros observando.

Questionava sua virilidade? Horas antes estava em seus braços. Ele não iria se casar e um dote jamais mudaria as coisas.

— Tudo bem, não posso discordar disso — respondeu Mathew.

Com um meneio apenas, ela deixou a mesa e subiu as escadas em direção aos seus aposentos.



Juliette

Surpresa não seria o bastante para definir o que ela sentira ao ouvir sobre o presente; pensando bem, deveria ter imaginado que algo assim aconteceria. Sendo sua irmã uma marquesa, por certo não a deixaria na mesma situação anterior.

Mas Juliette não havia pensado.

Agira por impulso, perdera sua virtude e com isso todo seu valor no mercado de jovens casadouras. Agora não sabia exatamente o que deveria fazer, afinal de contas, como seria desposada sem informar ao homem em questão que outro já havia cumprido com suas obrigações da noite de núpcias?

Helen entrou no quarto e a encontrou andando de um lado para o outro.

— Senhorita? Aconteceu alguma coisa? Está nervosa devido ao vestido que rasgaram? Tenho certeza de que sua irmã irá compreender que

a culpa não foi sua e lorde Gregor por certo encontrará o responsável.

Quando Juliette se virou de frente, ficou impossível omitir que estava chorando.

— Ah, Helen, estou tão arruinada! Não tem nada a ver com o vestido, nem mesmo mencionei a eles que alguém entrou em meu quarto. Wheston resolveu me dar um dote, que de acordo com eles é o bastante para que me case com quem quiser, para que eu possa escolher. Estamos partindo para Londres para que a duquesa e a condessa Caroline me preparem.

A criada estava confusa.

— E isso não é uma coisa boa?

— Claro que não, Helen. Como irei me casar depois de ter me entregado a outro homem? Não posso contar isso para minha irmã. Lorde Gregor não está disposto a ser esse homem, ele não quer se casar. Eu sempre soube disso, mas mesmo

assim me permiti uma centelha de esperança com o dote. Bem, não posso recusar, meus pais morreriam de desgosto. O que farei?

— Dê-me um instante. Acalme-se, vou me sentar aqui e pensar. Juntas encontraremos uma solução.

Juliette sentou-se de frente a ela e aguardou ansiosa que a outra tivesse uma ideia que pudesse salvá-la.

Alguns minutos se passaram e Helen ainda se mantinha em silêncio. Juliette se levantou e recomeçou a caminhar pelo quarto, mas, quando estava prestes a questionar a outra, ela finalmente falou:

— Tenho um plano. Bom, algo assim... Em primeiro lugar, uma moça com a sua beleza e o seu dote não precisa de muita coisa para atrair pretendentes que busquem fortunas, mas em razão de seu nascimento, um homem que além de título e

beleza possua caráter é algo mais difícil de encontrar e é exatamente do que a senhorita precisa.

— Eu preciso de um homem de caráter? Mas ele não irá me querer, Helen.

— Aí entra nosso plano. Precisamos que esse homem esteja de fato apaixonado. Você precisará encantá-lo a tal ponto que ele faça de tudo para tê-la como esposa, inclusive aceitar esse inconveniente. Quando o momento chegar e sentir que, além de muito apaixonado, ele é seu amigo e pode confiar nele, a senhorita irá lhe confidenciar o ocorrido. Antes do casamento, para que ele não se sinta traído e saia por aí espalhando seu segredo ao mundo.

— Mas eu não sei fazer isso, ser sutil e flertar. Eu sou direta e franca, até demais.

— Irá aprender. Peça a lorde Wheston que permita que eu vá com a senhorita como dama de

PERIGOSAS ACHERON

companhia. Vou treiná-la para que receba as várias propostas, para que possamos selecionar o melhor partido.

— Você irá me treinar? Mas como sabe o que esperam de uma lady? Estamos perdidas! Eu não preciso apenas me sair bem, mas ser a melhor de todas.

Helen a olhava, pensativa, pesando até que ponto deveria revelar sobre seu passado.

— Eu estou disposta a ajudá-la, mas com uma condição. Não fará perguntas sobre mim. Ensinarei como ser uma dama, como estou certa de que lady Caroline e lady Clarice o farão, mas mais que isso, ensinarei a usar seus atributos físicos, mentais e sua personalidade a seu favor.

Juliette encarava a mulher — que agora chamaria de amiga — com suspeita e desconfiança. Helen tinha uma história, uma que não estava disposta a partilhar, mas que intrigava Juliette de tal

maneira que teria que fazer um esforço sobre-humano para não levantar questionamentos que sabia que não seriam bem recebidos.

— Tudo bem, sem perguntas. Se estás disposta a me salvar, não serei eu a estragar tudo questionando seus conhecimentos além do que é comum para uma criada. Prometo não a incomodar com isso, mas quero que saiba que, se um dia precisar de ajuda, pode contar comigo, certo?

Helen apenas assentiu, ia dizer algo, mas, antes que o fizesse, ouviram uma batida discreta na porta. Ao abrir, a criada se deparou com lorde Gregor, que parecia um tanto quanto desconfortável por estar ali.

— Com licença, gostaria de falar com a senhorita Juliette. Mas o assunto é particular, poderia nos deixar a sós e ser discreta sobre isso? Claro que a recompensarei.

Helen o observou ativamente antes de

PERIGOSAS ACHERON

responder:

— Não quero nenhuma recompensa, mas apenas sairei daqui se a senhorita também quiser falar com o senhor.

Ela era intimidante quando não tentava parecer tão dócil e frágil; Juliette estava impressionada.

— Não podemos ficar sozinhos, se Mathew...

— Eles saíram para outro passeio a sós, não sei dizer o que tanto fazem andando por esse mato em volta, mas posso imaginar. Não vão descobrir nada. — Ele se apressou em dizer.

Juliette então assentiu para a companheira, afinal de contas, não poderia mesmo partir sem que tivessem uma conversa definitiva.

Helen saiu discretamente para o corredor e fechou a porta; então, Juliette se permitiu observá-lo atentamente. Lindo como sempre. Era de se

PERIGOSAS ACHERON

esperar que as notícias recentes mudassem algo dentro dela, mas isso não acontecera. Seu coração ainda parecia lutar para sair do peito a cada vez que olhava dentro do azul dos olhos do escocês. Era uma paixão avassaladora que teria seu fim ali.

— Queria me dizer algo?

Gregor estava irritado.

— Claro que sim! Vai aceitar isso? Que imponham esse destino sobre você? Que a forcem a se casar?

Juliette sorriu.

— Gregor, ninguém vai me obrigar a nada. Vou escolher meu futuro marido. Sei que não fazia parte dos meus planos um casamento, mas como eu poderia dizer aos meus pais, a minha família, que não quero me casar nem mesmo se encontrar alguém de quem eu goste? Não sei se isso vai acontecer, mas eu posso tentar.

— Mas... E o que nós temos aqui? Não é

relevante?

— Pelo que vejo não o bastante...

Gregor fechou o semblante, que já não estava muito alegre antes disso.

— Pela deusa, Juliette. Não espera que eu me case com você, certo? O dote não muda nada, não quero me casar por outros motivos muito mais complexos. Além disso, não sou homem de me prender e não conseguiria ser fiel por uma vida toda.

— Não espero. Na verdade, penso ter deixado isso muito claro desde o início, mas também não pode esperar que eu pegue a oportunidade que me foi oferecida e atire-a na lama para me entregar a algumas noites em sua cama.

Juliette mentia para ele e, pior ainda, mentia para si mesma. Ela desejara que ele a pedisse em casamento, que o problema fosse apenas o dinheiro, mas jamais confessaria que o quisera tão

profundamente.

— Antes você havia aceitado...

— Sim, mas antes eu não tinha opção.

Ele se aproximou dela, como uma fera espreitando a presa. Quando a tinha cativa entre seus braços e a parede fria de pedra, continuou:

— Juli, minha Juli... Fique comigo. Não posso prometer nada do que as mulheres sonham, mas prometo noites maravilhosas como a que tivemos ontem e beijos como este.

Com isso, colou os lábios aos dela com paixão; suas mãos se fecharam ao redor de sua cintura e rapidamente estavam em outro lugar, subindo seu vestido a fim de desnudá-la.

Juliette aproveitou-se por alguns instantes do beijo, tentando absorver tudo que pudesse daqueles últimos instantes, mas logo o afastou.

— Gregor, foi tudo maravilhoso. Não precisa se sentir culpado, pois fui eu quem o

PERIGOSAS ACHERON

procurou, mas as circunstâncias mudaram e eu vou me esforçar para encontrar um marido e, quem sabe, o amor.

Foi perceptível quando a expressão dele mudou; o desejo foi substituído por raiva e escárnio e as próximas palavras dele caíram sobre Juliette como ácido, queimando e corroendo.

— Amor? Acredita mesmo que alguém vai tomá-la por esposa agora que foi desonrada? Deveria aprender a se contentar com o que pode ter, Juliette. Moças como você não podem ter um casamento e não sabem agir como damas.

A sensação era de ter uma faca cravada no coração; se ele desferisse uma bofetada em seu rosto, doeria muito menos.

Diante dela estava o homem que lhe dissera que as mulheres deveriam ter direito de escolha, que ela era à frente de seu tempo e que não havia nada de mais em ceder aos seus desejos. Esse

mesmo homem agora a estava desmerecendo, insultando e comparando-a a uma rameira — mesmo que essas palavras não houvessem sido ditas.

Estava ciente de que a mágoa em seu olhar era óbvia, mesmo assim, recompôs-se e lhe direcionou um sorriso cínico.

— Realmente acredita nisso, lorde Gregor? Parece-me um desafio e eu não sou o *tipo* de moça que se acovarda diante deles. Permita-me provar o quanto está enganado. Em um ano, eu o convidarei para o meu casamento com o melhor partido que Londres puder me oferecer.

Furioso, Gregor saiu do quarto, deixando a porta escancarada ao passar. Em contrapartida, o coração de Juliette fechava-se.



Após o almoço, eles partiram rumo à Inglaterra. O senhor do castelo, sozinho e bastante irritado, observou a carruagem até que ela se perdeu de vista.

Sentiria falta dela e isso não podia negar; por mais que não estivesse disposto a um relacionamento, não estava ansioso por vê-la casando-se, sujeitando-se a um velho qualquer que a tocaria e a teria em sua cama. Podia imaginar Juliette enojada indo se banhar após o sexo com seu marido rechonchudo e chato.

Grávida. No mínimo umas cinco vezes; logo ela estaria parecendo ter uns quinze anos a mais do que tinha na verdade. Sua alegria contagiante e a ousadia toda estariam perdidas para sempre.

A opção era muito melhor; ficaria com ele em segredo enquanto fosse conveniente para os dois e viveria sua vida em paz depois disso, mas

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

não. Ela tinha que ser como as outras mulheres e querer mais do que ele estava disposto a oferecer.

Sentira-se desafiada, mas quem sabe quando ela falhasse... Quando percebesse que teria que se contentar com um homem com idade para ser seu avô, ela mudasse de ideia. Então, ele a receberia benevolente de volta.

Um movimento sutil atrás dele chamou sua atenção. Davina.

— Sua mais recente diversão voltou para casa? Quem sabe agora possa dedicar um tempo para nos divertirmos, nunca pensei que fosse me deixar de lado por uma inglesa...

Ela passava as mãos por seus ombros, enquanto ele ainda se mantinha de costas.

— Senti sua falta, ficou tanto tempo longe e, desde que voltou, não foi me ver nem mesmo uma vez. Não acredito que tenha dedicado seu tempo àquela menina sonsa.

PERIGOSAS ACHERON

Gregor se voltou para ela, analisando-a. Observou o corpo esguio que já tocara tantas vezes antes, mas dessa vez não lhe despertava nada.

— Estive ocupado, Davina, e agora estou muito cansado. Quem sabe outro dia, tudo bem? Vou verificar algumas coisas, depois nos falamos.

O que ele não disse, porém, é que sua falta de entusiasmo nada tinha a ver com cansaço; o problema era que Davina não tinha os cabelos negros como o manto da noite, não tinha aquela inocência tão ousada e controversa que o deixava louco. Ela não era Juliette Smith e isso não podia mudar.



Capítulo 07

LUVAS PARA UMA LADY

Juliette

Havia muito para ser visto em Londres e Juliette não se cansava de colocar a cabeça para fora da carruagem a fim de observar as fachadas das lojas, teatros e a multidão.

Damas belíssimas em seus vestidos esvoaçantes, *bonnets* enfeitados e sombrinhas ornamentadas. Cavalheiros usando cartolas e bengalas sem nenhuma utilidade, mas que completavam com elegância os trajes.

As casas, muito semelhantes entre si, deram lugar às mansões enormes, únicas e extravagantes,
PERIGOSAS ACHERON

construídas a uma boa distância umas das outras. O bairro era nobre e a carruagem prosseguiu adentrando em meio aos jardins luxuosos e fachadas monumentais.

— Juliette, querida, sabe que não vamos poder ficar em Londres com você, certo? Vamos deixá-la aos cuidados de lady Caroline e da duquesa; apenas buscaremos Cecília e retornaremos para a mansão no campo. Nossos pais já devem estar sentindo-se solitários apenas com os criados.

Juliette compreendia. Nicole e Mathew ainda eram recém-casados e não podiam ficar tomando conta dela dia e noite, além disso, tinham uma filha para cuidar e seus pais realmente não poderiam ficar muito tempo sem companhia de alguém da família; mesmo assim, um sentimento de pavor a tomou. Ficaria ali, naquela cidade enorme e tão diferente de tudo que conhecia.

Tudo em sua vida estava diferente na

PERIGOSAS ACHERON

verdade. Iria fixar residência na casa de pessoas que conhecera pouco tempo antes, por mais que de certa maneira fossem agora da família, e ainda teria que aprender muitas coisas novas, porém, nada disso a assustava tanto quanto o fato de precisar encontrar um marido que a aceitasse como era, como todos seus defeitos e com tudo que... bem, faltava.

— Eu entendo, minha irmã — respondeu ela. — Fico grata por terem permitido que Helen fique comigo, ao menos terei alguém mais próximo durante esse período agitado.

Mathew falou e seu tom exprimia sincera preocupação.

— Juliette, não precisa se preocupar tanto. Terá tempo para aprender tudo antes do início da temporada e tenho certeza de que irá se sair muito bem. Se tem alguém que pode deixá-la pronta a tempo, esse alguém é Caroline. Sabem que ela

PERIGOSAS ACHERON

recebeu dezenas de propostas, certo?

As duas acenaram.

Juliette analisou as falas do marquês; claro que lady Caroline recebera diversas propostas, era linda, divertida e filha de um duque! Mathew não podia mesmo estar comparando-as.

Quando enfim a carruagem fez uma curva, a moça viu a casa que foi apontada pelo cunhado — se é que podia ser chamada assim. O jardim era enorme e tinha flores de todas as espécies e cores, arbustos bem aparados e o que a deixou pasma, uma fonte! Era opulenta, quase tanto quanto o castelo de Gregor.

Gregor. Apenas pensar nele já a deixava com as entranhas reviradas. Ele a usara e depois descartara, mas ela esperava o que, afinal? Oferecera-se para ele deixando claro que não esperava por promessas.

Era errado contrariar suas próprias palavras

PERIGOSAS NACIONAIS

apenas em pensamentos? Juliette o queria, desejava que ele tivesse dito a Mathew que ela não iria para temporada alguma, pois ele próprio iria desposá-la; a moça nunca verbalizara suas vontades, mas era melhor assim, afinal Gregor dissera palavras que a ofenderam e magoaram profundamente.

Um desafio era o que ela tinha diante de si: encontrar um pretendente decente que a aceitaria e que a faria feliz. Então, entraria na igreja, em um ano, vestida de noiva e no meio do cortejo dirigiria um sorriso arrogante a lorde Gregor, mostrando a ele que conseguira cumprir o que prometera.

A raiva que sentia dele e de suas palavras era tanta que Juliette não pensou em como algo naquele cenário estava errado; no dia de seu casamento, o tão sonhado momento deveria ser dela e do noivo e não uma oportunidade para tripudiar sobre desafetos que um dia haviam sido afetos.

PERIGOSAS ACHERON

Quando a porta da mansão foi avistada, a carruagem os conduziu até a entrada. Alguns instantes depois, Henri, o cocheiro do marquês, abriu a porta. Mathew saiu e ajudou Nicole a descer e, em seguida, auxiliou a cunhada.

Foram recepcionados pelo mordomo, que os conduziu a uma sala luxuosamente mobiliada. Era óbvio que até mesmo o lustre daquele lugar valia mais que tudo que ela possuía. Seus pertences se resumiam a alguns vestidos e sapatos, um broche bonito cravejado de pedras preciosas — fora um presente da primeira patroa de sua mãe — e sua cama; se é que isso poderia contar, já que não estava ali.

Nicole parecia tão impressionada quanto ela, ainda não havia conhecido a residência ducal e, apesar do luxo que havia na mansão Wheston, ela fora deixada sem cuidados por muito tempo e apenas agora voltava à vida sob as mãos

habilidosas da marquesa; no entanto, uma nova decoração ainda não havia sido feita e pelos olhares que Nicole dirigia aos quadros e à tapeçaria, já estava pensando nas mudanças.

Logo a porta da sala se abriu e a família toda entrou, uma verdadeira tropa. Muito elegantes e cheios de classe, mas ainda assim uma família barulhenta que sentia saudades como todas as outras.

A duquesa Clarice sorriu animada ao vê-los. Juliette a achava um pouco séria, mas, quando precisaram de reforços no plano de Caroline para unir Mathew e Nicole, ela se dispôs e cumpriu sua parte de prontidão.

Lady Caroline entrou em seguida com Cecília em seu encalço e um pouco mais atrás caminhavam calmamente o duque Leopold e lorde Albert.

— Óh, meus queridos, que felicidade vê-

los. Como foi a viagem? — perguntou a duquesa.

Mathew abraçou a mãe, que pareceu um pouco surpresa com o gesto, mas com um brilho de alegria indisfarçável.

— Foi tudo muito bom, mamãe. Com algumas ressalvas de jantares arruinados, mas mesmo assim maravilhoso.

Juliette corou até a raiz dos cabelos. Por Deus! As duas desistiriam dela antes mesmo de começarem se conhecessem sua historinha nojenta na Escócia.

— E como foi, Juliette? Algum escocês libertino caiu de amores aos seus pés? — Caroline, sempre muito discreta, questionou.

— Não foi dessa vez, minha querida irmã — respondeu o marquês de Wheston —, mas é justamente por isso que estamos de volta.

— O que houve? — Dessa vez o questionamento veio de lorde Albert.

A família era participativa ao extremo e Juliette apenas pensava em onde havia se metido; precisaria esconder seu segredinho sórdido, como Gregor já o chamara certa vez, para não os envergonhar diante da nata da sociedade londrina.

— Estou proporcionando um dote para Juliette a fim de que possa participar da próxima temporada e conseguir um marido. Quero pedir que cuidem dela, precisará aprender a dançar adequadamente, aulas de pintura ou bordado...

— Ei! Eu sei bordar, não sou tão inútil assim.

Mathew sorriu.

— Ah, claro. Bordado não, então. Bom, pensem em tudo que ela puder aprender e que será útil para a temporada, um instrumento, equitação talvez... Porque se ela montar como Nicole, estará perdida, de fato.

Todos gargalharam e logo ele se encolheu

um pouco.

— Desculpe, querido. Pisei no seu pé, mas não foi minha intenção.

Uma nova onda de risadas preencheu o ambiente.

— Deixe comigo, Mathew. Juliette será um enorme sucesso e não haverá nenhuma outra moça páreo para ela.

Mathew suspirou cansado.

— Por favor, Caroline, espero que não exagere. Lembre-se de que ela não tem o peso do nome de papai por trás. Não pode simplesmente jogar suas concorrentes na fonte ou tentar atirá-las de cima de um camarote.

Mas uma vez todos começaram a rir, mas Juliette observava tudo em silêncio. Aquela piada ela perdera de alguma maneira. A condessa não teria feito isso com suas próprias concorrentes, teria?

— E como estão nossos fundos para o guarda-roupa novo? — Enquanto Caroline o questionava, Cecília se desvencilhou e correu para os braços do pai, dando um beijo estalado em Nicole, que estava ao lado do marquês.

— Ilimitados — ele respondeu. — Comprem tudo o que quiserem e me enviem a conta. Queremos que Juliette possa escolher com quem se casará. Irei eu mesmo aprovar os pretendentes, mas a palavra final é de Juliette.

Todos assentiram e aquilo trouxe um pouco de alívio a ela. Cecília, que abraçava amorosamente o pai, mas que havia se mantido em silêncio durante todo o tempo — um recorde em se tratando da pequena —, resolveu agraciá-los com sua mente ávida e extraordinária.

— Tia Juliette vai se casar?

— Vai, querida, daqui algum tempo — respondeu Nicole.

— E o noivo precisa ser bonito e gentil?

— Isso mesmo.

— Tem que se vestir bem e saber das coisas?

Nicole sorriu.

— Seria bom, de fato.

— Ela não precisa procurar mais! Lorde Hether não tem uma esposa e pode se casar com ela, eles seriam muito felizes juntos, como nós, uma família.

Por mais que tentasse se conter, dessa vez até mesmo o duque Leopold gargalhou. A menina tinha uma inocência que beirava o absurdo.

— Querida, procuramos alguém um pouco mais... novo.

— Ahhhh, então ele não serve mesmo. Está bem usado já.



Pouco tempo depois, todos se despediram e Nicole, Mathew e a pequena Cecília partiram. Juliette foi colocada em uma suíte ricamente decorada e se viu encantada, era mesmo como se fizesse parte da realeza. Apesar dos diversos incômodos que ainda estavam em seu coração, estava contente em alguma medida.

Helen estaria ao seu lado e a ajudaria. Iria conseguir superar qualquer que fossem os sentimentos que nutria pelo escocês e encontrar alguém que a aceitasse e que fosse aceito também por sua família.

Lady Caroline bateu levemente na porta e entrou.

— Olá, querida Juliette. Sei que está cansada, então recomendo que descanse por umas duas horas; mais tarde, iremos à modista. Vou à minha casa tomar um banho e retorno para

acompanhá-la.

— Pensei que iríamos ver isso daqui alguns meses, quando de fato a temporada tiver início.

— Claro que não, você precisa de roupas para agora. Ao menos alguns vestidos novos, depois, quando chegar a hora, encomendaremos os de baile. Será tão divertido!

Pela experiência de Juliette, alguns vestidos podiam ser mesmo muita coisa aos olhos de lady Caroline. Ainda se lembrava de quando ela havia levado Nicole as compras.

A condessa a deixou sozinha e Juliette começou a desfazer seus baús. Poderia esperar para que Helen o fizesse, mas estava habituada a cuidar de si mesma e seria difícil perder o costume.

Quando terminou de retirar seus pertences, algo atraiu sua atenção no fundo do baú; era um pequeno embrulho. Juliette desenrolou o tecido escuro e lá dentro encontrou algumas pétalas de

PERIGOSAS ACHERON

rosa secas, além de algumas sementes de flores. O arranjo como um todo lembrava uma espécie de feitiço e ela então se recordou do quarto revirado e do vestido rasgado. Alguém claramente a queria longe da Escócia.

Tentando esquecer-se daquilo, afinal não acreditava que flores secas pudessem lhe causar algum mal, Juliette se deitou na enorme cama; as cortinas brancas a envolviam e eram feitas de um tecido tão leve e suave que a moça parecia estar deitada dentro de uma nuvem, a cama era tão macia quanto uma e ela se viu afundando.

Preparou-se para dormir um pouco, visando se recuperar da viagem, mas claro que não conseguiu. A agitação era demais, a ansiedade alarmante e, duas horas depois, quando enfim lady Caroline retornou, ela não tinha fechado os olhos por mais que alguns segundos.

Em pouco tempo, chegaram a modista, que

PERIGOSAS ACHERON

as recebeu com alegria e entusiasmo.

— Lady Courtenay! Que prazer tê-la em minha humilde loja, *mon chéri*.

Madame Amélie em pessoa as cumprimentou.

— O prazer é nosso, Amélie. Estive recentemente em uma de suas lojas próxima a mansão Wheston e a achei encantadora!

— Óh, já conheceu então? Fica no vilarejo e está mostrando-se um ótimo investimento. Os vestidos que foram feitos para a nova marquesa deram uma melhoria nos negócios. As jovens da região. Sabe como são as moças...

Caroline sorriu em cumplicidade.

— Óh, sim. Sei exatamente como funciona. Pois então, trouxe comigo hoje a irmã da marquesa, a senhorita Juliette Smith. Precisamos de alguns vestidos para dia e noite, mas nada muito extravagante por enquanto; logo que a temporada

PERIGOSAS ACHERON

tiver início, faremos um enxoval completo.

A mulher parecia analisá-la, não com escárnio ou maldade, mas era óbvio que Juliette não tinha como bancar um enxoval completo.

— Hum, ela será apresentada?

— Sim. Está sob proteção de minha família, dos meus pais e de meu irmão. Juliette será um sucesso absoluto!

— Bom, a aparência ela já tem. — E se dirigindo a Juliette: — És lindíssima, *chéri*, se os homens não fossem tão interesseiros...

Mas lady Caroline a interrompeu.

— Ela tem um dote maior que o de qualquer outra.

Os olhos de madame Amélie brilharam.

— E por que não disse antes? Vai ser uma temporada magnífica para ela então!

Juliette apenas não queria que colocassem tantas expectativas sobre seus ombros. Mesmo

assim, em poucos minutos, estava rodeada de tecidos das mais diversas cores, sapatilhas de cetim combinando com todos eles e muitos outros itens. Brincos, broches, roupas íntimas, *bonnets*. Se não eram ainda as compras para a temporada, ela só podia imaginar como seria na época.

Espetaram-na diversas vezes e a enrolaram em farfalhantes possibilidades, alguns tecidos com um grande potencial e vestidos ajustáveis também.

Saíram carregando diversas caixas com itens prontos e com a promessa de madame Amélie de que os vestidos novos seriam entregues logo. Colocaram tudo na carruagem e, em seguida, caminharam em direção à loja de fitas.

Lady Caroline estava disposta a mudar o penteado de Juliette e apesar da resistência inicial, a moça sabia que precisava de todas as armas de que dispusesse. Não perderia o melhor partido — e a oportunidade de esfregá-lo no rosto esculpido e

PERIGOSAS ACHERON

belo de Gregor — apenas por não querer enrolar os cabelos.

A condessa analisava cada fita e enfeite com a mesma seriedade e precisão de um homem que cuidava de seus negócios mais importantes, cada detalhe era crucial e Juliette se sentia grata por tê-la para auxiliá-la. Porém, como ela mesma não estava tão interessada nas fitas, decidiu caminhar pela loja, procurando algo que realmente lhe chamasse a atenção; e encontrou.

Um belo pente, de cobre e cravejado por inúmeras e minúsculas pérolas. Seu olhar foi atraído para ele e Juliette o desejou; era magnífico e seria uma maneira de mesmo modificando o penteado usar algo que não fosse apenas para agradar aos outros, mas a ela própria.

Instintivamente avançou para onde ele se encontrava, casualmente deixado sobre o balcão. Porém, quando o alcançou, outra mão se fechou

sobre ele em um gesto simultâneo ao dela.

— Desculpe-me, deixei-o aqui enquanto aguardava o restante da encomenda.

Aquela voz não pertencia a uma dama.

Juliette levantou os olhos para fitar seu interlocutor e se deparou com um cavalheiro muitíssimo elegante e de uma beleza inquietante, nada comum; o porte atlético e os olhos sedutores, os cabelos pretos caindo um pouco sobre eles.

Ela soltou o pente de imediato. Porém, nem toda a beleza do mundo poderia fazê-la desistir do único objeto que lhe chamara a atenção, não para um homem, por mais que agora ele o tivesse em seu poder.

— Sinto muito, mas eu vi antes. Se o senhor tinha interesse no objeto, deveria tê-lo segurado. Não pensou que outra pessoa poderia pegá-lo?

Ele deu uma risadinha e olhou ao redor. Juliette acompanhou seu olhar e percebeu que

PERIGOSAS ACHERON

muitos clientes haviam parado suas compras e agora os observavam.

— Não, na verdade, não pensei. Dificilmente alguém pegaria algo meu com todo esse desplante e ainda me questionaria a respeito.

— Então, está aprendendo uma lição, senhor. Para tudo há uma primeira vez.

Ele arregalou um pouco os olhos e ficou sem palavras para responder; logo, porém, lady Caroline estava ao lado deles e com um sorriso cordial o cumprimentou.

— Vossa graça, que prazer e surpresa vê-lo por aqui. Essa é minha querida amiga, a senhorita Juliette Smith, irmã da marquesa de Wheston. Esse é o duque de Devonshire, Lorde Sebastian Cavendish.

Um duque! E ela ali falando com total falta de respeito. Juliette sabia que seria difícil, mas arruinar suas chances em seu primeiro dia na PERIGOSAS ACHERON

cidade era demais até para ela.

O duque fez uma mesura, parecendo divertido com o desconforto da jovem, e Juliette retribuiu com uma perfeita reverência — ao menos alguma coisa saíra direito.

— É um prazer conhecê-la, senhorita Juliette.

— O prazer é todo meu, vossa graça.

Ele agora ria abertamente.

— Não me parecia muito feliz instantes atrás.

— Óh, não? Por quê? O que houve, querida? — questionou a condessa.

— Nada, simplesmente gostei de um pente que já pertencia ao duque e insisti para que me deixasse ficar com ele. De maneira não muito educada, devo acrescentar.

Lady Caroline sorriu para o homem.

— Desculpe-nos, lorde Cavendish. A

senhorita Juliette acaba de chegar a Londres e não o conhecia.

— Tudo bem, podem ficar com o pente. Encare como um presente de boas-vindas, senhorita.

Neste momento, o balconista chegou com o pacote que o duque aguardava e o entregou a ele.

— A encomenda da duquesa, milorde.

Casado?

— Obrigado — respondeu ele. — Poderia encontrar outro pente tão belo quanto esse? Sabe como é minha mãe. De acordo com ela, precisa de um pente novo.

Solteiro.

O pente era para a mãe dele, uma duquesa. E Juliette o surrupiara. Não havia uma maneira de devolvê-lo sem parecer grosseira? Bem, ela poderia tentar.

— Lorde Cavendish, agradeço muito por

me permitir ficar com o pente, mas pode levá-lo se é tão importante para sua mãe.

Pegando outro objeto semelhante oferecido pelo atendente, ele lhe respondeu sem nenhuma impaciência.

— Minha mãe tem centenas dessas coisinhas. Além disso, a senhorita ficará ainda mais bela com o adorno. Espero poder vê-la usando-o.

Juliette sorriu. Ela poderia ter um duque? Talvez estivesse com expectativas altas demais, mas aquele era extremamente gentil e galante.

— Ah, o senhor a verá. A senhorita Juliette ficará conosco e irá debutar na próxima temporada — informou lady Caroline, utilizando-se de sua sutileza de sempre.

— Ótimo. Reserve-me uma dança, senhorita.

Aproximou-se de modo cavalheiresco e tomou a mão dela entre as suas, as luvas de Juliette

estavam surradas e até mesmo um pouco encardidas, mesmo assim ele depositou ali um beijo singelo. Uma mesura para lady Caroline e então saiu da loja, deixando-as eufóricas e deslumbradas; a condessa, que não perdia nada de vista, chamou o atendente rapidamente.

— Queremos luvas, querido. Muitos pares, lindas, brancas e de qualidade.

Juliette sorriu um pouco constrangida. Claro que ele haveria notado o estado lastimável de suas luvas. Pedira-lhe que reservasse uma dança por educação, claro. Afinal, faltavam meses para o início dos bailes, mas não importava. Se ele fosse o melhor partido que poderia ter, daria seu jeito de atraí-lo para si e desfrutar dessa dança.

Por mais que um duque se interessar genuinamente por ela fosse impensável, afinal, seu maior atrativo seria o dote, e em sua posição ele não precisaria de dinheiro, o simples fato de lhe

PERIGOSAS ACHERON

dedicar alguma atenção abriria várias portas. Juliette precisava disso mais que de todo o resto. Portas abertas. Escancaradas, na realidade.



Gregor

Ela havia partido dois dias antes. Desde então, lorde MacRae se ocupara das maneiras mais impensáveis a fim de não se permitir pensar. Ajudou a consertar o moinho que havia se quebrado, cortara e carregara a própria lenha e fizera outras inúmeras tarefas que geralmente são dadas aos criados. Tudo para evitar se lembrar do cheiro de Juliette, da delicadeza da moça em suas mãos, do calor do corpo dela contra o seu. Dedicar muito tempo em pensamentos sobre uma dama só poderia ser tido como mau sinal e ele não seria tolo ao ponto de se envolver emocionalmente. Seria?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Está péssimo, vossa graça — Ian comentou. — Serás possível que sinta mais falta da flor inglesa do que pensou que sentiria?

— Inferno, Ian. Deixe-me em paz.

— Percebi que Davina está meio irritadiça, mais que de costume. Isso significa algo, não é?

Gregor nem mesmo se dignou a responder, ao invés disso, serviu-se de uma dose de uísque.

— Mas já? Não é cedo para se embriagar?

Dirigiu ao irmão um olhar furioso.

— Eu sou escocês, nunca é cedo para beber.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 08

UM LEQUE DE CONQUISTAS

Juliette

Londres - um mês depois

Os dias se passavam como um borrão; em meio a rendas e cetim, regras e ensinamentos, Juliette via sua vida mudar drasticamente. Seus dias, que antes eram preenchidos com os afazeres domésticos e os cuidados com os pais, agora eram compostos por aulas e mais aulas. Por vezes, deitava-se à noite e adormecia instantaneamente devido ao cansaço, mas a persistência era predominante. Ela seria a melhor.

Lady Kenfort se sentou com toda elegância
PERIGOSAS ACHERON

que conseguiu reunir em seu corpo roliço e sua estatura diminuta; era uma mulher de muita classe e uma dama das mais respeitáveis, mas seu corpanzil dificultava que se movimentasse com a mesma graça que exigia de suas pupilas.

A peruca estava um pouco torta, mesmo assim ela era o reflexo da nobreza e não havia alguém tão qualificado para a função.

— Vamos lá, senhorita Juliette. Agora lady Caroline irá representar o cavalheiro que se aproximará da senhorita, vejamos como se sai.

A condessa de Devon pareceu realmente incorporar o papel, visto que seus passos até Juliette eram desajeitados e as pernas estavam demasiado abertas.

— Boa noite, senhorita. Sou o conde de Pelicas e gostaria de saber se há uma vaga em seu cartão para me conceder uma dança.

Até mesmo sua voz estava grossa. Juliette

franziu a testa em desaprovação.

— Nenhum homem respeitável se chamaria Pelicas. Na verdade, nenhum homem.

Lady Kenfort soltou o ar pesadamente de seus pulmões.

— Querida, isso não importa. Queremos saber o que vai responder ao cavalheiro em questão, independente do nome dele.

— Óh, sim. — E voltando-se para lady Caroline: — Por um acaso, minha próxima dança está vaga.

A matrona fora contratada pela duquesa para ensinar os bons modos da alta sociedade a Juliette, mas estava infeliz com os resultados naquele momento.

— A senhorita foi apresentada ao cavalheiro?

— Bom, ele disse seu nome... Mesmo que eu ainda deva discordar de que seja um nome
PERIGOSAS ACHERON

apropriado.

— Senhorita Juliette, uma dama jamais conversa com um homem ao qual não tenha sido antes apresentada por outra pessoa, além deles dois. Seu papel nesse caso é recusar sem causar alarde e sair de perto do cavalheiro o mais rápido possível. Se ele quebrou as regras a fim de abordá-la, de toda maneira não é alguém que valha a pena conhecer.

Juliette se esforçou um pouco mais, abriu o leque e observou o cavalheiro por sobre a borda dele.

— Sinto muito, senhor, mas não fomos apresentados.

— Senhorita, palavras corretas, ações contraditórias.

Juliette esforçava-se a fim de manter a serenidade, afinal lady Kenfort queria mesmo ajudar. Ao menos eram essas as suas intenções.

— O que foi que eu fiz dessa vez? Eu nem

PERIGOSAS ACHERON

me mexi.

— A senhorita o recusou, mas seu leque não!

Juliette estava exasperada. Fazia tudo errado e infelizmente sua dificuldade se devia a um problema mais complexo — ela não conseguia compreender a finalidade das regras estúpidas, como as chamava.

— Acho que não a compreendi. Um leque é um objeto inanimado, lady Kenfort, ele não pode aceitar ou rejeitar um cavalheiro.

— Claro que pode, mas nosso horário já deu por hoje. Peço que treine isso em seu quarto e amanhã faremos uma nova tentativa.

Lady Caroline, que assistia a tudo em silêncio, prontificou-se a acompanhar a mulher até a saída, mas não sem antes avisar a Juliette que o professor de dança viria no dia seguinte.

A jovem estava chateada. Minutos depois,
PERIGOSAS ACHERON

quando se deitou em sua cama, a mente já trabalhava tentando compreender como poderia ter errado se não havia dito ou feito nada.

Um leque. Como um leque poderia ter dito mais que ela própria?

Ainda resmungava quando Helen entrou no quarto um pouco mais tarde; a criada usava um uniforme novo, o padrão da mansão do duque de Morph, e os cabelos loiros estavam presos em um coque rígido. Impecável.

— Boa tarde, senhorita. Vim separar sua roupa para o jantar mais tarde.

Juliette apenas meneou a cabeça.

— O que a está afligindo? Parece-me um pouco abatida.

— Lady Kenfort.

— Ah, ouvi falar muito bem dela, mas dizem que pode ser um demônio às vezes. Ouvi que, certa vez, uma senhorita saiu do baile em que

debutou aos prantos, porque lady Kenfort lhe disse claramente que seu vestido era um horror e que a deixava semelhante a um pé de abóbora. A pobre não a conhecia e ficou deveras ofendida.

— Helen! Não está ajudando-me, sabes disso? Eu preciso ser a melhor. Como vou conseguir um marido no prazo de um ano? Um que me aceite e me queira apesar de todos os inconvenientes?

— E um de quem a senhorita goste, claro. Afinal de contas, não seria nada bom se casar com alguém apenas para agradar a sua família.

— Claro, um de quem eu goste.

Helen se deu por satisfeita.

— Certo, conte-me qual o problema e tentarei ajudá-la.

— O maldito leque! Estávamos encenando; lady Caroline representava um cavalheiro que se aproximava de mim a fim de pedir uma dança, eu

deveria recusá-lo, pois nunca havíamos sido apresentados e eu fiz isso quando me explicaram, mas lady Kenfort implicou com meu leque e nem mesmo me explicou o porquê. Segundo ela, eu o rejeitei, mas meu leque não! Absurdo.

— Entendo o problema, não aprendeu a utilizá-lo. Tem mais de um leque?

— Tenho uns cem. Lady Caroline comprou a loja inteira para mim.

— Pegue dois, quero um bem bonito para mim — declarou Helen animadamente.

Juliette a encarou com desconfiança, mas nada comentou. Abriu o armário, onde agora dezenas de vestidos para as mais diversas ocasiões estavam abrigados, e pegou seus leques mais bem trabalhados. Ofereceu um a Helen, que parecia encantada, e aguardou as instruções.

— Pois bem, senhorita Juliette. Sente-se na poltrona, irei lhe ensinar agora tudo sobre os leques

PERIGOSAS ACHERON

e o poder que emana deste simples objeto.

A testa da jovem senhorita Smith estava franzida devido à descrença. Encarando ainda o instrumento sem grandes expectativas, ela obedeceu a outra jovem.

— O pequeno objeto que agora tem em mãos carrega consigo um enorme poder; ele pode ajudá-la a se expressar, quer seja de maneira positiva, quer seja negativa. Suas funções são inúmeras, sendo a última delas aliviar o calor.

A expressão de Juliette era impagável, obviamente pensava que todos haviam enlouquecido.

— Vou encenar, tudo bem? Quero que preste atenção a cada uma de minhas ações e tente discernir o que estou fazendo.

Helen se aproximou do dossel da enorme cama centralizada e começou a conversar com a pilastra.

— Você viu aquilo? Lorde... — E virando-se para Juliette: — Como irá se chamar nosso lorde fictício?

— Pelicas.

— Pelicas? Isso não é um nome.

— Óbvio que não.

— Tudo bem.

Retomou a encenação.

— Lorde Pelicas me tirou duas vezes para dançar. Espero um pedido de casamento antes que a temporada tenha fim!

O leque na mão da criada — agora uma lady — balançava freneticamente, abanando seu rosto.

— E então? Sabes me dizer o que meu leque expressou?

Juliette arriscou um palpite.

— Parece-me aquela doença de que o doutor Parkinson sempre fala nos jornais, minha

mãe sempre os lê. Paralisia agitante.

Helen arregalou os olhos.

— Não é uma doença. Estou demonstrando animação, empolgação.

— Huuum. Acho que entendo o que quer dizer.

— Certo, vou fazer outra demonstração. Quando um cavalheiro, dessa vez um a quem foi apresentada, aproximar-se e lhe pedir uma dança, abra o leque diante do rosto, assim.

O leque de Helen formava um semicírculo perfeito diante de seu rosto e ia abaixo dos olhos.

— Mantenha-o parado e sorria com os olhos, demonstre interesse apenas com seu olhar. Flerte sem se insinuar.

A cada palavra emitida por Helen, a descrença de Juliette dava lugar ao fascínio. O pequeno leque era mesmo uma arma poderosa.

— Neste caso, deve mantê-lo abaixo dos

PERIGOSAS ACHERON

olhos, de maneira a aparentar certo mistério. Seu olhar deve fascinar os homens e o leque cobre a parte inferior de seu rosto, dando uma ideia de recato que os agrada. Se o cavalheiro lhe fizer um elogio, demonstre timidez, como se fosse uma jovem graciosa que não fica à vontade sendo tão enaltecida. Faça isso afastando o leque um pouco de seu rosto para que ele veja seus lábios sorrindo discretamente e agradeça. Mas lembre-se de não o olhar nos olhos neste momento, afinal é tímida, certo?

Juliette deu uma risada um pouco histérica.

— Mas eu não sei me passar por tímida.

— Apenas olhe para seus pés enquanto sorri, agradece e pronto, vão imaginá-la recatada.

Helen caminhou até onde Juliette a observava.

— Exerça o fascínio sobre eles, senhorita. Os cavalheiros gostam da ideia de nos salvar, de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que somos flores delicadas e que precisamos ser conquistadas. Não se deixe ser alcançada como um prêmio; seja aquela que conquista de maneira tão sutil que eles não percebam, deixe que pensem que estão ganhando sua afeição, desvie a atenção deles para que não vejam a armadilha até que estejam total e irremediavelmente de joelhos. Então, escolha seu marido.

— Helen! Você sabe tudo! Vou dispensar lady Kenfort e falar para a duquesa que você vai me ensinar tudo a partir de agora!

— Não! — O tom de voz incisivo surpreendeu Juliette. — Não quero que questionem como sei de tudo isso. Continue suas aulas com a professora e, após elas, te ajudarei, mas deixe que ela leve os créditos quando atingir seus objetivos.

— Tudo bem, Helen. Desculpe-me. Vamos continuar, estou fascinada por esse artefato quase mágico.

PERIGOSAS ACHERON

Helen sorriu genuinamente.

— Deve mesmo ficar! Ele é uma arma quase letal, ao menos para os libertinos degenerados.

— Quer dizer que, se eu aprender a flertar, posso até mesmo conquistar um libertino?

— E por que quereria um homem assim?

— Foi só uma pergunta, Helen.

— Claro, colocaria lorde Gregor aos seus pés em pouco tempo se soubesse tratá-lo com a indiferença que ele merece e, ao mesmo tempo, seduzi-lo com sutileza.

— Eu... Eu não me referia a ele, Helen. Não dedico um só pensamento aquele homem estúpido! Apenas quando me regozijo pensando em sua expressão quando receber meu convite de casamento em um ano com um duque.

— Um duque?

— Sim, eu disse a ele que me casaria com o

melhor partido de Londres. Se me ajudar, sei que posso conquistar até mesmo um duque.

— Tudo bem, vamos à caça de um duque.

Juliette sorriu.

— Já tenho um em mente.

— É mesmo? E ele é bonito como um deus?

— Bonito como um príncipe, Helen. Cabelos pretos despenteados, como se não se importasse muito com sua posição social; exceto por isso, tudo nele exala aquele ar de superioridade, os olhos são tão azuis, só que não são tão bonitos quanto os de lorde Gregor. Eu não devia nem mesmo me lembrar dos olhos dele, Helen, mas acho que isso jamais poderei esquecer. Bom, era lindíssimo, o duque. Acho que nunca vi alguém tão bonito, se não mencionarmos o escocês.

— Eu já vi. Conheci um homem certa vez com essas exatas características.

— Era como um príncipe também?

Helen sorriu sonhadora.

— Sim, era exatamente como um príncipe.

Antes que dissesse mais alguma coisa, como se despertasse de um transe, ela bateu palmas, animada.

— Vamos prosseguir. Agora chegamos ao cerne da questão de sua aula de hoje.

Juliette se levantou, empunhando o adorno como se fosse sua espada.

— Sim, um cavalheiro se aproxima e me convida para dançar sem que antes tenhamos sido apresentados. Eu o recuso, mas o que faço com o leque?

Helen caminhou pelo quarto com sagacidade, como se fosse uma dama imponente e a pilastra da cama seu cavalheiro desrespeitoso.

Aproximou-se dele e com o leque aberto diante de si, respondeu:

— Sinto muito, senhor, mas não fomos

apresentados. Peço, por favor, que não seja grosseiro e se retire.

E então, com um único movimento, calculado até mesmo na precisão de momento, Helen fechou o leque. Como se esse simples gesto encerrasse a conversa e colocasse ali um ponto final.

— Então eu fecho o leque na cara dele? Isso seria muita falta de educação, Helen.

— Ele é quem não tem educação, abordando-a em meio a um salão lotado, colocando sua reputação em risco. Precisa que saia de perto da senhorita, está ouvindo-me? Não permita que comece com elogios ou gracejos. Espante o atrevido.

— Certo, tudo bem. Mas lady Kenfort me disse para sair apressada de onde ele me abordar. Devo sair ou pedir que ele saia?

— Deve dizer a lady Kenfort exatamente o

PERIGOSAS ACHERON

que ela quer ouvir. Mas na prática, querida, um homem não pode sentir que conseguiu assustá-la. Precisa enfrentá-lo com discrição e mostrar a ele seu lugar. No caso desses atrevidos, o melhor é que não seja muito sutil, afinal não quer encorajá-los e sim dissuadi-los.

— Então direi a ela que vou me retirar, mas se de fato isso ocorrer devo pedir que ele vá embora e fecho o leque com ímpeto. Estou fazendo certo?

Juliette repetiu o gesto de Helen com maestria e a outra sorriu.

— Parece-me que nasceu para isso. Agora vamos treinar o flerte; se um rapaz convidá-la para dar uma volta pelo salão ou para se encontrar com ele nos jardins, quero que me mostre como iria se comportar em tais situações.

— Mas, Helen, eu não posso ir para os jardins com um cavalheiro.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não pode, mas vai. Todas sempre vão, senhorita. Apenas deve cuidar para que jamais seja pega em uma situação embaraçosa que a obrigue a um casamento. O noivo pode não gostar de se ver forçado e acabar por revelar seu segredo. Mas ouça bem, não corra o risco por alguém que não valha a pena.

— Tudo bem, sem situações constrangedoras.

— Isso. Sabe, acho que vai ser muito requisitada pelos cavalheiros e logo receberá propostas. Serás um sucesso.

— Todo mundo fica dizendo isso, mas a verdade é que se eu não aprender a me portar como uma dama, nem o maior dote do mundo poderá me ajudar.

— Mas vai aprender. O que lhe falta é que deixe de ver a etiqueta como algo chato e sem utilidade, mesmo que muitas vezes o seja. Precisa

PERIGOSAS ACHERON

focar no que pode tirar de bom dessas pequenas regras e usar tudo que for possível a seu favor. Irei ajudá-la com isso também, senhorita Juliette.

— Tem sido uma grande amiga, Helen. Deve me chamar pelo meu primeiro nome, afinal entre amigas essas regras não se aplicam.

Helen estava feliz, de fato.

— Sim, está certa. Somos amigas, Juliette.



Gregor

Os grunhidos emitidos pelo escocês podiam ser ouvidos de muito longe. O suor escorria pelo peitoral esculpido e os cabelos estavam molhados devido ao esforço. Aquela fora a maneira que encontrara de descarregar toda a energia acumulada e de desviar seus pensamentos da falta que sentia de Juliette.

A clareira onde se encontrava era a mesma onde festejaram o *hogmanay* mais de um mês atrás e, desde que ela se fora, era para aquele lugar silencioso que ele ia acompanhado todos os dias quando se via livre das funções administrativas.

Cortar lenha.

Na companhia de seu machado.

Gregor sabia que sua resistência e força física já vinham aumentando devido ao estímulo que recebiam todos os dias; a princípio, ele apenas cortava o tronco e partia a lenha para aquecer o castelo. Um trabalho cansativo e extenuante. Porém, a prática realmente conduz à perfeição e, com o passar das semanas, Gregor se viu tentado a carregar o tronco todo para o castelo e despedaçá-lo apenas lá; e assim passou a fazê-lo.

Podia ver nítido na expressão de Ian a surpresa quando o viu entrar no pátio carregando o tronco; muitos escoceses o faziam, era verdade, PERIGOSAS ACHERON

havia até mesmo competições de arremessos de troncos grandes e largos. Porém, aos olhos de muitos ali, Gregor era mais inglês que escocês e, portanto, como um conde inglês, não deveria se dar ao trabalho, até mesmo seu irmão pensava assim.

Mas ele gostava. Sentia-se bem e evitava que pensasse.

O machado desceu outra vez sobre o tronco, finalmente separando a árvore da raiz; MacRae limpou o suor da testa com as costas da mão e se agachou a fim de pegar a madeira.

Com algum esforço, ele caminhou de volta para o castelo em seu ritual diário. O tronco foi largado no pátio e com seu machado em punho novamente, Gregor preparou a lenha.

Sabia que Davina o observava de perto. Assim como fizera todos os dias desde que ele começara com aquilo; sentia seus olhos cheios de malícia percorrendo seu corpo e sabia muito bem o

PERIGOSAS ACHERON

que ela queria.

Talvez devesse tomá-la. Se encarasse como um desafio, poderia tê-la em cada cômodo do castelo, em diversas posições e de maneira bruta e selvagem. Era exatamente o que ela queria e saber que poderia fazê-lo o deixava irado.

Porque não o faria.

O machado cortou o ar outra vez.

Poderia entrar nela quantas vezes quisesse. Talvez se o fizesse muito e repetidas vezes, deixasse de pensar em Juliette, esquecesse seu cheiro e os olhos sagazes e atrevidos.

Sentiu quando Davina se aproximou e parou ao lado dele.

— Deve estar cansado. Quer que eu lhe traga uma bebida?

— Obrigado, Davina, mas já vou entrar.

O olhar dela estava cravado em sua pele, acompanhando a gota de suor que escorreu de seu

peito, sempre descendo, até encontrar a bainha do *kilt*.

— Quer que lhe prepare um banho? Ou uma refeição?

Ele a olhou e tentou. Tentou mesmo sentir algum desejo, mas aquela maldita garota inglesa o havia estragado. Não estava apaixonado, claro que não. Porém, só conseguia pensar nela e em como estaria saindo-se na Inglaterra. Agora, para completar sua terrível situação, não conseguia se interessar pelo sexo que lhe era oferecido com tamanha espontaneidade. Talvez esse fosse de fato o problema; Davina era disposta demais e nunca representara nenhum desafio.

Juliette se oferecera de bom grado, mas o desafiava sempre, era petulante e senhora de si.

— Não preciso de nada. Agradeço a preocupação, mas pode deixar que me viro.

Ela concordou com um gesto e saiu, não

sem antes dirigir um último olhar luxurioso para ele.

Preciso saber como vão as coisas em Londres.

Gregor esperava que a distância já houvesse colocado algum juízo na mente de Juliette e que a essa altura ela já tivesse desistido da loucura que era a ideia de contrair matrimônio.

De repente, uma ideia se plantou em sua mente. Gregor lutou para apagá-la, afinal, nada disso era mesmo de sua conta. Porém, quem sabe se pudesse colher informações sobre ela e como as coisas caminhavam, poderia fazê-la desistir de casar-se e convencê-la a se converter em sua amante?

Talvez assim deixasse de pensar nela. O que estava sentindo por certo era algum tipo de necessidade puramente sexual, uma que infelizmente tinha apenas uma pessoa como alvo e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

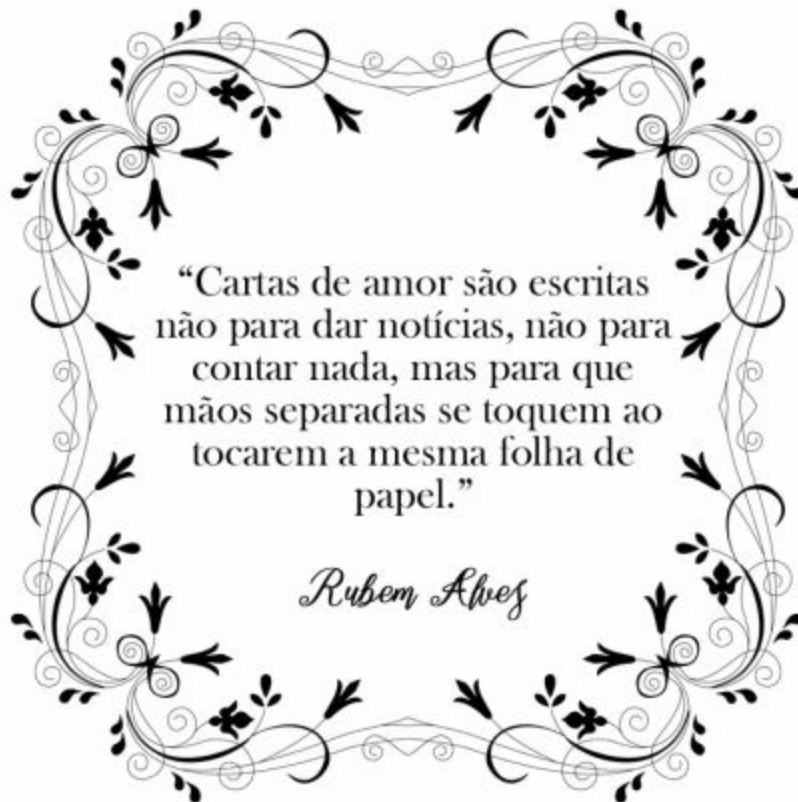
que não poderia ser suprida com outra mulher. Além dos ciúmes, isso ele admitia sentir; imaginá-la com outro homem estava tirando-lhe o sono.

Gregor largou o machado no chão e entrou no castelo; a porta de seu escritório — como o inglês dentro dele gostava de chamar — estava aberta e não se incomodou em fechar.

Pegou papel e tinta e começou a escrever uma carta endereçada a ela.

Seu sorriso era diabólico.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 09

DANDO AS CARTAS

Juliette

Duas cartas.

Juliette acabara de receber duas cartas e não sabia o que fazer com elas. Óbvio que ninguém deveria esperar mesmo que ela soubesse ler; sua mãe e irmã eram exceções dentre a classe social em que viveram a vida toda.

Mesmo em meio à nobreza, algumas mulheres não se davam ao trabalho de aprender a ler, mas vivendo ali, na casa de um duque, as pessoas pareciam ter se esquecido de onde ela viera, pois a deixaram sozinha na sala de desenho.

PERIGOSAS ACHERON

Estavam dando-lhe privacidade para ler sua correspondência. Para *ler*.

Um sentimento de impotência a dominou e Juliette se pegou analisando suas possibilidades; podia ficar quieta e fingir que tudo estava bem e que lera as cartas e dessa maneira perder talvez questões muito importantes. Podia também sacrificar seu orgulho — que ela própria reconhecia ser absurdamente grande — e pedir ajuda.

Juliette colocou as cartas sobre a mesa e sentou-se em frente ao cavalete, recomeçando sua pintura. Permitiu que as pinceladas a guiassem por um tempo e, por fim, afastou-se o bastante para analisar seu progresso. O resultado era desastroso; estava prestes a atirar o quadro no lixo quando duas batidinhas na porta a distraíram.

— Juliette? — Helen entrou.

— Estou aqui.

— Como foram as aulas de hoje com lady

Kenfort?

A moça sorriu.

— Deu tudo certo. Ela agora me estima muitíssimo, pois de acordo com suas palavras sou exímia no manuseio do leque.

— Que bom! Vamos treinar outras coisas esta tarde. — Finalmente ela notou a pintura — Olhe só! Está ficando muito bom, essa árvore talvez precise de mais verde. O animal descansa sob a sombra dela, mas quase não pintou folhas para que façam a sombra.

A expressão feliz de Juliette agora estava séria.

— É porque não é uma árvore, Helen.

Helen manteve o olhar fixo no quadro, mas sua boca se tornou uma linha fina e severa, nitidamente se repreendia mentalmente.

— Desculpe, não sei mesmo o que dizer, estava certa de que era uma árvore.

Juliette a observava com uma expressão incrédula.

— Pensou mesmo isso?

— Bom, sim. Mas uma árvore muito, muito bonita.

A jovem senhorita encarava a outra com ceticismo.

— Disse que faltavam folhas, Helen!

— Sim, mas estava enganada, afinal não é mesmo uma árvore.

— Não creio que possa ter confundido meu cavalheiro com uma árvore.

Helen estava dividida entre a franqueza e a pretensão de manter a amizade. Decidiu-se pela amizade.

— Um cavalheiro! Sim, agora tudo fez sentido.

— Claro, por que uma árvore estaria montada sobre um cavalo?

— Sim! Montada... Não faria mesmo sentido, acredito que deva chamar a duquesa para que possa ver sua pintura. O que acha?

— Claro! Chame-a então.

Instantes depois, a duquesa, que já fora prevenida por Helen sobre os escassos dons artísticos de Juliette, entrou na sala de desenhos ciente de que se tratava de um cavalheiro e não de uma árvore.

— Juliette, querida, deixe-me ver sua pintura.

Analizou em silêncio com o rosto impassível.

— Saiu-se muito bem, é mesmo um belíssimo cavalheiro, mas estive pensando... Dificilmente seus dons para a pintura serão testados e avaliados por um pretendente, mas existe algo que precisa aprender para que participe de alguns eventos. Infelizmente, teremos que abandonar a

PERIGOSAS ACHERON

pintura por algum tempo e focar na música. Gosta de piano?

Juliette continha-se para não rir e se entregar.

— Gosto muito, mas vamos desperdiçar meu talento para a pintura.

— Claro que não, poderá pintar em casa, sozinha, provavelmente em uma sala apenas sua. Poderá colocar seus quadros na propriedade de seu marido, de preferência em uma ala privada para que apenas os dois tenham o privilégio de vê-los. Então está decidido, fará aulas de piano.

Juliette esperou que as duas saíssem antes de começar a rir; tão sensíveis que não ousaram dizer a ela como seus desenhos eram horríveis. Porém, lembrou-se das cartas e foi atrás de Helen. Talvez, com um pouco de sorte, ela poderia ajudá-la. *Seria possível que ela soubesse ler?*

Encontrou-a em seu quarto, arrumando a

PERIGOSAS ACHERON

cama; seus novos lençóis de seda eram tão macios que Juliette corria o sério risco de não sair mais dali.

— Helen, quero perguntar uma coisa sobre seus... conhecimentos.

A outra ficou séria, apenas aguardando.

— Até que ponto eles vão? Quero dizer... Você sabe ler?

Helen fez apenas um muxoxo.

— A senhorita não?

— Não. Recebi duas cartas e nem mesmo sei de quem são. Estou bastante envergonhada e não gostaria que os outros soubessem.

— Isso é natural, Juliette, são raras as jovens de sua posição social que são alfabetizadas.

— Certo, da *minha* posição social.

Juliette deu ênfase à frase e Helen desviou os olhos.

— Pois bem, pegue as cartas que eu lerei e

PERIGOSAS NACIONAIS

depois vamos começar a mudar isso. Vou ensiná-la a ler.

Juliette começou a correr e saltar pelo quarto, animada com a novidade.

— Estás ciente de que nos eventos que irá frequentar não poderá agir de tal maneira, certo? — Helen a recordou, tentando dar um ar de severidade a voz.

— Preciso parecer e agir como uma estátua, sem espontaneidade e sem expressão.

— Exato. Tediosa, delicada e frágil.

— Chata.

— Em público? Sim. Mas, quando estiver a sós com o rapaz, deve mostrar a ele tudo aquilo que pode ser, no entanto, sem exagerar para não o assustar ou parecer leviana. E bom, sem intimidades neste momento inicial.

— Então seus conselhos são diferentes agora do que eram na Escócia?

PERIGOSAS ACHERON

— Claro que não. Jamais lhe dei conselho algum na Escócia. Se bem lembro, conversamos sobre isso e concordamos que eu não sei de nada, nunca soube e com certeza não a aconselhei a se aventurar um pouco, mas se tivesse dito alguma coisa, seria diferente agora, pois suas chances de fazer um bom casamento eram inexistentes. Já agora procura por um marido e não por um amante.

— Está certa, procuro mesmo por um cavalheiro diferente daquele bruto insensível e irascível.

Helen suspirou diante das palavras de Juliette.

— Mas e as cartas? Dê-me isso para que eu as leia. Depois posso respondê-las se me ditar as palavras certas.

— Aqui estão.

Juliette as entregou e aguardou impaciente que Helen quebrasse o selo da primeira.

— Hum, essa vem da Escócia.

Ela não queria que seu coração traiçoeiro disparasse diante das novas informações. Não queria sentir uma pontada de esperança de que ele houvesse mudado de ideia; definitivamente não estava em seus planos imaginar que talvez Gregor estivesse sentindo tanto a sua falta que a pediria em casamento. Porém, pensamentos e sentimentos, em sua maioria, são inevitáveis.

Helen compreendeu facilmente os pensamentos da amiga.

— Não é dele, Juliette. Quem escreveu foi lorde Ian MacRae.

— Óh, claro! — Não permitiu nenhum desapontamento em seu tom de voz. — Leia, então.

5 de fevereiro - 1836 Escócia

“Cara senhorita Smith, espero que sua estadia em Londres esteja sendo agradável e que suas aulas sejam produtivas.

Deve estranhar que eu decida me corresponder com a senhorita, mas algo me incomodou em sua partida. Tive a ligeira impressão de que talvez tenha concordado com os planos para seu futuro bastante contrariada. Afinal, parecia-me feliz e satisfeita mesmo sem se comprometer em um casamento.

Peço que me diga, se for o caso. Posso conversar com Wheston e convencê-lo a permitir que faça suas próprias escolhas.

As coisas por aqui vão muito bem. Gregor sai todas as noites, provavelmente mais até que a senhorita, e eu continuo na mesma vida simples de sempre.

Vou encerrar esta carta por aqui, mas aguardo por uma resposta sua.

Caso esteja estranhando muito o contato, saiba que a tenho em alta estima e a considero uma grande amiga.

P.S: Conheceu algum cavalheiro de seu agrado?

Lorde Ian MacRae.”

Ela estava consternada; não sentiria ciúmes daquele escocês bronco e estúpido, mas não podia permitir que ele pensasse estar à sua frente. Escreveria para Ian e contaria sobre sua vida agitada em Londres, pois estava certa de que Gregor ficaria a par de tudo.

— Que carta estranha — disse Helen. — Ele não tinha nada a dizer a respeito de si mesmo e não entendo por que pensaria que veio para Londres contra sua própria vontade.

— Também achei estranha. Pegue tinta e papel. Vamos respondê-lo imediatamente.

Helen acomodou-se na penteadeira de Juliette e, com o material em mãos, aguardou que Juliette ditasse as palavras.

28 de fevereiro - 1836 Londres

“Estimado lorde Ian, posso chamá-lo assim já que somos amigos, certo? Fico feliz que tenha resolvido me escrever e agradeço imensamente por sua preocupação com meu bem-estar.

No entanto, devo aliviá-lo de suas preocupações, essa estadia em Londres foi decidida com minha total aprovação e estou ansiosa pela próxima temporada. As aulas têm sido agradáveis e tenho aprendido muito. Talvez nem me reconheça quando nos encontrarmos novamente.

Fico feliz em saber que seu irmão continua a mesma pessoa divertida que não leva a vida a sério, no entanto, creio que se enganou. Sair mais que eu se mostraria uma façanha e tanto, pois somos convidados para jantares e festas todas as noites; nem posso imaginar como serão as coisas quando realmente começarem os eventos dentro de alguns meses.

Estou deveras muito feliz e espero tê-lo tranquilizado quanto à minha infelicidade, ela não existe.

P.S: Conheci um duque maravilhoso e concedi a primeira dança em meu baile de apresentação a ele.

Atenciosamente,

Senhorita Juliette Smith.”

— Prometeu mesmo sua primeira dança ao duque?

— Não, apenas uma dança, não a primeira em especial.

Helen sorriu.

— Acredita que ele irá contar a lorde Gregor, não é?

— Certamente que sim; acredito que ele pode até mesmo ter escrito a mando dele.

— Hum, isso faria mais sentido mesmo. —
Helen ficou pensativa.

Juliette caminhava pelo quarto, pensando se esquecera de mencionar alguma coisa, mas achou melhor, em um primeiro momento, não entrar em muitos detalhes para não ser pega em uma mentira, afinal, desde que chegara a Londres, os únicos jantares aos quais comparecera foram dentro da mansão ducal e sem convidados; até que estivesse pronta.

— Posso ler a outra carta?

Juliette havia até mesmo se esquecido dela.

— Claro, de quem é?

— De seu cunhado, o marquês.

— Certo, leia então.

22 de fevereiro, 1836 - Mansão Wheston

“Estimada Juliette,

Trago apenas boas notícias. A reforma da casa para seus pais terminou e eles estão adaptando-se muito bem ao novo lar; contratamos vários criados para auxiliá-los no cotidiano e para

realizarem as tarefas domésticas. Sua mãe passa os dias lendo e, por vezes, movem-na para a porta para que sinta o ar benéfico do campo e admire o jardim belíssimo que Nicole pediu que plantassem em frente a casa.

Seu pai tem trabalhado em uma horta, plantando legumes, e parece bastante saudável e feliz. Jantamos juntos ao menos uma vez na semana.

Queremos saber como está tudo por aí, Caroline deve estar ajudando-a com a carta, pode pedir a ela que nos escreva contando tudo que você tem feito e aprendido?

As boas notícias não têm fim! Preciso lhe contar que sua irmã fez de mim o homem mais feliz do mundo todo e Cecília está radiante. Tente imaginar o que ela poderia ter feito para que nos sentíssemos assim antes de ler as próximas linhas.

Conseguiu?

Sim, vamos ter um filho! Nicole não estava sentindo-se bem desde que retornamos da viagem e pedi que o médico viesse vê-la; ele confirmou nossas suspeitas e o bebê deve nascer em outubro ou novembro. Foi rápido e mágico, assim como nossa relação.

Decidimos que iremos todos passar uns tempos aí para que Nicole tenha a melhor assistência e também para estarmos por perto no momento em que for debutar, mesmo que não possamos comparecer. Infelizmente, a sociedade é muito rígida com as mulheres em estado avançado que aparecem em público e Nicole não pode se irritar.

Desejando que esteja bem,

Marquês de Wheston

Mathew Calston.”

Juliette não ouvira mais nada depois da notícia de que seria tia novamente; afinal, já

considerava a pequena Cecília como sobrinha legítima. Mais uma vez se viu saltando pelo quarto em uma clara demonstração de felicidade e de sua excentricidade.

— Eles vão ter um bebê, Helen! Pode imaginar que coisa mais linda será?

Helen acenava afirmativamente, já pegando mais papel a fim de escrever a resposta animada e de felicitações que certamente seria ditada pela amiga.



Gregor

21 de março, 1836 - Escócia

A carta dela havia finalmente chegado e ele devorara cada palavra como se fosse um prisioneiro faminto há dias que, de repente, via-se diante de algumas migalhas, mas não seria nada espantoso se

a refeição lhe desse indigestão.

Um duque. Maravilhoso.

Suas entranhas se reviraram com o pensamento.

Porém, por certo que um duque deveria ser um homem idoso; não era exatamente uma regra, mas geralmente para se conquistar esse título não podia tratar-se de um rapaz. Então, lembrou-se de Wheston. Quando, em alguns anos, o duque Leopold viesse a falecer, o marquês seria nomeado duque e ainda era muito jovem. Mas Juliette não era nobre, uma família tão tradicional não aceitaria que o homem tomasse por esposa alguém que não viesse de uma linhagem igualmente nobre.

Isso. Não havia ainda motivos para alarde. O tal duque provavelmente fora apenas cortês ou então era um velho senil que Juliette não aceitaria por marido. Estava ciente, porém, de que a beleza dela poderia facilmente desestabilizar um homem e

PERIGOSAS ACHERON

fazê-lo perder de vista meras convenções sociais. Ainda era um risco.

Não queria receber outra carta dela em um ano convidando-o para seu casamento. Gregor sabia que Juliette era um tanto quanto determinada em suas vontades e poderia ter o mundo na palma das mãos se assim desejasse e se tivesse o incentivo certo. Se ela insistisse naquela insanidade... Bem, ele teria que ir a Londres a fim de lembrá-la de como eram bons juntos. Era uma ideia que a cada dia parecia mais fixa em seus pensamentos; Gregor queria vê-la, precisava tê-la nos braços outra vez e acabar de uma vez por todas com a idealização que a moça tinha do matrimônio.

Juliette vinha de uma família na qual os pais se amavam nitidamente, permaneceram amando-se por todos esses anos, talvez fosse por isso que havia se tornado tão crente no amor duradouro e nos laços inquebráveis, mas Gregor tomaria para si

PERIGOSAS ACHERON

a responsabilidade de lhe abrir os olhos.

A vida a dois, quando duas pessoas de almas e mentes tão distintas estão irremediavelmente ligadas uma a outra, não é nada parecida com um jardim florido, é muito mais semelhante às ervas daninhas que crescem, fincando raízes de amargura por todo lado, até que um, ou os dois, sufoque.

São expectativas que uma parte coloca sobre a outra e que, quando não atingidas — quase sempre —, destroem a bolha de esperança e fé de que algo de bom realmente venha nascer de uniões arranjadas, forçadas ou incentivadas.

A única chance, bem remota, de se encontrar a felicidade em uma relação conjugal é quando o amor precede a união, quando a ligação não é imposta e sim uma escolha, como Juliette vira ocorrer recentemente com a irmã; o que obviamente resultara em mais sonhos tolos de que

o mesmo destino a pudesse aguardá-la. Porém, Gregor sabia que as chances estavam contra ela, contra todos, na verdade; os que encontravam algo assim eram seres raros e que viviam em um patamar diferente dos humanos comuns que se ressentiam de suas tediosas vidas.

Mas a paixão...

Ah, essa era real e podia atingir a todos os homens e mulheres e, quando avassaladora, durar por um bom tempo. O sexo intenso e a compatibilidade de um casal nos momentos de intimidade podiam ser ainda melhores que toda a baboseira de amor verdadeiro. Juliette estava jogando tudo fora por ilusões infantis.

Jantares e festas todas as noites.

Ora essa. A temporada nem mesmo havia começado e ela já estava assim. Como Wheston pudera deixá-la em Londres sem supervisão? Lady Caroline por certo incentivaria todo tipo de

PERIGOSAS ACHERON

disparate e a duquesa... bom, era quase uma múmia. Tudo bem, talvez ainda tivesse domínio de suas faculdades mentais, mas estava velha demais para acompanhar o ritmo de Juliette, que por certo estava saindo sozinha, tendo apenas a criada por companhia. Criada essa que, pela juventude e beleza, também atrairia atenção.

Elas eram um perigo ambulante.

Estava certo de que era mesmo seu dever ir para Londres e vigiá-la de mais perto para que nada de mau acontecesse àquela desmiolada, mas ele precisava de um motivo plausível e, por ora, não o tinha. Precisava impedi-la de se meter em um casamento horrível, de desgraçar a própria vida e a de outros junto.

Não podia aparecer por lá sem motivos, mas, quando enfim a temporada começasse, estaria no encalço de Juliette. Apenas por preocupação, claro. E se isso lhe rendesse uma amante ardente,

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

que o fitasse com aquele olhar terno e atrevido, bom, não havia porque recusar.

Com os pensamentos ordenados, Gregor se preparou para responder à carta de Juliette, esperando que Ian jamais descobrisse que estava usando seu *santo nome em vão*.

— O que está fazendo, *vossa graça*?

Gregor se assustou ao ouvir a voz de Ian tão próxima.

— Correspondências cansativas e maçantes, apenas isso.

Ian o fitou um pouco desconfiado e encheu um copo de uísque.

— Certo. Sabe que sua aparência está um tanto quanto desgrenhada, não sabe? Até mesmo para um escocês.

— Não tenho tempo para essas tolices, Ian.

— E a história de lenhador? Parou com aquilo? — provocou.

PERIGOSAS ACHERON

— Claro que não. Precisamos de lenha.

Ian o encarou demoradamente antes de voltar a falar:

— Temos lenha cortada para três invernos e o bosque está ficando despido. Se sente tanta falta da menina, fique com ela; um de nós precisa mesmo se casar e assegurar a linhagem.

— Ian, não nascemos para o matrimônio. *Um de nós* será você e é bom que arrume uma jovem que não se importe com suas indiscrições desde que possa fazer bom uso de seu dinheiro. Não queremos outra mulher ressentida por aqui. E não se esqueça, uma mulher daqui, por favor.

O silêncio de Ian era ainda mais perturbador que suas palavras irritantes.

— Greg, isso de maldição não existe. Não precisa ser como nossos pais.

— Um escocês que não acredita em

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

maldições, Ian?

O rapaz balançou a cabeça, desistindo de convencer o irmão, e caminhou de volta para a porta.

— Acredito em muitas coisas, mas não creio que papai fosse vítima de uma maldição. Ele fez as próprias escolhas e nós também faremos as nossas. Se não quer se casar com a moça ou com qualquer outra, não se case, mas não jogue a culpa nessa tolice de maldição.

Ele saiu e Gregor encarou por um longo tempo a porta por onde passara, perdido em meio as lembranças que preferia esquecer.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 10

BAILANDO

Juliette

Os dias passavam em uma velocidade alarmante e, enquanto os meses transcorriam, Juliette aprendia a ser e se portar como uma legítima dama bem-nascida.

Durante sete longos meses, ela se preparou, teve aulas de etiqueta infindáveis, ensinamentos sobre dança que, a princípio, foram torturantes e, depois, finalmente deixaram de ser; equitação e piano em dias específicos da semana — seus favoritos — e, em seguida, as aulas de Helen.

Com aquela que agora se tornara sua grande

PERIGOSAS ACHERON

amiga, Juliette aprendera a ser tímida e recatada nos momentos adequados, bem como sedutora e irresistível em outros, dominara o flerte inocente em pouco tempo e sabia ser arrebatadora e dócil em igual medida.

Helen lhe ensinara a ler e escrever e logo Juliette passou a preparar a própria correspondência. As cartas de lorde Ian chegavam com frequência e a moça passou a ansiar por suas palavras e pelo humor ácido que ele demonstrava em suas conversas. Verdade seja dita, Juliette não o achara tão engraçado pessoalmente.

Contava a ele sobre seus progressos, mas nunca entrando em detalhes que podiam ser compartilhados com *terceiros* e ele sempre falava mais de lorde Gregor do que de si próprio; o que Juliette ainda achava muito estranho e ao mesmo tempo terrivelmente reconfortante, pois de uma maneira um pouco ridícula, adorava ter notícias

dele.

Também passou a se corresponder com a irmã, que ficara exultante ao descobrir que Juliette agora dominava a escrita e que podiam se comunicar livremente sem que outros lessem as confidências familiares.

Até mesmo seu penteado estava diferente. Usava agora os cabelos cacheados, mesmo odiando mantê-los assim; afinal, tudo para se adequar à sociedade que planejava conquistar.

Faltavam apenas dois meses para que a temporada fosse aberta. Lady Caroline e lorde Albert decidiram levar Juliette até a ópera, o melhor lugar para que uma moça tivesse sua primeira aparição, e ainda assim o mais seguro. Ali ela correria poucos riscos de cometer uma gafe, afinal o único momento em que poderia desfrutar da companhia de outras pessoas seria no intervalo entre os atos e, se cometesse algum deslize, teriam

ainda algum tempo para aprimorar o comportamento.

Juliette se vestiu com esmero e, acompanhada pelos Devon, pelo duque e a duquesa de Morph, assistiu à sua primeira ópera. Não viu nenhum rosto conhecido, mesmo porque não tinha amigos ali, mas foi vista por muita gente e logo todos já comentavam sobre a nova protegida dos nobres e irmã da nova marquesa de Wheston.

Por tudo que podia se dizer, foi uma noite memorável e positiva; nenhum comentário maldoso a respeito dela foi ouvido, todos exaltavam a beleza e simpatia da jovem. Quanto às preocupações de Juliette com seu comportamento e com as impressões que causaria, foram todas esquecidas logo que os atores tomaram o palco e a música teve início.

Juliette sentiu-se arrebatada pelas vozes e apaixonada pelas palavras desconhecidas; apesar de

PERIGOSAS ACHERON

não compreender nada do que era dito, ao final do primeiro ato, tinha lágrimas nos olhos.

— Lady Caroline, em que idioma eles cantam? É maravilhoso! — questionou sem se conter.

A condessa, que era apreciadora de ópera desde que podia se recordar — mesmo que em certos momentos de sua vida tenha quase cometido um ato abominável em um destes camarotes —, sorriu contente ao perceber o interesse genuíno.

— Italiano, querida.

No dia seguinte, um professor foi contratado para ensinar a nova língua à jovem dama.

Assim, na semana que antecedia seu primeiro baile, Juliette já formava algumas frases em italiano e francês e dominava em todos os aspectos a comunicação em inglês; para uma moça do campo, que pouco tempo antes não sabia ler ou

PERIGOSAS ACHERON

escrever, estava saindo-se muitíssimo bem.

Enfim chegara o grande dia; o marquês de Wheston, a esposa e a filha haviam chegado a Londres poucos dias antes e decidiram que ficariam hospedados na mansão ducal para que estivessem a par de todos os avanços.

Nicole mal andava devido ao peso da enorme barriga e o bebê nasceria a qualquer momento. No entanto, apesar de ser recomendado repouso absoluto, ela caminhava por todos os lados, acompanhando as peraltices de Cecília. Mathew perseguia-as de perto, preocupado e atencioso, e as risadas deles podiam ser ouvidas de onde Juliette estava, em seus aposentos.

Com tantas novidades e mudanças, a última coisa que deveria passar pela mente da senhorita Smith era a preocupação com o baile, mas era apenas isso que dominava seus pensamentos.

E se ninguém a tirasse para dançar?

Enquanto Helen a ajudava a se vestir, foram interrompidas por uma batida fraca na porta.

Lady Caroline colocou a cabeça para dentro.

— Óh, Juliette, como estás linda! Não há dúvidas de que irá arrebatá-los todos os cavalheiros solteiros. Albert e eu estaremos lá e ele se dispôs a tirá-la para dançar, precisamos demonstrar nosso apoio a você publicamente e logo os rapazes farão fila para cortejá-la. Concorda comigo, senhorita?

— Ela se dirigia a Helen, que terminava de fixar várias pérolas no penteado rebuscado da outra.

— Claro que sim, condessa. Juliette... Quero dizer, a senhorita Smith conquistará a todos.

Lady Devon sorriu.

— Não precisa usar de formalidades apenas porque estou aqui, sei bem que são amigas. Qual seu nome mesmo?

— Helen, senhora.

Lady Caroline a estudava com indisfarçada curiosidade.

— Helen. E seu sobrenome, Helen?

A moça desviou os olhos, mas Juliette, percebendo o movimento, apressou-se a sair em seu auxílio.

— Acha que este vestido é mesmo o adequado? Talvez seja uma cor muito apagada.

Lady Caroline dirigiu ainda um último olhar intrigado a Helen, mas desviou os olhos para Juliette a fim de responder a pergunta.

— Sim, querida. Creio que em sua estreia o melhor seja usar cores mais discretas, mas escolhemos muitíssimo bem, dentro das possibilidades. Estás encantadora! Pensando bem, creio que seus amigos ficarão chocados ao vê-la tão diferente, parece que nasceu em meio à nobreza.

— Obrigada, mas não tenho amigos aqui além de vocês.

A expressão de inocência no rosto da condessa era tão convincente que Juliette não sabia se ela estava ciente do que suas próximas palavras a fizeram sentir.

— Ainda não lhe contaram? Seus amigos da Escócia estão aqui; lorde Gregor e lorde Ian MacRae. Disseram ter vindo em razão do nascimento do bebê, mas conseguiram convites para o baile e vão poder prestigiá-la.

Juliette estava certa de tê-lo esquecido, ao menos até aquele momento ela tinha consigo essa convicção. Os meses de distância entre eles trataram de apaziguar o furor em seu coração e agora tudo o que havia restado era indiferença. Sim, ela estava certa de que não se alteraria em nada ao vê-lo.

Em segundos de introspecção, analisou friamente o que sentia ao saber que, em breve, estariam no mesmo ambiente e a única coisa que

PERIGOSAS ACHERON

encontrou dentro de si foi um orgulho inabalável. Ele iria testemunhar seu sucesso e engolir uma a uma cada palavra que dissera a seu respeito.

— Que atenciosos. Tenho certeza de que lorde Wheston ficará feliz em vê-los.

— Estou certa de que sim. Estão hospedados na residência do conde, mas devemos encontrá-los logo mais. Está pronta para irmos?

— Claro que sim, nunca estive mais pronta. Helen, pegue meu leque, por favor.

A moça buscou sobre a penteadeira um leque trabalhado em renda, que era a combinação perfeita para o vestido; a saia era amplamente armada e cravejada de pérolas. As debutantes se apresentavam em seus bailes como princesas e os vestidos eram como suas próprias coroas.

Juliette se sentia linda. Estava pronta para desbravar o território até então desconhecido, entendia seus pontos fortes e aprendera com Helen

PERIGOSAS ACHERON

a camuflar os fracos; aceitara que o caminho mais fácil para conseguir um marido era dominar sua língua ferina e ela o faria. Seria a dama perfeita que todos os homens desejavam, dando mostras de sua verdadeira personalidade apenas quando encontrasse o cavalheiro adequado, que poderia vir a amá-la um dia e então ela poderia mostrar sua verdadeira natureza.

Descendo as escadas, encontrou todos à sua espera, mesmo aqueles que não iriam ao baile, como Mathew, Nicole e Cecília. Estavam ali para ter um vislumbre de como ela estaria em sua apresentação. Um frio percorreu sua espinha. Era por cada um deles, além de seus pais, principalmente, que ela fazia aquilo, todo o esforço para aprender a se portar e a dominar sua personalidade impulsiva. Não iria decepcioná-los.

A duquesa de Morph e o duque Leopold a esperavam próximos à porta e por mais que fossem

PERIGOSAS ACHERON

costumeiramente mais sérios, Juliette viu quando os dois lhe sorriram em aprovação.

O conde Albert estava próximo de lady Wheston e logo lady Caroline se juntou a ele. A marquesa já tinha os olhos cheios de lágrimas e não demorou para que elas comesçassem a escorrer por seu rosto.

— Minha irmãzinha, nem acredito que isso está mesmo acontecendo. Estás tão linda, Juliette, tão senhora de si. Porta-se como uma verdadeira dama e tenho certeza de que tudo irá correr muitíssimo bem.

Juliette dirigiu seu sorriso mais doce para Nicole, aproximou-se e colocou a mão sobre o volume arredondado de sua barriga — certamente era ele o responsável pelas lágrimas também.

— Claro que sim, estou pronta, minha irmã. Foram longos meses de aprendizagem, muito tempo para me preparar e nenhum tipo de fofoca

PERIGOSAS ACHERON

sobre minha posição social irá me desestabilizar.

Olhando bem para a irmã, Nicole teve certeza de que ela estava falando sério; parecia intocável, tão linda e ativa quanto uma princesa. Ninguém a deteria. Mesmo assim, sentiu que as palavras de Juliette pareciam fazer referência a uma batalha e não a um baile.



A carruagem os conduziu até o baile no *Almack's*. Todos desceram e caminharam com ela rumo às grandes portas de entrada. Ao observar todas as demais moças e suas famílias, todos os cavalheiros bem-nascidos e todo aquele *teatro* disfarçado de baile, pois na verdade nada mais era que um mercado onde as famílias expunham suas mercadorias para troca e venda, Juliette sentiu sua autoconfiança minar um pouco,

mas obrigou-se a manter a coluna ereta e o rosto erguido.

Quando adentrou o grande salão de baile, certificou-se de que estava bem acordada; tudo ali era magnífico, muito além do que sua imaginação haveria concebido. Tanto brilho que parecia irreal, um sonho talvez. Por mais que nunca tenha sido o seu, desfrutaria de bons momentos.

Arranjos de flores espalhados por todo o salão perfumavam o ambiente e o cheiro era magnífico, os lustres de cristal pendiam do teto iluminando os semblantes dos membros da *ton*; Juliette não sabia como conseguira o passe livre para o *Almack's*, mas tinha certeza de que as pessoas ao seu lado fizeram mais que apenas pedir que as matronas a aceitassem, provavelmente aquilo lhes custara um bom dinheiro.

Após cumprimentar as senhoras responsáveis pelo clube, Juliette caminhou até onde

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

as demais moças estavam enfileiradas e ficou ali na companhia de lady Caroline.

Seu temor aumentava a cada instante.

E se além do duque Leopold e do lorde Albert ninguém a tirasse para dançar?

Se não fosse requisitada por nenhum jovem solteiro, seria seu fim antes mesmo de ter seu começo.

Enquanto ela ainda se atormentava com tais pensamentos, uma figura imponente se aproximou; usava uma casaca preta muito bem ajustada e as calças em um branco impecável, as botas lustradas eram quase como um espelho e, antes de discernir quem era o cavalheiro, Juliette pôde notar que uma tensão se espalhou por entre as moças.

Estavam apreensivas esperando para saber a quem ele se dirigiria, quem poderia valsar em seus braços. Porém, logo que o rosto ficou visível, Juliette o reconheceu.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele está vindo para cá, Juliette! — Lady Caroline estava eufórica.

Quando finalmente lorde Sebastian Cavendish se deteve de frente as duas, Juliette soltou o ar que estava prendendo; ao menos alguém — alguém importante, diga-se de passagem — a tiraria para dançar.

— Encontramo-nos outra vez, senhorita Smith. — Ele curvou-se em uma reverência perfeita. — Condessa — cumprimentou lady Caroline.

A jovem notou que agora era o centro das atenções, não apenas dele, mas de todas as outras moças que se questionavam sobre quem ela seria, e o que teria feito para atrair a atenção do solteiro mais cobiçado de Londres, o duque de Devonshire.

— Lorde Cavendish, é um prazer revê-lo.

Juliette abaixou-se, retribuindo o cumprimento.

PERIGOSAS ACHERON

— Espero que tenha se lembrado de que me reservou uma dança.

Juliette sorriu para ele, o leque aberto diante do rosto, e não pode deixar de imaginar como Helen se orgulharia dela se a visse.

— Claro que sim, milorde. Pode marcar seu nome em meu cartão.

Estendendo o cartão para ele, que prontamente deixou sua assinatura logo na primeira valsa, Juliette aguardou.

Sebastian Cavendish dirigiu a ela um último sorriso e devolveu-lhe o cartão, distanciando-se em seguida sem dedicar maiores atenções a nenhuma das outras debutantes. Lady Caroline o observou se afastar e, então, cuidando para não ser ouvida, dirigiu-se a Juliette.

— Querida, não acredito que ele reservou a primeira valsa! Isso demonstra claramente que está interessado em você. Poderia ter pedido uma

PERIGOSAS ACHERON

quadrilha, mas não o fez.

Juliette sorriu. Era bom que ele estivesse interessado. O duque era de fato um homem muito bonito e exatamente aquilo de que ela precisava, ao menos aparentemente.

— Se está interessado não sei, mas ao menos dançarei com alguém que não seja casado nesta noite.

Lady Caroline não respondeu de imediato, tinha a atenção concentrada atrás de Juliette, assim como todas as jovens no salão.

Juliette sentiu que a atmosfera mudava, o ar se tornou mais denso, não de maneira literal, claro, mas talvez a sensação se devesse ao fato de que se ouvia apenas um piano ao fundo, todas as conversas e risadas altas foram resumidas a cochichos e risinhos baixos.

Não foi necessário que olhasse para trás. Apenas um homem que conhecia poderia causar

PERIGOSAS ACHERON

aquele alvoroço entre as jovens damas, apenas um fazia com que seu coração idiota disparasse indevidamente. Reuniu toda sua força de vontade e determinação mais uma vez e chamou lady Caroline novamente, decidida a ser indiferente.

— Condessa? Ouviu o que eu disse?

Lady Caroline olhou para ela de cima a baixo, conferindo sua aparência e, então, sorriu satisfeita.

— Eles vão ficar pasmos.

— Eles? — Fez-se de desentendida.

Antes que a condessa pudesse responder, uma voz grave se fez ouvir bem atrás dela. A mesma voz que antes lhe despertava um desejo feroz, a mesma que proferira insultos que a magoaram profundamente na última vez que a ouvira, mas não agora.

Agora, a única coisa que o som da voz dele poderia lhe causar era raiva e um orgulho absurdo

PERIGOSAS NACIONAIS

que fazia com que Juliette desejasse provar a ele como errara sobre ela, mostrar-lhe que agora ela dominava o jogo. Claro que algum tremor era natural, sentir o sangue fervendo nas veias... Puro ódio, óbvio.

— Lady Caroline, que surpresa agradável encontrá-la aqui.

Ela continuava de costas para ele, como se distraída com alguma coisa.

— Surpresa? Onde mais eu estaria no dia da apresentação de Juliette, lorde Gregor?

— Claro, tens toda razão. Onde ela está? Não a vejo em parte alguma.

Era possível que ele realmente não a tivesse reconhecido?

Bom, levando em consideração suas roupas, o penteado e até mesmo a postura, não seria impossível. Além disso, ele não havia visto seu rosto.

PERIGOSAS ACHERON

Virando-se de frente, deu a ele a oportunidade de ver seu rosto. Juliette percebeu quando a surpresa definitivamente tomou conta dos olhos de Gregor, aqueles olhos estupidamente azuis e, em seguida, quando o olhar do escocês percorreu todo seu corpo, causando-lhe um arrepio que não sentia há meses.

— Lorde Gregor MacRae, que inesperado.

Nenhuma palavra saiu da boca dele, tamanha era sua surpresa. Então, ela notou Ian logo atrás do irmão, calado, e sorriu satisfeita por ver aquele que agora considerava um grande amigo.

— Lorde Ian! Como vai? Estava decidido a fazer-me uma surpresa, suponho. Não me contou que viria.

Ian MacRae estranhou o comentário, seu semblante transmitia isso, e Juliette se repreendeu por dizer aquilo. Talvez ele não quisesse que o irmão soubesse de suas correspondências, ou então

apenas acreditasse que não lhe devia mesmo nenhuma explicação.

— Hum, sinto muito, senhorita Juliette. Nossa decisão foi de última hora e eu mesmo resolvi vir apenas depois que Gregor me informou que estava partindo para a Inglaterra.

— Óh, sim, compreendo. Como estamos sendo rudes, este é lorde Ian MacRae, irmão de lorde Gregor e meu bom amigo — disse, apresentando-o à lady Caroline. — E esta é a condessa de Devon e irmã de lorde Wheston, lady Caroline.

Ian fez uma reverência e só então Juliette entendeu o porquê de todo aquele alvoroço com a presença deles. Jamais imaginara que seriam ambos capazes de tal coisa. Como se fosse completamente natural, os irmãos MacRae ostentavam *kilts* em meio a um salão de baile lotado *e inglês*.

Claro que eles eram membros do clube, sua

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

herança familiar garantiria isso, mas nesta noite eram muito mais escoceses que ingleses. Juliette nunca havia visto Gregor tão imponente. *Ao menos não vestido*, ela pensou.

Os meses havia feito mudanças significativas na aparência de Gregor, assim como fizeram na dela. Ele estava muito mais forte, a casaca preta muito justa ressaltava os músculos, a pele mais bronzeada como se de fato passasse muito mais tempo ao sol.

Os irmãos ali, juntos, eram mais que a decência e o decoro deveriam permitir. Mas, ainda assim, eram homens solteiros, ricos e nobres e, portanto, elegíveis como maridos em potencial.

Apenas então ela percebeu que Gregor não dissera nenhuma palavra desde que ela se virara e compreendeu que causara um efeito e tanto. O mesmo efeito que sonhara causar por muitas noites, após se deitar.

PERIGOSAS ACHERON

A orquestra se posicionou e Juliette percebeu que finalmente o baile teria início, os outros ao redor pareceram notar a mesma coisa e rapidamente os casais começaram a se formar.

Gregor notou a movimentação e como quem desperta de um transe, dirigiu a ela aquele sorriso ensaiado, não os espontâneos que Juliette já conhecia, mas aquele que oferecia a todas as pessoas. O sorriso libertino que corrompia até mesmo as mulheres mais santas ou as devotadas a Deus.

— Senhorita Juliette, estás encantadora. Gostaria de dançar comigo?

Juliette sorriu diabolicamente.

— Obrigada, lorde Gregor, mas terei que declinar de seu convite.

De maneira que deixaria Helen orgulhosa, fechou seu leque com rispidez.

— Acredito que esteja ciente da
PERIGOSAS ACHERON

importância de sua primeira dança, seria perturbador que ficasse esquecida em um canto.

O sorriso continuava nos lábios dela, mas antes mesmo que pudesse responder a ele, avistou lorde Cavendish abrindo caminho por entre as pessoas aglomeradas ali perto.

O homem alto e elegante parou diante dela e dirigiu um olhar de reconhecimento para Gregor.

— MacRae, não o vejo há muito tempo.

— Cavendish — cumprimentou Gregor.

Sebastian então se voltou para ela.

— Senhorita Juliette, creio que essa dança é minha.

Ela depositou a mão enluvada na dele, que espelhando o gesto da primeira vez em que se encontraram, depositou um beijo ali. Em seguida, conduziu-a para a pista de dança.



Gregor

Tivera que usar de toda sua influência para conseguir um convite para Ian, afinal ele não era frequentador dos eventos da *ton* e por mais que tivesse o mesmo nascimento que ele, jamais se importara com estes bailes; inoportunamente, justamente nesse o irmão decidira acompanhá-lo.

Estava ciente de que causariam uma comoção se entrassem ali vestindo seus trajes típicos, mas era exatamente o que Gregor queria. Precisava que Juliette percebesse como ele era o oposto daqueles almofadinhas interessados apenas em dinheiro e uísque barato.

Juliette não era estúpida, perceberia que por mais que não estivesse oferecendo amor e casamento, ele a desejava por inteiro. Não apenas seu corpo, mas sua personalidade única, sua sagacidade e seu temperamento, que qualquer um

PERIGOSAS ACHERON

daqueles homens tentaria calar.

Então se vestiu com esse intuito: provocar lembranças, despertar desejo, surpreendê-la. Porém, fora ele o surpreendido.

Avistou lady Caroline logo que entraram; ela conversava com uma das debutantes e Gregor decidiu cumprimentá-la, afinal de contas provavelmente saberia onde estava Juliette.

Quando a jovem se virou e ele a reconheceu, um choque percorreu seu corpo. Ela estava deslumbrante.

Os cabelos estranhamente presos no alto da cabeça, cachos emolduravam seu rosto, o vestido branco trabalhado em pérolas; que faziam com que ela parecesse brilhar, o decote quadrado que cobria os seios e deixava entrever o colo, que emoldurava suas formas curvilíneas de tal maneira que o tentava a tomá-la nos braços ali mesmo, saciando a falta que sentia dela.

O que mais o surpreendeu foi sua postura, o comportamento, a maneira de falar e agir. Era como se fosse outra pessoa. O tom de voz baixo, comedido, totalmente errado para ela. Não era natural.

O sorriso que era tanto sensual quanto tímido. *Ensaiado*.

Diante dele estava uma Juliette diferente daquela que estivera em sua cama meses antes, estava ali uma mulher que não apenas seria aceita na sociedade como a teria em suas mãos; mesmo assim, ele não gostou do que viu. Estava linda, era um fato, mas algo o incomodava.

O domínio que ela facilmente exerceria sobre aquelas pessoas era certo. Suas ideias se confirmaram quando pouco depois de rejeitá-lo, ela dirigiu-se à pista de dança acompanhada de lorde Sebastian Cavendish.

Um delicado aroma de frutas cítricas o

PERIGOSAS ACHERON

alcançou; até o perfume era novidade.

— Não é incrível? Um duque em sua primeira valsa. — A condessa de Devon compartilhou o pensamento com ele.

— Um duque? Cavendish? Eu não diria que é um duque, ainda não.

Lady Caroline o fitou e sua expressão transmitia surpresa.

— Então não soube? O velho duque faleceu tem mais de um ano,

Gregor mal podia acreditar no que seus olhos viam. A mesma menina que se recusara a dançar no *hogmanay* por ser desengonçada para as danças escocesas, agora valsava pelo salão como se flutuasse.

Os braços do duque ao redor dela. *Os braços do duque.*

Os olhares que ela direcionava a ele, tão ternos. *Juliette estava corando?* Então, ela levantou

os olhos para Sebastian timidamente e piscou; os cílios charmosamente se fecharam e se abriram, os olhos verdes o olhavam com uma timidez imprópria dela. Então, como em um estalo, ele compreendeu.

Estava flertando.

Juliette não flertava, era direta, sabia bem o que queria e corria atrás; talvez ele devesse ser grato por ela não querer de Sebastian as mesmas coisas que quisera dele. Porém, talvez agisse de outro modo por querer do duque muito mais que um dia ousara esperar dele.

Cavendish vinha de uma família tradicional e respeitável, certamente se casaria com uma herdeira, mas Juliette agora possuía mais dinheiro que muitas herdeiras, seu dote era inestimável e bem... Ela era o oposto de todas as mulheres que vinham tentando conquistar Sebastian ao longo dos últimos anos. O duque poderia sucumbir aos seus

PERIGOSAS ACHERON

encantos, afinal, quem resistiria a ela? Ele próprio, se não carregasse uma maldição tão grande sobre si e sobre sua família, talvez, *talvez*, houvesse se rendido.

Sebastian aproximou os lábios do ouvido dela e disse alguma coisa que a fez sorrir sedutoramente, um sorriso que antes fora direcionado apenas a ele.

Qual interesse um homem como aquele poderia despertar em uma mulher como Juliette? Ela precisava de alguém que a desafiasse, que fizesse frente a ela e que correspondesse aos seus desejos e ao fogo que a moça escondia tão bem.

Cavendish não era páreo para ele, o rapaz a convidaria para um piquenique no *Hyde Park* e Juliette se daria conta de que não nascera para aquela pacata vidinha inglesa.

— Seja mais sutil, meu irmão. Estou certo de que a força de seu olhar a fará tropeçar a

PERIGOSAS ACHERON

qualquer instante.

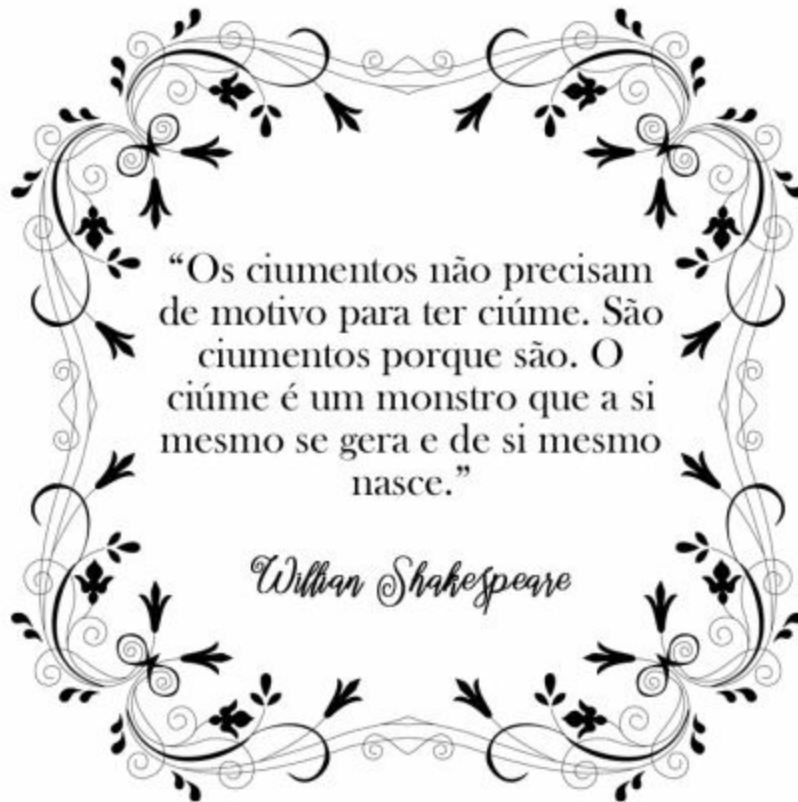
Apenas olhou para Ian, contrariado; a dança terminara e eles estavam retornando. Não perderia a oportunidade de conversar com ela a sós, então antes que alguém a tirasse para outra dança, perguntou precipitadamente.

— Senhorita Juliette, gostaria de ir vê-la amanhã de manhã.

Ela lhe sorriu, o mesmo sorriso impessoal que dirigia a todos os outros, diferente do que ofertara a Sebastian pouco antes.

— Tenho um compromisso pela manhã. Lorde Cavendish me convidou para um passeio no *Hyde Park*.

Gregor amaldiçoou seus pensamentos proféticos.



Capítulo 11

SANTA E PECADORA

Gregor

Estava bastante irritado, afinal, fora até Londres por causa dela, a fim de vê-la e agora não conseguia nem mesmo um momento sozinho com Juliette.

Desde que ela anunciara em alto e bom som que o duque de Devonshire a convidara para um passeio no parque, os jovens solteiros pareceram decidir que ela valia o tempo deles e então o cartão dela fora completado quase que instantaneamente. Gregor cuidara de pedir a ela uma dança antes que isso ocorresse e na frente da duquesa de Morph PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

para que não houvesse desculpas para que o recusasse.

— Se insiste, lorde Gregor, penso que posso lhe reservar uma quadrilha.

— Uma quadrilha? Não uma valsa?

Ela sorriu com afetação.

— Infelizmente todas as minhas valsas estão comprometidas.

— Todas? Deixe-me ver esse cartão, não estou muito certo de que diz a verdade.

Lady Morph se espantou com o comentário.

— Pode parecer absurdo, mas tive a impressão de que o senhor está sugerindo que a senhorita Juliette está mentindo. Lorde Gregor, nunca imaginei isso vindo do senhor, é extremamente indelicado e equivocado. É claro que a moça diz a verdade.

Gregor teve a sensatez de parecer constrangido.

PERIGOSAS ACHERON

— É claro que sim, duquesa. Expressei-me mal, mas ficarei imensamente satisfeito com uma quadrilha na companhia da jovem dama.

Juliette cobriu o rosto com o leque, mas não sem que antes ele pudesse notar um sorriso diabólico nos lábios. Ela estava ali, sua devassa, escondida entre camadas de polidez e de roupas caras.

Quando finalmente a próxima dança teve início, ele notou que se tratava de uma valsa e aguardou para ver quem a tiraria para dançar, mas não foi preciso aguardar por muito tempo. Logo, Ian estendeu a mão e a levou para o meio do salão.

Provocações, claro. Ian não dançava, nunca.



Juliette

Mais uma valsa. Os pés dela estavam

comprimidos dentro dos sapatos, que os apertavam dolorosamente, mas seu parceiro era Ian MacRae, que se convertera em um grande amigo de correspondência.

— Lorde Ian, diga a verdade, por que não me escreveu informando de suas intenções de vir a Londres?

Ian sorriu, sem saber ao certo o que responder àquela pergunta.

— Foi como eu disse, decisão repentina, senhorita Juliette.

Ela fez um gesto dispensando-o.

— Somos muito amigos. Já lhe disse que pode me chamar apenas de Juliette. — Mas, olhando ao redor, ela pareceu compreender algo. — Oh! Entendo... As pessoas não podem saber de nossa amizade ou pensariam mal de nós.

Ian estava intrigado com as palavras da moça, pensou que talvez ela o considerasse um

PERIGOSAS ACHERON

bom amigo por tê-la livrado de uma enrascada no *hogmanay*, quando Wheston parecera desconfiado dela e de Gregor.

— Realmente eu a ajudei na Escócia, não foi? Se Wheston tivesse desconfiado que a senhorita e Gregor haviam saído da festa...

Juliette arregalou os olhos.

— Ian! Nem me fale sobre isso, se alguém ouvir... Prefiro nem mesmo imaginar o que aconteceria; as coisas mudaram, como bem sabe, creio que minhas cartas foram bem claras. Pretendo me casar logo e não posso estar ligada a um escândalo.

Cartas! Aquele desgraçado.

— Sim, as cartas que... trocamos.

Juliette franziu o sobrolho.

— Claro, de que outras cartas eu poderia estar falando?

Ian estava furioso, mas ao mesmo tempo

admirado. Talvez o melhor fosse se manter em silêncio. Se o irmão chegara a tal ponto para manter contato com a jovem, ela certamente era importante. Poderia se vingar de outra maneira, fazê-lo crer que estava interessado nela parecia uma excelente vingança.

— E minhas cartas chegaram com frequência? Sabe como é o serviço postal. Recebeu todas?

— Bem, recebi uma a cada quinze dias, a primeira cerca de um mês depois que parti. Devo ter recebido umas quinze ou pouco mais. Como disse que não me mandou nenhuma me informando sobre suas intenções de vir à Inglaterra, penso que recebi todas as enviadas, sim.

— Sim, penso que recebeu. E as aulas, como estão?

Juliette sorriu convencida.

— Que aulas? Não preciso mais delas, já

concluí meus estudos e estou pronta.

— Para se casar, certo? E já temos pretendentes?

— Isso não foi uma pergunta educada, mas como somos amigos, devo dizer que ninguém parece particularmente interessado, mas é meu primeiro baile, certo?

— Nem mesmo Cavendish? Vi que reservou sua primeira dança a ele...

— Bem, sim. Ele me convidou para um passeio no parque, mas sabes que ele é um duque? Não sei se está de fato interessado.

— Claro que está. Que homem não estaria, Juliette?

Um rubor forte tingiu as faces dela e Juliette desviou os olhos.

— É muito gentil, Ian.

— Apenas franco, eu garanto.

A valsa logo teve fim e Juliette retornou

para onde Gregor já a aguardava, o homem que se infiltrava em seus pensamentos mesmo quando ela lutava bravamente para expulsá-lo.

— Foi uma bela dança, querida — cumprimentou a duquesa.

Gregor não conseguiu controlar a língua.

— Se posso te dar um conselho, como está debutando agora, sorria menos para os homens, eles podem pensar mal de você.

Juliette se irritou.

— Óh! Acredito que tenhas razão, irei treinar com o senhor agora mesmo minha expressão de desagrado.

Como se o destino decidisse que deveria instigá-los ainda mais, a orquestra iniciou a quadrilha; Gregor lhe ofereceu o braço e Juliette pôde notar como ele torcia para que ela não o aceitasse, para que fizesse uma cena que mostrasse a ele como a destabilizava. Então, com a

PERIGOSAS ACHERON

delicadeza de uma pluma, a moça colocou a mão na curva do braço dele e o deixou conduzi-la novamente para a pista da qual acabara de retornar.

Ela sentiu que seu coração disparava diante do contato mais íntimo; fazia meses desde que o tocara pela última vez e Juliette se obrigara diariamente a não relembrar as sensações. Porém, ele ali, tão próximo, o cheiro amadeirado, os músculos muito mais definidos que antes, as pernas...

Juliette levantou os olhos; era melhor não permitir que seus pensamentos trilhassem esse caminho. Gregor a encarava com tanta intensidade que ela sentia que poderia derreter diante do fogo nos olhos azuis.

— Estás linda.

Juliette propositalmente pisou no pé dele.

— Óh! Desculpe-me e obrigada pelo elogio, lorde MacRae.

Gregor sorriu diante da formalidade, mas, neste momento, a troca de pares foi feita e ele observou Juliette ser arrastada para os braços de Cavendish, que estranhamente escolhera aquela dança para voltar ao salão.

Ela sorria abertamente para o duque, mas logo a volta foi feita e Juliette retornou, então Gregor retomou o assunto de onde haviam parado.

— Pensei que havíamos conversado e que houvesse lhe explicado que lorde MacRae é usado apenas para se referir ao chefe do clã.

— Sim, na Escócia. Não estamos mais lá, além disso, recordo-me de ouvi-lo dizer para chamá-lo como quisesse.

Afastaram-se apenas para se unirem novamente instantes depois.

— Realmente, e é uma pena não estarmos mais lá...

Ela notou a implicação de suas palavras,
PERIGOSAS ACHERON

mas preferiu não dizer nada a respeito. Estava séria quando novamente foi afastada dele. Gregor nem mesmo reparava nas damas com quem dançava, tinha olhos apenas para ela.

— Não está feliz em me ver? — questionou quando a girou uma vez mais, disfarçando um grunhido de dor quando sentiu que o sapato dela fincava em seu pé outra vez.

— E por que estaria? Estarei contente em vê-lo em alguns meses quando me casar.

O semblante dele também se fechou.

— Então está disposta a levar essa insanidade adiante? Vai se casar com quem? Com um imbecil qualquer apenas para provar alguma coisa?

Juliette manteve a postura ereta e lhe sorriu

— Sabemos muito bem que não preciso me casar com um imbecil.

Ela se foi outra vez. *Dança infernal.*

— Com quem então? Cavendish? Apenas uma dança e já pensa que ele a pedirá em casamento?

O olhar de Juliette era tão frio quanto o colar de brilhantes que pesava em seu pescoço.

— Ele pedirá. Porém, não é minha única opção.

Gregor apertou um pouco mais a mão na dela.

— Quem?

Juliette apenas deixou que seus olhos caminhassem pelo salão até onde Ian estava de pé, observando-os. Ele captou seu olhar e sorriu em sua direção. Gregor compreendeu o que ela queria dizer.

— Ian? Acha mesmo que ele se casaria? Não me refiro a você, mas deve saber que nenhum de nós tem essas aspirações.

— Eu não disse que ele se casaria comigo,
PERIGOSAS ACHERON

mas eu poderia tentar, não?

— Não faria isso. Ele é meu irmão, Juliette. Isso é ir longe demais.

Ela lhe dirigiu um sorriso, o primeiro desde que começaram a dançar, mas era tão cínico que ele preferia que não o tivesse feito.

— Sim, mas eu não sou nada sua e bem, Ian é completamente diferente de você.

Gregor sorriu, mas seu sorriso não chegava aos olhos. Afastaram-se outra vez, realizando a coreografia que ele odiava agora, ainda mais que antes.

— É mesmo? E você o conhece muito bem pelo que entendi.

— Estamos conhecendo-nos, mas ainda não descartei o duque. Notou que nenhum deles é um velho caquético? Ambos poderiam me servir muito bem.

— Juliette, pare de me provocar. Nem

PERIGOSAS ACHERON

parece que é a mesma mulher que esteve comigo meses atrás.

— Realmente não sou, mudei muito, como deve ter notado. — Uma terceira vez permitiu que seus sapatos descansassem sobre o pé de lorde Gregor com toda a força que possuía.

— Pare com isso, está fazendo de propósito. — Ignorou o sorriso inocente que ela lhe ofertava. — Usa vestidos mais caros e joias diferentes, é verdade, mas seu cheiro continua tão bom quanto antes... Lavanda?

— Acho que isso não é mesmo da sua conta, certo?

Gregor se aproximou minimamente, quase vencendo a linha invisível criada pelo decoro e pela etiqueta social, e inalou profundamente.

— Sim, lavanda. Será possível que mesmo com tantas mudanças, seu corpo ainda reaja da mesma maneira se eu tocá-la?

Juliette nem mesmo pestanejou, pois estava preparada. Sabia bem que ele tentaria seduzi-la para que ela cedesse e por mais que seu coração houvesse se acelerado, manteve a pose.

— Nunca saberemos. Meu corpo irá reagir muito bem ao toque, mas... não será ao seu.

Gregor estreitou os olhos e sua boca se transformou em uma linha fina.

— Não quero imaginar isso, vamos mudar de assunto.

— Não temos tempo para mais conversa...

Porém, quando ele abriu a boca para questioná-la sobre aquilo, percebeu que estivera tão entretido no jogo travado entre eles que não notou que a música havia terminado.

Ofereceu o braço a ela para que retornassem ao mesmo lugar onde a duquesa ainda os esperava, mas o curto trajeto até lá acendeu em Juliette uma vontade absurda de tirá-lo do prumo, de dar um

PERIGOSAS ACHERON

golpe naquela arrogância inabalável e ela o fez.

Assim como aprendera. Para o mundo deveria ser uma dama delicada e frágil, mas sabia que ele não a veria assim nem em mil anos.

— Lorde Gregor, sei que não acredita, mas realmente mudei muito. Sabia que quando estive na Escócia nem mesmo sabia ler?

Ele foi surpreendido por suas palavras e pelo tom de voz gentil.

— É mesmo? Por que nunca me contou?

— Porque nunca se interessou por mim além do âmbito... físico.

— Isso não é verdade, Juliette. Mas aprendeu a ler então?

Ela abriu o sorriso mais inocente que conseguiu e desviou os olhos dele. Para todos que vissem era o retrato de uma dama, mesmo que entre as palavras sussurradas, ainda fosse uma moça que cedia aos seus impulsos, que neste momento,

ordenavam que o irritasse.

— Aprendi sim. Hoje falo outras línguas também. Poderia facilmente gemer em italiano ou francês. Acha que Cavendish gostaria disso? — E, olhando novamente para onde Ian estava parado, completou sua jogada dissimulada. — Poderia aprender algumas palavras em gaélico se isso agradasse lorde Ian.

Juliette o observou por alguns momentos, esperando que ele retrucasse, que fizesse algum comentário maldoso ou que esboçasse qualquer reação, mas a única coisa que recebeu foi um olhar furioso antes que ele se inclinasse e saísse em seguida.



Gregor

Já se arrependia de ter vindo. Em um ato

PERIGOSAS NACIONAIS

impulsivo, viera atrás dela em Londres, uma estupidez.

Gemer em italiano, o inferno!

A menina destruía toda sua bem construída sensatez com poucas palavras. Imaginá-la com Ian era horrível, mas ao menos ele confiava que Ian respeitaria o acordo deles e jamais se envolveria. Cavendish era outra história.

Ele era o oposto de Gregor, mais rico que o duque de Morph e bem, precisava admitir que tinha uma aparência distinta e com certeza não teria ressalvas contra o casamento.

Sentindo-se particularmente egoísta, Gregor começou a imaginar milhares de maneiras com as quais poderia se intrometer e estragar o cortejo de Sebastian, até que ele, de fato, desistisse de Juliette.

A começar pelo passeio no parque. Gregor não perderia por nada.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 12

LAGO DE ILUSÕES

Gregor

Logo pela manhã, antes que os criados acordassem ou que Ian pudesse notar, ele se esgueirou para fora da residência que os MacRae ocupavam quando estavam em Londres; uma elegante mansão em *Westminster*.

A propriedade era moradia dos condes de Harrington desde que o título fora recriado em 1747, quando o bisavô materno de Gregor o recebeu do próprio rei em agradecimento pelos serviços prestados na batalha de Culloden contra os escoceses jacobitas; junto ao título, o rei concedeu PERIGOSAS ACHERON

a Willian Stanhope uma carta-patente que permitia que o título fosse mantido na família desde que houvesse um herdeiro consanguíneo, mesmo que indireto.

Foi assim que, anos depois, Gregor recebeu o título de conde de Harrington quando o avô faleceu; na falta de um filho ou irmão para quem o homem pudesse transferir o condado, o neto mais velho foi feito seu herdeiro.

O que era deveras irônico se pensasse bem. Um título adquirido como forma de gratidão pela vitória inglesa sobre os escoceses e, de repente, ele caía nas mãos de Gregor MacRae, um *highlander*, e para piorar, um que não dava a mínima para aquilo.

Porém, no momento, Gregor deu graças aos deuses, ao cristão britânico e aos escoceses pelo fato de a casa ter uma excelente localização; era bem próxima da residência do duque de Morph e também do *outro duque*, que residia na Devonshire

House na rua Piccadylly.

Dessa maneira, ele não levaria muito tempo para chegar e poderia segui-los a tempo para verificar os avanços da relação e o quão interessado o duque realmente estava.

Usando um sobretudo escuro e calças, tentando não atrair a atenção para si mesmo, Gregor caminhou até a residência dos Morph e aguardou nas sombras, escondido atrás de uma árvore frondosa que o escondia bem.

Um chapéu cobria seus cabelos claros e ele sentia a adrenalina causada pela situação espalhando-se por suas veias; a manhã estava ensolarada, perfeita para o programa do casal e completamente inadequada para as roupas que ele usava, mesmo assim estava disposto a acompanhá-los para ter uma melhor ideia dos planos do duque e do real interesse de Juliette.

Depois de alguns minutos ali, aguardando
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

impaciente e consultando seu relógio no bolso da calça várias e várias vezes — vantagens em não estar de *kilt* —, finalmente a carruagem com a insígnia dourada de Devonshire foi avistada e, pouco depois, o homem em pessoa desceu.

Escondido, Gregor observou quando Juliette surgiu sorridente, acompanhada de longe por sua criada, que estranhamente se vestira como ele, usando uma capa estranha e um chapéu maior que o próprio rosto. A moça subiu na boleia, acompanhando o cocheiro, e Juliette entrou na carruagem aberta.

Ela era uma visão que lhe roubava o fôlego, estava linda.

O vestido amarelo dava destaque para os cabelos muito pretos, presos em um coque sob o chapéu, que tinha um belo laço de fita, dando a ela uma aparência delicada; realmente se parecia com uma flor.

PERIGOSAS ACHERON

O duque arrogante sentou-se de frente a ela e, pouco depois, a carruagem partiu rumo ao parque.

Gregor sentiu que suas faculdades mentais haviam falhado com ele pela primeira vez na vida. Afinal, como os seguiria sem uma carruagem?



Juliette

A moça encontrou Helen na antessala após se vestir para o piquenique. Estava um pouco temerosa, sem saber ao certo sobre o que eles teriam como assunto em comum e como ela deveria agir com ele a sós; fora bem treinada, de fato, e esperava conseguir se lembrar de todas as regras.

Helen vestia seu habitual uniforme e levantou os olhos ao vê-la entrar.

— Bom dia, Helen. Estou pronta, ele deve

estar chegando.

— A senhorita vai com esse vestido? Acho que deveria usar amarelo, vai combinar com o cenário e ao mesmo tempo irá destacar seus olhos, deixando-os ainda mais claros.

Juliette sorriu.

— Não há uma coisa que você não saiba, certo? Vou me trocar então.

Atirando o vestido azul sobre a cama, Juliette colocou o amarelo e um de seus chapéus para o dia, que ainda não tivera a oportunidade de exibir. Helen entrou no quarto agindo totalmente diferente de instantes atrás, o sorriso fácil se fora, substituído por uma bem grave expressão. Ela parecia até mesmo assustada.

— O que houve, Helen?

— Tem uma carruagem lá embaixo com o emblema do duque de Devonshire...

Ela acariciava o próprio rosto como se

PERIGOSAS ACHERON

aquilo a consolasse, tocando a cicatriz que a modificara para sempre.

— Oh, ele chegou cedo! Vamos?

— *Ele?* O seu duque é o duque de Devonshire?

— Bom, ele não é meu duque, mas sim, é ele.

Helen arregalou os olhos.

— Lorde Cavendish?

— Sim, Sebastian Cavendish. Agora, venha logo, não podemos deixá-lo esperando.

Juliette saiu do quarto e deixou Helen lá, parada, olhando pela janela parecendo apavorada. Quando Juliette a viu novamente, o uniforme havia sido substituído por uma capa pesada e um chapéu que mal permitia que seus belos olhos fossem vistos.

— Helen, o sol já vai alto no céu. Por que está vestindo isso?

— Acho que estou ficando doente.

— Doente? Vai ficar doente usando essas roupas, isso sim.

— Não, estou bem. Vamos, não deixe sua graça esperando mais.

Juliette estranhou sua atitude, mas, meses atrás, aprendera a nunca questionar o que ela fazia. Com isso em mente, desceu as escadas da mansão e logo que o viu, sorriu em um gesto de cumprimento.

— Boa tarde, vossa graça.

— Boa tarde, senhorita Smith, deixe-me ajudá-la a subir.

Colocando a mão sobre a dele, Juliette sentou-se na carruagem e Sebastian à sua frente. Estranhamente, sua acompanhante preferira sentar-se com o cocheiro, deixando-os a sós.

Juliette o observou disfarçadamente; os olhos azuis, os cabelos muito pretos e o sorriso

bonito e cativante. Apesar de reconhecer a beleza máscula, sabia que faltava alguma coisa. Atração. A gentileza dele lhe parecia mecânica, como se a achasse um pouco intrigante e nada mais. Quando ela o olhava, considerava-o agradável, mas seu corpo não tinha nenhuma reação à presença dele.

— Estás pensativa hoje. Trouxe uma cesta com a nossa refeição, espero que goste.

— Desculpe-me, distraí-me um pouco. Tenho certeza de que irei apreciar imensamente — respondeu comedida, como aprendera.

— Trouxe pães, queijo, carne assada e vinho. Gosta de vinho?

— Gosto bastante.

Sebastian sorriu satisfeito e um silêncio incômodo caiu sobre eles. Logo, no entanto, a carruagem entrou no parque e Juliette se distraiu com a vista, fazendo comentários ocasionais sobre a beleza do lugar. Enfim pararam de se locomover

e ele a ajudou a descer, oferecendo-lhe o braço em seguida.

Um dos criados do duque, que os acompanhara silenciosamente, desceu e, apressado, caminhou à frente deles a fim de preparar o melhor lugar para seu amo. Já a sua acompanhante caminhava bons metros atrás, propositalmente distante; talvez tudo fosse parte de um plano para que ela pudesse conhecer melhor ao duque.

— Então, senhorita Smith, o que tem achado de Londres?

Juliette não se sentia particularmente animada, mas ele era agradável e seria um belo marido, então forçou toda sua atenção para aquele momento e tratou logo de se recordar de como deveria agir e se portar.

— Óh, é maravilhoso! Foi uma ótima escolha e muito atencioso da parte de meu cunhado mandar-me para cá.

Talvez devesse parecer mais tola, preocupada apenas com a aparência e com roupas caras. Nunca mais inteligente que o homem, mesmo que o fosse. Ao menos fora o conselho de lady Kenforth.

— Gosto imensamente do clima, tem clareado minha cútis.

Sebastian a olhou de soslaio, parecendo achar graça do comentário.

— Sua cútis, certo...

— Sim, a propósito, devemos nos sentar na sombra para que eu possa proteger minha pele.

O duque ergueu uma sobrancelha, porém nada disse. Juliette percebeu que ser superficial não funcionaria com ele. Talvez não gostasse de moças tolas.

— E o que tem feito por aqui? O que tem aprendido?

Ele parecia esperar por uma resposta

sincera.

— Aprendi muitas coisas: a tocar piano, dançar, montar a cavalo e outras coisas.

Ele pensou alguns instantes antes de falar.

— Podemos cavalgar qualquer dia desses.

Juliette sorriu; não seria de todo ruim.

— Sim, podemos.

Caminharam durante algum tempo, conversando sobre trivialidades. Juliette passou a sentir-se mais confortável com ele. Talvez Sebastian se tornasse um bom amigo e a aceitasse com seus segredos sórdidos.

Após um longo passeio, no qual foram vistos por muitas pessoas que haviam tido a mesma ideia, o duque conduziu Juliette para uma sombra às margens do *Serpentine* e ali, então, sentaram-se. O criado de Sebastian, ainda agindo silenciosamente como uma sombra, colocou a comida diante deles e com uma mesura deixou-os a

sós. Juliette notou que o duque parecia distraído, observando Helen sentada distante.

— Algum problema milorde? — questionou.

— Sua criada... Ela me parece... com calor.

Juliette riu.

— Provavelmente está mesmo, com todas aquelas roupas, mas ela insistiu em se vestir assim, disse que está ficando doente.

— E a senhorita permitiu que ela lhe acompanhasse? Pode estar com febre.

De repente, ela sentiu-se envergonhada; por que não pensara nisso? A pobre Helen deveria mesmo estar sentindo-se muito mal. Com um olhar de quem se decepcionara, o duque começou a colocar comida em um prato.

— Jean! — chamou o criado. — Leve comida para a moça e diga para me avisar caso não

PERIGOSAS ACHERON

se sinta bem que eu mesmo a levarei para casa.

Ele a estava repreendendo? De certo achava que era uma moça tola e fútil que não havia se preocupado com o bem-estar de sua criada pessoal. Interessante que um duque fosse tão consciente das necessidades alheias. Então, Juliette se deu conta de que podia ter encontrado o homem perfeito para seu marido, alguém que era bom e que não julgava os outros por posição social, de certo que também compreenderia sua situação.

Ouviu um farfalhar um pouco atrás de onde estava, em uma moita, e observou atentamente, temendo que algum animal saísse de lá. Quando não encontrou nada, desviou a atenção de volta ao cavalheiro.

— Lorde Cavendish... — chamou Juliette.
— Temo que tenha me interpretado mal, eu não sou desatenciosa para com Helen; é que foi tudo muito rápido, ela estava feliz e radiante, como sempre,
PERIGOSAS ACHERON

conversando comigo e, de repente, vestiu-se assim. Quando a questioneei sobre o calor, começou a falar de doença, mas nada alarmante, eu creio.

Ele a olhou demoradamente, em seguida, soltou o ar, chateado.

— Desculpe se exagerei, é que certa vez vi uma jovem que me era querida quase morrer por causa da febre e, apesar de não ter falecido, foi ainda pior, enlouqueceu. É muito perigoso e em razão dessa lembrança trato essa questão com o máximo de cautela.

Ela aquiesceu.

— Compreendo.



Gregor

Estava grato pela primeira vez pela riqueza de Sebastian e por toda aquela ostentação; apesar

de ter tido que tomar uma carruagem de aluguel e tê-los perdido de vista, após procurar por algum tempo, ele os encontrou. Tudo isso se devia à opulência de sua carruagem.

Sorrateiro, Gregor se instalou atrás de alguns arbustos, próximo de onde Juliette havia se sentado. Infelizmente, ao se abaixar para ficar na altura dos dois e poder ouvi-los melhor, ele acabou por pisar em um graveto, atraindo a atenção da moça. Prendendo a respiração, o escocês aguardou que a qualquer momento fosse descoberto, mas logo Juliette esqueceu o barulho e voltou-se novamente para o duque.

— Compreendo. — Ele a ouviu dizendo.

Aproximou-se um pouco mais até estar com o rosto colado nas plantas. Que os deuses o ajudassem, pois se alguém o flagrasse naquela situação estaria perdido.

— E o baile ontem? Como se sentiu ao ser

apresentada à sociedade?

— Foi maravilhoso! Temi um pouco, sabe? Pensei que talvez ninguém se oferecesse para dançar comigo.

O duque riu.

— No final, estavam fazendo fila para tirá-la para dançar. Percebi que dançou até mesmo com os escoceses, pensei que não fosse fazê-lo por receio do que poderiam dizer.

De que diabos Sebastian estava falando?

— E o que poderiam dizer?

— Ah, você sabe como são os ingleses. Sem falar que o modo como seus amigos se vestem é um pouco extravagante.

Extravagante? Isso vindo de um homem que tinha o nome gravado em ouro na carruagem.

— Eu gosto do modo como se vestem.

Isso, garota — pensou Gregor.

Gregor não podia vê-los, mas imaginou a

PERIGOSAS ACHERON

expressão de desgosto no rosto do outro homem. Já ele sentia fome e começava a ficar irritado. Juliette continuou.

— Não me entenda mal. Eu compreendo que parece errado dizer isso, mas não me refiro ao fato de exporem as pernas por aí, estou dizendo isso por causa da cultura deles, são seus costumes e eles têm orgulho disso. É bonito um povo se orgulhar tanto de suas origens.

— Sim, de fato. Não estou dizendo que ache errado, apenas que as pessoas comentam.

— Realmente.

Silêncio.

— Você tem a pele tão macia...

Como ele ousa tocá-la?

Gregor sentiu-se indignado. Ele precisava ver com seus próprios olhos o que estava de fato acontecendo entre os dois. Andando abaixado, o que o tornava muito ridículo e ele estava ciente

disso, Gregor deu a volta ao redor de toda aquela sebe e foi esconder-se atrás de uma árvore, de onde podia então ver o que estavam fazendo.

Não estavam tocando-se, não mais pelo menos.

— Lorde MacRae? O que o senhor faz aqui?

Assustado, Gregor olhou na direção da voz e encontrou a criada de Juliette sentada no chão, encostada na árvore. Sem saber o que dizer, ele se limitou a dirigir-lhe um sorriso enquanto pensava em suas próximas palavras. Porém, não foi preciso dizer nada.

— Seguiu ela, não foi? O senhor sabe que não tem esse direito? Não quis se casar com a moça, deixe-a em paz.

Mocinha petulante! Pensou ele.

— Senhorita, penso que não tens o direito de falar comigo dessa maneira, não acha?

O sorriso dele ainda se mantinha intacto apesar das palavras.

— Não vejo por que não poderia, o senhor não é responsável pelo meu sustento.

Dessa vez, ela conseguiu surpreendê-lo. Se a moça decidisse contar a Juliette e ao duque, Gregor estaria perdido e mortalmente envergonhado.

— Senhorita, parece que não está feliz em me ver, mas fiquei preocupado com ela. Não quis que ele tomasse liberdades, entende-me?

Helen riu, sarcástica.

— Mais liberdades do que o senhor tomou?

Apesar da acidez das palavras, ele notou que Helen continuava sentada na mesma posição e falava olhando para frente a fim de disfarçar que estava acompanhada. Ela não iria entregá-lo.

— Tenho a sensação de que a senhorita não pretende se fazer notar e por isso não irá denunciar

PERIGOSAS ACHERON

minha presença. Aliás, devo dizer que se dependesse do trabalho como acompanhante para viver, já seria um defunto.

— O que o senhor quer dizer com isso?

— Que tipo de acompanhante fica tão longe? Seu chapéu nem mesmo permite que a veja!

— Ele a tocou? Fez algo indecoroso?

A moça pareceu agoniada com a perspectiva.

— Não sei. Nada inadequado, creio eu. Apenas ouvi enquanto eles conversavam.

— O senhor estava atrás dos arbustos? Não se envergonha?

Gregor pensou por um momento.

— Profundamente. Mas não pude evitar.

Helen sorriu.

— Sim, percebi mesmo que não pôde.

Ainda atento ao que Helen dizia, Gregor notou o prato que ela tinha nas mãos e sentiu seu

estômago roncar.

— O que tem aí no prato? Estou morto de fome.

— Um pouco de queijo e carne. Pode comer, já estou farta.

— Dê-me o prato então, mas não deixe que vejam.

— Não! Se eu me levantar, vou atrair a atenção deles. Pegue o senhor, já que tem fome.

A moça era estranhamente atrevida para alguém de sua posição. Mesmo assim, Gregor se agachou, fazendo o possível para permanecer oculto pela sombra que a árvore fornecia, e levou a mão em direção ao prato. De repente, ouviu-se um grito enraivecido. Quando MacRae deu por si, estava sendo atirado dentro do lago *Serpentine*.

— Vá roubar em outro lugar! Seu larápio! O duque pode mandar cortar sua mão por tentar tocar na moça.

Helen levantou-se de um pulo e compreendeu a situação em uma velocidade que espantou até a ela própria; o criado do duque, vendo que ele levava a mão na direção dela, tomou-o por ladrão, ou algo pior, e prontamente saiu em sua defesa. Agora, o pobre — nem tanto assim — escocês estava mergulhado no lago.

Juliette notou a algazarra e os gritos e chamou por Helen, que ainda pensava sobre o que poderia fazer.

— Está tudo bem? Alguém tentou roubar-lhe?

Pensando rápido, a criada saiu ao encontro dela e a impediu de se aproximar mais.

— Sim, um ladrão qualquer. Vamos embora daqui, certo? Estou mesmo me sentindo mal.

— Claro! Vamos, entre na carruagem.

Lorde Cavendish, que observava assustado seu criado gritando disparates na beira do rio para

um homem que ainda não era visível, aproximou-se delas.

— A senhorita está bem?

Helen apressou-se em fazer uma reverência e abaixou-se, mantendo a cabeça baixa e coberta pelo chapéu.

— Sim, senhor.

— Vou ver o que aconteceu, o homem a machucou?

— Não! Por favor, milorde, gostaria de ir embora daqui.

— Sim, eu compreendo, mas não posso deixar que o ladrão escape impune.

Helen pensou rápido. Notou como ele se importara em mandar-lhe comida e para seu criado.

— Não faça nada ao homem, ele somente queria comida, pois tinha fome. Estava roubando meu pão, apenas isso.

Sebastian estava curioso para ver a moça.

Sua voz lembrava-lhe alguém. Abaixou o rosto um pouco, buscando enxergar melhor, mas a moça saiu andando em direção à carruagem.

— Helen! Como pode deixar o duque falando sozinho? — questionou Juliette.

Ela gritou, caminhando de costas.

— Perdoe-me, vossa graça, mas não estou sentindo-me bem. Não quero correr o risco de ofendê-lo, estou muito enjoada.

O duque assentiu.

— Pode deixar, Juliette, a moça já estava ficando doente e tomou um susto enorme.

— Claro. Vamos embora então. Se o homem tinha fome, não devemos levá-lo as autoridades. Deixe que coma, coitado.

O duque apenas aquiesceu, concordando com suas palavras, e juntos retornaram a carruagem.

— Jean! Para de rondar o lago, homem.

Deixe o rapaz em paz, é um coitado faminto.

Contrariado, Jean ainda olhou para o lago uma vez mais, aguardando que a qualquer instante o ladrão emergisse. Do outro lado, Gregor os observava irem embora, outra vez em meio a arbustos; transtornado.

De que adiantava todo aquele tamanho e toda sua força se sempre era pego desprevenido?

Tudo por causa dela, já não era a primeira vez que era colocado em situações que o faziam ser atirado longe. Primeiro Wheston e agora o maldito criado.

Encharcado, Gregor sentou-se às margens do *Serpentine*, pensando em como chegara aquele ponto. O que poderia ter mudado nele para que se tornasse tão patético, seguindo uma mulher para outro país — porque sim, para si mesmo ele reconhecia que viera à Inglaterra por ela — e depois segui-la em um encontro.

PERIGOSAS NACIONAIS

Nem mesmo suas justificativas eram plausíveis. Conhecia Sebastian o bastante para saber que seria um ótimo marido e que ela estaria em boas mãos. Juliette teria tudo que o mundo lhe impedira de ter a vida toda e por certo seria amada, afinal, quem não se apaixonaria?

Imbecil.

Como pudera ser estúpido a esse ponto? Permitira-se ser seduzido por uma jovem inexperiente e agora precisaria remediar aquela situação com urgência e tirá-la de seus pensamentos.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 13

ENTRE JOGOS E APOSTAS

Gregor

Três dias inteiros haviam se passado desde que ele a tinha visto pela última vez. Ao ver-se atirado em um lago por perseguir uma jovem pelas ruas de Londres, finalmente MacRae se dera conta de que as coisas eram mais sérias do que pensara e de que o nível de envolvimento emocional já havia extrapolado todos os limites.

Claro que com isso em mente um homem comum procuraria ainda mais pela jovem e a tornaria sua em definitivo, casando-se com ela, mas ele não era comum. Gregor vinha de uma linhagem PERIGOSAS ACHERON

que era considerada por muitos amaldiçoada e, como maneira de fugir de seu destino agourento, decidira que seria eternamente solteiro.

Qual a maneira de lidar então com os sentimentos conflitantes que tinha por Juliette?

Sim, conflitantes, pois ela o atraía de uma forma inimaginável, mas o irritava em igual medida, exasperava-o. A única forma que Gregor encontrou foi mantendo-se afastado, talvez assim seus pensamentos não mais se desviassem para ela no decorrer do seu dia e nos momentos mais inesperados e inapropriados.

Sua resolução foi definitiva.

Por três dias...

O dia amanhecera havia pouco mais que algumas horas e, apesar de já ser dia, ainda era bem cedo quando o conde de Harrington, muitíssimo mais conhecido como lorde Gregor MacRae — afinal era mais escocês que inglês — deixou enfim

a residência que dividia com o irmão durante a estadia em Londres e se encaminhou para a residência do duque de Morph.

Claro que ele não estava buscando notícias sobre Juliette, pois essas ele obtinha através de seu criado a quem ordenara que passeasse ocasionalmente — cinco vezes ao dia — em frente à mansão ducal. O homem deveria ser promovido a detetive, pois lhe informara quantas vezes ela saíra, quantas visitas e de quem recebera, as flores que eram entregues e até mesmo o tempo que cada pretendente se demorava.

O interesse de Sebastian havia atraído os outros como se fossem abutres.

Na realidade, o que levava lorde Harrington até a casa dos Morph naquela manhã era o fato de ter sido informado que lady Wheston havia entrado em trabalho de parto; como o amigo preocupado e presente que era, decidiu ir oferecer seus préstimos

e dar a Wheston uma palavra de ânimo para aguardar o tenso e demorado momento.

Claro que estava arriscando-se a encontrar Juliette e isso não seria bom para seu recém-recuperado autocontrole e domínio próprio. Ele agia como um alcoólatra em regeneração que se colocava constantemente diante de seu vício. Mesmo assim, decidiu se arriscar.

Logo que desceu da carruagem e bateu na porta, foi recebido pelo mordomo, que o levou para o salão de refeições. Interrompera o desjejum de todos como um perfeito cavalheiro.

Ao entrar, notou logo que nem todos estavam presentes; as irmãs Smith não estavam em parte alguma, mas lorde e lady Morph, a pequena Cecília e lorde Wheston tomavam o café tranquilamente, discutindo amenidades.

Weston levantou os olhos assim que a porta foi aberta.

— E então, bárbaro? Veio finalmente nos ver?

A duquesa interrompeu o gesto de levar a colher à boca.

— Mathew, não fale assim com lorde MacRae!

Wheston direcionou os olhos para a filha, que tomava seu café junto com os adultos.

— Perdoem-me. Algumas vezes não me controlo, mas devo dizer que ele me chama de coisas piores.

— Evidente que sim, mas não na frente das damas e das crianças.

Gregor sorriu.

— Claro que não, lady Calston, diante da senhora eu jamais faria isso.

— Sei — respondeu a duquesa.

— Desculpem-me a demora em vir e, claro, o horário escolhido, mas fiquei sabendo que a
PERIGOSAS ACHERON

marquesa entrou em trabalho de parto e quis me informar sobre as coisas e oferecer minha ajuda com o que julgarem necessário.

Mathew acenou afirmativamente.

— Sim, Nicole começou a sentir as dores essa madrugada, mas o médico nos tranquilizou, disse que precisamos ter calma, pois ainda levará horas até que o bebê nasça; as dores vem e vão, mas nada muito aterrorizante ainda. Desci apenas para comer e logo voltarei para junto dela.

— Certo, fico feliz por vocês. E lady Caroline? Não está participando desse momento?

A duquesa sorriu animada.

— Creio que sabemos que esse momento é tão dela quanto de Nicole. Ela se esforçou muito para que as coisas dessem certo para Mathew. Caroline está lá em cima acompanhando-a enquanto Mathew e Cecília se alimentam.

Gregor aquiesceu e questionou em seguida;

sem pretensão alguma, claro.

— Junto com a senhorita Smith, eu suponho?

— Minha tia saiu — respondeu Cecília, que achou por bem participar da conversa dos adultos.

— Sente-se, Harrington. — Foram as primeiras palavras do duque Leopold.

Gregor sentou-se finalmente à mesa e esperou que o assunto morresse ali, afinal, era preferível não saber do paradeiro dela, não tencionava ter uma recaída e sair em sua perseguição.

Mas o assunto não morreu.

— A senhorita Smith saiu outra vez com o duque de Devonshire.

Elevando as sobrancelhas, ele questionou Mathew, mesmo que as palavras tenham vindo da duquesa.

— Cavendish pediu a você para cortejá-la?

Mathew negou.

— Ainda não, mas disse que precisa falar comigo, então imagino que seja sobre isso, já que está vindo aqui a procurar e já a convidou para sair novamente...

A duquesa completou exultante.

— Esperamos um pedido da parte dele ainda essa temporada! Ele está fascinado por ela, não percebem?

Claro que ele havia percebido.

— Mas e ela? Não a forçariam a se casar sem que estivesse de fato interessada, certo?

Gregor sentiu que uma parte dele estava desintegrando-se e mergulhando em ciúme. Aquilo era tão inadmissível quanto incontrolável.

— Claro que não, querido — respondeu lady Clarice. — Mas me diga, que jovem em sua consciência rejeitaria Sebastian Cavendish?

— A senhora diz isso porque ele é um

PERIGOSAS ACHERON

duque imagino.

— Lorde MacRae, sejamos honestos, o rapaz é sim um duque e isso por si só seria o bastante para muitas famílias, porém sabemos que a senhorita Juliette jamais se casaria com um velho, por exemplo, apenas em função de um título de duquesa. Porém, lorde Devonshire é um duque jovem, muito rico, tem um coração benevolente, ou ao menos é o que dizem sobre suas generosas ações de caridade, tem uma inteligência absurda para os negócios e para completar... Bom, vocês sabem que ele tem uma aparência agradável.

O olhar de lady Calston percorreu a mesa e pousou nos olhos do marido, que finalmente esboçou um sorriso. Apesar de ter estado em silêncio até então, achou por bem se pronunciar.

— Pode dizer, Clarice, sei muito bem que todas vocês admiram e comentam a aparência do homem.

Gregor estava estupefato.

— Até a senhora, lady Calston? Não posso crer nisso.

— Por que a incredulidade? Por que sou velha não posso achar um homem mais jovem bonito? Claro que jamais diria isso a ele, mas é o homem mais bonito de toda Londres! Exceto por meu marido e meu filho, claro.

Após pensar por um momento nas inúmeras qualidades citadas, Gregor se enfureceu; aquilo não estava correto. As mulheres reclamavam da maneira como eram vendidas semelhantes a um produto em um mercado patriarcal e machista, mas escolhiam um bom partido baseadas em qualidades superficiais.

— Então realmente acreditam que ele é a melhor opção para ela?

Dessa vez até mesmo o duque Leopold riu de seu questionamento.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Mas é claro, meu filho — ele disse em sua voz grave. — A senhorita Smith veio do nada e apenas com sua personalidade cativante e a beleza arrasadora conquistou um homem que as mulheres tentam fisgar há anos. Ele é a melhor opção.

— Pois bem. — Levantou-se abruptamente. — Qualquer notícia sobre a marquesa me avisem, estou indo agora.

Deixando a todos surpresos com a saída inesperada, MacRae caminhou sem despedir-se apropriadamente e rumou para a saída. Porém, não tão rápido que não pudesse ouvir a voz melodiosa da duquesa de Morph dizendo:

— Percebem o que digo sobre Cavendish? Ele jamais seria grosseiro assim.

O que ele não ouviu foi a risada de Mathew quando a porta se fechou.

— Pare de perturbá-lo, mamãe, essa última frase ultrapassou todos os limites.

PERIGOSAS ACHERON

A duquesa o observou com ar inocente.

— Não faço ideia do que está falando.

Mathew fatiou um pedaço de presunto e ofereceu parte dele à Cecília.

— Sabemos que as damas suspiram pelo maldito escocês e a senhora fez questão de enaltecer a beleza do duque como se Gregor não passasse de um homenzinho horrendo.

A duquesa cobriu a boca, contendo o riso.

— Eu disse que não havia homem tão bonito em toda Londres, mas ele não reside em Londres, e sim na Escócia.

— Então quer dizer que a senhora acha Gregor mais bem-apegoado que Sebastian?

— Quer dizer que já cometi todos os deslizes que uma dama aceitável poderia se permitir. Logo mais, seu pai estará expulsando-me desta casa.

Mathew gargalhou.

— Ande, mamãe, com qual deles acha que Juliette deveria ficar, baseando-se nos atributos físicos?

— Ah, meu querido, não faça perguntas difíceis. A garota tem alternativas muito... atraentes.

O duque pigarreou como que avisando que bastava.

— Perdão, querido, quis dizer que ambos são boas opções, mas infelizmente Gregor precisa cair em si logo antes que sua chance se perca.



Estava enfurecido.

É um conhecimento universal que um escocês, mais especificamente um *highlander* enfurecido, não é como outro homem qualquer; a fúria o domina de tal forma que é aconselhável se

manter fora de seu caminho. Portanto, não seria surpresa alguma se Gregor atacasse qualquer um que discordasse de suas opiniões naquela noite, mas verdade seja dita, sua fúria era dirigida a si próprio.

Não podia aceitar facilmente a ideia de que poucas palavras da duquesa pudessem ter despertado nele um ciúme tão absurdo; por mais que houvesse se recusado a admitir, não havia como escapar da verdade nauseante.

Sebastian Cavendish estava de fato interessado em Juliette e ela realmente não tinha motivos para não o aceitar.

O que o incomodava era justamente o fato de estar *incomodado*. Não era para que as coisas acontecessem daquela maneira, ele não deveria se importar tanto, não deveria se render a tais sentimentos que poderiam muito bem ser a sua ruína.

Mas, o que antes era inconcebível, acontecera, e ele, *apenas ele*, seria o responsável por expulsar aquela menina absurdamente intrometida, que apesar de todas as suas ressalvas e de todos os obstáculos que tentara impor, instalara-se em seu coração e ameaçara dominar sua alma a um ponto irreversível.

Obviamente Juliette seria muito mais feliz com Sebastian e ele mesmo lidaria melhor com isso do que com a opção que era comprometer-se com ela e estragar tudo como sempre acontecia com os MacRae de sua família, portanto, olhando-se no espelho, Gregor preparou-se para uma noite no *white's*, onde se esbaldaria em jogos e diversão puramente masculina e provavelmente terminaria a noite em um dos demais clubes exclusivos para cavalheiros com uma bela mulher nos braços.

— Onde está indo? — Ian o observava, o semblante tenso ao ver a fúria pouco característica

do irmão, que sempre fora extremamente bem-humorado.

— White's — respondeu secamente.

— Acho que é um ambiente em que companhia é muito bem-vinda, vou com você.

Gregor o observou enquanto vestia sua casaca escura.

— Não pensei que fosse querer ir até lá, creio que já o teriam dado por morto não fosse o fato de que estou sempre presente.

— Sou tão membro quanto eles.

— Claro que é, apenas é um membro que nunca compareceu. Vista-se então e vamos.

Ian MacRae riu com escárnio para o irmão mais velho.

— Estou pronto, vou exatamente assim. Espero que nenhum almofadinha faça piadas do meu *kilt*, ou as coisas poderão sair do controle.

Gregor pensou bem; talvez fosse

exatamente do que ele precisava. Que as coisas saíssem do controle. Com isso em mente, deu de ombros e saiu com Ian em seus calcanhares.

Dentro da carruagem, ele planejava com precisão seus próximos passos e todos os seus planos para que seu coração traiçoeiro não mais ousasse contrariar os desígnios de sua mente astuta e decidida.

Ian o analisava com atenção, tentando decifrar o que o incomodava tanto e do que poderia usar para que o incômodo fosse ainda maior, afinal, ele merecia sofrer um pouco depois de usar seu nome em suas correspondências, passando-se por ele.

Ainda em silêncio, os irmãos MacRae chegaram ao clube.



Juliette

— Heeeelen — chamou Juliette em desespero.

A moça caminhava pelas cozinhas a procura da criada, mas logo se deu por vencida, percebendo que ela não estava ali. Adentrou seus próprios aposentos outra vez e também não a encontrou. Em uma busca da única pessoa que sabia que poderia lhe ajudar, Juliette percorreu as salas e os salões principais da mansão.

De repente, ouviu um som melodioso que alcançou seus ouvidos e a tocou de uma maneira tão extasiante que despertava sentimentos adormecidos e trazia à tona lembranças que ela já depositara nos recônditos de sua mente. Balançando a cabeça em negativa, a moça logo tratou de expulsar certas lembranças de olhos muito azuis e uma noite mágica à beira de certo lago e seguiu na direção do som.

Ao abrir a porta da sala de música, Juliette encontrou àquela a quem tanto procurara nos últimos minutos. Sentada ao piano, Helen tocava majestosamente; os olhos fechados em uma entrega total, alheia a qualquer coisa que não fosse a música e aos sentimentos que lhe revolviam também. Ainda sem se anunciar, Juliette admirou a postura da amiga; os dedos ágeis e a maestria com que tocava. Nem em anos tocaria com tanta leveza, técnica ou paixão.

— Helen?

A jovem levantou-se rapidamente, com os olhos esbugalhados, e se apressou em secar uma lágrima que escorria por seu belo rosto marcado.

— Perdão, senhorita... Perdão, Juliette — corrigiu ao ver a expressão da amiga. — Eu sei que não deveria ter tocado e que, se fosse outra pessoa a me surpreender, provavelmente eu já teria sido demitida, mas foi como se não me desse conta do

PERIGOSAS ACHERON

que fazia até ouvi-la me chamar.

Juliette sorriu.

— Está tudo bem. Nunca ouvi nada tão lindo e, bem, como preciso muito de você e de suas habilidades secretas, não vou nem mencionar o fato de que não deveria saber tocar com tamanha excelência.

Helen lhe sorriu em resposta.

— Certo, não vamos falar sobre isso então. O que houve?

— Sabes que saí como lorde Cavendish mais cedo, não sabes?

Helen fez um muxoxo que passou despercebido pela amiga.

— Sim, claro que sei, eu mesma a ajudei a se arrumar.

— Pois então, ele me deu isso. — Estendeu a carta para que Helen a lesse.

A outra, ainda relutante, questionou:

— Por que quer que eu leia? Já sabe lidar com suas próprias correspondências.

Juliette ergueu sua sobrancelha, estranhando a atitude de Helen.

— Sim, sei mesmo. O problema é que o duque é um homem muito culto e, apesar de ter aprendido rapidamente a ler e escrever, e até mesmo me arriscar em outras línguas, não entendo absolutamente nada da *literatura* inglesa. Perdemos meses em técnicas e acabei não conhecendo os escritores e suas obras belíssimas e românticas e olhe só... Ele me mandou um poema!

Helen observava o papel apontado em sua direção como se ele fosse uma bomba que explodiria ao menor toque seu.

— Bom, se pretende se casar com ele, isso é o natural. O duque pretende cortejá-la e quis agraciá-la com palavras bonitas. Qual o problema?

— O problema é que, por algum motivo que

PERIGOSAS ACHERON

ainda não entendo, eu disse a ele que amava poemas, tentando ter algo em comum, eu acho. Disse que amava as obras de Shakespeare, que caso você não saiba, nunca li. Agora ele pensa que seria magnífico que trocássemos cartas com poemas sobre o amor; o duque não disse, mas sei que acredita que essa intimidade pode fazer com que eu me apaixone por ele e ele por mim.

Helen abriu um sorriso forçado, como se estivesse de fato muito feliz com as recentes notícias.

— Isso é lindo. O duque pretende se casar com a senhorita e não quer fazê-lo sem que possuam sentimentos um pelo outro. Ainda não entendi o problema ou o que quer que eu faça.

— Helen! Eu não conheço nenhum poema ou soneto, ou seja lá o que for. Não sei nada sobre isso e, honestamente, no momento, é a última coisa que pretendo aprender. Gosto de coisas mais

práticas, não vou ficar escrevendo versos de amor para alguém que mal conheço... Você conhece todos esses poetas, não é? Sei que sim, poderia escrever por mim?

— Não, não, não... De jeito nenhum, Juliette! Posso ensinar, mostrar a você de quais ele irá com certeza gostar, mas não irei me corresponder com ele em seu lugar. É demais para mim.

— Por queeeê? Por favor, Helen, eu não posso, de repente, dizer que não aprecio os poemas. Ele tem sido gentil. Quem sabe dê tudo certo. Posso te dar alguma coisa que você queira muito. Quer um leque? Um vestido lindo de baile?

Helen suspirou.

— E o que eu faria com todas essas coisas? Não vou a lugar algum.

Os olhos de Juliette brilharam com malícia e o coração de Helen deu um salto, pois ela

PERIGOSAS ACHERON

reconhecia aquele olhar; algo de muito importante estava para ser dito.

— Sabe — Juliette falou, alheia aos sentimentos da amiga. — Recebi hoje o convite para o baile dos Stanford. Lady Ane está oferecendo outro baile, mesmo que todos saibam que lady Mariene não vai mesmo se casar... Bom, isso não vem ao caso, a questão é que é um baile de máscaras e eu prometo, Helen, que se fizer isso por mim, cuidarei para que vá ao baile e tenha uma noite maravilhosa. Arrumaremos um vestido, uma máscara e tudo mais.

— Seria muito perigoso, Juliette. Não vou negar que sonho pisar outra vez em um salão de baile, mas eu não poderia me arriscar assim.

— Ah, Helen, por favor! Eu prometo que farei tudo de maneira tão discreta que ninguém saberá que estive lá... *outra vez*.

Helen fechou os lábios, apertados em uma

PERIGOSAS ACHERON

risca fina, como se apenas isso a impedisse de sair contando seus mistérios. Por mais que tentasse obrigar-se a recusar, ela sabia que era uma batalha perdida, afinal, o desejo já havia se instalado em seu coração e ela não abriria mão daquilo, nem que para isso fosse necessário se corresponder com lorde Cavendish.

— Tudo bem, eu aceito.



Gregor

De uma das mesas de carteados, onde jogava já há algumas horas, MacRae observava o duque de Devonshire, que acabara de chegar e sentara-se com alguns amigos enquanto bebiam e riam de algum assunto que ele não conseguia ouvir. Não era mesmo possível que o homem o atormentasse com pensamentos sobre Juliette até quando se esforçava

para deixá-la em paz.

— Gregor, é sua vez. — Ian chamou sua atenção.

Voltando os olhos para a mesa, percebeu com evidente tédio que vencera outra vez. Atirou suas cartas sobre o tecido verde que cobria a madeira e levantou-se.

— Deem-me licença, por favor. Preciso conversar com um amigo.

Abandonou a mesa, e com ela os companheiros, sem se incomodar que vissem que estava afastando-se para ficar sozinho e não para encontrar um amigo, como dissera. A verdade era que da distância em que estava era impossível ouvir o que Sebastian dizia e ele estava curioso; toda a racionalidade que o levara até ali já desaparecera em meio ao torpor do álcool.

Sentou-se em uma das poltronas, às costas da mesa em que Cavendish se divertia com outros

PERIGOSAS ACHERON

homens, tomando o cuidado para não ser visto. Ainda com um copo na mão, atentou os ouvidos para escutar a conversa deles.

— Eu garanto que ela se casará comigo. Escreveu-me até um soneto, vejam.

Não.

Cavendish não podia estar falando sobre Juliette, ela jamais escreveria um soneto para ele; não era moça dada a essas tolices e expressões piegas de sentimentalismo. Por certo estava falando de outra mulher, o que com certeza era bom, pois nesse caso não planejava se casar com Juliette.

— Leia para nós então, Devonshire, sua cartinha de amor...

Gregor ouviu as vaias e palmas dos amigos.

— Claro que não. Acham que vou expor minha futura duquesa e seus ternos sentimentos?

— Não entendi o que o motivou a se casar com a moça. Claro que ela tem um belo dote e é

PERIGOSAS ACHERON

muito bonita, mas vem de família pobre e você conseguiria qualquer outra — disse um dos amigos que o adulavam para permanecerem à sombra de sua riqueza.

— Ela não é exatamente o que um duque deveria procurar em questões de berço e posição. Creio que seja exatamente o que fez com pensasse em desposá-la. Talvez por não ter sido criada no mesmo meio que nós não é tão enfadonha como as outras. E, afinal, por que eu não o faria? Preciso de um herdeiro, minha mãe não para de falar sobre isso, e eu não sei, não gosto dessas moças desesperadas, interessadas apenas em dinheiro. Ela é bonita e gentil, por hora isso me basta.

A voz grossa de um dos rapazes se fez ouvir.

— E se a jovem senhorita Smith lhe compõe algumas odes, ainda melhor.

Todos riram novamente. Gregor não podia

se conformar com aquilo. Sebastian mentia descaradamente. Juliette não havia lhe mandado sonetos, estava certo disso.

Quando se lembrou de seus atos mais tarde, Gregor sabia que devia estar por certo muito bêbado para que agisse de modo tão impulsivo, mas não pudera se controlar; talvez estivesse embotado pelo álcool e já não possuísse mais o juízo por completo.

Fato é que ele se levantou e deu a volta em sua poltrona, parando de frente para Cavendish antes de afirmar com toda a convicção de que dispunha.

— Ela não lhe escreveu um poema, soneto, ou seja lá que desgraça esteja dizendo!

O duque de Devonshire, pego pela surpresa, permaneceu em silêncio, analisando o escocês furioso à sua frente.

— Está chamando-me de mentiroso, lorde

Harrington?

— Estou. Tenho certeza de que ela não perderia tempo com isso e você está passando a impressão de que ela é uma mocinha tola.

Sebastian Cavendish se levantou, as mãos nos bolsos, os olhos azuis faiscando com ódio incontido na direção do outro homem.

— Pois bem, escocês. Se duvidas de mim e se preocupa tanto com a imagem de minha futura esposa, leia você mesmo. E, por favor, devolva-me, pois não quero que os sentimentos dela sejam espalhados aos quatro cantos.

Gregor rapidamente pegou o papel. Seu sangue fervia, a vontade de desferir um soco bem dado no rosto do duque era lancinante, chegava mesmo a doer o controle que precisava exercer. Sem se preocupar com o que aquela impaciência e as palavras de desafio sugeriam, deixou que seus olhos percorressem as linhas escritas em uma letra

PERIGOSAS ACHERON

elegante.

Caro, lorde Cavendish

Se te comparo a um dia de verão

És por certo mais belo e mais ameno

O vento espalha as folhas pelo chão

E o tempo do verão é bem pequeno

Às vezes, brilha o Sol em demasia

Outras vezes, obscurece com frieza;

O que é belo declina num só dia,

Na eterna mutação da natureza.

Mas em ti o verão será eterno,

E a beleza que tens não perderás;

Nem chegarás exausta ao triste inverno:

nestas linhas com o tempo crescerás.

E enquanto nesta terra houver um ser,

Meus versos ardentes te farão viver.

De alguém que muito o estima,

Juliette Smith.

Era dela.

PERIGOSAS NACIONAIS

Por mais que Gregor não a reconhecesse naquelas palavras e que nada daquilo fizesse sentido, ele podia reconhecer até mesmo o perfume de Juliette na folha, o mesmo perfume que ela usara nas cartas que haviam trocado. Ela e Ian.

— E então? Está convencido?

— Isso não importa. Ela não se casará com você. Sinto que isso fira seu orgulho ducal, Devonshire, mas a senhorita Smith é uma mulher que não irá ceder aos seus caprichos. Infelizmente para você, ela é boa demais para ser seduzida por dinheiro ou títulos.

Sebastian sorriu friamente.

— Isso, MacRae, cheira-me fortemente a orgulho ferido. Pensou que ela o escolheria e, então, agora que percebeu que ela tem... melhores opções está embebedando-se sozinho?

Gregor crispou os punhos ao lado do corpo, amassando a carta de Sebastian.

PERIGOSAS ACHERON

— Vai me dizer que está apaixonado, Devonshire?

— Um de nós está, não é mesmo? Mas isso não vem ao caso, estou falando de casamento e não de amor.

Gregor sentiu uma mão em seu ombro e se virou bruscamente. Ian estava parado atrás dele, interrogando-o com os olhos, mas ele não respondeu. Logo, voltou-se outra vez para Sebastian.

— Tragam o livro — gritou a plenos pulmões. Em seguida, abaixou o tom. — Eu aposto que Juliette Smith não será sua esposa!

O sorriso irônico do duque ainda estava lá, intocado.

— E como irá impedir? Suspeito que se fosse pedi-la em casamento já o teria feito. Eu aceito a aposta.

Rapidamente, um dos funcionários do
PERIGOSAS ACHERON

white's se apresentou com o famigerado livro de apostas em mãos.

Após assinarem seus nomes e a ultrajante quantia de duzentas libras, Ian MacRae tomou o livro de suas mãos e escreveu outra aposta que desafiava ao duque e ao conde, o inglês e o escocês. Ao ler as palavras, os olhos de Gregor chisparam de ódio e os de Sebastian brilharam em divertimento. Ian deu as costas para os dois e, sem dizer nenhuma palavra, deixou o clube.

“Senhorita Juliette Smith se casará com um escocês até o fim da temporada.”

Ian MacRae

— Parece-me que seu maior rival come em sua mesa, *laird* MacRae...

Sem dar maior atenção ao duque e certo de que perderia a aposta, Gregor deixou o clube rapidamente, indo atrás do irmão. Fantasiando sobre seu assassinato.

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 14

LAÇOS DE SANGUE

Gregor

O desgraçado de seu irmão, como agora pensava nele, deixara-o furioso e, em seguida, saíra noite adentro sem deixar rastros; isso não era um problema, fosse onde fosse, em algum momento teria que voltar para a casa e enfrentá-lo.

Em primeiro lugar, sua atitude era desrespeitosa, afinal de contas, desde que haviam em sua mente recordações, Gregor e Ian eram amigos e mantinham seu acordo fielmente; se uma mulher era do interesse de um deles e ele a vira primeiro, o outro jamais se intrometeria. Porém, Ian

PERIGOSAS ACHERON

estava quebrando essa regra e, se o fizera, o interesse era tanto forte quanto genuíno.

Andou de um lado para o outro a espera do irmão. Com um copo de uísque em mãos por algum tempo, cansado e exasperado, por fim se sentou em sua poltrona, confortavelmente aquecido pelas chamas da lareira, e continuou aguardando.

Esperou por muito tempo.

Depois de algumas horas, o fogo na lareira já quase se apagava e Gregor já havia cochilado, mas os passos pesados de Ian subindo as escadas o despertaram. O patife não iria enfrentá-lo e sim fugir como um covarde. Gregor, no entanto, não havia o esperado por tanto tempo para deixar que ele escapasse, queria uma explicação e a teria.

Subiu as escadas logo em seguida e abriu a porta dos aposentos do irmão sem nem mesmo se anunciar. Ian estava de costas trocando-se e assim permaneceu, como se o ranger da porta, ou a forma

PERIGOSAS NACIONAIS

como ela bateu contra a parede diante da impetuosidade de Gregor, não o incomodasse de maneira alguma.

Não se dignou a virar-se de frente, como se nada importante houvesse a ser dito.

— Acho que me deves uma explicação. Que diabos foi aquilo no clube, Ian?

— Não sei do que está falando — respondeu cinicamente.

Quando percebeu que Gregor não diria mais nada, prosseguiu:

— A aposta? Estavam divertindo-se apostando, quis fazer o mesmo.

O olhar de Gregor era fulminante e derreteria o próprio Alasca.

— E por que isso agora? Decidiu que pretendes se casar? Mesmo com a maldição? Não acredita mais nela ou apenas não se importa o suficiente?

PERIGOSAS ACHERON

Ian lhe sorriu sarcasticamente.

— Em verdade, devo lhe dizer que nunca dei muito crédito a ela; apesar do que nos disse nosso pai e de todas as histórias antes... Apesar do que todos falam, mesmo depois de tudo que vimos e com a carta que nos deixou, sempre acreditei que um homem pode se opor ao destino. Mesmo que essa maldição seja real — e não estou dizendo que é — mesmo assim, acredito que alguém persistente e uma união forte poderiam resistir a isso e ludibriar até mesmo uma maldição tão antiga quanto a nossa.

— E decidiu isso quando? Depois que conheceu Juliette? Mesmo sabendo de nosso envolvimento?

Ian continuava a sorrir.

— Deixe de bobagens, homem. Não sou cristão e não me apego a essas tolices, não me importo que já tenha estado com ela. Se Juliette já

PERIGOSAS ACHERON

estive com outros homens, eu também já estive com outras mulheres. Podemos nos dar muito bem, sei disso.

Gregor sentiu o ódio, ressentimento e o gosto da traição de seu próprio sangue tomar conta dele todo, tanto que já não conseguia enxergar com clareza e involuntariamente suas mãos tremiam.

— Tínhamos um acordo e você o está desonrando. Está aproximando-se dela e eu não irei permitir que o faça, independente de suas pretensões.

A risada grave de Ian ecoou pelo cômodo, incomodando Gregor ainda mais, incitando-o a violência.

— Milorde não vai permitir? Deixe de dizer asneiras, eu faço o que tenho vontade e, no momento, é ter Juliette; ela parece achar que temos uma ligação forte, que nos conhecemos e somos íntimos. Por que pensas assim eu não sei dizer, mas

me chama pelo meu nome e me permite chamá-la pelo seu. Eu sou um segundo filho, sem títulos, mas Juliette não veio da nobreza e não irá se importar com isso desde que eu mostre a ela como posso ser... interessante.

— Ian, ouça-me com atenção, o terreno pelo qual tem ido é muito perigoso. Ainda estou controlando-me, pois não posso crer que meu próprio irmão me trairia dessa maneira. Se estiver brincando, diga imediatamente ou as coisas ficarão muito complicadas para você.

Ian MacRae conhecia o perigo, mas aguentaria um soco ou dois se isso ajudasse seu irmão a cair em si e perceber a grande besteira que fazia em nome de uma crença ridícula e errônea.

Ele próprio se amaldiçoaria se se permitisse ser dominado por esse agouro.

Então, sem demonstrar nem mesmo um pingo de hesitação, aproximou-se de Gregor até

PERIGOSAS ACHERON

que a distância entre eles fosse mínima.

— Não, irmão, eu não estou brincando. Quero tê-la em minha cama e se para isso for necessário que me case com ela, eu o farei. Mas pelo que entendi sobre o que houve entre vocês, talvez não seja preciso chegar a tanto. Quem sabe ela esteja à procura apenas do mesmo que eu? De um corpo quente para aquecê-la.

As palavras foram ditas com a intenção de tirar Gregor dos eixos e, conhecendo-o bem, Ian sabia exatamente o que ele faria em consequente, porém, o que Ian não pôde prever fora que seu queixo fosse ser tirado dos eixos junto com seu irmão.

O punho do MacRae primogênito atingiu o rosto do caçula com tal força que ouviram um estalo do osso deslocando-se. Com mais um golpe o nariz de Ian pingava sangue e, mesmo com a dor absurda e os dentes manchados de vermelho, ele

PERIGOSAS ACHERON

ainda tinha um sorrisinho vitorioso.

Gregor o olhava irado e ao mesmo tempo não queria machucá-lo ainda mais.

— Vai acontecer o seguinte: você não vai tocá-la e, se não quiser que eu o mate e de quebra adquira outra maldição para essa família, nunca mais fale dela dessa forma. Não tente nada. Ainda não sei o que vou fazer com relação a tudo isso, mas Juliette, senhorita Smith para você, é proibida.

Ian não queria levar outro soco; a brincadeira já havia lhe custado muito por uma noite. Observou seu irmão deixar seus aposentos sem questioná-lo sobre suas últimas palavras, mas não pôde deixar de pedir ainda risonho.

— Mande que chamem um médico, seu filho de uma meretriz. Acho que me quebrou três dentes e algo mais.

Gregor sorria diante da imagem que se formara em sua mente, seu irmão desdentado. Saiu

do quarto fechando a porta atrás de si e Ian não pôde deixar de sentir uma nota mínima de pena, afinal enquanto Gregor não vencesse seus temores, as dificuldades estavam apenas começando.



Juliette

No dia seguinte

O quarto reservado para o marquês de Wheston e sua esposa estava em plena atividade logo pela manhã, desde quando as dores de Nicole haviam se intensificado. Juliette já havia entrado ali algumas vezes a fim de oferecer ajuda de alguma forma. Mathew se recusava a sair do lado de Nicole e insistia em ofertar massagens e comida, atitudes solícitas, mas que, em um momento como aquele, apenas irritavam a marquesa.

— Mathew, eu já pedi para não fazer

massagem nas minhas costas, estão doendo!

O marquês não parecia convencido.

— Mas a massagem é justamente com a finalidade de aliviar suas dores, Nicole.

— Mas eu não quero. Agora não, querido.

Mathew tirou as mãos dela, mas a expressão em seu rosto demonstrava como sua impotência diante do sofrimento de sua esposa o incomodava.

— Depois o ogro sou eu...

Juliette sorriu ao vê-los juntos, por mais que às vezes tivessem uma ou outra discussão, estavam sempre juntos e com aquela troca honesta de gestos e olhares apaixonados. Eram francos nos desagrados também.

Interrompendo o casal, dirigiu-se a irmã.

— Nicole, estás certa de que nada posso fazer para aliviá-la?

A irmã a observava com fúria.

— Sim, estou certa. Na verdade, nenhum de

você pode, mesmo assim, a cada instante que abro meus olhos, o quarto está mais lotado.

Juliette arregalou os olhos diante da falta de modos de sua irmã, sempre tão educada. O médico, que já havia chegado, sorriu diante da consternação da moça.

— Senhorita, é natural que o humor de sua irmã esteja um pouco ácido, ela está sentindo dores muito fortes.

— E não há nada que possa ser feito?

Sorrindo, ele respondeu:

— Apenas podemos esperar. Não posso lhe dar láudano, pois preciso que esteja desperta.

Mathew, que compreendia bastante de mau humor, decidiu intervir por Nicole.

— Escutem só, Nicole está passando por momentos complicados e se sente desconfortável com a presença de todos vocês aqui. Acho que será melhor e também mais apropriado, considerando

tudo que irá ocorrer aqui em breve, que todos esperem lá embaixo. Darei notícias quando essas existirem. Juliette, não permita que ninguém mais nos importune, por favor.

Juliette conteve o riso diante da forma educada com que ele fazia uma grosseria, mesmo assim acompanhou todos para fora do quarto; a duquesa Clarice não parecia convencida de que deveria sair e nem mesmo de que Mathew — um homem — deveria ficar, sendo assim, tratou logo de tomar o duque Leopold pelo braço e saíram altivamente, como se fosse decisão própria.

Em sequência, lady Caroline os seguiu, desacompanhada, afinal lorde Albert tivera a sensatez de não se intrometer em um momento tão particular. Cecília relutou um pouco, mas logo se dispôs a acompanhar Juliette para fora, desde que ela prometera alguns biscoitos e chocolate quente — receita da mamãe, como ela agora chamava

Nicole.

Assim sendo, apenas Nicole, Mathew, o médico e uma criada permaneceram no quarto aguardando a chegada do novo rebento dos Wheston. Juliette desceu as escadas, contente, e se juntou à Helen na cozinha enquanto a amiga preparava o chocolate prometido à Cecília.

— Acho interessante uma coisa nesta casa... Todos são muito unidos.

Juliette sorriu diante do comentário da amiga.

— E por que não deveriam ser? Somos todos família, afinal.

Helen lhe sorriu como se a considerasse a criatura mais inocente do mundo.

— Ser da mesma família não significa que irão se amar. Ser do seu próprio sangue não quer dizer que não vá lhe fazer mal, Juliette. Essas pessoas são boas e se amam, mas isso não é apenas

por causa do parentesco, e sim em razão da índole e da união que nasce do amor, independente de laços sanguíneos.

Juliette se permitiu pensar nas palavras por alguns momentos e concluiu que nunca ouvira verdade tão absoluta; afinal, ali, sentada ao seu lado, estava Cecília, cuja mãe morrera sem nunca haver se preocupado com ela e lá em cima estava Nicole, que amava e tratava a menina como sua própria filha e a pequena a adorava de igual modo.

— Penso que tens toda razão, Helen.

Um pouco pensativa e cabisbaixa, Helen pegou o bule no fogo e organizou a bandeja para levar também para os demais espectadores do nascimento do bebê, mas antes encheu uma xícara e ofereceu à Cecília.

A menina provou deliciada, mas em sequência franziu o rostinho.

— Não é igual o da minha mãe...

PERIGOSAS NACIONAIS

Porém, logo que levantou seus olhos para comentar com Helen qual era a diferença, percebeu com toda aquela sua inteligência absurda que a moça não estava muito animada.

— Não precisa ficar triste, Helen. Seu chocolate é muito gostoso, o da minha mãe é mais, mas o seu também dá para beber, viu?

As palavras arrancaram risadas da criada e da tia da menina e juntas as três seguiram para a sala de refeições, onde todos aqueles que haviam descido do quarto estavam reunidos... E mais alguns.

Gregor MacRae estava de pé em uma animada conversa com lorde Albert, que o entretinha com anedotas e piadas ruins. Sim, Juliette já ouvira algumas e podia afirmar que por mais perfeito que o homem fosse como marido e cavalheiro, suas piadas em contrapartida eram um horror!

PERIGOSAS ACHERON

O coração dela, que sempre parecia disposto a envergonhá-la diante de suas decisões mais firmes e obstinadas, claramente não compreendia os planos traçados por sua arguta mente e disparava ante a mera presença dele.

Como ele estava de costas, foi permitido a ela fazer uma análise de sua aparência, relembrando cada traço que fazia dele o homem mais irritantemente irresistível que ela já conhecera.

Os cabelos estavam um pouco desalinhados, como se não fosse de grande importância para ele manter-se dentro de um padrão. Usando calças, botas — finalmente poderia ao menos aparentar sanidade na presença do homem — e um traje completo escuro, Gregor parecia de fato muito refinado; o epítome de um cavalheiro. Ninguém ali, além dela, poderia dizer quanta selvageria e desordem havia por baixo daquela aparência.

Como se sentisse a presença dela, ou talvez seus passos tenham sido ouvidos por ele, MacRae voltou-se em sua direção e um largo sorriso tomou conta de seu rosto. Era incrível como aquele sorriso, em companhia do olhar que a queimava, podia dilacerar sua resistente — assim Juliette me disse — carapuça contra as investidas imorais do escocês.

Tentando clarear a mente, Juliette obrigou o sorriso bobo, que ameaçava se formar em seus lábios, a retroceder e se manteve com expressão de neutralidade.

— Bom dia, senhorita Smith — a voz que lhe causava calafrios disse, como se nada entre eles fosse complicado.

— Bom dia, lorde MacRae, como vai seu irmão? — Dessa vez um sorriso cínico se estampou em seus lábios.

Afinal, na última vez em que se falaram,
PERIGOSAS ACHERON

Juliette havia sugerido certo interesse por Ian a fim de consterná-lo. A moça percebeu que Gregor tentava manter-se impassível, mas seus punhos haviam se crispado e seus olhos pareciam emitir faíscas de fogo.

— Muito bem. Saiu hoje na companhia de uma jovem que pretende cortejar.

Ele não sabia mentir tão bem, ao menos não olhando em seus olhos.

— Ah, é mesmo? Qual o nome dela?

Pareceu um pouco desconcertado a princípio, mas logo respondeu casualmente.

— Não sei o nome, na verdade, não cheguei a ser apresentado à dama ainda.

— Certo. E o que faz aqui?

A conversa paralela que os outros mantinham foi silenciada com a pergunta grosseira.

— Vim saber sobre a saúde da marquesa e decidi ficar. Vou aguardar com todos o nascimento

do bebê.

— Muito atencioso de sua parte.

Ele apenas acenou para ela e, em seguida, deu-lhe as costas, voltando a sua conversa com o conde Albert. O que a irritou demasiadamente, afinal, quem ele pensava que era para lhe dar as costas como se ela fosse alguém insignificante? Controlando sua raiva, que a moça admitia não fazer muito sentido, Juliette sentou próxima à duquesa e lady Caroline e aguardou com paciência, ou impaciência, como todos os outros.

Um pouco mais tarde, não foi possível para ela estimar quantas horas haviam se passado, pois, desde que notara a infame presença do escocês, sua concentração não era a mesma, mas algum tempo longo por certo havia se passado quando viram Mathew, o marquês de Wheston, correndo escadas abaixo, saltando os degraus como um menino travesso.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Nasceeeeeeeu!

A duquesa se levantou prontamente e o repreendeu:

— Mathew, por Deus, você é um marquês! Isso não são modos... — Mas o sorriso em seu rosto mostrava o quão feliz estava.

O duque Leopold logo também se pôs de pé e Caroline e Juliette se abraçaram saltitantes, de maneira que também não era nada comum ou apropriada a nobreza; uma família de fato extraordinária. Porém, foi Gregor quem fez a próxima pergunta.

— E então? Temos um lorde ou uma lady Wheston?

A algazarra comemorativa foi silenciada enquanto esperavam a resposta do marquês.

— É um menino! Acaba de chegar ao mundo lorde Adam Calston, conde de Travenel e meu herdeiro.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Enquanto as damas batiam palmas animadamente, Gregor franziu o sobrolho.

— Wheston, as pessoas nessa família têm sobrenomes minúsculos.

Lorde Wheston apenas o ignorou, dando graças a Deus por ser assim.

— Nicole está bem e descansando, logo poderão vê-la e ao bebê. Agora, deem-me licença, pois vou subir para ficar com eles. Cecília, vem com o papai.

A menina saiu correndo alegremente, finalmente poderia participar do momento mais aguardado por ela em meses.

Na sala, uma aura de alegria e cumplicidade tomou conta de todos os presentes e assim permaneceram.



PERIGOSAS ACHERON

Gregor

Havia chegado há pouco tempo da residência do duque de Morph. A expressão de completude nos olhos do amigo o fez questionar sobre as coisas que lhe faltavam.

Entrando pela porta da mansão, o conde de Harrington, Gregor MacRae, retirou a casaca preta que vestia e sentou-se no seu sofá, tão inglês quanto todos os móveis que ele adorava em sua mansão londrina.

Em alguns instantes, o mordomo Donald, que viera da Escócia para auxiliar ao patrão, juntamente com seu criado pessoal, entrou na sala onde Gregor estava e pigarreou, anunciando-se.

— Pode falar, Donald. O que foi?

— Chegou pela manhã este convite.

Gregor pegou displicentemente o convite das mãos do mordomo e abriu em seguida.

— Hum, é um convite de minha prima lady

PERIGOSAS NACIONAIS

Ane Stanford para um baile de máscaras, mas é nesta noite.

Donald assentiu.

— Sim, senhor. Ela enviou uma nota junto.

Gregor apanhou então a nota.

— Ficou sabendo que estamos na cidade apenas ontem e pede desculpas pelo convite em cima da hora... Avise Ian sobre o baile.

— Claro, senhor.

Então, desviou os olhos da nota de sua prima por um instante.

— Como ele está, Donald?

— O senhor Ian? Muito bem, claro.

— Mas um pouco dolorido, verdade?

— Claro, lorde MacRae, bastante dolorido.

Gregor não pôde deixar de se preocupar com o irmão; agira como um estúpido ao falar de Juliette, mas mesmo assim era sua família.

— Os dentes dele...

PERIGOSAS ACHERON

Donald sorriu.

— Lorde Ian estava fazendo um dramalhão quando o médico chegou, mas não perdeu dente algum.

— Bom, muito bom. Informe a ele sobre o baile que nossa prima Ane nos convidou. Não os vejo têm muitos anos, mas precisaremos comparecer, já que sabem que estamos aqui.

Com um aceno quase imperceptível, Donald saiu, deixando-o outra vez sozinho.

Gregor estava certo de que Juliette estaria presente no baile. Lady Ane Stanford era sua prima distante e, juntamente com os filhos, vivia em uma das propriedades vinculadas ao título de Harrington. Eles já estavam lá antes por permissão do avô dele; o marido de Ane havia sido administrador das terras e propriedades do velho conde por muito tempo e Gregor nunca se incomodou o bastante para retirá-los de lá.

Além do primogênito, lady Ane tinha uma filha, Mariene, que não havia se casado, apesar de já ter passado da idade. Com isso em mente, lady Ane costumava realizar diversos bailes durante as temporadas, visando encontrar um pretendente para a filha. Obviamente, os melhores partidos da Inglaterra estariam presentes e isso incluía Cavendish, o que não era bom. Nada bom. Mas ele estaria lá também. E Ian. Realmente, nada bom.

— Waaaallace...

Precisava de uma máscara urgentemente.

— Wallaaaace, onde se meteu, demônio?

Pouco depois, ouviu os passos apressados do rapaz.

— Chamou, lorde Gregor?

— Eu gritei, na verdade. Preciso que saia e me compre uma máscara.

O rapaz o fitava de maneira estranha.

— O que foi? Não sabes que aqui na

PERIGOSAS NACIONAIS

Inglaterra gosto de sair para as ruas fantasiado para encontros clandestinos com as mais respeitáveis damas? De preferência casadas?

— Eu... não sabia, senhor. Vou providenciar.

Gregor ainda ria quando ouviu a porta da rua fechando-se. O rapaz acreditava em tudo que lhe dizia.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 15

SENTIMENTOS MASCARADOS

Juliette

Chegara finalmente o dia do baile de máscaras e ela não se recordava de ter estado com os nervos tão à flor da pele como estava; a preparação para que conseguisse fazer com que Helen entrasse com ela havia sido de fato extenuante, porém, observando o resultado, Juliette podia imaginar que tudo daria certo.

Os vestidos tinham o mesmo padrão de cores claras, típicas das debutantes... Até mesmo a pedraria e os adornos eram parecidos ao extremo. Cuidadosamente, Juliette pensou em cada detalhe

PERIGOSAS ACHERON

para que as duas estivessem parecidas o bastante para que quem as visse separadamente não pudesse distinguir uma da outra. O único agravante era o fato de que não poderiam ser vistas juntas, afinal, o convite de Juliette não era extensivo a amigos e muito menos a criados.

Ambas se encaravam no espelho, sorrindo, a adrenalina parecia fazer com que o ar vibrasse; a escolha das máscaras havia sido tão complicada quanto todo o resto, se não mais. Foi preciso que máscaras gêmeas fossem feitas, brancas e enfeitadas com pérolas; foram produzidas de maneira a cobrir todo o rosto, deixando entrever apenas os olhos, queixo e a boca, desse modo a cicatriz de Helen não era visível.

Outra enorme complicação que encontraram foi em relação aos cabelos; enquanto os de Juliette eram tão negros quanto o manto escuro da noite, os de Helen eram tão claros que poderiam ofuscar ao

PERIGOSAS ACHERON

sol. Tudo foi resolvido com uma peruca de cabelos pretos para a moça, com um penteado que ela tratou logo de imitar nos cabelos de Juliette, deixando-os presos como ditava a moda.

Uma suave batida na porta assustou ambas, antes, porém, que pudessem pensar em um modo de omitir o que faziam, a porta se abriu e uma cabeleira escura entrou. Lady Caroline.

Sem encontrarem uma maneira apropriada de se comportarem, prepararam-se para que uma gritaria tivesse início ou ao menos uma reprimenda bem aplicada; ao contrário disso, logo que os olhos da condessa se ajustaram ao que viam, ela começou a rir.

— Óh, Juliette, querida, vejo duas de você. Fantástico!

Compreendendo bem o olhar da jovem, prosseguiu:

— Claro que não vou dizer nada para

PERIGOSAS ACHERON

ninguém, prometo! Mas com a condição de que me contem o que estão aprontando.

Juliette deu um passo para frente.

— Essa é a Helen... Tenho uma dívida com ela e, como pagamento, decidi levá-la comigo ao baile para que se divirta um pouco. Como não foi convidada, aproveitamos que se trata de um baile de máscaras para prepararmos um disfarce.

Lady Caroline analisava as duas. Decididamente idênticas.

— Fiquem tranquilas, pois estou certa de que ninguém irá notar a diferença desde que não sejam vistas juntas. Mas me digam uma coisa, que dívida é essa?

Juliette olhou para a amiga, aguardando sua aprovação para contar. Isso não passou despercebido para a condessa. Algo deve ter sugerido à Helen que Caroline era confiável, pois ela assentiu.

— Helen tem respondido às cartas de lorde Cavendish em meu lugar. Não que ele não seja um ótimo partido, mas fica mandando-me sonetos e falando de poesia e eu não sei... Não me importo muito com essas coisas e, em verdade, não entendo sobre isso também.

A boca da condessa se abriu e fechou duas vezes antes que finalmente encontrasse as palavras certas.

— Bom, querida, não estou aqui para julgá-la, mas isso não é nada bom. Não me refiro nem a mentira, mas ao fato de que claramente despreza o jovem duque. Se não nutre por ele sentimento algum, não vejo motivos para que insista nesses passeios ou em encorajá-lo para que a corteje. Existem inúmeras outras opções.

Se ela ao menos soubesse — pensou Juliette.

— Não é tão fácil assim. O duque é um
PERIGOSAS ACHERON

excelente partido e um homem bom.

— Sim, ele é, mas isso não quer dizer que a fará feliz. Deve casar com aquele que fizer seu coração disparar, com o homem que lhe desperte para o amor... E para a paixão.

Juliette fez um muxoxo.

— Mas e se o único a me despertar esses sentimentos for um homem que não planeja se casar?

Lady Caroline fez um gesto de desdém e sorriu maliciosa.

— Sempre posso reunir meu pelotão para darmos aquela ajudinha... Os homens não sabem o que querem muitas vezes, até que mostremos a eles.

Juliette retirou a máscara para olhar nos olhos da condessa.

— Não! — disse enfática. — Isso não.

— Estás certa disso? Deu certo para sua

irmã.

— É diferente. Lorde Wheston estava apaixonado, apenas tinha dificuldades em assumir.

— Exatamente! O caso é exatamente esse, mas se não quer, não devo me intrometer...

Juliette assentiu grata. Quando por fim se sentiu mais aliviada, notou que lady Caroline não estava pronta para o baile.

— Não vai conosco? Vejo que não se vestiu.

A condessa sorriu.

— Ah, não... Lady Ane Stanford e a senhorita Mariene não gostam de mim. Com toda razão, claro, se levar em consideração tudo que fiz para a pobre moça e os pretendentes...

Helen deixou um risinho baixo escapar e casualmente comentou:

— Aparecer de braço dado com lorde Albert não deve ajudar para que a estimem mais.

— Não, suponho que não. Ainda mais que...

Sua atenção, de repente, fixou-se em Helen.

— Então sabes sobre o que houve e o incidente no teatro? Como?

— Eu... Hum... Estava em Londres em ocasião dos acontecimentos e li nos jornais. O *Floreios & Cetim* narrou todos os fatos.

Lady Caroline estreitou os olhos na direção da moça, analisando-a; Juliette, no entanto, estava frustrada com a conversa que não compreendia.

— Ei! Estou aqui e não faço ideia sobre o que estão falando, mas temos um problema e não sei como deixei isso passar... Não há como irmos na mesma carruagem que a duquesa sem que ela note que há duas de mim!

A condessa desviou o olhar para responder à amiga.

— Lembre-me de contar sobre minha

história de amor com meu melhor amigo... e lady Mariene. Precisam ter cuidado, pelo amor de Deus. Se as descobrirem, será um escândalo! Faremos o seguinte: vou em outra carruagem levando lady Helen, hum, senhorita Helen. Quando chegarmos, darei um jeito de fazê-la entrar como se fosse Juliette. Em seguida, irei me retirar e as duas se encontram lá dentro, mas, por tudo que é mais sagrado, não sejam vistas juntas! Combinaremos um horário e eu irei buscá-la.

As duas concordaram, ansiosas, e ao mesmo tempo aterrorizadas com a perspectiva.



Para sorte de Juliette, e de Helen conseqüentemente, ninguém mais estava interessado em comparecer ao baile, afinal o bebê dos Wheston acabara de nascer. Disfarçar a

PERIGOSAS ACHERON

duplicidade de Juliette's seria mais fácil tendo apenas a duquesa como acompanhante.

Então, Juliette partiu com lady Clarice. Helen seguiu pouco depois acompanhada de lady Caroline, que deu o nome das duas na entrada e, logo em seguida, retornou a carruagem discretamente, deixando Helen atordoada e completamente apavorada no hall de entrada da residência que era conhecida como a casa dos Stanford; apesar de a moça saber, claro, não ser a oficial, pois a mansão na verdade pertencia a lorde Gregor MacRae.

Porém, pouco depois de sua entrada, avistou Juliette ao lado da duquesa e discretamente acenou para que se encontrassem do lado de fora da varanda, que já estava aberta, nos jardins. Ambas olhavam para os lados, preocupadas com os demais convidados, torcendo para não serem flagradas.

— Vou cumprimentar a todos e falar com

PERIGOSAS NACIONAIS

quem for necessário para que ouçam minha voz e não restem dúvidas de que estou aqui. Você fique mais afastada e nas sombras para não ser vista enquanto isso; darei um jeito de sair para os jardins e então você poderá entrar e se divertir um pouco. Assim iremos revezar durante a noite, de acordo?

Helen estava radiante, apesar de todo o medo que sentia.

— Sim, estamos de acordo. Muito obrigada por ter feito isso por mim.

— Não fiz nada que você não faria, está sempre me ajudando e arriscando-se. Isso não é nada diante de todos os ensinamentos que tem me passado.

Juliette então retornou ao salão lotado, observou as pessoas mascaradas e se aproximou da duquesa de Morph outra vez.

— Onde esteve, menina? Perdi você de vista por alguns instantes.

PERIGOSAS ACHERON

— Apenas fui arrumar meu penteado. E bem a tempo — sussurrou. — Creio que aquele vindo seja lorde Cavendish.

— Muito elegante, como sempre. Adorei a máscara preta — completou a duquesa.

O duque se aproximou, impedindo qualquer resposta ao comentário da duquesa.

— Boa noite, vossa graça. Boa noite, senhorita Smith, dança comigo?

Juliette concordou prontamente e, em seguida, deslizava pelo salão nos braços do duque. De onde estava, Helen observava a cena com nostalgia e talvez uma pequena e incômoda pontada de inveja da amiga.

— Lorde Cavendish, está um pouco abafado aqui. Tu me considerarás por certo muito ousada se o convidar a tomar um ar na varanda...

Sebastian sorriu galantemente.

— Mas não seria ousadia da senhorita se

fosse eu a fazer o convite. Aceita dar uma volta comigo pelo jardim? Claro que tenho as melhores das intenções, gostaria apenas de conversar um pouco a sós com a senhorita e estou certo de que a duquesa não irá nos ver.

Juliette sentia-se exultante por dentro, afinal conseguira o que queria e dessa maneira Helen poderia entrar no salão e quem sabe até dançar um pouco.

Acenou afirmativamente para o duque e, logo que a dança teve fim, Sebastian a conduziu para fora, saindo por uma das portas laterais e fazendo o possível para que não fossem vistos. Trilharam um caminho permeado por flores das mais diversas cores, tendo por companhia o barulho da festa que se desenrolava muito perto.

— Adorei o soneto que escolheu me enviar, fico feliz em ver que temos gostos tão parecidos.

Claro que a calmaria tinha que ter fim.

Juliette nem mesmo havia lido o soneto que Helen havia lhe enviado.

— Hum, sim. Também fico feliz.

Sentia-se a pior das mentirosas. Por mais que tentasse, não conseguia despertar em si mesma os sentimentos que havia planejado nutrir por Sebastian, afinal de contas o amor não existe para seguir planos e metas traçadas, ao contrário disso, vem para destruir as imposições e trilhar um caminho novo e único.

O seu coração já era comprometido, por mais que se negasse a admitir, Juliette sabia que aquele sentimento e todo seu orgulho ferido eram os motivos de hoje estar ali, passeando por entre os jardins escuros com um duque que não lhe apetecia em nada.

— Falemos um pouco sobre isso, senhorita Smith. Pareceu-me uma grande fã das obras de Shakespeare, seus sonetos e versos de amor. Suas

peças também a agradam? Gosta das comédias?

Ai meu Deus — pensou ela — deveria ter aceitado a oferta de Helen para me ensinar um pouco sobre o assunto.

— Bem, eu gosto de tudo que ele escreveu...

O duque pareceu satisfeito com a resposta.

— Também gosto.

De braços dados, caminharam rumo à fonte que ficava no centro do jardim e Juliette sabia que a conversa se tornaria de alguma maneira mais íntima e não estava nem um pouco interessada em viver momentos tórridos de paixão, com ele.

Sebastian era lindo e isso decididamente era um fato, porém, quando olhava em seus olhos azuis, as recordações de outros olhos da mesma cor eram tão intensas que sua vontade era fugir dali e nunca mais voltar.

Mas não podia. Não quando sua família

esperava que fizesse um casamento e investira tanto para que ela conseguisse alguém de quem gostasse; talvez devesse tentar outro rapaz, alguém que fizesse aflorar em sua alma algum sentimento, mas infelizmente a única pessoa capaz de lhe despertar esse tipo de sensação era o escocês, e ele só a desejava fisicamente, além de tê-la magoado profundamente.

— Conte-me um pouco sobre seus poetas preferidos, quais são?

Juliette foi dominada pelo pânico, afinal de contas, o que poderia dizer quanto a essa pergunta? Ela não conhecia poetas e sonetos; não havia nela nenhum conhecimento sobre o assunto para que partilhasse com ele.

Porém, enquanto era consumida pelo desespero e o receio de ser descoberta uma fraude, teve uma ideia; poderia procurar por Helen e pedir que lhe contasse sobre seus poetas favoritos e,

PERIGOSAS ACHERON

então, ao retornar, retomaria a conversa. Se conseguisse se afeiçoar ao duque ao menos em um nível de amizade profunda, poderia talvez lhe contar seus infortúnios e com um pouco de sorte ele poderia aceitá-la. Muitas coisas eram ainda incertas.

— Esse é um assunto deveras fascinante, lorde Cavendish. Posso pedir-lhe que me dê licença por um momento? Preciso muito me refrescar, mas prometo que logo retornarei.

— Refrescar-se? Mas estamos ao ar livre. — Foi a resposta dele.

— Sim, bom... Preciso tomar um refresco, foi o que quis dizer.

Sebastian lhe sorriu com gentileza.

— Não se incomode então, permita-me lhe buscar um copo de limonada.

Juliette assentiu e viu quando o duque trilhou o caminho na direção da residência dos PERIGOSAS ACHERON

Stanford. Logo que ele sumiu nas sombras, ela voltou-se na direção oposta, planejando entrar pela porta lateral e encontrar Helen, que por certo já estaria assustada.



Gregor

Ele a havia visto chegar mais cedo, tão linda que um aperto forte em seu peito o levou a cogitar talvez que estivesse tendo um ataque do coração, a dor aumentava quando a imaginava dançando nos braços de Sebastian e diminuía minimamente quando pensava em tê-la presa de encontro ao seu corpo.

Seguiu-a com os olhos por algum tempo, em alguns momentos a perdia de vista, mas logo a encontrava outra vez; nessa obsessão implacável, Gregor percebeu quando Juliette saiu acompanhada

do duque na direção dos jardins. Se aquele era o caminho escolhido por ele, suas intenções não podiam ser muito decorosas, ao menos não por esta noite.

Esperou um pouco para que não o flagrassem e, em seguida, saiu pelo mesmo caminho que os dois haviam percorrido um pouco antes. Procurou o casal por todos os cantos e se virava a cada farfalhar de tecido que ouvia, mas sua busca parecia vã, afinal o jardim de lady Stanford, sua parenta distante, era imenso e cheio de labirintos e havia mais de um caramanchão.

Quando, no entanto, deu-se por vencido e já imaginava não mais os encontrar, percebeu uma fonte e a sombra de uma mulher de pé em frente a ela, sozinha.

Instantaneamente, Gregor reconheceu o vestido que ela usava e, apesar de ocultar todo seu rosto, aquela era a máscara que Juliette ostentava

PERIGOSAS ACHERON

altivamente quando chegara acompanhada da duquesa; pensou em se aproximar, ela parecia muito nervosa, andando de um lado para o outro, mas antes que o fizesse, percebeu que lorde Devonshire retornava com um copo nas mãos. Escondeu-se atrás de uma macieira; outra vez esgueirando-se pelos cantos em uma perseguição não planejada.

— Aqui está você — disse ele naquela voz irritante, que fazia com que Gregor desejasse desesperadamente socar alguma coisa, de preferência o rosto do duque.

Ela se virou assustada e gaguejou uma resposta.

— Óh, sim... Vossa graça, eu... estava sentindo muito calor.

— Sei disso, por isso trouxe sua limonada. Pode tomar.

Como um cavalheiro distinto, Cavendish

PERIGOSAS ACHERON

entregou a bebida a ela. Gregor analisava a postura da moça e suas atitudes; tudo era muito estranho, até mesmo a voz não parecia natural, mas então Sebastian eliminou suas dúvidas.

— Senhorita Smith, retomando nossa conversa anterior. Falávamos sobre os sonetos e os poetas. Há um em particular de que gosto muito, que diz assim: duvide que as estrelas sejam fogo, duvide que a verdade seja mentirosa, mas nunca duvides que eu te amo.

Um silêncio absoluto caiu sobre o ambiente e Gregor aguardou a reação dela diante das palavras; esperava que mantivesse uma postura enfadonha, ou quem sabe até pudesse achar graça nas palavras, ou o mais esperado, poderia fingir apreço por elas.

Mas não, a moça parecia fascinada, encantada com as lorotas do duque e até mesmo um pouco melancólica. Não era possível que aquela

PERIGOSAS ACHERON

jovem tão prática fosse se deixar levar por declarações melosas e infundadas.

— Acha que é possível? — Sebastian questionou.

— O quê? — ela perguntou; sua voz parecia mesmo diferente, mais rouca, e Gregor atribuiu isso à emoção. MacRae não podia acreditar no que seus olhos viam, ela parecia de fato se sentir atraída pelo duque.

— Um amor tão puro e verdadeiro que não se coloca em dúvida? Um sentimento sobre o qual não se levanta questionamentos, apenas se crê.

Ainda o olhando com admiração, ela respondeu:

— Não sei... Por vezes, o amor é traiçoeiro. Eu gostaria de acreditar nesse amor puro, mas não tive boas experiências com esse... sentimento.

Estaria referindo-se a ele? Com certeza Gregor havia lhe dado boas experiências, porém

PERIGOSAS ACHERON

não envolviam amor, eram apenas físicas. Talvez fosse ele o responsável por seu ceticismo.

O duque parecia também estar perdido em pensamentos.

— Sim, realmente. Um sentimento tão bonito e ao mesmo tempo assustador; nunca pensei que poderia me apaixonar outra vez, pensei estar morto para esse sentimento. No entanto, a senhorita me intriga, sabes? Quando estamos a sós, é distante, apesar de gentil. Eu a vejo como uma amiga querida, mas quando li o soneto que me enviou, percebi que tem uma alma apaixonada, sensível... Exatamente o tipo de mulher por quem eu poderia nutrir esse sentimento profundo.

De onde Gregor estava escondido podia ver que os olhos dela brilhavam. Estaria chorando? Absurdo! Aquilo nem era uma declaração de verdade.

— Já se apaixonou, vossa graça?

O duque a observava com tanto carinho que Gregor passou a sentir-se um pouco mal por estar ali, presenciando um momento tão íntimo.

— Perdidamente... Mas isso não vem ao caso mais, é passado e precisamos nos concentrar no futuro.

Ele se aproximou dela e Gregor pressentiu que o pior estava por vir. Viu quando a mão dele envolveu a delicada mão enluvada da jovem. Ela não se afastou, ao contrário disso, aproximou-se um pouco mais dele.

Sebastian tocou o queixo dela com uma suavidade que era nauseante para Gregor como espectador, eles pareciam de fato um casal apaixonado. Aquilo não podia ser verdade. Ele com certeza morreria antes de permitir que outro homem a tivesse nos braços e justamente ali, na sua frente.

Ela ergueu o rosto para olhar nos olhos do duque e sua boca se abriu em expectativa, diante do

PERIGOSAS ACHERON

beijo aguardado. Sua Juli queria ser beijada por outro homem e o olhava com mais adoração que já havia o fitado em qualquer momento anterior. Sebastian tentou desamarrar a máscara branca que cobria a face delicada, mas ela o deteve.

— Gosto do ar de mistério que as máscaras dão ao momento.

Gregor ouviu a voz distante e apaixonada dizer, então sentiu seu estômago revolto; talvez fosse a bebida fermentando ali, mas o mais provável era que a cena que presenciava o estivesse afetando de maneira aterradora.

Queria desviar os olhos para o chão, não podia suportar a ideia de assistir aquilo se desenrolando diante de seus olhos e não tomar nenhuma atitude, mas era como se aquela catástrofe o sugasse para o olho de um furacão. Gregor teve seu olhar cativo e viu quando os lábios deles se encontraram. Um beijo singelo, nada arrebatador,

PERIGOSAS ACHERON

mas o suficiente para que um peso se instalasse dentro dele, como se ele próprio fosse um cadáver que fora cheio de pedras e atirado no mar à deriva, aliás, sentia-se semimorto mesmo, sem vida e frio como gelo. Porém, então, ele viu, a poucos metros de seu pé, uma maçã que certamente havia despencado da árvore e agilmente a pegou.

Não aceitaria que aquele beijo se aprofundasse. Sebastian jamais conheceria a mistura de docilidade e ousadia que era Juliette. Então, preparou o arremesso e, pouco antes dos lábios de Juliette serem tomados pelos do duque outra vez, atingiu o homem com a maçã na cabeça.

— Aaaai... O que foi isso?

A moça arregalou os olhos e viu a maçã que o atingira a poucos metros dali, rolando.

— Alguém atirou isso no senhor! Quer dizer que nos viram juntos e tudo pode estar perdido! Preciso retornar ao salão imediatamente.

Com licença, milorde.

Gregor viu quando, apressada, ela segurou a saia do vestido e saiu correndo em direção ao conforto e segurança do salão lotado, deixando Sebastian atordado e desconfiado.

Um pouco mais aliviado por ter impedido os avanços do duque, Gregor tratou logo de retornar também ao salão, temendo ter seu esconderijo revelado caso o outro decidisse investigar a origem do ataque.

Tomou o caminho oposto de Juliette, mais curto, com a intenção de conseguir retornar antes dela e assim evitar também as suspeitas da moça; porém, para seu total assombro, quando adentrou as portas iluminadas, de imediato notou que ela valsava placidamente com seu primo, o anfitrião.

O homem era um pouco desengonçado, muito diferente de Gregor ou Ian; MacRae achava estranho em razão do parentesco deles, mesmo que

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

fossem primos muito distantes. Lorde James também era muito diferente de lady Mariene, sua irmã, que era a graça e beleza em pessoa. A moça não havia se casado apesar de já ter passado da idade, tudo devido a uma sequência de infortúnios por parte de seus pretendentes. Parecia que sempre que alguém estava prestes a pedir a mão da jovem em casamento, optava por outra noiva e ela continuava solteira.

— Boa noite, vossa graça.

Gregor reconheceu a voz do irmão de pronto.

— Então decidiu comparecer ao baile, mesmo com os hematomas.

Ian sorriu.

— Não poderia perder a oportunidade de valsar com minha futura esposa, poderia?

Gregor trincou os dentes em desagrado. Seus problemas não acabariam nunca?

PERIGOSAS ACHERON

— Vejo que deveria mesmo ter quebrado seus dentes, continua tão desaforado quanto antes.

— Acho que até mais, meu irmão. Vou convidá-la para dançar e, se por acaso me questionar sobre os machucados, ficarei feliz em contar-lhe uma história sobre certo bárbaro.

— Faça isso e eu lhe direi exatamente por qual motivo o bárbaro aqui fez o que fez. Creio que ela irá aplaudir minha atitude.

Ian assentiu levemente e, em seguida, afastou-se; Gregor acompanhou seus passos, esperando ver se ele realmente diria alguma coisa para Juliette, mas no meio do caminho, o rapaz tomou um rumo diferente. Pouco depois, valsava com a prima Mariene enquanto Juliette se retirava apressada do salão.

Impaciente com todos aqueles joguetes de sedução e intrigas, Gregor foi para casa, sentindo-se derrotado pela primeira vez. Até tarde da noite,

PERIGOSAS ACHERON

afundou-se em autocomiseração e depressão, tendo como companhia apenas seus pensamentos melancólicos e seu melhor uísque. Gregor MacRae se viu outra vez embotado pelo álcool em mais uma tentativa falha de tirar Juliette de seus pensamentos.

Ele já deveria ter aprendido, mas o homem era mais teimoso que uma porta, isso posso lhes afirmar. Já deveria saber, tendo convivido consigo mesmo desde que viera ao mundo, em uma tarde de outono, trinta e um anos atrás, que um MacRae feliz podia se tornar ainda mais feliz se tivesse por perto uma garrafa de bebida, mas um MacRae chateado, acompanhado do álcool, era um verdadeiro desgraçado, que não analisava bem as consequências de seus atos.

Um pensamento absurdo penetrou fundo em sua mente, uma ideia que não deveria ter e que, se em um momento de sobriedade lhe viesse, Gregor prontamente a descartaria. Porém, não era um

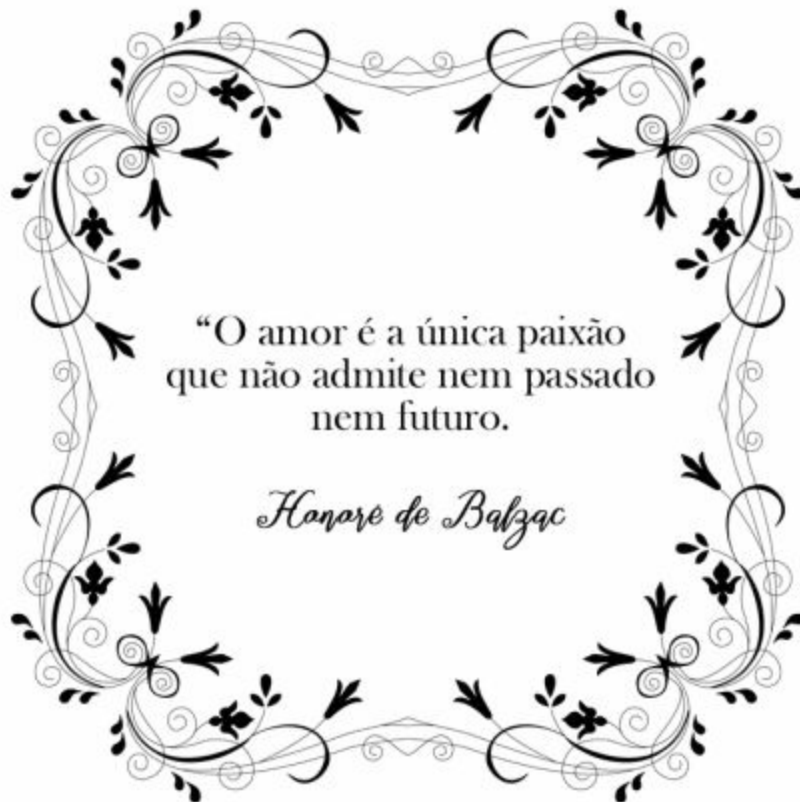
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

momento de sobriedade; ele já havia bebido um pouco no baile e muito mais que um pouco em casa.

Vestindo novamente seu casaco, Gregor saiu da mansão enquanto a madrugada ia a toda e rumou para mais uma de suas façanhas inconsequentes.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 16

CEDENDO EM MEIO A SEDA

Juliette

Ela caminhou apressada para a varanda, sentindo a brisa fresca da noite tocando sua pele e com ela trazendo um arrepio. Helen não estava em parte alguma e Juliette já havia deixado o duque plantado no jardim por tempo demais, logo ele a procuraria e ficaria irritado quando a visse no salão como se o tivesse esquecido. Talvez eles houvessem se encontrado e Helen poderia estar em apuros, se ele fizesse as perguntas certas poderia obter respostas erradas e tudo desmoronaria.

PERIGOSAS NACIONAIS

Caminhando pelo terraço, avistou a silhueta da amiga, escondida nas sombras.

— Helen... — sussurrou. — Estive procurando por você. Onde estava?

A outra hesitou por alguns instantes, pesando as próximas palavras.

— Estava nos jardins...

— Eu também estive lá, mas saí para procurá-la. Acho que nos desencontramos. Preciso de sua ajuda, o duque quer saber sobre meus poetas preferidos e não sei o que dizer.

— Ah, isso... Ele me encontrou na fonte e conversei um pouco sobre isso. Confessou que adora Shakespeare e eu disse o mesmo; fique tranquila, ele não desconfiou de que não fosse você.

— Que ótimo! Já estava preocupada que pensasse que o deixei plantado lá enquanto valsava com lorde Stanford.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Helen arregalou os olhos.

— Estava dançando com aquele rapaz estranho?

— Sim, dancei com aquele James, um rapaz um tanto afetado.

A outra jovem soltou um riso baixo, contido.

— Ele é mesmo um terror.

— Falando nessa família, viu lorde Gregor por aqui? São primos ao que parece, inclusive. — Ela baixou o tom de voz ainda mais. — Soube que esta casa é dele e que moram aqui tentando manter as aparências. Estranho, não? Lorde James é um barão, não devem ser tão desfavorecidos assim.

Juliette emendou, a fim de disfarçar o interesse em saber sobre o escocês.

— Sim, uma história estranha. Sobre MacRae, eu o vi mais cedo dentro do salão. Seu irmão também veio... Não os viu?

PERIGOSAS ACHERON

Juliette olhou por cima do ombro.

— Vi Ian de relance, mas Gregor não. Desencontros... Mas é melhor assim, sempre que nos encontramos tudo termina em discussões e ele me exaspera.

— Sei que sim. Ele tem muito poder sobre as suas ações, mas lady Caroline está certa, casar-se com outro por causa do que ele lhe fez não pode ser a melhor opção. Estás certa de que não podem se entender? Sei que por mais que rejeite a ideia de casamento, ele sente algo por você.

— Como poderias saber disso? E sobre nós nos entendermos, para que isso acontecesse, muitas coisas precisariam ser diferentes. As resoluções dele acerca do matrimônio são profundas e as palavras que me disse na Escócia, a forma como desdenhou de mim... também deixaram marcas profundas. Claro que já não as sinto com tamanha intensidade e também sei bem que as disse em um

PERIGOSAS ACHERON

momento de raiva, mesmo assim não o perdoei ainda.

— Está certo então, mas poderia quem sabe pensar em outro pretendente. Não acho que combine particularmente com o duque. Vocês dois não têm muito em comum...

— Realmente não temos, mas sua opinião era diferente pouco tempo atrás; achava que eu poderia conquistar o duque, tornar-me sua amiga, confessar meus problemas e encontrar uma forma de fazer dar certo. Por que mudou de opinião?

Helen desviou os olhos para o chão.

— Não mudei, ainda é uma ótima ideia, mas apenas penso que poderia encontrar alguém por quem se apaixonasse de verdade. Não sente nada pelo duque, verdade?

— Verdade. Não estou apaixonada por ele, mas não tenho ilusões quanto a isso. Não existe a menor possibilidade de que me apaixone por

PERIGOSAS ACHERON

qualquer homem.

Ela não precisou dizer. Estava subentendido; não poderia se apaixonar porque seu coração já fora dominado por um homem bruto, que não pedira por sua permissão, apenas invadira seus sonhos, pensamentos e sua alma sem convite algum.

— Bom, está quase na hora de irmos. A duquesa não pretende retornar para casa muito tarde. Lady Caroline deve vir buscá-la em breve. Entre e aproveite um pouco, dance, depois me encontre aqui fora.

Helen assentiu, sem poder expressar o quanto o baile já havia sido marcante. Ainda não sabia se deveria mencionar o ocorrido entre ela e o duque. Voltando ao salão, deixou que seus olhos gravassem cada detalhe. A ornamentação rica da decoração, os vestidos trabalhados das damas e a elegância dos cavalheiros. Observava tudo à sua

PERIGOSAS ACHERON

frente, sem atentar-se para a presença do homem atrás dela.

— Aí está você. Fugiu como nos contos de fadas, ainda bem que sempre saberei onde encontrá-la.

A voz de Sebastian se fez ouvir atrás dela.

— Boa noite, lorde Cavendish. Não vamos falar nisso aqui, por favor.

— Claro, senhorita Smith.

Ele aproximou os lábios dos ouvidos dela e confidenciou:

— Se eu pudesse, a tomaria nos braços aqui mesmo, outra vez.

Fingindo não compreender a intenção por trás das palavras, Helen sugeriu:

— Então, vamos dançar?

Lorde Devonshire parecia surpreso ao dirigir-se a ela.

— Tem certeza? Não que eu esteja

reclamando. Na verdade, tenho pensado nisso há algum tempo, mas apenas me decidi depois dessa noite. Porém, se estás certa disso...

Mas de que cargas d'água ele estava falando?

— Sim, estou certa.

Enquanto os dois valsavam, ali perto Juliette os observava sorrindo. Como o homem podia pensar em pedir sua mão em casamento, em cortejá-la, se nem ao menos a reconhecia? Não notava a diferença no tom de voz e nem mesmo ao dançar com as duas. Porém, não podia deixar de notar como os dois ficavam bem juntos; Helen parecia flutuar nos braços dele e o duque a fitava com um olhar de fascínio. Será que era assim que ele olhava para ela e nunca havia notado?

Já Helen não estava bem em seu papel como Juliette, porque ela jamais demonstrara tanto afeto nos olhos enquanto valsava com Cavendish e

PERIGOSAS ACHERON

com certeza não parecia prestes a derreter enquanto era conduzida por ele.

Pouco depois, no entanto, quando a valsa terminou, foi como se a moça despertasse de um transe. Fez uma reverência perfeita e deixou o duque apenas com as formalidades costumeiras. Ele retribuiu o cumprimento sorrindo e Helen passou por Juliette sem vê-la e completamente alheia ao burburinho que começava a se formar ao seu redor. Juliette notou, mas não entendeu.

— Ei... Aqui...

A moça voltou-se na direção da voz e viu a amiga escondida.

— Acredito que lady Caroline acaba de chegar.

Helen acompanhou o olhar da outra e viu a carruagem com o símbolo do conde de Devon atracada em frente ao portão.

— Pode ir. Vou me encontrar com a

PERIGOSAS ACHERON

duquesa e vejo você em casa de manhã.

Helen sacudiu a cabeça.

— Vou esperar em seus aposentos, vai precisar de minha ajuda para se trocar.

Juliette pegou as mãos da amiga e sorriu condescendente.

— Helen, troquei-me sozinha por quase dezenove anos, posso fazer isso uma noite. Você precisa livrar-se dessas roupas antes que alguém na casa note. De manhã nos falamos.

Concordando, a jovem desceu a escadaria da casa dos Stanford e logo estava a caminho da mansão Morph. Juliette então foi de encontro à duquesa, que já procurava por ela desesperadamente.

— Óh, até que enfim! Onde esteve, menina? Preciso dormir um pouco porque de manhã vou ficar com o pacotinho para que Nicole descanse um pouco.

Juliette sorriu diante do tom carinhoso que havia na voz da duquesa.

— A senhora sabe que tem dezenas de criadas e que todas estão ansiosas para ajudarem com o bebê, certo?

— Claro que sim, mas não vou perder mais nem um único minuto com meus netos, já não basta todo tempo de que fui privada de Cecília.

— Está certo, lady Clarice. Faz muito bem. Meus pais devem estar ansiosos para conhecerem o neto também.

— Claro que estão, por isso mesmo preciso aproveitar. Logo Mathew irá retornar para o campo e ficarei longe do bebê e de Cecília.

— Vamos então, estou pronta.

Juliette chegou em casa pouco depois e lady Morph se despediu dela ainda no hall, afinal estava cansada e, de acordo com as palavras dela, essas diversões noturnas que duravam até quase o

amanhecer não eram mesmo apropriadas à sua idade.

A jovem subiu as escadas, pensativa. Desde que recebera o convite, dera como óbvio que encontraria Gregor no baile; afinal, o parentesco dele com os anfitriões era conhecido por todos. Eles ostentavam a mansão como sendo da família como se MacRae sequer existisse, mesmo sendo ele o conde. Obviamente isso se devia à sua total falta de interesse pelo condado e a clara predileção pela Escócia. Ele não parecia de fato se importar com o fato de usarem de seus laços familiares distantes a fim de se promoverem e não seria ela a levantar a questão.

Porém, o que realmente a incomodava era o fato de não o ter visto em momento algum; avistou Ian MacRae dançando com lady Mariene e soube por Helen que Gregor também comparecera, mas era mesmo muito estranho que não houvesse

procurado por ela. Nem mesmo para brigarem ou se ressentirem um do outro, como se não se importasse em vê-la.

Juliette entrou em seu quarto e com um suspiro pesado pensou em quanta falta sentia daquele canalha. Decididamente era uma tola! Depois de tudo que lhe fizera e dissera, ela ainda se sentia muito mais inclinada a estimá-lo que ao duque, que a tratava da melhor e mais cavalheiresca maneira.

As velas sobre sua penteadeira estavam acesas e eram recentes, sinal claro de que Helen passara por ali para preparar o quarto mesmo que a tivesse dispensado.

Tirou os sapatos e deixou que seus pensamentos se concentrassem na amiga, esperava que ela tivesse se divertido, ao menos mais que ela própria, que apenas fugira de questões complicadas com o duque e dançara com outros cavalheiros que

a interessavam ainda menos que ele. O resto da noite procurou por Gregor em meio aos presentes.

Soltou um a um os grampos de seus cabelos e, enquanto se encarava no espelho, ouviu um farfalhar em sua cama, o deslizar de pele sobre a seda de seus lençóis e virou-se assustada.

— Senti falta dos seus cabelos soltos...

Seria possível que de alguma maneira estivesse alucinando?

Poderia tê-lo invocado até ali com o poder de seus pensamentos?

A única coisa que Juliette sabia com toda certeza era de que algo muito errado estava acontecendo ali, pois definitivamente Gregor MacRae não deveria estar em seu quarto, deitado em sua cama confortavelmente.

Encontrou a voz um pouco depois do susto.

— O que está fazendo aqui? Perdeu completamente o juízo? Sabes bem o que PERIGOSAS ACHERON

aconteceria se te encontrassem aqui.

Gregor sentou-se na cama, fitando-a de uma maneira diferente de todas as outras; era como se estivesse atormentado, agonizando.

— Aconteceu alguma coisa, Gregor? O que faz em meu quarto? Se Mathew o vir...

Ele soltou uma risada baixa, desprovida de qualquer humor.

— Não sei se me importo com isso, talvez fosse melhor sermos pegos do que viver nesse tormento.

Juliette se aproximou um pouco. Ele não dizia coisas que fizessem sentido.

— Que tormento?

Gregor virou o rosto, escondendo-se um pouco dela, mas não antes que ela visse que seus olhos estavam marejados.

Ele não choraria, claro, a menos que algo muito grave houvesse acontecido.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Gregor, está assustando-me. O que houve?

— Como você pôde estar com outro homem depois de tudo que tivemos juntos?

Juliette ergueu a sobrancelha, indignada.

— Então entrou em meu quarto para fazer acusações? Eu não estive com homem algum e, se houvesse estado, não seria da sua conta.

— Não esteve completamente, mas permitiu que ele provasse seus lábios.

Neste momento, Gregor, de joelhos, aproximou-se da borda da cama; o casaco estava atirado ao chão e a camisa com alguns botões abertos atraíam o olhar dela mesmo que tentasse racionalizar para não observar a pele dele que era iluminada pelas velas.

— Eu... não sei do que está falando, MacRae, mas você sabe muito bem sobre minhas intenções, sobre o casamento.

PERIGOSAS ACHERON

— Juli, eu não a reconheço mais... Não gosto daquele penteado preso, austero, não combina com você.

— Não tem que gostar de nada. Faço o que eu quiser e o que for melhor para mim.

Ele sorriu. Seu sorriso era triste e ao mesmo tempo irônico.

— É mesmo? — Puxou para seus braços, aproveitando-se da proximidade. — Deixe-me tê-la uma vez mais.

— Está ficando louco? Claro que não farei isso! Devo me casar em breve e, como bem sabe, irá receber um convite.

— Pare de me torturar, meu amor.

Meu amor. Antes que Juliette pudesse absorver as palavras, ele continuou:

— Não aguento mais vê-la e não poder tocar sua tez macia, ouvir as palavras sarcásticas e os insultos saindo de sua boca sem poder esmagá-la

com a minha, calar sua voz com meus beijos. Não suporto o desejo de ter você outra vez, de sentir seu calor envolvendo-me. Juli, por favor, não se case com outro homem. Eu... ainda não sei o fazer, mas juro que tenho pensado muito nisso, dê-me mais algum tempo.

Bêbado. Quando ele aproximou-se o bastante, Juliette pôde sentir o cheiro da bebida em seu hálito e lamentou que suas palavras não fossem lúcidas. Gostaria de acreditar que ele sentia tanta saudade quanto ela. Queria que Gregor realmente estivesse repensando sua resolução de não se casar, mas o cheiro forte do álcool o denunciara.

— Gregor, está bêbado, não posso levar a sério suas palavras.

— Não. Eu bebi sim, mas estou raciocinando perfeitamente. Vim da Escócia apenas porque não aguentava mais sentir sua falta, arrependi-me amargamente das palavras maldosas

que lhe disse, estava cego de raiva, louco por vê-la escapando entre meus dedos... Tornei-me um tolo perseguidor, observando todos os seus passos e sendo corroído pelo ciúme.

Juliette sorriu para o homem que a enlaçava pela cintura.

— Eu sei que não falava a sério, mas me magoou muito. Claro que tem ciúmes, Gregor, minha intenção é que tenha mesmo, mas isso não significa que deva esperar por uma decisão sua. E se, de repente, decidir que não quer mesmo compromisso e eu houver perdido minha chance? Não posso decepcionar minha família e com toda certeza não posso dizer a eles que não sou uma debutante tradicional.

— Estou falando sério. Nunca mais estive com mulher nenhuma depois de você, não consigo... Dominou todos os meus pensamentos e se infiltrou em minha alma, Juliette.

As palavras dele tiveram o poder de vencer a armadura que tão firmemente ela havia vestido, pois eram o reflexo de seus próprios pensamentos sobre a maneira como ele se acomodara em seu coração sem aviso. Encarando os olhos azuis que exalavam a selvageria que a atormentava até mesmo em seus sonhos, Juliette começou a ceder. Deixou que seus dedos esguios se fartssem dos cabelos claros de Gregor.

Deus!

Como sentira falta de ter o corpo dele encostando no seu, de sentir seus braços rodeando-a.

— Minha pequena devassa, preciso sentir seu gosto.

Então a beijou.

Foi como a lua sendo coberta de repente pelo banho de luz que vinha do sol; o encontro da noite com o dia, aquele momento mágico que

PERIGOSAS ACHERON

antecede o amanhecer. Como se duas metades opostas e ao mesmo tempo complementares estivessem, enfim, unidas com um único propósito. Viver. Não apenas existir ou sobreviver, como faziam até então, mas de fato sentiam-se vivos naquele momento, talvez como nunca antes.

Nos primeiros momentos que tiveram um envolvimento, foi íntimo, porém físico. Mas, quando os lábios dos dois tornaram-se um amontoado de sensações, sabiam que dessa vez era diferente. Havia algo muito mais profundo que a paixão e os desejos que os colocaram juntos antes; havia sentimentos, paixão, sim, mas também saudades, reconhecimento e algo muito mais profundo que eles dois ainda não ousavam nominar. Mas era amor; amor profundo e real.

A urgência e o desejo de fundirem-se em um só eram avassaladores e o beijo de Gregor tornou-se profundo; sua mão afundou-se no

PERIGOSAS ACHERON

amontoado de cabelos pretos e com a outra içou Juliette para a cama, deitando-a sobre ele.

Sua boca deixou a dela por alguns instantes, apenas para que pudesse distribuir beijos por seu pescoço, rosto e pelo decote do vestido.

— Senti tanto a sua falta. Lembra-se das lendas que contei a você no *hogmanay*? Você é como uma das deusas que são descritas nos mitos do meu povo. Com apenas um olhar enfeitiçou-me e eu sou teu. Tentei fugir, Juli, mas não estou mais conseguindo resistir, preciso de você.

— Então não resista, fique comigo — sussurrou ela.

Gregor gemeu diante da rendição presente nas palavras e puxou bruscamente o corpete do vestido de Juliette para baixo, revelando os seios redondos e cheios, que já ansiavam pelo toque das mãos do escocês. Porém, ele não os tomou nas mãos como ela esperava; desceu o rosto sobre eles

e mergulhou no macio da pele dela, como se a venerasse de uma maneira herege e infame.

— Minha deusa...

Tomou o mamilo rígido na boca e sugou com força, desejando guardar o gosto doce. Trilhou com a língua o vale entre os seios e logo encontrou o outro cume elevado e se perdeu ali também, arrancando gemidos de Juliette, que o mantinha preso a si pelos cabelos.

Gregor cobriu a boca dela com uma das mãos.

— Shiii... Vamos ser pegos.

Ela balançou a cabeça em afirmação e Gregor a libertou, tomando outra vez seus lábios com a boca.

— Como você é linda...

— Você também não é nada mau, *highlander*.

Juliette abria um a um os botões da camisa

dele e Gregor distribuía beijos por todo o torso dela que já havia desnudado. Mas a bebida prejudica os homens de muitas formas, uma delas é justamente o fato de que por mais calados que costumem ser, nestes momentos de embriaguez, podem falar além do aconselhável.

— Espere-me, minha feiticeira. Vou resolver meus problemas de crenças e dar um jeito de livrar a nós dois dessa maldição. Não podemos pagar por erros de meus antepassados, certo?

— Hum, acho que sim. Não tenho ideia do que está falando, apenas não pare de me beijar.

— Mas, Juliette, não se case com ele. Não permita que eu perca a aposta com o duque.

Juliette o empurrou um pouco, usando toda força de vontade que, no momento, era mínima e sentou-se na cama, tentando parecer digna mesmo seminua.

— Aposta? De que aposta está falando,
PERIGOSAS ACHERON

Gregor?

Ele ria enquanto tentava beijá-la outra vez.

— Apostei com aquele emproado que ele não se casaria com você.

— Que emproado? O duque de Devonshire? Fizeram uma aposta sobre mim?

— Sim, mas é uma tolice, meu amor. Para completar, Ian desafiou a nós dois... Acha que se casará com ele, justo com ele que é meu irmão. Então, falou coisas que não devia sobre você, mas fique tranquila que lhe dei uma lição.

— Ian? Mas... pensei que fôssemos amigos! Temos afinidades...

Ele dispensou as palavras com um gesto.

— Por causa das cartas? Ian nunca lhe escreveu, Juliette. Esqueça ele, era eu o tempo todo. — Percebendo que ela o fitava furiosa, continuou: — Desculpe tê-la enganado, mas não podia ficar sem notícias suas. Não se preocupe com

isso agora. Vem aqui, deixe-me tocá-la, depois conversamos.

Com os olhos um pouco mais úmidos do que gostaria, Juliette encarou aquele profundo azul que fora e ainda era sua ruína.

— Vá embora daqui, Gregor. Não tenho ideia do que fez para entrar aqui, mas saia da mesma forma e não retorne... Nunca mais. Fez apostas sobre mim e com toda certeza, quando percebeu que estava prestes a perder, seu bizarro desejo por desafios o fez vir me procurar e eu... estúpida caí como uma abelha no mel de suas palavras doces. Mas pior que isso, enganou-me por meses, passando-se por seu irmão, colhendo minhas confidências como se fosse um amigo.

— Mas, Juli, acalme-se, você nem disse nada demais. Foram cartas amigáveis, nada além disso. Não posso crer que pretende me dispensar e ficar com Sebastian. Posso ter agido mal apostando

PERIGOSAS ACHERON

sobre seu futuro, mas ele também o fez.

— Sim, ele fez, mas as atitudes dele não me decepcionam porque não espero nada melhor que isso dele, mal o conheço; Sebastian não finge nutrir sentimentos por mim.

Gregor começou a ficar enfurecido. Não sabia ao certo se sua raiva era dirigida a ele mesmo por ter se entregado no momento errado e estragado tudo, ou de Sebastian por outra vez estar à sua frente, ou dela, por mentir.

— Não finge? E aquela conversa no jardim mais cedo?

Juliette não sabia de que conversa ele falava, mas o fato era que ele sabia. Como?

— Estava seguindo-me? Ouvindo minhas conversas em particular?

Ele teve a decência de parecer constrangido.

— Eu... não queria seguir vocês, mas tive medo de que ele tentasse algo, medo de que lhe

fizesse mal.

Juliette riu. Um riso que não chegava aos olhos e abandonado de qualquer alegria.

— Mal? A única pessoa que fez e continua fazendo-me mal é você e sua presença instável. Por favor, não me faça pedir outra vez, vá embora.

Gregor soltou o ar pesadamente de seus pulmões e esfregou o rosto com as mãos, tentando dar clareza aos pensamentos.

Por que diabos bebera tanto? Não conseguia ordenar as palavras e os pensamentos para dizer tudo que queria e cada vez que falava apenas piorava tudo.

— Eu vou embora, por hoje, mas vou voltar, completamente sóbrio e me explicar. Vamos ter essa conversa, Juliette.

— Quem sabe... Se eu não estiver noiva até o dia que conseguir ficar sóbrio.

Um pouco irritado consigo mesmo por toda

PERIGOSAS ACHERON

estupidez que conduzia seus passos a noite toda, Gregor pegou seu casaco e saiu pela janela, apoiando os pés nas pedras e fazendo o caminho para fora do quarto. Esperava que ela, apesar de chateada, notasse a ironia da situação e se lembrasse de quando fora ela pendurada do lado de fora de uma janela.



O dia amanhecera poucas horas antes e Juliette não conseguira adormecer nem mesmo por alguns minutos. Tivera a melhor e pior noite de sua vida em pouco tempo. Encontrar Gregor ali, ouvir suas palavras... Tudo isso fez com que se permitisse uma esperança que nunca antes havia sentido. Ele a amava e tudo ficaria bem.

Mas então... Assim como suas palavras a haviam feito transbordar de felicidade, haviam

roubado toda a luz em seguida. A decepção logo após sentir uma inundação de felicidade era ainda pior do que se ele não a houvesse procurado.

Helen bateu na porta discretamente e, logo em seguida, entrou com uma bandeja de chá.

— Bom dia, Juliette. Trouxe o desjejum e... uma carta.

Por mais que sua mente lhe dissesse que não devia, seu coração acelerou e Juliette sentiu uma pontada sutil de expectativa. Talvez ele tivesse uma explicação para tudo aquilo.

— Do Gregor?

Helen a olhou confusa.

— MacRae? Não, por que seria dele? Uma carta do duque. Quer que eu leia para você?

Uma nova onda de decepção veio sobre ela, mas dessa vez não foi surpreendida, já estava acostumando-se ao sentimento.

— Ler? Não precisa, mas pode ser. Deve

ser um novo soneto...

Helen abriu apressada a carta e Juliette por um momento a considerou ansiosa demais.

“Querida, senhorita Smith...

Nossos momentos juntos, ontem, foram mágicos.

Suas palavras e seus... — Helen pigarreou. — Seus encantos fizeram despertar em mim pensamentos e aspirações que já não mais possuía.

Creio que poderemos ser felizes juntos; esta tarde irei conversar com seu cunhado e oficializar a corte. Espero que me queira em igual medida.

Aproveito a carta para dizer-lhe que todos já comentam a iminência de nosso noivado, baseados no fato de ter aceitado minhas atenções ontem à noite por duas valsas.

Fiquei surpreso a princípio com seu convite para dançarmos outra vez, mas ao mesmo tempo me alegrei em perceber que, assim como eu, quis

declarar diante da sociedade a intenção de um compromisso.

Sempre seu, Sebastian.”

— Óh céus! Que coisa terrível, Helen! Eu não dancei com ele duas vezes...

— Juliette! Eu dancei com ele pouco antes de virmos embora.

— Aiiiii meu Deus, vocês dançaram e nem me dei conta de que já havia valsado com ele. O duque pensa que dançou comigo nas duas vezes, claro, e todos pensam o mesmo. Ele está apaixonando-se, mas não é por mim... Eu mal falei com ele ontem, tudo que Sebastian diz sobre minhas palavras e encantos foi com você! E agora ele quer se casar comigo, o que vamos fazer?

Helen estava pálida e ainda encarava a carta como se as palavras de repente pudessem mudar.

— Bem... Ele quer se casar e era essa sua intenção desde o início. Acho que chegou o

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

momento de conversar com ele. Lorde Cavendish me parece ser um homem bom, apesar de tudo. Acho que não irá rejeitá-la.

— Acha mesmo? Não sei se devo, ele gosta de uma versão minha que não existe. Ele gosta de você, Helen.

— Eu sou apenas uma criada. Ele já teve sua chance e fez o que fez.

Juliette estava confusa.

— O que ele fez?

— Hum... Referia-me à senhorita, fez o que fez de decidir-se pelo cortejo. Deve aceitá-lo. Mesmo que não o faça, um duque jamais ficaria com uma criada como eu; então, sejamos práticas, Juliette, você precisa casar-se e ele está disposto a fazê-lo. Converse com o duque, ou se preferir... Bem, soube que existem maneiras de disfarçar na noite de núpcias.

A senhorita Smith arregalou os olhos.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não falar nada? Óh não, não poderia casar com ele com essa questão entre nós, sei bem que tenho mentido sobre outras coisas, mas isso... é grande demais.

— Você é quem sabe, mas eu esperava que ficasse mais feliz com as palavras dele. Percebo que não está contente.

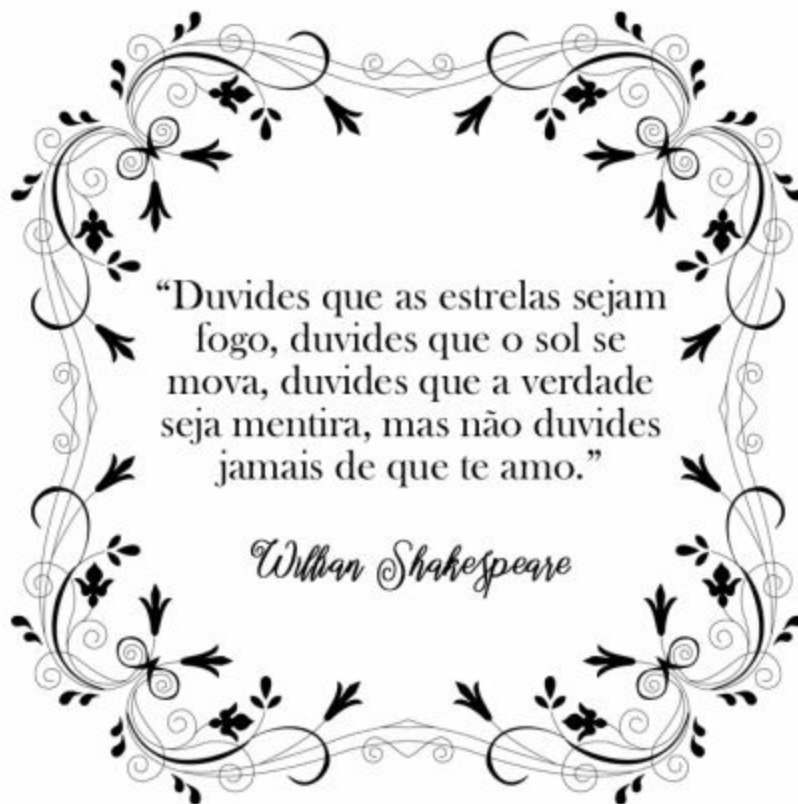
— Ah, Helen... Está tudo uma verdadeira confusão, não sei o que faço e nem mesmo o que sinto neste momento. Diga aos outros que estou indisposta. Quero ficar sozinha, por favor.

Helen assentiu com um gesto e deixou o quarto com uma expressão mais séria que de costume. Juliette não pôde deixar de notar que a moça levou a carta consigo, agarrando-se a ela como um homem lançado ao mar se segura em um bote salva-vidas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 17

DUVIDES QUE A VERDADE SEJA MENTIRA

Gregor

A dor de cabeça mais infernal de todos os tempos o atingira; se pegasse seu machado e abrisse seu crânio com ele talvez doesse um pouco menos, mesmo porque estaria morto e isso seria melhor que o estado lastimável em que se encontrava.

Ter Juliette em seus braços, saber que ela não era imune à atração abrasadora que ainda

queimava entre eles, para então a perder...

Com a lucidez restaurada, Gregor assumiu para si mesmo que a sinceridade era deveras necessária se ele planejava um envolvimento com ela, mas as coisas não precisavam ser ditas daquela maneira e nem mesmo naquele momento inoportuno.

Diabos! Como poderia explicar a uma mulher tão sensata e prática como Juliette que sua reticência quanto ao matrimônio se devia a uma maldição? O consideraria tolo, afinal, não vivera tudo que ele viveu e não presenciara os resultados de tal sentença.

No momento, não podia conversar com Ian abertamente, mas precisava de alguém que lhe aconselhasse. Decidido, rumou para a mansão Morph, mas desta vez não estava em seus planos encontrar Juliette e sim buscar alguns conselhos com seu amigo, marquês de Wheston.

Tão logo chegou à residência do duque de Morph e foi conduzido ao escritório para encontrar Mathew. O marquês estava sentado atrás da mesa do duque e Gregor pôde vislumbrar como ele ocuparia bem o cargo em alguns anos; muitos anos, se o duque Leopold se conservasse com a saúde atual.

Mathew continuou escrevendo uma carta aos seus administradores, mas apesar de seus gestos não demonstrarem que assimilara sua presença, suas palavras o fizeram.

— Ora se não é meu infame amigo. Diga-me, o que queria tanto conversar comigo que o trouxe até aqui logo pela manhã? Decidiu-se com relação às suas propriedades, imagino.

Gregor não esperou convite e nem se fez de rogado, puxou uma das cadeiras em frente à mesa e soltou o corpo sobre ela pesadamente.

— Não, longe disso. Sabe que a situação é

PERIGOSAS ACHERON

mais complicada que eu gostaria. Como agravante tenho os Stanford; se me decido por vender as propriedades que não são vinculadas ao título, eles não poderão mais ficar na mansão.

— Faça-me o favor, MacRae. A propriedade não é deles para que fiquem ostentando; além disso, seu primo é um barão, não é como se fosse alguém sem nenhuma posse, eles ficarão bem. Quem sabe economizando todo esse tempo ele até possa comprar a propriedade.

Gregor coçou a cabeça.

— Imagino que possam ficar bem, mas me preocupo com lady Mariene. Gostaria que se casasse e sei que pensam que a aparência social que demonstram ter os ajudará de alguma forma. A propriedade que deixo aos cuidados deles...

— O inferno que vai... A menina não vai se casar, Gregor. Se fosse, já o teria feito, pois está ficando velha.

O escocês acenou negativamente e se arrependeu no mesmo instante, a cabeça parecia prestes a explodir.

— Ela tem a idade de sua irmã, Wheston.

— Sim, mas Caroline se casou tem alguns anos. Inclusive, as duas tiveram algumas desavenças na época, sua prima tencionava se casar com Albert pelo que sei e não deu muito certo.

Gregor riu e sua cabeça latejou.

Inferno!

— Não deu muito certo é um eufemismo e tanto. Lady Devon quase a atirou de cima do camarote.

Wheston o olhou divertido, tirando os olhos dos papéis pela primeira vez desde a chegada do amigo.

— Sabes bem que Caroline não faria isso; elas se desentenderam sim e então aconteceu o incidente e lady Mariene quase caiu lá de cima. Se

Caroline a houvesse empurrado, ela não teria *quase* caído.

Gregor apenas ficou quieto, pois mover a cabeça para concordar gerava um desconforto enorme.

— Bom, pensarei em lady Mariene depois, não é sobre isso que quero falar. Estou com um problema, um enorme problema. Preciso de sua sensatez para me aconselhar. Quero te contar a história da minha família, uma história estranha... Mas se me achar muito estúpido está proibido de rir de mim mesmo assim. De acordo?

— Claro, sou seu amigo para todas as horas. Prometo rir apenas quando o problema for solucionado. Quer beber algo enquanto isso?

— Se não for me importunar eternamente, quero apenas um chá, não estou interessado em álcool no momento.

Wheston sorriu observando o desconforto

do amigo, que claramente estava sofrendo os males de uma bebedeira tardiamente.

— Certo, vou pedir para que tragam. — Levantou-se, abriu a porta e acenou para o criado a postos no corredor. — Por favor, traga uma bandeja de chá, não vamos precisar de xícaras.

Instantes depois, Wheston retornava para seu lugar e com um gesto pediu ao amigo que começasse sua narrativa.

— Bom, sabes que venho de uma longa linhagem... MacRae é o nome do líder de nosso clã. Independente do clã de maneira geral, meus antepassados e nesse caso me refiro ao meu pai, avô, bisavô e tataravô, todos acreditaram viver sob uma maldição e tocaram seus dias até o fim debaixo dessa crença.

O marquês pareceu de fato surpreso.

— Uma maldição? Como assim? Está falando-me sobre mitos e lendas e essas coisas?

Pensei que ninguém mais acreditasse nisso.

Gregor acenou afirmativamente, com lentidão.

— Estou falando de algo assim, mas com chances enormes de ser real... Então, de acordo com o que se diz, meu tataravô estava envolvido por uma moça do clã e ela era adepta da antiga religião, uma bruxa. Em 1665, o ano em que a peste dizimou boa parte da população em Londres outra vez, uma família nobre decidiu se refugiar na Escócia, perto de nossa propriedade. Não sei bem o que pensavam, mas acredito que queriam apenas fugir de todas aquelas mortes e achavam que estariam a salvo no campo. O fato é que ele acabou conhecendo uma jovem dessa família, uma lady inglesa por quem se apaixonou. A bruxa não aceitou bem a rejeição e lançou uma maldição sobre toda a descendência dos dois. Nenhum homem daquela linhagem encontraria a felicidade

no matrimônio.

O criado entrou com o chá e deixou a bandeja sobre a mesa, retirando-se em seguida.

— Espere. Apenas em casos de casamentos com inglesas? — questionou Wheston.

— Na maldição ela não proferiu essas palavras, mas se acredita que faça parte do agouro, pois de lá para cá todos os homens da minha casa se apaixonaram por inglesas... Bom, retornando, o casamento seria infeliz e as duas pessoas definhariam em tristeza até que fossem consumidos por ela.

Mathew assentiu enquanto servia o chá aos dois de uma maneira ímpar. Gregor sorriu e continuou:

— Meu tataravô amava sua inglesa, mas depois da maldição descobriu que apesar de parecer doce antes de se casarem, ela era intratável e infiel...

— Hum, conheço bem o tipo.

— Realmente, meu bisavô também acabou casado com uma inglesa, nesse caso foi um matrimônio arranjado e claro que o fracasso era previsível.

— E depois disso? — Mathew perguntou, tentando demonstrar a seriedade que sabia que o amigo dava à sua história.

— Depois veio meu avô. Conheceu uma inglesa e se apaixonou por ela, mas já conhecendo a maldição, não se casou; ela acabou casando-se com outro e foram infelizes da mesma maneira, vivendo separados.

— E então vieram seus pais...

— Sim, meu pai se casou com minha mãe, uma inglesa e filha mais velha do conde de Harrington. Ele era perdidamente apaixonado por ela, a vida toda... Mas minha mãe, que a princípio até gostava um pouco dele, odiava a Escócia e tudo

que veio com ela; cultura, os trajes, a música e a comida. Acabou por odiá-lo também visto que ele era o responsável por tê-la prendido ali.

Gregor fechou os olhos, evitando a luz que entrava pela janela.

— Ela vinha muito à Inglaterra e, por vezes, trazia-me junto e eu aprendi a gostar da Inglaterra também, apesar de amar minha terra, mas minha mãe usava tudo que podia para não ter que retornar para casa e, quando o fazia, era horrível. Eles não brigavam no início, ao menos não me lembro, mas ela se fechava em seu quarto, portas trancadas e meu pai vadiava pelos campos, sempre bêbado...

— Portas trancadas mesmo para seu pai?

— Principalmente para ele, apesar de ter tido dois filhos, então imagino que tenham ficado juntos algumas vezes. Com o passar dos anos, perderam o respeito um pelo outro; ele se ressentia por ela não o amar e minha mãe acabou

apaixonando-se por outro homem e tornando-se sua amante, meu pai descobriu tudo e, como era de se esperar, não reagiu bem.

Mathew se mexeu desconfortável; era a primeira vez que ouvia o amigo contar sobre sua família. Conhecera Gregor na adolescência e nunca soubera de nada daquilo.

— O que ele fez?

— Matou o homem, Wheston, então a proibiu de voltar à Inglaterra. Em seus últimos anos ela não vinha mais a Londres; tentou inclusive fugir algumas vezes, mas ele ordenava aos criados que a trancassem quando desconfiava de suas intenções. Quando ela morreu, alguns anos depois, nem parecia mais uma mulher; muito magra, vestia-se com mais simplicidade que as criadas e mal olhava para Ian e para mim, como se fôssemos apenas a lembrança de uma vida de infelicidade.

— Nem sei o que dizer, MacRae. Nunca

imaginei que as coisas fossem tão ruins assim, principalmente para você e seu irmão. Mas e seu pai?

— Depois que ela morreu, ele bebeu ainda mais... Teve algumas mulheres, mas não quis se casar outra vez. Quando também faleceu, após ter ficado alguns dias acamado, deixou uma carta para meu irmão e para mim.

— E o que dizia?

— Nela ele contava toda essa história que acabo de te contar com muitos detalhes. Claro que nós já sabíamos sobre a maldição, todos sabem, até mesmo as pessoas que trabalham para mim. Só não sabíamos sobre o amante de minha mãe e a infelicidade que por fim acabou matando-os. Tudo se tornou muito mais real depois que lemos a carta; no final, como era de se prever, ele nos aconselhou a ficarmos longe dessa terra amaldiçoada, assim como das mulheres e nunca nos casarmos com uma

PERIGOSAS ACHERON

mulher vinda deste país.

— Mas e a linhagem? Se nenhum de vocês se casasse, a família não teria continuidade.

— Sim, de acordo com ele, estava muito mais preocupado com a quebra da maldição para que enfim pudéssemos desfrutar da felicidade que tantos outros não puderam ter, mesmo que para isso nenhum de nós tivesse um herdeiro legítimo, por outro lado ele, assim como muitos, acreditava que poderíamos nos casar, desde que a noiva não fosse inglesa. Foi seu último pedido para Ian e para mim. Depois disso, tive várias mulheres na Escócia e aqui, mas nunca me envolvi emocionalmente.

— Por que estou com a sensação de que as coisas mudaram?

— Isso ainda não é de fato o que importa agora. Quero saber se estou ficando louco, se devo abdicar da mulher... por quem me apaixonei por causa da maldição, para que ela possa ser feliz com

outra pessoa. Fico pensando em meu avô que pensou assim e foram infelizes da mesma forma. Acha que é possível que essa maldição não seja real?

Mathew franziu o cenho e passou as mãos sobre os olhos, parecia cansado.

— Gregor, não sei bem como lhe dizer, sei que leva isso a sério e que seu povo é muito crédulo, mas... você é um imbecil! Desculpe, não encontrei outra forma de dizer o óbvio.

— Wheston, não me faça arrepender de ter te contado tudo isso.

— Não, você precisa é de uns bons socos na cara para largar de ser um idiota. Realmente não se casou esse tempo todo por causa de uma maldição lançada por uma pobre mulher amargurada? Vou te dizer uma coisa muito séria e que demorei anos para aprender. Nós somos os próprios responsáveis pela nossa felicidade. Se você acreditar nessa

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

história de maldição, vai ficar sozinho e infeliz a vida toda, ou então se casar e transformar sua vida e de sua esposa em um inferno, pois estará preparado para o pior. Eu entendo que o que aconteceu com sua família e, principalmente com seus pais, fez com que acreditasse na realidade de tal agouro, mas lhe direi uma coisa, Gregor, nós fazemos nossas próprias maldições e apenas nós temos o poder de quebrá-las.

— Parece ter pensado muito sobre o assunto.

— Sabe que sim. Antes de Nicole aparecer, você sabe, ninguém nunca me atirou um feitiço ou uma bruxaria. Mesmo assim eu vivia como um condenado e o único culpado disso era eu mesmo.

— Mas Sophie...

— Não. Ela me fez mal sim, mas se não fosse isso, jamais teria conhecido o... bem, você sabe, o amor.

PERIGOSAS ACHERON

Gregor riu.

— Sei, você se tornou um sentimentalista, um tolo apaixonado.

— Olha só, MacRae, dê-me crédito dessa vez, Nicole me tirou da amargura, descobriu a verdade sobre Cecília e me deu um filho. Estúpido eu seria se não a amasse e você vai perder Juliette para o Cavendish por uma tolice dessas. Uma maldição, céus...

Gregor primeiro arregalou os olhos, em seguida, tentou disfarçar.

— Juliette? Mas do que está falando, Wheston?

Mathew gargalhou sonoramente.

— Deixe de atuações. Não combina com a imagem que gosta de passar de si mesmo. Juliette sim, acha que sou cego? Mas ouça, não quero saber nada sobre seus avanços em relação à minha cunhada. Prefiro que se case por opção e não por

obrigação.

— Eu... eu não ia contar nada mesmo. Então acredita mesmo que essa maldição é uma tolice? Que não a farei infeliz se me casar com ela?

— Acredito que já a tem feito infeliz por não se decidir e mesmo assim ficar perseguindo-a por aí.

Gregor sorriu.

— Acha que ela sente minha falta? Eu estraguei tudo ontem à noite. Eu a tinha nos braços e aí acabei falando demais e...

— Maldição, Gregor! Cale a boca, pelo amor de Deus, homem. Vou fingir que não ouvi isso e você pare de falar demais.

Mathew o olhava irritado enquanto terminava seu chá.

— Escute só, se estragou, conserte! Sempre existe uma maneira de fazê-lo, mas não me diga onde vai vê-la e nem como vai consertar as coisas,

PERIGOSAS NACIONAIS

prefiro não saber. Você está dificultando que eu não me intrometa nisso.

— Não preciso esconder nada de você, afinal de contas esconder esse envolvimento não resultou em boas coisas até agora. Se quero ter alguma chance real contra Sebastian, preciso fazer as coisas claras, abertamente.

— E então? O que vai ser?

Gregor sorriu apesar de seu mundo ainda estar um pouco fora de órbita. Fez uma nota mental para nunca mais beber.

— Vou cortejá-la, claro.

Um forte soco na mesa espalhou os papéis devidamente organizados pelo chão.

— Assim que se faz, MacRae! — bradou Mathew.

— Olha só, seu demônio, minha cabeça vai explodir. Não precisa fazer essa algazarra.

— Tudo bem e como vai fazer o cortejo?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Tem algo em mente?

— Que diabos de pergunta... Como todos fazem, claro.

Mathew riu debochado e o observou com ironia.

— E como é que fazem?

— Você sim se parece com uma velha bruxa, grasnando em cima da minha carcaça morta! Sabe que nunca cortejei moça nenhuma e nem mesmo pensei sobre fazê-lo, está ciente também de que não tenho a mínima ideia do que fazer. Preciso... de ajuda, eu acho.

— Então implore, bárbaro! Vamos... Não tenho o dia todo e, bom, Cavendish vem hoje à tarde e tenho comigo que planeja firmar um compromisso. Se quer tirá-la dele, terá que ser impressionante.

— Ele pretende pedi-la em casamento hoje? Não posso acreditar nisso!

PERIGOSAS ACHERON

— Bom, pedir em casamento ainda não, mas vai oficializar o cortejo e com certeza me deixar a par de suas intenções de matrimônio. Posso tentar enrolar o duque um pouco com o casamento, mas não posso recusar que lhe faça a corte. Se precisar de tempo para uma reconquista, imagino pela sua fisionomia que deve ter cometido algum ato quase imperdoável e precisará ser um bom moço. Sabes ser um bom moço, Gregor?

— Não posso dizer que sei, mas acho que basta ser piegas e mandar flores. Ser almofadinha como o Sebastian e você.

— Alto lá, escocês! Eu não sou nenhum almofadinha inglês.

— A quem está tentando enganar? — perguntou Gregor, sorrindo diante do rompante do amigo.

— Não é porque você voltou da Escócia parecendo um lenhador que eu me transformei em PERIGOSAS ACHERON

um príncipe de contos de fadas, sou apenas civilizado, faço a barba com mais frequência que você, o que não é nada difícil considerando seu estado deplorável. Além disso, gosto de dormir em uma cama confortável e não ao relento aplaudindo a lua e o nascer do sol, como fazem nas *highlands*.

Gregor gargalhou e uma pontada mais forte em sua cabeça o fez franzir o cenho.

— Tudo bem, então. Por favor, Wheston, ajude-me. Devo começar com flores?

— Sim, sempre comece com flores. Eu mesmo dei uma estufa para Nicole...

— Não vamos exagerar. Vou mandar flores ainda hoje e talvez um bilhete. Nada de sonetos, mas palavras sinceras, ela há de preferir, ou acha que devo mandar versos?

— Manda um único verso, nada rebuscado demais, mas tente ser romântico. Pense em um grande gesto que prove sua afeição.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Romântico, certo. Além disso, vai permitir que eu passeie com ela.

Wheston concordou.

— Claro, desde que a criada vá junto...

Gregor já pensava em formas de fazer com que Helen desaparecesse.

— E que ela queira ir. Meu acordo com Juliette foi de que ela poderia escolher seus pretendentes e depois se decidir por alguém de quem gostasse, então saiba que não vou obrigá-la a sair com você, apenas dar um empurrãozinho.

Gregor assentiu e em silêncio terminaram de tomar o chá, cada qual em seu cantil, afinal se alguém entrasse, sempre iriam supor se tratar de uísque, assim mantendo suas reputações inquestionáveis. Um ogro e um bárbaro.



PERIGOSAS ACHERON

Juliette

Mais tarde, naquele mesmo dia, Juliette desceu as escadas um tanto quanto desanimada. Seu desânimo aumentou ao ver o enorme buquê de flores que a aguardava na sala de música.

— Um buquê, Helen! O que vou fazer? Ele deve vir mais tarde e preciso contar toda a verdade.

— Hum, sim, sei disso. Mas as flores não são do duque...

Juliette a observou, curiosa.

— Não são? Quem as enviou então?

Helen riu, animada.

— Veja por si mesma. — Estendendo a ela o cartão, esperou impaciente sua reação.

Juliette não poderia estar mais surpresa.

— Gregor me mandou flores? Aqui? Mesmo sabendo que todos poderiam ver?

A amiga assentiu e se aproximou para segredar em seu ouvido.

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele esteve aqui por horas. Veio falar com lorde Wheston e, pouco depois que saiu, as flores chegaram.

— Ah, meu Deus! O que ele pode estar querendo? Esse tipo de gesto não combina com ele, é estranho...

— Juliette! É um gesto romântico, todos estão sujeitos a eles quando se apaixonam. Não me surpreende em nada que lorde MacRae lhe mande flores ou presentes.

— A mim surpreende, sim. Ouça esse bilhete, "Flores para a mais bela flor, me perdoe." Ridículo e nada original.

— Mas ele está tentando.

— Inutilmente, sabe que não ligo para esse tipo de gesto clichê. Quero palavras sinceras e que realmente expressem o que ele sente por mim e não uma bobagem que já foi dita milhares de vezes antes e por muitos homens diferentes.

PERIGOSAS ACHERON

— Mas o que eu faço então? Com as flores?

— Jogue fora! Eu poderia até gostar delas, não fosse o ódio que sinto dele neste momento...

— Mas então um pensamento diabólico passou por sua mente. — Melhor não, peça que devolvam.

— Devolver? Mas isso seria um insulto, uma ofensa, Juliette.

— Seria. Palavras certas, cara Helen. Minha intenção é exatamente essa.

— Eu... pensei que gostasse dele, porém que não houvesse a possibilidade de ficarem juntos, mas se ele a quer e o está desprezando, não entendo...

— Eu gosto mesmo dele, mas isso não vem ao caso.

— Então vai se casar com o duque? Fui informada de que ele acaba de chegar e está falando com Wheston.

Juliette observou a tensão na expressão da

amiga, que claramente estava incomodada com a ideia de um casamento entre ela e Cavendish. Sempre fiel, Helen queria sua felicidade e sabia que só poderia ser com o inconveniente Gregor MacRae. Mas será que ela sentia algo pelo duque?

— Vou conversar com ele e então veremos o que acontece depois disso.

— Claro.

— Quando ele sair do escritório, peça que me encontre aqui.

— Eu vou estar ocupada, mas pedirei que alguém o acompanhe.

— Como assim vai estar ocupada? Nem sabe que horas ele vai sair! Mas tudo bem, não quer vê-lo, já compreendi. Peça que alguém o traga até aqui.

Helen concordou e saiu apressada na direção da cozinha; certamente se esconderia lá até ter certeza de que Sebastian já havia partido.

Juliette tinha suas suspeitas de que sua amiga o conhecia de algum lugar, mas como a respeitara até então, não se intrometeria em seus assuntos até que as coisas com o duque fossem solucionadas. Não se casaria com ele, mas não pretendia rejeitá-lo, esperava que ele se mostrasse relutante após conhecer seus... defeitos.

Pouco depois, não mais que um quarto de hora, Sebastian Cavendish, o duque de Devonshire, entrou na sala de músicas a sós, deixando a porta aberta atrás de si.

— Boa tarde, senhorita Smith. Estou muito feliz em vê-la.

— Boa tarde, vossa graça.

O duque caminhou até ela e tomou sua mão enluvada entre as suas próprias, depositando um beijo sobre a renda. Estavam desconfortáveis na presença um do outro. Sebastian deu um passo na direção do piano.

— Posso?

— Fique à vontade, vossa graça.

O duque sentou-se no banco em frente ao instrumento e se pôs a tocar uma melodia harmoniosa. Seu talento era magnífico.

— Acabo de falar com seu cunhado, vim declarar minhas intenções para que possa cortejá-la.

As palavras interromperam a admiração com que ela ouvia a canção.

— Óh, já falou com ele? — questionou um tanto quanto decepcionada.

— Não me parece muito feliz com isso.

— É que... tenho algumas coisas que preciso lhe dizer antes de tudo.

— Pois diga, sou todo ouvidos.

Juliette pensou um instante, decidindo por onde começar, mas se queria mesmo que ele desistisse da ideia do casamento, precisava ser franca e direta. Não eram necessários engodos ou

mentiras, a verdade trataria de afastá-lo.

— Algum tempo atrás, meses na verdade, minhas esperanças de realizar um casamento eram nulas. Não possuía nenhum dote ou meios para conseguir um marido.

Sebastian assentiu, atento aos gestos dela, analisando de maneira perceptiva.

— Eu, então, cometi um deslize.

O duque a observava suas expressões e ouvia sua voz, mas o que mais o intrigava não eram as palavras. Alarmado, ele a interrompeu.

— Estás diferente hoje... Essa situação, nós, é muito estranho. Ontem, você era outra pessoa e as sensações que sinto hoje em sua presença também são diferentes.

Juliette fechou a boca em uma linha fina, não poderia jamais revelar o segredo de sua amiga.

— Como eu dizia, vossa graça, cometi um deslize. Tente entender que não acreditava que

PERIGOSAS ACHERON

poderia encontrar um homem bom e me casar, constituir uma família... Entreguei-me a um homem, não quero que pense que sou uma desfrutável, desprezível. Foi apenas um homem e eu me apaixonei por ele.

Sebastian parou de tocar instantaneamente e abaixou a cabeça, pensativo. Juliette podia ouvir a respiração deles na sala; as portas estavam abertas em razão do decoro, mas nenhum outro som podia ser ouvido, o silêncio gritava.

Depois do que pareceram horas e de Juliette sentir-se desconfortável ao extremo, ele finalmente falou:

— Estava apaixonada? Não está mais?

Ela não ousou responder; sabia que sua voz a trairia se tentasse mentir. O duque virou-se no banco que ocupara e a encarou. Os olhos azuis estavam frios e cheios de ódio.

— Pensou em me fazer de tolo diante de

toda a sociedade então? Uma jovem vinda do nada, sem berço ou instruções... Isso eu poderia aceitar, mas me enganou com suas palavras, com suas cartas e tentou me laçar em um ardil com seus beijos sedutores.

— Beijos? Mas eu...

— Vai me dizer agora que não queria me beijar? Eu senti seu tremor nos meus braços, estava ensandecida de desejo tanto quanto eu por você... Mas acreditei que fosse algo especial entre nós. Vejo que me enganei.

— Sebastian, ouça-me, não foi minha intenção magoá-lo. Não esperava que gostasse de mim dessa maneira, queria que nos tornássemos amigos e, além disso, planejava contar tudo antes que se decidisse pelo casamento. Fui pega de surpresa com sua carta esta manhã.

— Não insulte minha inteligência, por favor. Fez questão que dançássemos juntos a

PERIGOSAS ACHERON

segunda valsa da noite para que todos esperassem um anúncio de noivado e dessa maneira eu não pudesse escapar. Saiba que não me importo com o que vão dizer, não me importa que tenhamos gostos em comum ou que seus beijos e suas palavras tenham me motivado a agir feito um menino tolo.

Ele passou as mãos pelos cabelos, frustrado.

— Os homens deviam ser o que parecem, ou pelo menos, não parecer o que não são.

Juliette levantou os olhos e franziu o cenho sem compreender.

— Desculpe, sua graça, realmente devo confessar que tenho sido uma mulher agindo de uma maneira diferente da que realmente sou...

Ele riu com amargor.

— Realmente, inclusive essa frase é uma citação de Shakespeare, não reconhece? Acho que temos aqui mais mentiras...

— Ah sim, o dos sonetos.

— Não gosta dos sonetos, verdade?

Juliette ficou constrangida. A conversa ia de mal a pior.

— Não é que eu os odeie completamente, mas não conheço e não tenho realmente tanto interesse quanto o senhor tem.

Sebastian estava intrigado, sabia que havia ali algo mais, mas naquele momento sentia-se um tolo, enganado. Estava furioso.

— Em algum momento foi sincera? Sinto que nem mesmo tive a oportunidade de conhecer quem você realmente é, mas isso não importa mesmo, jamais me casaria com alguém como você. Lamento confirmar suas suspeitas, mas sim, considero-a desfrutável e desprezível, mas principalmente, uma mentira ambulante.

Em um rompante, ele saiu da sala, ainda tentando entender o que não se encaixava naquela história, quais eram as peças que faltavam para

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

compreender enfim aquele jogo intrincado e complexo. Juliette observou por muito tempo a porta aberta pela qual ele passara; sentia-se mal por tê-lo enganado. Cada palavra de Sebastian a haviam atingido de uma maneira muito incômoda. Porém, o que realmente a estava enlouquecendo era perceber que ela e Gregor haviam agido da mesma maneira com relação às cartas e seria hipocrisia nutrir sentimentos negativos por ele tendo essa questão como justificativa.

E Helen... Se pudesse ser realmente sincera com o duque, lhe diria que as palavras provavelmente haviam sido honestas e que o único engano era a fonte de tais dizeres. Precisava ter uma conversa séria com ela e depois decidir o que faria de sua vida.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 18

CORTEJO CORTADO

Mathew

O marquês de Wheston fitava o tinteiro vazio sobre a mesa no escritório de seu pai, na residência do duque de Morph. Seria necessário aguardar que alguém reabastecesse o tinteiro para que concluísse as cartas que escrevia aos administradores de suas propriedades.

Foi quando ouviu sons exaltados vindos da sala de música. Levantou-se velozmente e chegou a tempo de encontrar Juliette, sua cunhada, sentada olhando para o vazio, bastante aturdida. Viu apenas a sombra do duque de Devonshire, que entrava em

PERIGOSAS ACHERON

sua carruagem suntuosa e partia.

— O que houve, Juliette? Ouvi a voz do duque, ele parecia um pouco irritadiço.

— Ele me disse a que veio e, depois de conversarmos, decidimos não nos casar.

Mathew a encarava surpreso. Instantes antes, o duque havia lhe declarado veementemente suas intenções de contrair matrimônio com a jovem. O marquês achou por bem aceitar o cortejo e avisar Gregor de cada passo do homem para que o escocês pudesse superá-lo.

— Muito me espanta, ele estava determinado. Sobre o que falaram?

Juliette relanceou os olhos para o cunhado rapidamente e logo desviou o olhar.

— Não é importante. O fato é que ele não irá me cortejar oficialmente e está tudo bem.

Wheston observou Juliette com atenção.

— Pois bem, não serei eu a insistir nisso.

Poderá escolher outro pretendente.

A moça assentiu, um pouco distraída, e Wheston retornou ao escritório, pensativo.

Continuou a maçante tarefa de escrever aos administradores e advogados, solicitando os cálculos de seus rendimentos e ajudando a organizar o orçamento designado para cada propriedade de seu pai. Imerso em meio aos papéis, não notou quando a porta se abriu e Nicole entrou com o filho nos braços.

— Boa tarde, meu amor. Olhe só quem veio ver o papai!

Wheston ergueu os olhos dos documentos e esquadrinhou a esposa, alarmado. Preocupado, levantou-se.

— Nicole, como pôde sair da cama assim? Precisa ficar de repouso, sabes disso... Vamos, querida, não me faça morrer jovem. Vou ajudá-la a voltar para nossos aposentos antes que eu tenha um

PERIGOSAS ACHERON

ataque ou desmaie de pavor como uma donzela.

Nicole o fitou, exasperada.

— Mas Mathew, não suporto mais ficar deitada. Não sou feita desse material frágil que se desfaz ao caminhar não, já devia saber disso.

— O que eu devo saber é o nome de quem permitiu que minha marquesa se levantasse com menos de uma semana que deu a luz.

A jovem senhora desviou os olhos e, em seguida, sorriu, divertida.

— Eu pedi que a criada buscasse chá na cozinha e saí sem que me visse.

— Deveria ter...

Neste instante, ouviram os passos apressados no andar de cima e a voz estridente da criada.

— Socorro! A marquesa sumiu! Rapto! Chamem a guarda, pelo amor de Deus. O bebê, meu Pai celestial, o bebê também desapareceu!

Lady Calston saiu correndo de seu quarto, onde repousava antes do jantar, vestindo apenas seus trajes íntimos e com os cabelos escandalosamente soltos.

— Óh, meu senhor! Maaaathew, venha logo, sua esposa sumiu!

Ele olhou para Nicole entre aborrecido e divertido.

— Está vendo? Quase causou um ataque do coração em mamãe e a pobre criada precisará de um médico e de sais.

— Eu... não imaginei que seria para tanto.

Elevando a voz, o marquês gritou para ser ouvido.

— Acalmem-se! Nicole está aqui comigo.

A duquesa e a criada, Elga, debruçaram-se sobre a balaustrada a fim de confirmar o que ele dizia.

— Nicole! Óh, céus! É quase pior que ser
PERIGOSAS ACHERON

sequestrada, como foi que desceu as escadas, menina?

— Desculpe, Clarice, eu estava entediada e minhas pernas já estão dormentes de tanto ficar deitada.

Mathew soltou o ar dos pulmões sonoramente.

— Venha até aqui, Elga. Leve meu filho para cima, eu levo Nicole. Vou ficar com ela no quarto. Peça que tragam as cartas que eu escrevia para que termine o trabalho de lá mesmo e tinta, por favor. Meu tinteiro está vazio e ainda não terminei o serviço.

Carregando a esposa nos braços, o marquês de Wheston subiu as escadas enquanto Nicole sorria para seu marido, apaixonada, e fazia comentários sobre o exagero de sua preocupação. Ao entrarem no quarto, Mathew depositou sua amada sobre a cama e sentou-se do outro lado,

PERIGOSAS ACHERON

aguardando que o criado entrasse com a papelada.

— Amor, eu não aguento mais ficar fechada neste quarto...

— Nicole! Tenha um pouco mais de paciência, minha rainha, logo poderá andar e voltaremos para casa.

Nicole fez um muxoxo e suspirou conformada. Mathew lhe sorriu em resposta.

— Sabes de uma coisa? Gregor e Cavendish vieram falar comigo pela manhã, os dois querendo cortejar Juliette. Mas agora, ela rejeitou ao duque, ou ele a rejeitou, não sei bem... A questão é que acredito que tudo se encaminhará para que fiquem juntos, ela e MacRae.

— Verdade? Agora que me diz, lembrei da primeira vez que Juliette o viu, antes mesmo de nos casarmos. Ela o admirava fascinada e eu lhe disse que homens assim não eram para moças como nós, mas hoje reconheço que estava errada, o amor não

escolhe classes sociais... Quem sabe possam ficar juntos e serem felizes, assim como nós?

Mathew acariciou os cabelos da esposa, satisfeito.

— Estou torcendo para isso. Inclusive, vou mandar um bilhete para convidar Gregor para o jantar, ele precisa saber que Sebastian se retirou da jogada.

— Escreva, então. Mas eu gostaria muito de estar presente... Posso descer? — Os olhos da marquesa tinham aquele brilho, que Mathew conhecia como manipulação. Ela o observava com os olhinhos brilhantes e ele, bem, fazia tudo que lhe era pedido. Só que não dessa vez, não quando se tratava da própria saúde dela.

— Claro que não pode, Nicole. Mas, pois bem, não vou chamar Gregor para o jantar. Não posso deixar que tenha apenas Juliette e meus pais por companhia e também não posso deixá-la. Vou

apenas avisar sobre Cavendish, escrever e dizer a ele para que venha vê-la.



Gregor

Sentado em seu escritório, Gregor MacRae analisava a papelada de suas propriedades; após a decisão acertada que tomara, de finalmente fazer a corte à Juliette como ela merecia, seus planos para o casamento já haviam tomado conta de sua mente.

Daria a ela a vida que merecia e que nunca antes tivera e esqueceria de uma vez por todas a maldição, mas para que isso fosse realmente possível, algumas mudanças se faziam necessárias e a venda de algumas de suas propriedades era um dos assuntos mais urgentes a ser resolvido. Analisando a rentabilidade de suas posses e também o apego sentimental que nutria por elas,

PERIGOSAS NACIONAIS

Gregor estava inclinado a vender as propriedades na Inglaterra, ao menos as que não eram vinculadas ao título, mesmo que isso afetasse seus familiares em um âmbito social.

Mas não tomaria essa decisão sozinho; deixaria que ela escolhesse. Sim. Juliette se sentiria amada e perceberia que ele colocara sua felicidade acima do resto e lhe diria sim.

Realmente, as propriedades da Inglaterra que foram adquiridas independente do título não eram rentáveis, elas se sustentavam sozinhas, mas não traziam lucro algum. Mesmo assim estava disposto a mantê-las e torná-las bem sucedidas com a venda de seu castelo na Escócia se isso fosse necessário para que Juliette ficasse feliz.

Donald bateu na porta, desviando o rumo de seus pensamentos; o homem parecia bastante envergonhado e trazia um ramalhete de flores nas mãos.

PERIGOSAS ACHERON

O ramalhete.

— O que significa isso, Donald? Pedi que um garoto entregasse as flores para a senhorita Smith. O que fazem aqui?

— Er... Hum, senhor... Segundo o rapaz, a moça pediu que devolvessem ao senhor. Tem um cartão.

Gregor suspirou, derrotado. Levantou-se e retirou o cartão que despontava entre as rosas.

”Lorde MacRae, ela pediu que devolvesse as flores, mas admitiu em uma conversa particular nossa que o estima. Não desista tão fácil.”

O bilhete não estava assinado, mas Gregor podia imaginar que se tratasse de lady Caroline ou ainda da marquesa. Quem mais se intrometeria na relação para que os ajudasse? Típico das mulheres daquela família.

— Donald, peça que o garoto traga meu casaco. Vou retornar à mansão e falar com a moça

pessoalmente.

— Sim, senhor. Tem outra carta, de lorde Wheston.

Gregor quebrou o lacre que tinha o selo do marquês. O que leu o incentivou ainda mais para que fosse procurar a moça.



Juliette

Uma tela estava presa ao cavalete à sua frente e Juliette tentava dar cores a um belo lago rodeado por árvores.

Melhor que as anteriores — pensou ela.

— Juliette... — Ouviu a voz de Helen chamando-a. — Ele está aqui...

A moça virou-se no banquinho e com um ar inquisitivo questionou:

— Quem?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Lorde MacRae.

— Hum, fez o que pedi? Devolveu-lhe as flores?

Com uma expressão que transmitia desagrado, Helen respondeu:

— Sim, eu as devolvi.

— Provável que tenha vindo me insultar, deve estar furioso com minha recusa. — E rindo, completou: — Acho que hoje estou precisando de uma boa discussão com ele, mande-o entrar.

Gregor MacRae entrou na sala com toda imponência que seu porte lhe fornecia; por mais que Juliette quisesse demonstrar indiferença, a mera presença do homem a desestabilizava.

Os olhos azuis pareciam escrutinar sua alma e ela temia que todos os seus sentimentos fossem visíveis quando a intensidade do olhar dele encontrava a fragilidade de sua resistência.

E as pernas...

PERIGOSAS ACHERON

Por que Deus permitia que ele a torturasse, banquetando-a com a visão de seus membros expostos se ela não podia tocá-lo?

Juliette ouvira falar sobre tortura, aquela que sofreram as mulheres na idade média acusadas de bruxaria, ou ainda a que soldados aplicavam em seus inimigos quando em guerra. Mas a tortura causada pelo desejo primitivo que fazia com que seu corpo todo se arrepiasse em antecipação... Era uma fome que não poderia ser saciada, isso era deveras cruel e lhe rasgava as entranhas em um ponto cujo nome Juliette preferia não pensar. Assim, podia negar a si mesma que era uma mulher despuorada.

Depois da última conversa que haviam tido, dos momentos fugazes de paixão que compartilharam e das palavras que ele se permitira atirar ao vento, Juliette não podia ser nem mesmo amigável. Não, não podia.

— Lorde MacRae, recebeu meu presente, suponho que seja essa a razão de sua visita.

Ele lhe sorriu e uma parte dentro dela se aqueceu um pouco, mas tratou logo de fustigá-la. Gregor, por outro lado, teve uma ideia para evitar a discussão que a moça claramente procurava.

— Recebi sim — respondeu. — Fico muitíssimo satisfeito que tenha decidido me retribuir o agrado. Não é algo a que estou habituado, sabe? Receber flores sempre me pareceu um mimo destinado apenas às damas, mesmo assim aprecio sua consideração e seu imenso desejo em me agradar.

Um ultraje! Ele não poderia pensar mesmo que sua intenção fosse aquela.

— Mas eu não lhe ofereci as flores como presente, eu as devolvi.

— Sim, imagino que não tivesse condições para me comprar outras, mesmo assim não achou

PERIGOSAS ACHERON

de bom tom não me dar uma prova de seu... afeto. Por isso me enviou as que eu mais cedo lhe havia ofertado.

— Por Deus! Deixe de dizer tolices, o que eu fiz foi ofendê-lo, apenas isso. Atirei sua gentileza em seu rosto sem nenhuma hesitação.

— Eu, no entanto, adorei o presente.

— Céus, não está ouvindo o que digo? Não estava querendo agradá-lo. Estou com ódio do senhor. Se com suas palavras naquela última ocasião já estava desapontada e decepcionada, além de enfurecida, depois do que me causou hoje, estou irremediavelmente o odiando.

Gregor finalmente desfez a expressão de deleite que ostentava.

— Hoje? Mas nem nos vimos! Tudo que fiz foi lhe enviar as flores.

Juliette o observava enervada. A satisfação inadmissível com sua recusa e aquele ar satisfeito;

não podia deixar de provocá-lo para que saísse dali tão irritado com ela como ela se sentia com ele, mas antes que dissesse alguma coisa, ele a interrompeu:

— Bom, não quero brigar, vim porque gostaria de convidá-la para um passeio pelo parque para conversarmos.

Juliette revirou os olhos.

— Estava sentindo-me muitíssimo bem antes que o senhor aparecesse. Agora uma indisposição terrível me atingiu, creio que vou deitar-me. Com licença, lorde Gregor.

Gregor a segurou pelo braço antes que pudesse deixar a sala.

— Espere... Sei que está zangada, mas ao menos fale comigo. É verdade que Cavendish não vai mesmo cortejá-la?

Juliette ergueu o rosto para ele, surpresa em todas as suas feições.

— Como soube disso? Aconteceu agora a... Na verdade, isso não é de sua conta. Ou melhor, sim, é de sua conta, pois a culpa disso tudo é sua.

— Minha? Mas o que foi que eu fiz dessa vez?

— Ele veio oficializar o cortejo, com intenções reais de casar-se, mas eu não podia enganá-lo e por isso contei tudo. Não citei seu nome, mas o efeito foi o óbvio, disse que não quer mais nada comigo e ainda me acusou de armar para obrigá-lo.

— Ele disse que não a quer mais?

A moça nem mesmo respirava entre uma frase e outra, dizendo tudo em um arroubo.

— Deve estar mesmo muito feliz! Chamou-me de desfrutável e a essa hora deve estar contando meu segredo para toda a sociedade londrina! Logo, não conseguirei um marido nem que meu dote seja metade da Inglaterra!

— Você contou tudo para ele? Perdeu o juízo?

— Meu juízo perdi no dia que confiei em você.

Gregor suspirou, desanimado, e caminhou até onde descansava a pintura de Juliette.

— Sabes que não estás sendo justa, foi você quem me procurou e não ao contrário. Mas deixe estar, vou resolver isso. Além disso, é claro que se quiser encontrará outro pretendente, veja como se tornou uma dama prendada!

— Mas de que, em nome de Deus, está falando?

— De sua pintura, claro. É um céu majestoso! Mas... o que são essas bolinhas vermelhas nele? Se são estrelas, melhor que as pinte de amarelo ou branco, não acha?

Juliette o encarava furiosa; todo seu esforço havia sido em vão se o lago que pintara podia ser

PERIGOSAS ACHERON

interpretado erroneamente como o céu.

— Que céu, Gregor? Por Deus! É um lago! E ao redor são macieiras. Muito me espanta que um homem tão jovem já enxergue tão mal.

— Veja bem, minha menina, sei que está irritada comigo, mas vou consertar tudo isso; como início, peço desculpas pela confusão com seu magnífico desenho.

— Magnífico? Também não precisa exagerar...

— Pois bem. Em segundo lugar, irei resolver o problema com o desgraçado do Devonshire, ele não pode sair por aí falando sobre suas coisas particulares, desonrando-a.

— Quem me desonrou foi você. E quanto ao duque... Já deve ter contado para todos que sou uma desfrutável, foi o que ele me disse. Melhor deixar as coisas como estão...

Furioso, Gregor saiu da sala, deixando-a

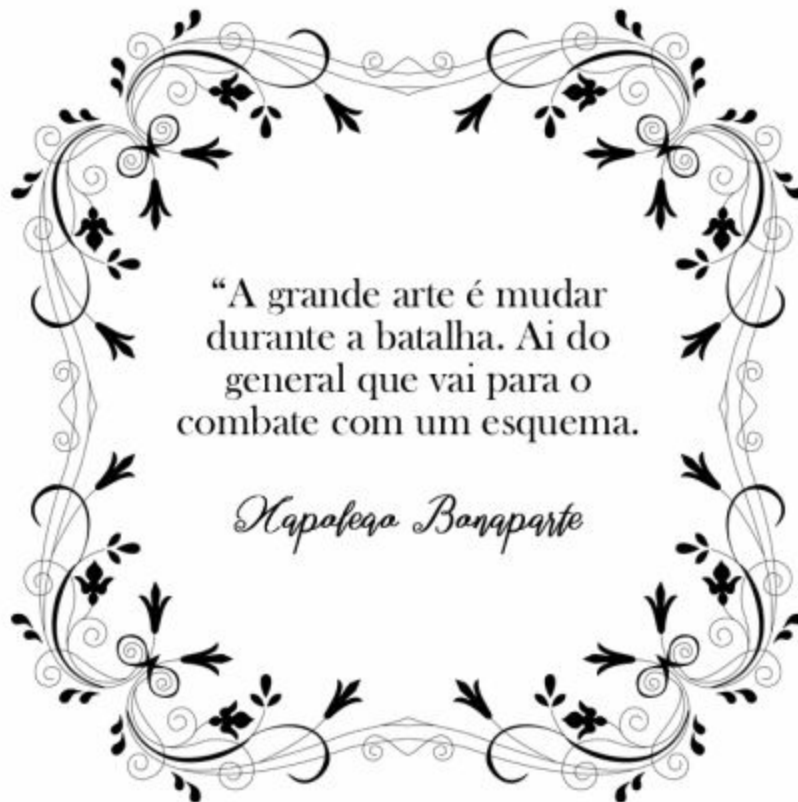
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

sem resposta e sem detalhes a respeito do que ele iria fazer. Porém, logo que voltou para casa, pediu que chamassem um mensageiro. Pouco tempo depois, o duque de Devonshire lia o bilhete que o outro lhe escrevera as pressas.

”Encontre-me ao nascer do sol. Eu o desafio a um duelo, leve seus padrinhos e um médico. Vai precisar, se eu o deixar viver.”

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 19

DUELO DE EGOS

Gregor

Algumas horas após o dia ter finalmente chegado — afinal fora uma longa e angustiante noite para Gregor —, ele chegou à casa de Wheston, acompanhado por seu irmão, Ian. Suas visitas matinais à mansão Morph estavam tornando-se um hábito bastante deselegante para os padrões ingleses, mas infelizmente ele não conseguia se conter quando tinha assuntos tão importantes para tratar com o marquês.

Foram conduzidos pelo mordomo, que se mostrava bastante relutante, até o escritório, onde

PERIGOSAS ACHERON

aguardaram agoniados por Wheston, que segundo haviam sido informados, tomava seu desjejum com a família. A impaciência era evidente na expressão de Gregor, que caminhava de um lado para o outro ansiosamente. No entanto, pouco tempo depois, o marquês adentrou as portas altas do escritório e lhes dirigiu um olhar atravessado.

— Que mania, Gregor... Por pouco não me pegou dormindo.

— Eu sei... Vocês ingleses dormem demais.

Wheston franziu o cenho, irritado.

— Deveria parar com essas ninharias de se achar o *highlander* superior, afinal, é quase tão inglês quanto eu.

Gregor sorriu, nunca soubera o motivo, mas sentia um prazer absurdo em irritar o amigo.

— Não é questão de sangue e sim de atitude. Ouça-me, vim porque é importante;

Wheston, preciso de você. Como todos sabem costume ser... impetuoso e viril.

— Impulsivo, ele quer dizer — desdenhou Ian.

Mathew olhou de um para o outro.

— Vocês não estavam brigados?

Um largo sorriso tomou conta do rosto do rapaz.

— Ainda estamos. Como foi que soube? — respondeu Ian — Mas eu não perderia isso por nada no mundo.

Wheston começava a sentir-se intrigado.

— Fiquei sabendo de seu olho roxo e imaginei que fosse coisa de Gregor. Mas digam logo, de que diabos estão falando?

— Gregor desafiou Cavendish para um duelo, hoje, ao amanhecer. Porém, não obteve resposta e o homem não deu sinal de vida.

— E me diga em nome de Deus, por que fez

isso? — Wheston dirigiu-se ao amigo.

MacRae estava indignado com a falta de um retorno e, exasperado, voltou a caminhar pelo escritório; as botas pesadas fazendo barulho no assoalho.

— Ele atentou contra a honra de Juliette.

O semblante de Wheston demonstrava desagrado e uma parcela de confusão.

— Como sabes disso? Ele tentou alguma coisa?

— Não sei o que ele tentou, mas a chamou de desfrutável e espalhou boatos por toda Londres.

Weston deu a volta na mesa e sentou-se de frente às suas visitas, a irritação anuviando suas feições.

— Espalhou? Não ouvi nada a respeito ainda.

Gregor deu as costas ao amigo. De fato ainda não ouvira fofocas sobre Juliette. Os jornais

ainda a enalteciam e falavam sobre o noivado que já davam por certo entre ela e o duque, após as valsas no último baile.

— Por certo que ainda vai espalhar. Logo todos falarão sobre isso.

Mathew voltou para trás da mesa, acendeu um charuto e, em seguida, ofereceu a caixa aos amigos.

— Mas ele não aceitou o duelo? Ou apenas não o respondeu?

Gregor rejeitou o charuto, impaciente.

— Devonshire não respondeu. Por isso estou aqui, pois preciso que alguém vá até ele e descubra quem serão seus padrinhos e todo o resto.

Mathew parecia incomodado com o rumo dos acontecimentos e com a decisão impetuosa do amigo.

— MacRae, tem certeza de que não são apenas suposições? Duelos são ilegais e, se for por

PERIGOSAS ACHERON

alguma bobagem, acho melhor repensar isso.

— Não posso repensar. Seria tido como covarde e, além do mais, eu tenho certeza. Foi a própria Juliette que me disse que ele foi ofensivo.

Wheston recordou-se do dia anterior.

— Realmente, ontem ele esteve aqui e ouvi uma discussão. Quando cheguei, ela me disse apenas que ele não a cortejaria. Bom, sendo assim... Vamos até a Devonshire house falar com o duque.



O trio adentrou os portões imensos do palácio ducal; apesar de um exterior sem grandes requintes, os portões escondiam uma construção ao estilo paladino, repleta de suntuosidades em seu interior.

Enquanto os três homens eram conduzidos

para dentro da mansão, podiam ter vislumbres de estátuas imensas e quadros de valor inestimável. De acordo com o que diziam, o duque de Devonshire possuía uma das maiores coleções de arte de todo o reino unido.

— É, Gregor, difícil competir com tudo isso.

MacRae olhou enviesado para o irmão.

— Eu também tenho um castelo.

— Sei disso, mas isso aqui... Não sei se o rei vive tão bem como esse Cavendish.

O mordomo do duque, que se apresentara como senhor Fitkins, abriu uma porta após um largo e comprido corredor e pediu que aguardassem enquanto ele verificava se lorde Cavendish os atenderia.

Algum tempo depois, o mordomo retornou com a mesma expressão sisuda que tinha antes.

— Sua graça, o marquês de Hartington,
PERIGOSAS ACHERON

conde de Devonshire, conde de Burlington, barão Cavendish de Hardwick...

Nesse ponto, Sebastian já havia adentrado a sala e observava com olhar mortal o mordomo, que ainda não terminara de narrar todos os seus títulos.

— Barão Cavendish de Keighley, o duque de Devonshire, lorde Sebastian Cavendish.

Os homens o analisavam com diferentes expressões. Wheston parecia absurdamente chocado com a quantidade de títulos e principalmente com o fato do empregado achar necessário dizer todos eles.

Ian se divertia com toda aquela pompa e ria sem nenhuma discrição.

Já Gregor olhava com desdém para o homem à sua frente, presumindo que o mordomo seguia suas ordens a fim de demonstrar todo seu prestígio social.

— Terminou, Fitkins? Já cansei de dizer

PERIGOSAS ACHERON

que isso não é necessário, senhores, mas creio que ele só vá compreender quando estiver desempregado. Desculpem a pergunta, mas estou curioso, o que os traz aqui?

Gregor levantou-se agilmente.

— Sabes muito bem por que viemos, Devonshire.

O mordomo tossiu em desagrado diante do tom usado para se dirigir ao seu senhor e Sebastian lhe dirigiu um olhar fulminante.

— Pode ir, Fitkins. Vamos ao que interessa então, lorde MacRae, sem perambulo ou meias palavras. Não me entenda mal, não tenho medo de duelar contra o senhor, apenas não vejo a necessidade nisso. Por mais que tenha tentado puxar pela memória, não me lembro de termos desavenças que cheguem a isso, apenas uma aposta que creio que o senhor vá vencer. Não pude compreender o que o levou a me enviar aquele

bilhete.

As palavras do duque não tiveram o efeito de acalmar o *highlander*.

— Ah, então não sabe? Fiquei sabendo que proferiu palavras de ofensa contra a senhorita Juliette e não posso permitir impunidade nesse caso.

Sebastian caminhou com toda a imponência que sua posição privilegiada lhe concedera ao longo da vida.

— Veja bem. A senhorita Juliette me enganou, mentiu para mim, beijou-me apaixonadamente enquanto escondia sua verdadeira natureza, fingiu-se de dama respeitável e eu pensei que suas atenções eram exclusivas para mim, mas não eram. Não é como se eu não tivesse motivos para criticá-la; eu pretendia me casar com uma jovem sem berço e enquanto isso ela tirava sarro de mim. Se quer mesmo saber, fui muito justo em

minhas falas e não sou uma solteirona mexeriqueira para que precise defender a honra dela. Eu não disse nada para ninguém e nem pretendo.

— Como ousa falar assim dela? Claro que Juliette é uma dama respeitável.

Wheston levantou-se, colocando-se ao lado do amigo.

— Realmente, Cavendish, está excedendo-se aqui. É melhor parar antes que seja eu a desafiá-lo.

— Wheston, não me leve a mal. Aprecio a amizade de sua família, mas sei de coisas sobre ela, não boatos, mas fatos que ela mesma me contou... — O duque de repente se calou, pensativo. Quando se voltou para os cavalheiros novamente, parecia ter uma nova compreensão dos acontecimentos e da fúria de Gregor. — Foi você. Por isso a está defendendo! Honestamente, não estou aqui para julgar a moral em seus

PERIGOSAS ACHERON

relacionamentos, o que me fez ter a visão clara de quem a moça é foi o fato de ela ter me enganado com cartas e beijos doces. Uma fingida! E o senhor, MacRae... Rindo de mim pelas costas! Ouça bem, quem deseja o duelo agora sou eu.

Com isso, Sebastian caminhou até sua mesa, que ficava no centro do cômodo, e retirou da gaveta uma luva. Caminhando apressado até Gregor, atirou-a aos pés dele.

— O que é isso? Está enlouquecendo, homem? — questionou o escocês.

O duque deu a explicação que acreditava ser tão óbvia.

— Minha luva... Atirei aos seus pés.

— Estou vendo. Mas o que faço com ela?

Sebastian expirou pesadamente.

— Vejo que é mesmo um bárbaro. Estou desafiando-o para um duelo, claro.

— Como poderia me desafiar se eu já o

desafiei?

— Não. Fui eu quem o desafiou, você apenas me mandou um bilhete estúpido.

Wheston intrometeu-se no assunto.

— Gregor, não o desafiou pessoalmente?

— Quer dizer que eu deveria ter atirado minha luva no chão como uma lady que deixa o lenço cair para chamar a atenção?

Sebastian sorriu como se considerasse o outro um tolo.

— Logo se vê que não entende nada de duelos. Pois bem, nem mesmo deveria estar aqui, as regras do duelo devem ser decididas por nossos padrinhos. Quem serão os seus? Esses dois aí?

Gregor sentiu a fúria crescendo em seu âmago.

— Estamos nós dois aqui. Por que não decidimos agora?

— Mas que inferno! Porque não é assim

que funciona, MacRae, existem regras.

— Tanta regra para algo que é ilegal. Eu devia ter imaginado, cheios de frescuras como vocês são...

Ian ergueu-se de onde observava a cena, calado.

— Esperem um instante. Por que não o mata agora? — questionou o irmão. — Estão os dois aqui, é só atravessar o duque com a espada e tudo está resolvido.

Devonshire observou o escocês como se fosse alguém com graves problemas mentais. Afinal, homens civilizados não faziam as coisas assim. Matar em um duelo? Acontecia. Matar um homem em sua casa? Céus, não eram assassinos e sim cavalheiros!

— Ouçam só, exceto por Wheston, não são bem-vindos em minha casa. Diga logo se esses são seus padrinhos e dê o fora daqui, Harrington.

Com isso, Gregor voltou-se para o amigo e o irmão.

— Resolvam tudo com ele.

Deixou a residência do duque, furioso, afinal ele havia desafiado o homem e agora o inglês invertia as coisas.



Um pouco depois, os amigos se reuniram na casa de Gregor, que estava ansioso para saber o que de fato havia sido decidido.

— E então? O que conversaram?

Wheston atirou-se sobre uma poltrona na mansão do conde.

— Bom, ele conseguiu os padrinhos. Serão Thomas e Carl...

— Os inveterados?

Ian riu.

— Os próprios. Devo dizer que me senti honrado em conhecer os cavalheiros mais famosos de Londres.

— Cavalheiros? A palavra *libertino* não é o bastante para descrever aqueles dois e tudo que fazem — comentou o escocês.

— Deixe de ser invejoso, meu irmão.

— Invejoso? Pare de dizer tolices e me diga o que decidiram.

Wheston adiantou-se.

— Bom, como era de se esperar, o duelo será com armas de fogo, o duque sabe que você é melhor com a espada. A caixa já está em poder do juiz e será até o primeiro sangue teoricamente, mas, de acordo com Thomas, se você concordar, farão o *deloping*. Atire para errar, as honras estarão intactas e essa bobagem terá fim.

— Hum, tudo bem. Talvez eu tenha exagerado um pouco. Parece que ele não contou

para ninguém mesmo.

— Contou o que exatamente? — Wheston quis saber.

— Nada. Eu quis dizer inventou, tive medo de que ele inventasse coisas sobre ela e espalhasse boatos.

Mathew ainda o olhava de esguelha, sabia bem que havia naquela conversa muito mais, mas preferiu não insistir.

— Bom, Juliette não sabe ainda sobre essa estupidez e acho melhor que não saiba. Vai se preocupar sem motivo real. Quando tudo acabar, pode contar a ela para que o veja como herói, deve ser mesmo isso que quer.

Gregor sentiu-se ultrajado com a mera sugestão.

— Claro que não. Eu quis defendê-la. Ela ficou dizendo que a culpa era minha e que ele a tinha chamado de desfrutável e acabei agindo por

impulso.

— E por que seria sua culpa?

Gregor abriu a boca para responder, mas Wheston o interrompeu.

— Não! Fique quieto, melhor não dizer nada.

Ian gargalhou sonoramente.

— Tem certeza disso? Gregor está louco mesmo para casar com a moça que escolhi como minha futura esposa.

— Deixe de me provocar, ou da próxima vez quebro seus dentes. E sim, vou me casar com ela, mas não assim. Voltando ao duelo... Onde será?

— Em um descampado nas imediações de Londres. Vamos a cavalo. Também precisamos de um médico.

— Para quê? Não vamos atirar para errar?

— São as regras...

Ian não se conteve.

— Malditas regras estúpidas. Não entendi por que vão duelar se a intenção é errar.

Wheston sorriu ante a consternação do rapaz.

— O juiz será meu cunhado. Pedi que Albert nos acompanhe, mas não digam nada a ninguém sobre isso... Se Caroline descobre, é possível que desafie a todos nós e pior! Mate-nos e nos enterre ela mesma.

— Albert já participou antes de algum duelo? — questionou o conde.

— Sim, já foi padrinho algumas vezes, lembro-me disso.



O sol ainda não tinha iluminado o dia; os primeiros raios podiam ser singelamente vistos no

PERIGOSAS NACIONAIS

horizonte e o céu tinha um colorido que parecia o prelúdio de uma bela manhã.

Os quatro cavaleiros seguiam por uma Londres deserta, afastando-se cada vez mais dos locais povoados, do amontoado de casas nos bairros pobres e aproximando-se do lugar marcado para o embate em um campo aberto e deserto.

— Lembre-se, MacRae, mire em uma árvore qualquer, ou acima do ombro direito do duque, e atire. Não o acerte.

Wheston parecia sentir-se na obrigação de lembrar ao amigo que a intenção era evitar a morte apesar da atividade questionável.

— Já disse isso, Wheston. Acha mesmo que quero matar o homem?

Ian olhou de um para o outro, desconcertado.

— Não entendo por que desafiar alguém e não matar.

PERIGOSAS ACHERON

— Vocês escoceses são muito sanguinários, MacRae, as coisas não são sérias a esse ponto. Se você mata um homem porque ele disse palavras ofensivas sobre uma dama, o que faria se pegasse um homem na cama com sua esposa?

— Eu iria desmembrar o desgraçado. O que você faria?

Mathew sorriu com uma leveza de espírito que nunca imaginou que um dia teria em se tratando desse assunto.

— Esqueces que passei por isso? Dei uma surra no homem até deixá-lo desacordado, expulsei a meretriz e fim. Ela não merecia que eu me expusesse ao ridículo diante de todos alardeando sobre o assunto.

— Sangue frio, Wheston...

Mathew apenas deu de ombros.

— Irrito-me facilmente, ou me irritava...
Ultimamente, só tenho tido alegrias. Mas, mesmo
PERIGOSAS ACHERON

quando me irritava, não era dado à violência.

Lorde Albert, que até então permanecera em silêncio, decidiu dar sua contribuição ao assunto.

— Nesse caso específico, a moça é uma jovem digna, mas o ato é um tanto quanto exagerado, Gregor. Atirar para errar é a melhor saída para homens que se desafiam em um impulso.

— Não sei como Cavendish concordou com isso, ele parecia decidido a crer que eu estava rindo dele.

O conde de Devon negou em um gesto impaciente.

— Devonshire é um homem sensato, foi coisa de momento, afinal, além de ser desprezado pela jovem, ficou óbvio para ele que Juliette se envolveu emocionalmente com outro. Isso fere o orgulho de um homem, ainda mais alguém poderoso como ele. Foi só isso: ego.

Enquanto os homens ainda conversavam

entre si, chegaram ao local acordado para o embate. Ao longe, avistaram quatro homens que já os aguardavam e se aproximaram um pouco, desmontando de seus cavalos no extremo oposto de onde estavam.

— Wheston, você e Ian precisam ir falar com os padrinhos dele. Devon, leve as armas para os malditos inspecionarem e escolherem.

Gregor ordenou casualmente como se fosse um costume seu aquele tipo de atividade e não como se fosse a primeira vez — que, de fato, era.

Sozinho, aguardou enquanto observava os companheiros aproximando-se da dupla de amigos do duque; o outro homem era o médico escolhido por Cavendish, cujo nome ele não se recordava.

— MacRae! — Ouviu o conde de Devon, Albert, gritar. — Devonshire! — Ele bradou em seguida. — Aproximem-se.

Instantes depois, Gregor se viu diante do

PERIGOSAS ACHERON

rival. Ainda o encarava quando Albert parou a caixa diante dele para que pegasse a pistola restante.

— Virem-se de costas. Quando eu disser, começarão a caminhar, distanciando-se um do outro; decidimos por vinte passos de distância. Ao final da contagem, virem-se e atirem, entendido? Que vença o melhor.

Os homens assentiram em acordo e a contagem teve início.

— Vinte...

A voz de Albert se fez ouvir ainda bem próxima de onde Gregor estava; enquanto ia distanciando-se aos poucos, pensava em como fazer com que Juliette o aceitasse; ela havia sido irredutível diante do pequeno gesto de romantismo que fizera e ainda o culpava pela desistência de Cavendish.

— Quinze — Albert continuava a

PERIGOSAS ACHERON

contagem. Sebastian e Gregor estavam cada vez mais distantes.

Gregor buscava em sua fértil mente alguma ideia que amolecasse o coração de Juliette, endurecido pelas palavras maldosas e atitudes egoístas que ele tivera para com ela.

— Nove...

Sebastian, por outro lado, tentava compreender como aquilo havia acontecido; de que maneira um homem sempre superior e de moral inabalável começara o dia com posse de uma pistola, andando de costas e prestes a cometer um ato ilegal.

— Cinco... — Ouviu já longe.

Deixara-se seduzir por uma jovem que destilava palavras enganosas pelos lábios rosados e ele, aquele que jamais pensara ser capaz de se apaixonar outra vez, aos poucos estava sendo enredado na teia de mentiras que ela lhe tecera e

que agora o fazia arriscar a própria vida.

Mas ela parecera tão sincera...

Suas cartas tinham tanta paixão pelas palavras, seus beijos, o tremor dela em seus braços, os olhos que pareciam escrutinar toda a alma dele e deixavam transparecer a própria. Tudo havia sido tão real que ele ainda custava acreditar que fosse armação.

— Dois...

O coração acelerado, as mãos suavam um pouco devido à adrenalina. Um momento confuso se seguiu, em uma sincronia maldita, Albert bradou "fogo" e vozes femininas assustadas se fizeram ouvir em uma algazarra.

— Parem!

Elas não foram rápidas o bastante para impedir que os disparos fossem feitos, os gritos serviram apenas como distração. A mira do escocês, que antes impecavelmente atingiria

qualquer ponto que não o oponente, acertou a perna do duque em cheio. Com um arquejo que mais parecia um ganido de animal, Sebastian Cavendish tombou na grama segurando a perna que jorrava sangue.

— Maldição! Eu o acertei...

Juliette, Helen e Caroline correram até onde estavam os homens agrupados; a expressão no rosto delas estampava pavor e assombro.

— Caroline, eu pedi que não dissesse a ninguém! — Um Albert irritado surgiu acusando a própria esposa.

Wheston, por sua vez, fuzilava o cunhado com olhar mortífero, afinal era imprescindível que as esposas fossem resguardadas das atitudes infantis de seus maridos, principalmente se tratando de Caroline.

Juliette, por outro lado, esquadrihava o homem à sua frente em busca de ferimentos, mas

PERIGOSAS ACHERON

quando, aliviada, notou que o escocês estava intacto, começou a esbravejar.

— Isso tudo é um absurdo! Olha o que fez com o duque, seu tolo inconsequente!

O duque. Finalmente todos se lembraram dele e o médico abriu caminho entre a balbúrdia que se instaurara para se aproximar do moribundo, que gemia inconsolavelmente, os amigos desesperados ao lado dele.

Outra pessoa mantinha toda sua atenção no homem deitado na grama verde; Helen permitiu que algumas lágrimas escorressem de seu rosto, enquanto silenciosamente elevava aos céus uma prece para que Deus o salvasse.

Por certo que todos ali sabiam que o duque não deveria morrer por um tiro na perna, mas os espíritos apaixonados são temerosos e colocam a vida do outro em uma redoma frágil de vidro.

— Vossa graça, vamos precisar de uma

PERIGOSAS ACHERON

maca. O senhor precisa ser tratado imediatamente ou poderá perder a perna.

O duque, rugindo de dor, abriu os olhos e agarrou o homem pelo colarinho da camisa.

— Eu pago o quanto for preciso, mas não permita que isso aconteça.

O médico assentiu e, arrastando Albert, Thomas e Carl, saiu para providenciar o transporte. Um Gregor atordoado se aproximou de Sebastian.

— Cavendish, me desculpe... Eu não fiz de propósito, sei que pode ser difícil acreditar dadas as circunstâncias.

— Eu sei. Agora saia da minha frente, escocês maldito.

MacRae atendeu ao pedido rapidamente, não tendo mesmo motivo algum para ficar ali, presenciando a dor que ele próprio causara. Mas sua saída colocou Helen no campo de visão do duque. Se fosse possível, a aparição da moça o

PERIGOSAS ACHERON

deixou ainda mais pálido, como se estivesse encarando uma assombração ou como se um morto voltasse à vida bem ali, diante dos seus olhos.

— Mary?

A moça arregalou os olhos e observou todos à sua volta, que a encaravam interrogativamente. Depois, voltou os olhos para o duque outra vez, que tentava em vão se erguer a fim de enxergar melhor a mulher que estava de pé diante dele.

— Eu... preciso ir.

Dizendo isso, Helen segurou as saias, dando a todos uma mostra de seus tornozelos, e correu; os homens desviaram o olhar, tentando não notar as partes do corpo a mostra e as damas assustadas observaram enquanto a contida e doce Helen corria como se sua vida dependesse disso.

Juliette, ainda um tanto consternada, voltou os olhos para lorde Devonshire.

— O que está acontecendo? O que foi isso?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Aquela mulher... é Mary, não é? Ela não deveria estar... O que fazia aqui?

A moça sentiu pena, por certo a dor excruciante estava causando as alucinações.

— Aquela era Helen, minha criada.

— Não... Argh. — Um gemido de dor se fez ouvir. — É Mary. Ela não deveria estar andando por aí, ela é louca. Andem, não a deixem fugir assim.

— Louca? Helen não é nenhuma doida... É muito inteligente e sã.

Sebastian tinha o olhar perdido, distante, como se aos poucos as palavras e situações penetrassem em seus ouvidos e sua mente; a dor se tornava a cada momento mais insuportável e o sangue se esvaía, deixando-o fraco.

— Era ela no jardim, não era?

Juliette franziu o sobrolho.

— Jardim?

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— A senhorita... Nós nunca nos beijamos...

Então, ela por fim compreendeu.

— Não, nunca nos beijamos.

O médico retornou, trazendo uma maca improvisada, e juntos, os quatro homens colocaram o duque sobre ela. Em um sussurro, uma última palavra alcançou os ouvidos atentos de Juliette antes que o homem sucumbisse às sombras que o rodeavam.

— Maryelen...

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 20

UM DOCE ENDIABRADO ESCOCÊS

Juliette

Horas antes

Dizem que o melhor horário para o sono é pela manhã; hora dos melhores sonhos e do descanso mais prazeroso. Juliette levava isso muito a sério desde que sua vida tivera uma guinada surpreendente após o casamento de sua irmã, afinal foram anos acordando antes do sol para realizar as tarefas de casa e cuidar de seus pais, enquanto Nicole supria as necessidades básicas da família.

Por isso, quando foi enviada a Londres a fim de se preparar para a temporada, não foi difícil se acostumar à nova vida; mais horas de sono e outros tantos benefícios. No entanto, naquela manhã em especial, acordou com uma batida furiosa em sua porta e, assustada, sentou-se na cama, despertando com agitação.

Seu sonho havia sido interrompido... Nem mesmo em sonhos permitiam que ela sentisse o escocês dentro dela outra vez! Ultrajante. Irritada, ela respondeu o chamado e correu para abrir a porta.

— O que foi, Helen? É muito cedo... Veja! O sol nem mesmo nasceu.

Atrás de Helen vinha uma esbaforida Caroline, que Juliette invejou pela disposição em um horário tão horrível.

— Juliette, precisamos ir. Vai acontecer uma desgraça! Óh, céus, estamos perdidas...

— Do que é que estão falando? Acho bom terem um motivo razoável para isso, porque interromperam um sonho com perspectivas magníficas...

Lady Caroline e Helen se entreolharam e começaram a falar ao mesmo tempo.

— É MacRae! Albert me disse...

— Lorde Cavendish está correndo risco e seu cunhado está lá.

Juliette levou a mão ao rosto, tentando espantar a sonolência; ou ela não estava desperta o bastante ou as duas não diziam coisas que faziam sentido.

— Acalmem-se e expliquem direito. O que foi que Gregor aprontou agora? E o que lorde Cavendish tem com isso? Meu cunhado e lorde Devon... Não estou entendendo nada.

— MacRae desafiou Cavendish para um duelo e depois o duque o desafiou de volta, uma
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

confusão, como tudo que os homens fazem... Albert me contou tudo e pediu para que eu não lhe dissesse nada, imagine só! Mas eu tinha que dizer, pois precisamos impedir essa barbárie. É perigoso e arriscado, além de ser um crime.

— Um duelo? Ele perdeu o juízo? Vamos até a residência do conde, vou falar com aquele troglodita.

Helen balançou a cabeça veementemente em negativa.

— Não, eles já partiram! O duelo começará em breve, temos que ir agora! Um deles não vai sobreviver se permitirmos que duelem.

Juliette sentiu que se permitisse o pavor a dominaria, mas o momento não era adequado para desespero; precisava impedir que Gregor matasse o duque, ou pior, que fosse morto por ele. Apenas o pensamento sombrio já era o bastante para deixá-la aterrorizada.

PERIGOSAS ACHERON

— Vou me vestir, entrem...

As mulheres entraram e a ajudaram com as roupas para que ficasse pronta em poucos minutos; logo as três tomavam uma carruagem de aluguel e partiam rumo ao local onde tudo iria acontecer.

— Como convenceu lorde Albert a contar o que houve? — Juliette questionou a condessa.

— Nós somos melhores amigos antes de qualquer coisa e é exatamente essa frase que digo a ele quando percebo que está inclinado a ocultar segredos de mim. Inadmissível! Claro que também é uma quebra nos acordos que eu desrespeite sua vontade contando o que me disse em particular, mas não pude guardar um segredo como esse. Além disso, ele próprio poderia ser atingido!

— Sim, mas não compreendi onde lorde Devon se encaixa nisso. O que ele foi fazer lá?

— É o juiz! Pode crer em uma sandice dessas? Meu irmão e Ian MacRae são os padrinhos

de lorde Gregor.

Juliette ouvia as palavras da condessa, boquiaberta.

— Isso é tão primitivo! Homens matando-se por alguma bobagem, aliás, qual a razão do duelo?

— Você, claro. Lorde MacRae acredita que o duque a ofendeu, disse-lhe coisas horríveis e que espalhou boatos sobre você por toda a Inglaterra!

Juliette sorriu diante do exagero.

— Por toda Londres tudo bem, pode até ser que o faça, não mais que isso. Realmente eu dei a entender que Sebastian havia me ofendido, mas não esperava uma atitude radical como essa.

A carruagem começou a sacolejar um pouco mais, indícios de que deixavam a cidade para trás e entravam em uma estrada descuidada e pouco usada.

— Se Gregor morrer por isso... Ai meu Deus! Jamais poderei perdoar a mim, eu sugeri que

PERIGOSAS ACHERON

a culpa era dele e aquele homem das cavernas decidiu remediar tudo com as próprias mãos.

Caroline pegou a mão da moça na sua, oferecendo-lhe apoio.

— Ouça, ele por certo quis ser romântico, lutando pela sua honra como um nobre príncipe.

— Esse comportamento não é visto por mim dessa forma. Gregor não é assim; ele ri da vida e das regras da sociedade, é um homem que vive plenamente, que não precisa que valorizem seus atos, pois ele mesmo se tem em alta conta.

Lady Caroline a analisou com ternura.

— Parece admirá-lo muito...

— Não essa versão principesca, que envia flores e duela por minha honra. Acho que ele não entende isso.

— Huuum. Gosta mesmo é do homem sedutor e um pouco grosseiro.

Helen deixou escapar um risinho, que atraiu

a atenção de Caroline.

— Senhorita Helen, está pensativa. Parece-me tão preocupada quanto nós que temos nossos homens em um cenário assustador.

Juliette a interrompeu.

— Ele não é meu homem!

— Detalhes, querida. Mas e então, Helen?

— Eu estou nervosa e angustiada sim, não vou negar.

A senhorita Smith concentrou sua atenção na amiga, talvez fosse algo bom conversar sobre outras coisas, algo que não fosse a possibilidade de perder o homem que amava, antes mesmo de tê-lo para si.

— É o duque, não é, Helen? Está assim por causa dele.

Caroline arregalou os olhos, mas nada disse, aguardando a resposta da outra moça.

— É... Bom, também. Estou preocupada

com todos eles, não gosto dessa situação. Não queria ir até lá, porém também não poderia deixar de ir.

— E por que não? — questionou Caroline.

— Bom, porque preciso acompanhar a senhorita Juliette, claro.

A expressão no rosto de Caroline era um espelho das feições de Juliette. Elas não acreditavam, mas aceitaram a explicação sem questionar.

— Sim, claro. — Foram as únicas palavras da condessa sobre o assunto.

Instantes depois, a carruagem parou e o cocheiro abriu a porta para que as três mulheres descessem.

Juliette avistou ao longe os homens e sentiu que seu coração batia tão rápido que retumbava em seus ouvidos, um forte tremor tomou conta de seu corpo e ela temeu desfalecer ali mesmo. Gregor

PERIGOSAS NACIONAIS

morreria por ela se assim fosse preciso. Se isso não era de fato amor, nada mais o seria.

Sentiu um orgulho imenso do escocês que se distanciava a passos largos de seu oponente. Era um imbecil, de fato, mas mesmo assim fazia aquilo para impressioná-la; estava magnífico, como sempre, o *kilt* na altura do joelho estremecia com o vento. Gregor era seu e por mais que a houvesse magoado diversas vezes e que por orgulho não cedesse mais as investidas dele, sabia que seu coração pertenceria a ele para sempre, e de preferência amaria um homem vivo.

Então correu; as três correram lado a lado, clamando aos céus para que chegassem a tempo de impedir uma tragédia, mas quando ela ouviu a voz de lorde Albert gritar *fogo*, começaram a gritar a plenos pulmões para que parassem. Juliette implorou a Deus para que Gregor a ouvisse e foi atendida. Infelizmente.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A voz dela o distraiu e seu coração disparou outra vez, mas agora foi acompanhado por outros disparos.

Instantes depois, ela viu Sebastian cair na grama e por mais que desejasse o bem dele, alívio percorreu seu corpo. Gregor estava de pé, atordoado, mas inteiro.

Fez então o que sabia de melhor e o repreendeu, por sua estupidez, por fazê-la passar por todo aquele tempo de sofrimento, temendo por sua vida. Tudo isso também funcionava como proteção para que não a viesse desmoronar. O alívio em saber que ele estava bem era tamanho que Juliette poderia deitar-se ali na grama e chorar de alegria.

Grama. Ela não deveria ser vermelha...

Foi então que se lembrou de que o tiro havia mesmo acertado Cavendish e tiros fazem sangrar, de fato.

PERIGOSAS ACHERON

Um pouco alheia a tudo que acontecia, Juliette observou quando Gregor pediu desculpas por ter acertado o outro e isso a deixou um tanto quanto confusa, afinal presumira desde o início que a intenção fosse essa. E depois Helen... O reconhecimento fora evidente nos olhos de Devonshire, mas por certo estava confuso, alucinando. Helen pareceu assustada e fugiu apressada. Após Juliette afirmar para o duque que eles não haviam se beijado, o homem desmaiou.

O caminho de volta para a mansão levou o mesmo tempo que antes, mas a mente de Juliette não registrava mais o tempo; pensava em Helen que fugira Deus sabe como dali e em como poderia abordar com ela o assunto.

O duque afirmara que ela era louca e tão logo acordasse certamente a procuraria. Juliette não precisava saber a verdade para ajudar sua amiga; sabia que não havia em Helen um só traço de

PERIGOSAS ACHERON

insanidade e faria tudo para protegê-la, independente do que o duque acreditasse.

Seus devaneios foram interrompidos quando chegou em casa. Encontraram uma Nicole furiosa de pé no topo da escada, aguardando o marido.

— Onde estava, Mathew? Acordei e você não estava em canto nenhum da casa, fiquei preocupada!

O marquês sorriu deliciado ao ver sua esposa.

— Sabes que fico encantado com seus rompantes, querida? Vamos para o quarto, vou contar tudo que nos sucedeu.

A marquesa desviou os olhos do marido e fitou a irmã.

— E você, Juliette? — Logo avistou a cunhada e seu esposo também. — Por Deus! Todos saíram?

Em unísono, Caroline e Juliette responderam:

— Ele explica! — Uma risadinha seguiu o comentário e Juliette subiu para refugiar-se em seu quarto.



A manhã se findara, a tarde passou e a noite já se aproximava e nenhum sinal de Helen. Juliette pediu que uma carruagem fosse enviada para procurar por ela nos arredores e desceu para receber a visita de Gregor, que fora anunciado há pouco.

Estivera preparando-se o dia todo para o confronto.

Matá-lo por arriscar a própria vida ainda constava como opção; agarrar-se a ele e não mais soltar também não era uma má ideia.

— Boa tarde, senhorita Smith. — Na voz dele aquelas palavras soavam erradas.

— Senhorita Smith? Nem mesmo me recordo do tempo em que me tratou com tamanha formalidade.

Gregor sorriu com uma doçura incomum; seus sorrisos eram sempre sarcásticos ou insinuantes e, mesmo quando doces, havia neles uma pitada de diversão, como se ele realmente celebrasse os bons momentos.

Mas aquele sorriso... Era teatralmente doce.

— As coisas mudaram. Vim até aqui pedir que perdoe meus modos, quis defender sua honra e o faria com a própria vida se necessário fosse. Mas agi de maneira exagerada e como pedido de desculpas trouxe flores outra vez... E chocolates.

Juliette não o reconhecia.

— Por que está agindo dessa maneira? Não que eu dispense os chocolates, mas está pedindo-

me perdão por seus impulsos e cortejando-me abertamente quando já me disse inúmeras vezes que não pretendia se casar.

Gregor ficou sério.

— Mudei de ideia. Tive meus motivos para ser contra o casamento, mas não penso mais assim. Estou sendo o tipo de homem que veio procurar em Londres, o tipo de pretendente com quem sonha.

— Quem disse que sonho com isso?

— Eu sei. Olhe para Cavendish e olhe para mim, não poderíamos ser mais diferentes. Era com ele que queria se casar. Mas eu posso ser assim, dê-me uma chance de provar meu apreço por você.

Se ele soubesse como rasgava suas vestes em seus sonhos e a tomava com ímpeto...

— Gregor, eu não sonho com isso... Nunca foi meu desejo que mudasse sua personalidade, apenas suas convicções e algumas atitudes.

— Estou fazendo exatamente isso, mudando

minhas atitudes. Retornarei mais tarde com uma surpresa.

— Outra surpresa? Já fui surpreendida o bastante com o dia de hoje.

— Vai gostar, estou certo disso.

— Gregor, você é inacreditável. Quase se matou hoje por uma tolice, acertou um homem que pode nunca mais andar por causa dessa sua besteira de se mostrar um perfeito cavalheiro.

— Mas... eu pedi perdão. Não era minha intenção acertá-lo, distraí-me.

Juliette suspirou, cansada.

— Sei disso. Admito também que a culpa não é inteiramente sua, afinal, se ele não pensasse que havia me beijado, que eu fingi...

As palavras tiveram o poder de deixar MacRae na defensiva.

— Não fingiu então? Gostou de beijá-lo?

Juliette notou o ciúme presente no tom de

PERIGOSAS NACIONAIS

voz imperioso que ele usou e por vingança contra todo sofrimento que vivenciara por ele naquele dia, não o corrigiu.

— Isso não é mesmo da sua conta.

— Claro que é da minha conta. — Como um felino, ele aproximou-se.

— O que está fazendo?

— Preciso beijá-la, provar a você que aqueles beijos tolos no jardim não são nada se comparados à chama que queima entre nós.

— Os beijos no jardim?

— Sim, quando o beijou no baile, eu aposto que ele não a fazia sentir-se como eu faço.

— Arrogante...

A respiração dela já começava a ficar pesada, o ar rarefeito. Quando ele a circundou com seus braços, Juliette sentiu-se em casa. Por que as coisas tinham que ser tão intensas e difíceis entre eles?

PERIGOSAS ACHERON

— Não estou sendo arrogante, não me julgo melhor, apenas sei que sente por mim o mesmo que sinto por você. É isso que torna as coisas entre nós especiais.

— Gregor, alguém pode entrar e nos ver...

Ele sorriu, os lábios quase se tocando.

— Sempre adoramos a adrenalina do risco, não?

Quando enfim se uniram em um beijo, não era nada como o que já haviam compartilhado e ao mesmo tempo era exatamente como se nunca houvessem se separado, como se fossem o lar um do outro. Apenas nos braços dele Juliette sentia-se inteira e genuína.

O corpo dele estava um pouco rígido e ela estranhou o fato de Gregor não intensificar o beijo; suas mãos estavam comportadamente a segurando e nenhum outro avanço foi feito por parte do escocês.

Mas Juliette queria mais; talvez fosse

resultado do receio que tivera de perdê-lo, mas o mais provável era que fosse a saudade, o desejo e o amor que queimavam em seu peito.

Deslizou os dedos por entre os fios dourados dos cabelos de Gregor e com a boca começou a beijá-lo no pescoço, roçando os lábios na barba por fazer e por fim mordiscando a orelha dele, como já o sentira fazer vezes antes, instigando-o, atijando.

Gregor, no entanto, não correspondeu aos avanços. Em um ato impetuoso a beijara, mas logo se recordou de como deveria agir diferente para conquistá-la; um riso baixo foi o único sinal de que notara as intenções da moça.

— Pare com isso, Juliette. Eu a beijei em um ato impensado e porque não suporto ficar longe e ouvi-la falar sobre outro homem. Não podemos levar as coisas adiante, não aqui e assim; pretendo manter sua honra intacta.

PERIGOSAS NACIONAIS

A rejeição a magoou e feriu seu ego.

— O que há de errado? Beija-me e agora está rejeitando-me? De que honra está falando? Eu já a perdi muito tempo atrás, se não se lembra.

— Não estou falando disso, mas de sua reputação. Quero preservá-la e fazer as coisas como sempre sonhou.

Exasperada, Juliette o fitou.

— Mas de onde tirou que sonho com essas coisas?

— Wheston diz que as coisas são feitas assim, que preciso ser romântico.

— Mas eu não sou Nicole, Gregor. Não passei minha vida sonhando com os romances dos livros; graças a Deus ela conquistou o que sonhava, mas não somos iguais.

— Juliette, eu a respeito. Sei que dei a entender que não, mas vou provar o contrário tratando-a como merece.

PERIGOSAS ACHERON

Desapontada e revoltada consigo mesmo por se humilhar, ela ergueu outra vez o muro entre eles.

— Por favor, vá embora então. Agora.

A maior surpresa do dia aconteceu.

— Como quiser. — Gregor abaixou a cabeça, rendido.

Juliette estava aturdida com as palavras compreensivas.

— O quê? Não vai gritar? Dizer que não decido nada aqui?

A voz dele parecia morta, sem vida. Nada daquela tempestade que ela vislumbrara momentos antes quando esperou que a tomasse nos braços com força e desejo.

— Nunca conheci mulher tão decidida e corajosa, pode fazer tudo que quiser.

— Sem insultos? Está agindo de modo muito estranho... O que andas tramando?

— Não estou tramando nada, minhas intenções são bem claras. Quero me casar com você, mas para isso desejo que queira se casar comigo.

— Argh, quer saber de uma coisa? Suma da minha frente, Gregor. Cansei de ser confundida por suas atitudes. Em um momento me quer loucamente e em outro me dispensa como se não significasse nada. Deixou-me vir embora da Escócia porque abominava a ideia de casar-se comigo e agora age como alguém com ideias completamente diferentes. Não quero mais passar por isso, Gregor... Ande, suma daqui.

— Eu mudei. Desde que coloquei meus olhos em você, não fui mais o mesmo. Você ilumina meus dias!

Juliette riu. Ela não queria, mas era impossível vendo-o ali com aquelas frases que decorara de algum soneto.

— Desculpe-me... Mas *você ilumina meus dias* foi demais. Agora vá embora, vou procurar por Helen, ela não voltou para casa e está ficando tarde.

Gregor fez uma reverência e Juliette lhe deu as costas sem retribuir, mas ao deixar a sala tentou se recordar de alguma outra vez em que ele lhe fizera uma reverência e não conseguiu. Subiu de volta para seus aposentos e aguardou por notícias; a noite caía e suas preocupações aumentavam.

Um pouco depois do jantar, no entanto, Helen apareceu e entrou em seu quarto um tanto quanto agitada.

— Helen! Por Deus! Não me assuste assim outra vez, estava preocupadíssima!

— Eu... eu sei. Mas precisava andar um pouco, pensar no que fazer e no que te contar.

Juliette puxou a amiga para sentar com ela sobre a cama.

— Pois conte tudo que quiser. Estou ao seu

PERIGOSAS ACHERON

lado, como esteve do meu.

— Bom, não posso dizer muito. Se me procurarem, prefiro que não saiba de tudo. Eu conheci o duque, como deve ter imaginado. Por um tempo, acreditei nele, que era bom e... um amigo, mas até reencontrá-lo aqui tinha convicção de que ele havia me traído, agora não sei mais.

— Traído? Vocês estavam prometidos?

— Não me refiro a esse tipo de traição. Acreditei que ele havia me enganado em algumas questões que não vem ao caso. Quando conversei com ele no baile, pareceu-me tão sincero que já não sei mais o que pensar sobre isso.

Juliette a olhou com atenção, absorvendo tudo aquilo.

— E se beijaram... Eu já desconfiava, pois ele havia falado sobre o beijo e eu jamais o beijei, mas hoje ele me perguntou.

— Sim, ele disse na carta também... Eu

omiti esse detalhe quando a li porque fiquei envergonhada. Afinal, poderia vir a se casar com ele.

— Helen, eu jamais me casaria com o duque se soubesse que tem sentimentos reais por ele. Se quer saber a verdade, acho que não me casaria com ele de qualquer maneira. Se minha opinião vale de alguma coisa, eu acredito que ele seja realmente um homem bom.

— Isso na verdade não importa mais, não posso correr o risco de que ele me descubra aqui e me entregue. Não posso contar muito mais que isso, mas se Sebastian me entregar, estou certa de que me matarão, se não instantaneamente, aos poucos. Eu preciso da sua ajuda, Juliette. Somos amigas, verdade?

Juliette estava consternada com o pouco que sabia, mesmo assim sorriu para tranquilizar a outra.

— Claro que sim. O que precisa que eu

PERIGOSAS ACHERON

faça?

Helen levantou-se e começou a andar em círculos.

— Preciso me esconder, não posso mais ficar aqui, mas não tenho para onde ir.

— Claro que tem, voltará para o mesmo lugar de onde veio. Meu cunhado e minha irmã retornam a Derbyshire em poucos dias e você pode ir com eles. Eu direi que não preciso mais de seus serviços aqui.

— Mas e se demorarem? Ele virá à minha procura, estou certa de que sim.

— Helen, sei que virá, mas ele levou um tiro na perna, não poderá vir por várias semanas, enquanto não se recuperar.

— Porém, poderá mandar alguém...

— Acalme-se. Se alguém vier, eu a esconderei. Vocês devem partir em dois ou três dias.

A criada olhou para a amiga ainda sentada na cama, os olhos estavam marejados.

— Juliette, você é o melhor presente que recebo em muitos anos. Jamais imaginei que pudesse encontrar uma amiga como você, estará sempre em meu coração e tão logo ele deixe de me procurar, contarei tudo. É uma promessa.

— Sabe, você também veio direto do céu para minha vida e esperarei seu tempo para me contar seus mistérios. O duque disse algumas coisas antes de desmaiar.

— Ah, ele disse?

— Disse... que você é louca.

— Está perguntando-me se sou louca? Sabes que se fosse jamais admitiria, certo?

Juliette riu, apesar das circunstâncias.

— Não estou perguntando isso, evidente que não é louca. Foi isso que eu disse a ele, estou apenas curiosa. É muito difícil ser uma boa amiga,

sabes disso? Queria mesmo era crivá-la de perguntas.

— Tudo bem, eu lhe devo muito por sua ajuda. Faça-me duas perguntas e eu as responderei, mas tem que jurar não dizer nada a ninguém. Depois, tenho mais um pedido.

Juliette levantou-se animada, pensando no que realmente queria saber. Poderia perguntar como conseguira a cicatriz, mas algo lhe dizia que as questões as quais Helen responderia tinham um limite.

— Quem são seus pais?

O corpo todo de Helen se retesou e ela apertou os lábios, apreensiva.

— Tudo bem, não diga nomes. És filha de um nobre, certo? Filha legítima...

A outra assentiu.

— A-há! — Juliette deu um pulinho. — Eu sabia que seus conhecimentos eram muito amplos.

Uma segunda pergunta, deixe-me pensar...

Alguns segundos se passaram antes que ela se decidisse.

— Por que o duque pensa que você é louca?

Helen suspirou com tristeza.

— Porque foi isso que minha família disse a ele.

Juliette cobriu a boca com a mão horrorizada.

— Não posso crer! Eles são horríveis então... Ou disseram isso porque você pediu?

— Eram duas perguntas apenas, mas sim, são horríveis... Agora, meu outro pedido, preciso que me envie notícias sobre ele. Não terei paz sem saber de suas condições.

Juliette observou a amiga com tristeza.

— Tem medo, mas preocupa-se com ele.

Helen não negou, também não concordou.

— Vou descer e ficar na cozinha. Qualquer

coisa, chame-me e se ele mandar alguém...

— Nunca a vi! — Juliette garantiu.

A moça concordou e logo deixou o quarto. Juliette se trocou sozinha e preparou-se para dormir. No entanto, mesmo após se deitar em sua cama, o sono lhe fugia. Lembrou-se das palavras de Helen, do medo estampado em suas feições e de conversas anteriores entre elas. Tudo levava a crer que a vida da jovem havia sido muito difícil.

Recordou seu dia, desde o duelo, a raiva que sentira de Gregor por se arriscar tanto e o medo, o horror que vivenciara ao imaginar perdê-lo.

Ele queria cortejá-la, casar-se com ela... Não tinha ideia de como ela desejava dizer *sim*. Mas não era possível, pois o homem fazia uma besteira seguida de outra, sempre metendo os pés pelas mãos. Era inconstante, primeiro não queria o matrimônio de maneira alguma, agora agia como

PERIGOSAS ACHERON

um sentimental que não via a hora de tornar-se seu marido.

E o beijo. Incitara-a apenas para rejeitá-la logo depois. Ao inferno com aquele escocês tolo! Não deixaria que chegasse perto dela de maneira alguma.

Não.

Ela não poderia aceitá-lo.

Um som distante de repente invadiu sua mente, o barulho de uma música que vinha de longe, mas não muito longe.

Talvez alguém estivesse dando um baile, um para o qual ela não fora convidada.

Juliette levantou-se e abriu as portas duplas de seu quarto, que davam para a sacada e os jardins embaixo. Qual não foi sua surpresa ao deparar-se com Gregor ali, plantado em meio aos roseirais, cantando enquanto alguém tocava um violino. Uma serenata! Por Deus, o homem havia enlouquecido.

PERIGOSAS NACIONAIS

— O que está fazendo? — sibilou, temendo ser ouvida.

— Cantando para minha musa inspiradora, claro.

— Essa sou eu, imagino. Se alguém o vir... Gregor, pelo amor de Deus, pare com essas ideias! Andou bebendo de novo?

— Não, Juli. Não tem uma gota de álcool em meu organismo, eu juro.

Juliette ouviu uma risada e debruçou-se sobre a amurada para ver de onde vinha. Ian estava de pé atrás do irmão com uma... Aquilo era mesmo uma gaita de fole?

Além de Ian, dois outros homens, que ela reconheceu como os empregados de Gregor, empunhavam instrumentos e formavam o quarteto.

— Óh, bela dama, se o sol se enamorasse da lua e a amasse, o fruto do amor deles jamais teria sua beleza.

PERIGOSAS ACHERON

— O quê? Está ouvindo o que está dizendo? Por Deus, Gregor, fique quieto ou vai acordar todo mundo.

Então, para horror de Juliette, ele voltou a cantar em voz baixa.

— Gregor! Fique quieto, seu... seu pascácio!

Ele riu entre os versos da canção, deliciado em ver que sua Juliette continuava ali, mesmo com aquela fachada de nobreza e regras de etiqueta.

— Não vai parar? Disse que queria proteger minha honra e, se te pegarem aqui, eu estarei arruinada.

Ele interrompeu a canção apenas para respondê-la.

— Não há uma maneira de calar meus sentimentos, óh doce Juli.

— Vai me pagar por isso, MacRae.

— Mas Wheston me disse para ser

romântico. Na Escócia, serenatas são românticas. Ian, venha aqui! Não me disse que ela iria gostar?

Ian assentiu e Juliette os encarou, incrédula.

— Na Escócia, Gregor. Aqui na Inglaterra isso não é mais aceitável, foi-se o tempo em que os homens apaixonados faziam serenatas. Se alguém o vir aqui, a essa hora da noite, estarei perdida, seu... seu... tolo!

Juliette voltou para o quarto pensando em uma maneira efetiva de livrar-se de Gregor. Se o duque acordasse... Se Wheston acordasse, estaria tudo acabado.

Ao canto, avistou a jarra de água que Helen havia lhe trazido mais cedo e em um impulso a pegou. Em meio a mais um estrofe, Gregor foi surpreendido quando um jato de água atingiu seu rosto, molhando-o inteiro. Ele grunhiu, visivelmente irritado, olhou para os companheiros, que haviam parado de tocar, e, por fim, para

PERIGOSAS ACHERON

Juliette, que tinha um sorrisinho vitorioso nos lábios.

Mas Gregor não se deixaria vencer por um pouco de água; precisava convencê-la. De acordo com Wheston, o cortejo envolvia os grandes gestos. Então sorriu e balançou os cabelos molhados, retirando o excesso de água.

— Querida, Juliette, sua ternura é... refrescante!

Um lampião iluminou o andar de baixo e Juliette temeu serem descobertos ali. Pouco depois, viu a cabeça de Helen sondando os jardins e respirou aliviada. Então Gregor recomeçou a cantoria. Para sua sorte ele usava um tom de voz baixo, cantava apenas para ela. Em um novo rompante, Juliette atirou a jarra de barro que tinha nas mãos e com um pulo Gregor saltou para o lado, escapando por pouco.

— Juliette! Perdeu a razão? Poderia ter me

acertado.

— E seria merecido! Quanto aos senhores, deem o fora daqui, agora.

Ian deu um passo à frente e puxou Gregor pela camisa.

— Vamos embora, sua flor inglesa está muito irritada. Já disse que me caso com ela, desista da moça, irmão.

Juliette que tudo ouvia, fulminou o outro escocês com o olhar.

— Não vou me casar com nenhum de vocês. E o senhor, lorde Ian MacRae, muito me surpreende participando dessa balbúrdia debaixo de minha janela. Suma daqui, com todo respeito.

Ian assentiu e, com uma reverência, saiu, levando consigo Donald e o pobre Wallace, que já estava assustado.

— Desça aqui, sua desmiolada. Como se atreve a atirar isso em mim? O que deu na sua

cabeça?

Juliette sorriu.

— Enfim retornou, lorde Gregor. Agora dê um jeito de parar com esse cortejo esquisito. Bilhetes, duelos, flores e agora uma serenata!

— Fica dizendo que não me vê em minhas atitudes, mas não se parece em nada com a jovem que prezava sua liberdade acima de tudo e fazia o que quisesse. Pelo contrário, agora se preocupa com regras inúteis e com o que vão dizer se me ouvirem aqui.

— E o senhor, hein? Não me lembra o homem másculo e decidido que conheci. Fica agora implorando por atenção e me coloca em um pedestal. O Gregor que conheci não pedia por nada, ele simplesmente tinha tudo o que quisesse e o que não era seu tomava para si sem pensar uma segunda vez.

Gregor estava furioso, todos os seus

esforços haviam sido vãos; além de não conquistá-la, Juliette ainda desdenhava de suas atitudes e tinha toda razão. Estava sendo tolo. Levando em consideração as atitudes e palavras da moça, nem mesmo a estava agradando; tudo culpa de Wheston, que dava os piores conselhos.

— Então é o que quer, Juliette? — Gritando, continuou: — Se desejava isso desde o início deveria ter dito. Vou subir e conversaremos mais à vontade.

— Está gritando, seu louco! Vai acordá-los...

— Ah, mas vou mesmo — respondeu no mesmo tom de voz alto e estridente.

Em instantes, outra luz se tornou visível e logo Mathew saiu para os jardins, vestindo um robe por cima das roupas de dormir.

— MacRae? Eu já lhe disse que seus horários são um desrespeito, mas agora passou dos

PERIGOSAS ACHERON

limites. O que faz aqui? Acordou toda a casa!

Gregor sorriu para Juliette, que tinha um olhar de súplica agora; não parecia mais tão disposta a ofendê-lo, pelo contrário, parecia implorar para que ele desse alguma desculpa que a salvasse.

— Não queria acordar a casa toda, apenas subir aos aposentos de Juliette.

— Está ficando louco? Juliette, diga-me o que isso significa agora mesmo.

A moça encontrou a voz e tratou de logo se defender.

— Eu não sei o que ele está fazendo aqui, não permiti que subisse!

Mathew olhou da moça trêmula para o amigo.

— E então?

— Bom, ela já me deixou entrar em seus aposentos outra noite e pensei que não teria mal

algun em fazê-lo outra vez. Wheston, seus conselhos foram inúteis, ela não quer gentilezas e flores como a maioria das donzelas... Pensando bem, talvez seja porque não é mais uma donzela, já esteve comigo algumas vezes, sabe? Eu a comprometi e agora, bem, agora teremos que nos casar, certo?

Mathew o fitou furioso.

— Seu imbecil, eu disse que não queria saber sobre nada disso. Agora aguenta quieto, precisarei bater em você.

Um tanto quanto irritado, Mathew desferiu um soco no escocês, que mesmo cambaleando um pouco com a força do golpe, sorria satisfeito.

— Retorne amanhã. Vamos cuidar de uma licença especial, seu canalha.

Juliette sentiu uma revolta crescer em seu âmago.

— Mas eu não quero me casar com ele,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Mathew, por favor.

— Desculpe, Juliette, mas não tem mais escolha. Se o que ele disse realmente aconteceu, como responsável por você aqui, em lugar de seu pai que de nada sabe, sou obrigado a tomar as medidas corretas. Estou certo de que se ele estivesse aqui, aprovaria minha decisão.

Aturdida pelas palavras decididas do cunhado, ela voltou-se para aquele que era responsável por tudo aquilo.

— Gregor, diz para ele que nada aconteceu...

O sorriso dele era dissimulado e arrogante.

— Querida, Juliette, não queria um escocês bruto e desalmado? Aqui estou e sou todo seu... para sempre.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 21

EM MEUS SONHOS

Juliette

O alvoroço na mansão dos Morph estava incontrolável; afinal, as novidades eram totalmente inesperadas e por mais que Mathew não tivesse contado os detalhes de sua decisão para todos, poupando a cunhada, uma licença especial e um casamento decidido no meio da madrugada diziam por si só tudo o que era preciso.

Mathew e Gregor ficaram por algum tempo trancados no escritório e Juliette temeu que acabassem tendo uma briga, mas, quando saíram de lá, os dois tinham sorrisos que tentavam esconder.

PERIGOSAS ACHERON

Felizes, ora vejam só!

A duquesa a olhava com severidade e ares de repreensão sempre que passava por ela, mas estava cantarolando desde que recebera a notícia. Lady Caroline e Nicole cochicharam por algum tempo e ambas estavam radiantes.

Wheston mandou uma carruagem a Derbyshire para buscar os pais da noiva, que logo chegariam a Londres para a cerimônia, e Cecília rodeava a tia com seus pulinhos e a algazarra típica da menina.

— Tia Juliette vai casaaaar...

Lady Caroline aproximou-se do sofá onde Juliette observava a alegria de todos, irritada.

— Juliette, querida, por que está assim? Vai se casar, era de se esperar que estivesse feliz.

A moça ergueu o rosto e respondeu a contragosto.

— Mas quem foi que decidiu que eu queria

PERIGOSAS ACHERON

me casar com lorde Gregor?

— Deixe de bobagem. Nem precisava dizer, nós sabemos que sim.

Juliette dirigiu-lhe um olhar um pouco sem graça.

— Bom, sim, mas não era para ser desse modo... Era nosso segredo, apenas meu e dele. Agora todos são participantes de nossas particularidades!

A condessa assentiu compreensiva.

— Vamos subir, devemos conversar sobre isso. Nicole já subiu para seus aposentos, aguardando, e pedi que chamassem Helen ou Mary, seja lá qual for o nome dela.

Subiram apressadas as escadas. Juliette ainda evitando Gregor, que parecia muito senhor de si, sorrindo para todos agora. Pouco se importando com a fúria que a moça lhe dirigia.

Logo que fechou a porta, na segurança de

PERIGOSAS ACHERON

seu quarto, ela atirou-se sobre a cama e cobriu o rosto com um travesseiro. Nicole já estava sentada em frente à penteadeira e Helen andava de um lado para o outro, ansiosa. Caroline sentou-se de frente para Juliette na cama e começou seu discurso.

— Querida, queremos apenas te dar alguns conselhos.

Juliette descobriu o rosto.

— Bom, acho que se sabem o motivo do casamento, devem saber que isso não é necessário.

Helen riu discretamente e Nicole encarava a irmã, divertida.

— Não é nada disso, Juliette. Queremos falar sobre sua atitude — continuou Caroline.

— Minha atitude?

— Sim, estava irritada por ele estar muito manso, aceitando tudo de bom grado e parecendo um bobalhão. Quando eu perguntei se tinha admiração por ele, disse que gostava de como ele

realmente era. — Com uma pausa, dirigiu-se a Helen: — Não foi o que ela disse na carruagem?

A moça apenas assentiu com um gesto.

— Então, ele fez o que desejava. Voltou a ser quem realmente é, com a diferença que agora está louco para se casar, então não consigo entender por que está chateada.

Juliette sentou-se na cama.

— Estão achando-me uma mulher insana, com certeza, mas ele não precisava contar nosso segredo para o Mathew, agora teremos que nos casar rapidamente e todo mundo vai saber o motivo. Isso se não imaginarem que estou esperando um filho! Óh, céus! É exatamente o que vão pensar.

Nicole voltou-se para a irmã.

— Que pensem. Mathew me ensinou que não devemos nada a ninguém. Se Gregor é o homem que ama, por que não aproveitar os
PERIGOSAS ACHERON

preparativos para o casamento? Fique feliz! Vão poder ficar juntos agora e isso é o mais importante. Depois, aos poucos, vão adaptando-se à nova vida.

— Ah, eu não sei... Depois que vim para cá, que as coisas mudaram e recebi o dote, tudo ficou tão complicado. Era tudo muito fácil entre nós na Escócia. Aqui tudo parece dar errado.

Nicole abriu a boca em sinal claro de alarme.

— Por Deus, isso vem acontecendo desde a Escócia?

A jovem desviou os olhos, constrangida por ter falado demais.

— Não exatamente, tudo começou um pouco antes do seu casamento, mas...

Foi interrompida pela irmã.

— Antes do meu casamento? Juliette! Tem quase um ano que estão nisso?

— Não é bem assim. Acontecer mesmo... o

acontecido foi só na Escócia e poucas vezes.

— Mas e depois disso?

Juliette suspirou.

— Depois nada. Uns poucos beijos e muitas discussões.

Lady Caroline assentiu como quem sabia mesmo das coisas.

— Pois bem, querida. Se as coisas são como diz, o casamento precisa acontecer, mas se o quer e o ama, não há motivo nenhum para obrigar-se a ficar irritada. Vai dizer que não está nem um pouco feliz?

— Bem, não posso negar que, no fundo, bem lá no fundo, estou pulando um pouquinho de felicidade.

— Então deixe de fingir o contrário! — prosseguiu a condessa. — Se entenda com seu noivo, pois logo estarão casados e não sabe nem mesmo onde vão morar!

Ela levantou-se e suspirou resignada.

— Bom, isso ele é quem decide. Como sabem, não temos voz nessas decisões...

Nicole negou com um gesto.

— Não no seu caso. Mathew me confidenciou que Gregor ainda não sabe onde vão ficar, porque decidiu que a escolha será sua.

— Está dizendo-me que ele estaria disposto a mudar-se para Londres se eu assim decidisse?

— Exatamente! Ele a ama, Juliette; vá ser feliz e deixem os dois de brigar por ninharias.

O sorriso que se abriu no rosto dela foi o primeiro desde que tivera a notícia de que teria que se casar, ao menos o primeiro que permitiu que outras pessoas vissem. Helen a interrompeu antes que Juliette pudesse dizer alguma coisa.

— Não é vergonha nenhuma ceder, Juliette. Sei o quanto o ama e ele é louco por você, fez tudo para fugir do matrimônio, é verdade, mas agora

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

está aqui, tentou de todas as maneiras e tudo saiu errado. Nunca contei isso, mas desde que o duque começou a cortejá-la, ele vem seguindo-os, mantendo-se por perto mesmo quando se negava a assumir. Não conseguia perdê-la de vista.

A moça cerrou os olhos na direção da amiga.

— Como assim me seguindo? Quando?

Helen começou a rir.

— Lembra-se do piquenique? O ladrão que o criado do duque atirou no lago?

— Não acredito! Gregor não tem uma gota de juízo e querem que me case com ele!

— Juliette, quer tanto isso quanto ele. No baile de máscaras, alguém atirou uma maçã na cabeça do duque e estou certa de que era ele.

A moça não se controlou e uma gargalhada lhe escapou.

— Eu não posso com aquele escocês.

PERIGOSAS ACHERON



Gregor e Juliette

Já era tarde da noite e a mansão erguia-se diante dele como um enorme monstro adormecido. Com uma agilidade que encantaria os renomados instrutores de dança, escalou os portões e saltou por sobre eles. Caminhou sorrateiro em meio aos arbustos dos jardins e se esgueirou por entre as sebes até estar embaixo da janela dela; no exato local em que estivera na noite anterior.

Usando a força dos braços para se erguer, Gregor subiu colocando os pés nas quinas, na janela do primeiro andar e onde quer que encontrasse apoio; exatamente como fizera na noite do baile. Pouco depois, ele estava na sacada de onde aquela garota insana lhe atirara um vaso.

Riu sozinho, lembrando-se do rosto

afogueado e dos olhos brilhando de raiva. Linda.

Pensou em bater na porta e chamá-la. Juliette o evitara o dia todo e as coisas entre eles precisavam ser ajustadas. Quando os nós dos dedos encostaram na porta, ela se abriu levemente e Gregor entrou sem se anunciar. Precisava lembrá-la de trancar a porta, qualquer louco poderia subir até ali. Entrou e deixou-a parcialmente aberta para que a luz da lua iluminasse o cômodo.

Avistou Juliette dormindo sobre a cama, em seu sono a expressão era de paz e o rosto estava sereno. Retirou as botas e colocou-as aos pés da cama, evitando fazer qualquer barulho.

O plano inicial era de conversar com ela e quem sabe algo mais, mas não iria acordá-la; ela dormia tão profundamente que a única coisa que Gregor desejou foi aconchegar o corpo macio junto ao seu e dormir com a moça em seus braços.

Retirou o casaco e a camisa e deitou-se por

baixo dos lençóis brancos, usando apenas o *kilt*, que se tornara sua vestimenta usual. Antes dela, Gregor evitava o traje na Inglaterra, mas ver o modo como os olhos verdes deslizavam por seu corpo, a maneira como o desejo acendia neles, fizeram com que repensasse as vestimentas. Seu prazer era desestabilizar a fachada de indiferença ostentada por ela.

Passou o braço por cima do corpo de Juliette, deixando que sua mão deslizasse sobre a camisola, abraçando-a pela cintura e puxando-a para mais perto. Um suspiro deslizou por entre os lábios dela, mas o movimento não a despertou. Apesar do forte ardor que se espalhava por seu corpo ao tê-la tão perto, após alguns minutos, Gregor adormeceu.

No meio da noite, Juliette se remexeu, sentindo um peso sobre seu estômago. Ao abrir os olhos, deparou-se com um braço envolvendo-a; não

PERIGOSAS ACHERON

foi preciso olhar para trás para certificar-se de que era ele. Seus sonhos ficavam a cada dia mais vívidos e frustrantes, afinal, de uma maneira ou outra, sempre eram interrompidos na melhor parte.

Pensando em aproveitar o tempo que tinha com o escocês antes que de alguma maneira fosse levada outra vez para a realidade, Juliette virou-se nos braços dele. Com uma das mãos traçou a linha do maxilar forte e deixou que seus dedos tocassem os cabelos dele com delicadeza...

Ah, como sentia falta de poder tocá-lo.

Ele estava despido da cintura para cima e Juliette agradeceu ao universo — porque nesses casos seria uma terrível blasfêmia agradecer a Deus — por facilitar seu trabalho.

Segurou os braços fortes, aproveitando-se do sono dele para sentir os músculos e deliciar-se com o que estava à mostra. Puxou o lençol para cima e colocou a cabeça embaixo do tecido,

PERIGOSAS ACHERON

torcendo para que em seu sonho ele também não usasse nada nos membros inferiores. A decepção não foi grande, pois apesar de estar vestido, Gregor usava seu *kilt*. Juliette sabia que, como um bom escocês, era bem provável que não houvesse nada por baixo da peça.

Olhou outra vez para o rosto dele; continuava ressonando baixo, então ela colocou a mão sob o tecido e deixou que seus dedos subissem pela coxa exposta até encontrar o objeto de seus desejos... Delicioso.

Sem perder tempo, afinal, nunca sabia ao certo quando iria acordar, Juliette passou a tocá-lo com as mãos, incitando-o a despertar. Logo foi recompensada quando ele começou a tomar vida sob seus dedos afoitos.

Gregor abriu os olhos, alarmado, sem entender exatamente o que estava acontecendo, mas o que viu diante de si fez com que sua respiração

PERIGOSAS NACIONAIS

lhe faltasse por alguns instantes.

— Juliette?

Um sorriso sensual se ergueu nos lábios dela, que não parou de tocá-lo.

— O que está fazendo? — ele questionou, a voz rouca e grave, parte sono, parte desejo.

— Acabando com essa vontade desesperadora...

O escocês estreitou os olhos azuis.

— Venha aqui — ordenou com a voz ainda mais retumbante.

Rindo, ela negou-se.

— Não, sempre que toma a iniciativa, eu acabo despertando antes do tempo. Hoje eu irei fazer tudo o que quiser.

— Como assim? Do que está falando?

— Disso... — Em um gesto inesperado, Juliette abriu e atirou a camisola longe, ficando totalmente nua diante dele.

PERIGOSAS ACHERON

— Pela deusa! Se a luxúria fosse humana, teria esse corpo.

Gregor sentou-se na cama e a puxou para si, envolvendo os seios em suas mãos, extasiado.

— Mal posso acreditar que isso esteja mesmo acontecendo, eu a quero tanto...

— Não mais que eu.

Sem dar tempo para pensamentos, sensatez ou desistência, ele avançou, substituindo as mãos pela boca. Gregor sugou os mamilos intumescidos, mordiscando, lambendo e deliciando-se com a pele macia. Perdeu-se no meio deles enquanto Juliette se entregava às sensações que os lábios dele traziam.

— Gregor, eu não vou esperar que algo nos interrompa.

Com isso, Juliette passou uma das pernas sobre ele e lentamente desceu sobre a masculinidade que pulsava de desejo. Quando finalmente sentiu seu corpo deslizar para dentro

dela, Juliette arregalou os olhos e observou o homem, que ainda se banqueteara em seus seios.

— Gregor?

— Hum...

— Eu não estou sonhando, não é?

MacRae ergueu o rosto para ela com um ar interrogativo.

— Sonhando? Não, meu bem, sou de carne e osso.

A moça levou a mão à boca, finalmente se dando conta de que tudo estava mesmo acontecendo, afinal ele estava dentro dela e ainda não haviam sido interrompidos.

— Óh, meu Deus! O que está fazendo aqui?

— Tentou levantar-se, buscando uma fuga, mas Gregor a segurou firmemente com um dos braços.

— Onde pensa que vai? Ataca-me assim no meio da noite e agora vai fugir?

— Não estou fugindo de nada, pensei que

estivesse dormindo... Bom, nem sei o que pensei, mas tinha certeza de que era um sonho, afinal o que faria deitado em minha cama no meio da noite?

Um sorriso arrogante surgiu na boca dele.

— Quer dizer que anda sonhando comigo, pequena? Hoje seus sonhos se tornarão realidade.

— Gregor, não podemos continuar com isso, nós... nem mesmo conversamos ainda sobre tudo isso que está acontecendo e sobre o que fez contando ao meu cunhado nosso segredo!

— Conversaremos depois, não fui eu quem comecei isso.

Juliette o empurrou alguns centímetros e conseguiu se erguer um pouco, mas ele a segurou com mais força e com destreza deitou-a sobre a cama, sem sair de dentro dela, invertendo os corpos entrelaçados.

— Hoje não vamos ser interrompidos, minha devassa.

E estocou.

Contra todos os seus princípios, Juliette deixou que um gemido lhe escapasse.

— Acho... Acho melhor não pararmos então.

— Eu não poderia parar nem mesmo que quisesse e eu não quero. Não estava sonhando com isso? Desejando-me exatamente onde estou? Agora sou seu, serei seu para sempre. Consegue sentir como eu a quero?

Entrou nela com força outra vez.

— Está mesmo acontecendo, Gregor?

— Claro que está, não me sente duro aí dentro?

Ela o encarou e se arrependeu instantaneamente, porque olhando naqueles olhos, viu a mesma febre que a consumia. Por que fugir de algo que lhe tirava até o sono? Entrando no jogo dele, Juliette respondeu:

— Não sinto muita coisa... Acho que é o ritmo que está muito lento...

Ele grunhiu perto de seu ouvido, entendendo sua entrega e seu pedido. Arremeteu outra vez e outra e seguidamente, aumentando o ritmo enquanto via sua pele rosada deslizar para dentro de sua amada, apertada e quente, e úmida, muito úmida.

Gregor controlava sua impetuosidade para não a machucar. Por mais que as palavras dela não pedissem por gentileza, ele a amava. Juliette seria sua esposa e não poderia feri-la, por mais que ela não fosse uma lady frágil e frígida. Porém, quando ela cravou as unhas em suas costas e ergueu o quadril em sua direção, implorando com o próprio corpo por mais, Gregor se impulsionou e entrou todo dentro dela, fundo, forte e duro.

Repetidas vezes e cada vez mais rápido, os gemidos de Juliette começaram a soar mais altos e

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Gregor tapou sua boca com a mão, enquanto se enterrava nela como se desejasse fundir os corpos em um só.

Com a outra mão, soltou o laço que prendia os cabelos dela para enfim os ter soltos, como gostava. Percebeu que Juliette chegava ao auge de seu prazer, o corpo retesando-se, comprimindo-o em toda a majestade do ápice.

Bastaram poucas estocadas para que ele se unisse a ela, liberando sua semente em seu centro antes que pudesse se conter. Gregor descansou o rosto na curva do pescoço que ela deixava exposto e lentamente suas respirações foram voltando ao normal. Ainda dentro dela, ele acariciou os cabelos pretos como a noite.

— Adoro seus cabelos assim, pena que não os possa usar soltos...

O olhar dela brilhava, ainda aquecido pelo fogo que os consumira.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Na Escócia eu poderia.

— Sim, ninguém ousaria desrespeitá-la por causa do seu penteado.

Juliette sorriu.

— Acho que o jeito então será morarmos lá.

Gregor a encarou demoradamente.

— Não sei se é o melhor. Sua família, seus amigos estão aqui... Não quero que seja infeliz, isso é muito importante para mim, Juliette. Não tenho como mensurar como é essencial que seja feliz.

Ela franziu o sobrolho, estranhando o comentário.

— Gregor, eu garanto que serei feliz em qualquer lugar desde que estejamos juntos, e que não comece dizer uns versos ensaiados, ou mudar sua personalidade.

Rolando para o lado, Gregor puxou-a para que encostasse a cabeça sobre seu peito.

PERIGOSAS ACHERON

— Tem certeza? Parecia muito irritada comigo ontem e hoje mais cedo.

— E estava, mas pensei bem e, além disso, *todas as mulheres desta casa* vieram falar comigo. Agiu de maneira impulsiva e contou um segredo que era apenas nosso, mas, por outro lado, eu pedi por isso; provoquei e, no fim, é exatamente assim que gosto.

— Sabes que está acordada, certo? Não quero descobrir pela manhã que aceitou tudo porque pensava que era um sonho.

Ela riu e o som reverberou no peito dele, aquecendo-o.

— Acho que poderia me provar que isso é real mais algumas vezes antes que amanheça.

Gregor sentou-se na cama e ajeitou os travesseiros e almofadas no encosto da cama.

— Encoste-se neles.

Uma Juliette estranhamente obediente

seguiu a direção indicada.

— O que pretende, *highlander*?

— Primeiro, vou limpá-la e então... devorar esse banquete que tem entre as pernas. Onde está a jarra que fica com água? Devem ter substituído a que atirou em mim.

Ela riu um pouco envergonhada.

— Na penteadeira, desculpe por aquilo.

Gregor levantou-se da cama e seguiu para o móvel. Ela aproveitou o momento para admirar o homem nu, em toda sua glória, exalando masculinidade por todos os poros. O torso era banhado apenas pela luz dourada da vela, mesmo assim foi possível notar como o tempo que passaram longe um do outro delineara seus músculos, deixando-o ainda mais irresistível; se fosse possível. Os braços, que pouco antes a haviam segurado com força, as pernas longas e fortes. Gregor era perfeito e todo seu.

Ele retornou até ela com um pano úmido nas mãos e com um sorriso perverso.

— Abra para mim, Juli.

A expressão dela era um misto de surpresa, constrangimento — mínimo — e ironia.

— Abrir? É mesmo um libertino. — Apesar das palavras e de um leve rubor, ela fez o que lhe era ordenado.

Com movimentos ágeis, Gregor limpou qualquer resquício que houvesse do sexo bruto que haviam compartilhado pouco antes, deixando-a fria e ainda mais molhada.

— Perdoe-me por ter sido tão breve, foram meses reprimindo meus impulsos e, quando me atacou daquela maneira, não pude me controlar, mas teremos a noite toda para nós.

— E depois a vida... — Foram as palavras dela as responsáveis por incendiá-lo outra vez.

Os olhos dele se acenderam como chamas.

Juliette viu quando as pupilas se dilataram e percebeu que tudo ficaria bem. Se o simples fato de lembrá-lo do futuro que os aguardava era capaz de deixá-lo assim, tudo ficaria bem.

Uma brisa entrou por uma fresta da porta da varanda, a vela tremeluziu e apagou no mesmo instante em que a boca de Gregor se fechou sobre seu sexo; a pele, antes fria, foi invadida pelo calor dos lábios dele e as sensações extremas levaram Juliette à beira da insanidade.

Com uma das mãos o segurou pelos cabelos enquanto arqueava o corpo, buscando ainda mais daquele contato estimulante. A língua dele trilhava os vales úmidos e a entrada da feminilidade. Seu empenho dava a Juliette a certeza de que aquilo era tão excitante para ele quanto era para ela.

Sem nenhuma luz era impossível prever os próximos movimentos do escocês e a surpresa era ainda melhor que a antecipação. A tortura durou

PERIGOSAS ACHERON

ainda algum tempo e, a cada instante, ele investia mais de si, os beijos foram ficando mais exigentes, sugando, lambendo, devorando... Então Gregor tomou o ponto que se elevava, clamando por atenção, dentro da boca e com um suspiro, gemido, grunhido, tudo isso em um só, Juliette sentiu seu corpo convulsionando-se em mais um êxtase; os dentes dele roçaram sua carne sensível, prolongando a sensação.

Com uma lentidão maior que das outras vezes, Juliette flutuou e permitiu que sua alma retornasse aos poucos. Antes que ela pudesse se recobrar das sensações, percebeu que Gregor a deitava de modo que seu rosto ficasse de frente para o colchão, então se sentiu ser preenchida outra vez.

Em um impulso, ele a penetrou, tanto duro quanto deslizante. O membro grosso a preencheu por completo e Juliette sentiu sua própria carne

PERIGOSAS NACIONAIS

adaptando-se à presença dele outra vez, agora em um ângulo diferente. Uma das mãos ele passou por baixo do corpo dela, tocando-a com delicadeza enquanto se impulsionava com força.

Uniram-se com ímpeto e, por fim, pouco antes que o sol nascesse, fizeram amor com languidez.

Precedendo que a casa despertaria logo, Gregor partiu, deixando-a com a sensação de que o futuro lhe reservava dias maravilhosos e que a vida ao lado dele nunca seria monótona.

Juliette caiu em um sono profundo e tranquilo.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 22

FUGA PARA AS MONTANHAS

Juliette

As semanas passaram como os ventos que sopram com fúria e ímpeto, mas que se rendem à bonança rapidamente, todavia, era o esperado diante da quantidade de coisas que precisavam ser feitas e do pouco tempo que restava.

Madame Amélie estava mais atarefada que nunca, além de confeccionar o vestido da noiva, também preparava o enxoval para o casamento e vestidos em diferentes modelos para que fossem utilizados na Escócia, incluindo alguns de tecidos leves, diáfanos, que dariam a qualquer mulher

PERIGOSAS ACHERON

bonita a aparência de uma ninfa, o único pedido específico da noiva.

A lista de convidados crescia a cada dia e a duquesa de Morph fazia o possível para conferir ao evento toda pompa que sua posição privilegiada pedia. Apesar de não ser exatamente um casamento em sua família, os custos e o dote da noiva seriam pagos pelo marquês de Wheston e com isso lady Clarice sabia que todos analisariam a cerimônia e a festa para que os mexericos as seguissem, então não daria motivos para falatórios, tornando o grande dia de Juliette, perfeito.

Exceto para a noiva, que a cada informação desgostava ainda mais da grandiosidade de tudo aquilo.

— Lady Clarice, ainda não compreendi qual a necessidade de uma festa.

A duquesa tinha a pena em mãos, concluindo a listagem dos convidados.

— Querida Juliette, após a união, é comum que os noivos comemorem com seus convidados de alguma maneira. Não posso permitir que digam que nós não lhe oferecemos tudo que merece como irmã da marquesa de Wheston, não vai sentir-se culpada se chamarem Mathew de avarento? Terá uma belíssima cerimônia e uma festa em comemoração aos noivos.

— Hum, pensando por esse lado... — Juliette concordou a contragosto.

— Sobre os convidados, imagino que seja de bom tom convidar o duque de Devonshire, apenas pelas boas maneiras, pois não deve comparecer.

Juliette e os outros cuidaram para que o duelo não se tornasse conhecido, portanto a duquesa desconhecia os muitos motivos que os noivos tinham para não convidarem o homem.

— Prefiro que o duque não seja convidado.

A duquesa a olhou com o sobrolho franzido em descrença.

— Não podemos nos dar ao luxo de ofendê-lo dessa maneira! É um homem respeitável e nossas famílias são, de certa forma, amigas. Sei que o duque demonstrou interesse em cortejá-la, mas fique tranquila, o convite é apenas para manter as aparências. Fiquei sabendo que o pobre se machucou e está acamado.

A moça instigou a duquesa, a fim de obter mais informações.

— É mesmo? E o que houve?

— Parece que levou um tombo do cavalo e machucou a perna terrivelmente. A duquesa de Devonshire me disse que o filho caiu sobre um galho e perfurou a perna, imagine só que horror! Talvez o pobre nem volte a andar, uma verdadeira lástima... Um moço tão belo e jovem, inválido.

— Claro que ele vai andar, nem brinque

com uma coisa dessas, lady Clarice.

— Bom, a medicina está tão avançada, não é? Pode ser que volte mesmo.

Mesmo com as palavras ditas no intuito de tranquilizá-la, Juliette continuou angustiada, sentindo-se culpada pelo terrível incidente. Mas logo teve seus devaneios interrompidos bruscamente pela entrada de lady Caroline e lorde Albert.

— Boa tarde, queridas. Vim para oferecer minhas habilidades, lembrem-se que preparei o casamento de Nicole do dia para a noite e em poucas semanas teremos o seu, Juliette.

Lorde Albert as cumprimentou em seguida.

— Boa tarde, minha sogra. Boa tarde, senhorita Juliette. — O conde fez uma reverência em cumprimento às damas e, em seguida, esgueirou-se a procura de um dos homens da casa.

Juliette o retribuiu com um aceno discreto e

agradeceu a amiga.

— Obrigada, condessa... — Foi a resposta da noiva.

Lady Caroline, astutamente, notou que a jovem não parecia de fato muito feliz com os arranjos da festa e tratou logo de pôr em prática seu poder de persuasão.

— O que foi, querida? Algo a incomoda?

A moça respondeu em voz baixa, torcendo para não magoar os sentimentos da duquesa caso ela a ouvisse e buscando em lady Caroline uma aliada.

— É só que... tudo isso. Nada disso parece combinar conosco. Veja a lista de convidados... Deve ter umas trezentas pessoas!

Lady Caroline voltou-se para a mãe e a chamou:

— Mamãe, quantos convidados tem a lista?

A duquesa de Morph ergueu os olhos dos

PERIGOSAS ACHERON

papéis.

— Até agora oitocentos e quarenta, quer que acrescente alguém?

Sorrindo, a condessa olhou outra vez para Juliette.

— É realmente uma lista e tanto.

Juliette observou a duquesa, a fim de constatar que não as estava ouvindo, e continuou em sussurros.

— Sim, mas não creio que eu conheça nem mesmo cem pessoas dessa lista. Mais da metade não são amigos íntimos. E Gregor...

— Entendo, ele conhece toda essa gente e, com certeza, gosta ainda menos da ideia de convidá-los. Não vai ficar muito contente quando souber quantas pessoas virão.

— Não mesmo. Queria algo mais simples e íntimo, sabe?

Caroline sorria divertida com uma ideia que

não estava disposta a partilhar.

— Bom, é assim mesmo. Sei que não desejam isso, mas suas famílias sim; aposto que lady Ane vai tentar tirar alguma vantagem sobre esse casamento antes que MacRae venda as propriedades na Inglaterra...

— Ah, isso... Creio que não há mais essa necessidade, afinal de contas, ele terá meu dote.

— Suponho que necessidade não exista mesmo, mas ele venderá mesmo assim. Soube por Albert que já estava negociando. Não tem falado muito com seu noivo, verdade?

Juliette se levantou agitada, quem sabe Caroline pudesse auxiliá-la de alguma maneira.

— Não, não podemos ficar a sós nunca! Acho ultrajante essa vigilância toda.

Caroline sorriu.

— Pois será assim até o casamento... Algumas longas semanas ainda. Mas querida,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

gostaria de lhe falar sobre outras coisas mais importantes.

A moça sentou-se outra vez e aprumou-se no sofá, atenta.

— Pois diga.

— Não acha que o baile será magnífico? Muitas famílias oferecem almoços aos convidados, mas um baile dessa magnitude? Acho que nunca fizeram um assim depois que me casei.

— Um baile? Sua mãe me disse sobre a festa, mas pensei que seria um jantar ou algo do tipo.

— Evidente que não! As famílias mais abastadas da Inglaterra oferecem bailes e são primorosos!

— Mas eu não venho de uma família nobre. Mesmo depois de casada, ainda não serei como os Morph. Gregor é um conde, não precisamos de um baile em honra à nossa união.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Isso não importa. Albert também é um conde e tivemos nosso baile. Todos sabem que tudo será custeado pelo marquês de Wheston, portanto, terá o melhor baile que Londres já viu. Soube dos lustres que encomendei?

— Lustres? — Juliette começava a se assustar.

— Sim, achei que o seu baile merecia lustres de cristal e importados, claro. São caríssimos, mas dão tanta graça ao ambiente, não concorda?

Juliette olhava a condessa, consternada.

— Acho um exagero sem fim.

— Bobagem, deveria ver a prataria, pedi que trouxessem os utensílios que pertenceram a um czar da Rússia, são incrustados com cristal, imagine só! Combinam perfeitamente com...

— Com os lustres? Porque não faz sentido algum que essas duas coisas combinem.

PERIGOSAS ACHERON

— Não, tolinha. — Ela riu. — Combinam com as taças, claro. Hoje precisaremos ir a modista para que experimente seu vestido e para adquirir itens novos para que leve consigo após o casamento. Deve também fazer uma lista para que MacRae lhe compre as coisas que achar necessário ter na Escócia.

— Não creio que será necessário, o castelo tem tudo que preciso.

— Estás certa disso? Soube que as coisas por lá são arcaicas. Pode precisar de um cavalete para suas pinturas... Tem um piano por lá?

— Sim, tem um piano e não, não quero um cavalete para minhas pinturas horrorosas.

— Hum... Então, que tal discutirmos o que irá apresentar no baile do casamento? Seu concerto.

— Meu o quê?

— Um concerto, claro. Em um casamento dessa magnitude, é essencial que uma apresentação

por parte dos noivos seja feita. Gregor poderia acompanhá-la, fiquei sabendo que ele canta muitíssimo bem.

A condessa tinha um sorriso irônico nos lábios, por certo tomara conhecimento sobre a serenata.

— Não, isso já é demais. Eu não vou me apresentar coisíssima nenhuma.

— Mas, Juliette, não é exatamente uma escolha, sabe? Em uma festa grandiosa como esta será, isso é mesmo muito importante. Após a cerimônia, deverão ficar na festa aguardando a chegada dos convidados para cumprimentarem a todos e depois é de bom tom que fiquem muito tempo dançando e conversando com todos os seus amigos íntimos que virão prestigiar o novo casal.

— Amigos? Meus oitocentos amigos íntimos?

— Oitocentos e quarenta pelo que entendi.

PERIGOSAS NACIONAIS

A noiva não deve recusar dançar com o cavalheiro que lhe solicitar, então acho adequado que se prepare, pois seus pés ficarão doloridos e por certo estará muito cansada para a noite de núpcias, mas acontece...

Juliette levantou-se de um salto.

— Obrigada por tudo que estão fazendo por mim, mas me sinto cansada e vou deitar-me um pouco. Com licença.

Lady Caroline a observava rindo enquanto a moça subia as escadas. Quando virou-se, percebeu que a duquesa a encarava com seriedade.

— O que foi, mamãe?

— Por que inventou essas coisas, Caroline? Prataria vinda da Rússia? Um concerto? Nunca vi tal coisa.

— Nicole me disse que a irmã estava infeliz com nossos arranjos para o casamento e pediu que eu fizesse algo para ajudar.

PERIGOSAS ACHERON

— Mas não ajudou, apenas assustou a pobre moça. Por certo que nem deseja mais se casar, estou certa de que Nicole não se referia a esse tipo de ajuda.

— Claro que ela quer se casar, só irá conseguir que as coisas sejam feitas à sua própria maneira e, ao mesmo tempo, ninguém irá dizer que fomos nós que não fizemos o casamento do século. Não teremos culpa alguma se o escocês decidir que quer se casar em Gretna Green.

Com um suspiro conformado, a duquesa rasgou a lista que tinha em mãos e atirou na lixeira mais próxima.

Enquanto isso, Juliette caminhava em seu quarto pensando em seus próximos passos. Procuraria por Gregor para que ele desse um jeito na situação que saía totalmente de seu controle.

Oitocentas pessoas, por Deus!

Ele poderia dizer que desaprovava a ideia

sem que ficassem insultados com sua ingratidão, mas ela... fora acolhida ali de tal modo que seria impossível os magoar dessa maneira.

A porta do quarto se abriu pouco depois e Helen entrou e a fechou em seguida.

— Pediu que me chamassem?

— Sim, preciso de sua ajuda mais uma vez. Querem transformar meu casamento em um circo! Imagine só que lady Devon pediu prataria da Rússia e lustres novos. Quem fica olhando para os lustres? E não para por aí, querem que a festa seja para mais de oitocentos convidados, Helen. Eu aposto que não vão querer que Gregor use seu *kilt* e eu não vou abrir mão disso.

— Compreendo, eu acho. Parecem mesmo muitas pessoas, mas um casamento como esse é um sonho.

— Não é meu sonho! Além disso, não me deixam falar com ele a sós porque dizem que é PERIGOSAS ACHERON

indecoroso. Indecorosas são as coisas que fizemos antes, isso sim... Vai me ajudar?

Helen sorriu para a amiga com ternura.

— Sempre. Apenas espero que o casamento não se atrase, preciso desaparecer daqui e mais algumas semanas podem ser meu fim, Juliette.

— Eu sei, vamos dar um jeito nisso. Esta noite, quando todos estiverem dormindo, vai me ajudar a ir até a casa dele. Preciso contar tudo que está acontecendo aqui.

— Mas é muito perigoso! Não prefere escrever uma carta? Eu levo...

Juliette sorriu animada.

— Não, assim posso passar algum tempo com ele sem que ninguém nos importune. Preciso que chame uma carruagem de aluguel e peça que me espere do lado de fora da mansão depois que todos forem se deitar. Vou colocar uma capa para ocultar meu rosto e torcer muito para que ninguém

PERIGOSAS NACIONAIS

me descubra. Deite-se em minha cama e durma um pouco. Abra a porta quando eu retornar; vou atirar pedras na janela para acordá-la.

Conforme combinado, Helen saiu e contratou uma carruagem para a noite, pagando ao homem metade do todo e prometendo ainda mais se ele comparecesse no horário marcado.

As velas ainda estavam acesas nos corredores da mansão quando, silenciosamente, Juliette saiu de seu quarto e tomou a direção da rua. Após sair, Helen fechou a porta e retornou ao quarto onde aguardaria seu retorno.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 23

ENLAÇADOS

Gregor

Já passava da meia-noite, mas o sono ainda não havia chegado. Por mais que seus planos estivessem correndo bem e até mesmo suas finanças tivessem agora uma boa perspectiva, uma coisa o incomodava.

Passara uma noite maravilhosa com Juliette e, depois, nem um único momento. Estavam sempre os sondando e não permitiam que ficassem a sós nem mesmo na sala de músicas. Era como se o ocorrido tivesse instaurado neles um novo senso de moral e o medo de que ele a arruinasse

PERIGOSAS ACHERON

ressurgira com ímpeto. O que era mesmo muito estranho levando em conta que tudo já havia sido feito.

Após uma noite dormindo com ela em seus braços, era inconcebível que tivesse ainda que esperar tanto para que isso se tornasse frequente. Um casamento às pressas deveria ser como o de Wheston e acontecer imediatamente e não mais que um mês.

Em seu escritório, Gregor bebericava uma dose de uísque — apenas uma dose — e esperava que o sono chegasse. Quem sabe, se tivesse alguma sorte, acordaria semanas depois, casado.

Por mais que em algum canto remoto de sua mente a maldição e a ideia dela ainda o atormentasse, o desejo de ter Juliette para si era maior e se sobressaía. Em meio a mais um gole de sua bebida, uma batida na porta capturou sua atenção. Donald entrou pouco depois, com os olhos

PERIGOSAS NACIONAIS

bem abertos e bastante assustado.

— Senhor, uma jovem está aqui para vê-lo. Não quis retirar a capa que cobre parcialmente seu rosto e nem me dizer seu nome. Aconselhei-a a ir embora, mas ela insiste que isso é muito importante e pede para vê-lo imediatamente.

Gregor sorriu satisfeito.

Quem mais teria coragem para aquilo?

— Deixe que entre. Conduza a moça até aqui.

Donald titubeou antes de por fim dizer o que o incomodava.

— Seu casamento está próximo, talvez não seja prudente receber outra jovem aqui. Sei que os lordes costumam ter amantes mesmo depois de casados, mas o senhor sabe... É bom não dar brechas para a maldição.

— Deixe de tolices, Donald, mande a moça entrar logo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Pouco depois, Juliette caminhou a passos largos porta adentro e ainda de capa o questionou:

— Quer dizer que costuma receber visitas de jovens damas a essa hora da noite?

— Claro que não, querida noiva, mas eu sabia que ninguém mais seria tão audaciosa ao ponto de vir aqui desacompanhada e neste horário. Inclusive, não me agrada que tenha se arriscado assim.

— Não te agrada que tenha vindo?

Dando a volta na mesa, MacRae a puxou para seus braços e a abraçou.

— Agrada-me muito, mesmo assim é perigoso.

Juliette retribuiu o abraço e, em questões de segundos, ele já havia se transformado em um beijo nostálgico e passionai. As respirações entrecortadas de ambos, a necessidade de sentir que cada parte era real, os toques, as carícias, o beijo apaixonado.

PERIGOSAS ACHERON

Mesmo que todo desejo que vinha sendo alimentado por dias estivesse condensado ali, Gregor afastou-a o bastante para inquerir sobre sua visita.

— Aconteceu algo? Por que veio no meio da noite?

Juliette afastou-se um pouco contrariada, mas permaneceu em seu abraço, os braços ao redor da nuca de Gregor, afagando seus cabelos.

— É o casamento... É um caos, Gregor! Não tem nada a ver conosco e os gastos são exorbitantes.

— O que exatamente te desagrada? Falarei com eles e resolverei o problema. Terá o casamento dos seus sonhos, minha Juli.

Ela ergueu os olhos para ele e Gregor viu que estava prestes a romper em lágrimas.

— Tudo, tudo me incomoda. A prataria, os lustres da Rússia, ou a prataria é de lá, nem sei

PERIGOSAS ACHERON

mais... E os convidados...

— O que têm eles? Não gosta de alguém?

— Não *conheço* ninguém... Já passam de oitocentos!

— Oitocentos? Perderam o juízo! Se temos cem amigos a convidar são muitos.

— Exatamente o que eu disse, mas não se importaram com nada que eu quero; agora inventaram a ideia absurda de que temos que nos apresentar no baile uma espécie de concerto musical.

Gregor parecia confuso.

— Que baile?

— Nosso baile! Não apenas um jantar formal, ou almoço... Querem dar um baile em que iremos nos apresentar, cumprimentar a todos os nossos oitocentos amigos íntimos e eu devo dançar com todo cavalheiro que me convidar para não ser rude. Honestamente, se as coisas continuarem

assim, não teremos noite de núpcias, pois estarei desmaiada antes do fim da festa!

Gregor encostou o rosto na curva do pescoço dela e ficou pensativo por um tempo, apenas trabalhando uma ideia que começava a formar-se em sua mente e a cada instante lhe parecia mais atrativa.

A porta se abriu e Ian apareceu furioso.

— Greg, não posso acreditar nisso! Depois de tudo que passamos para que Juliette o aceitasse, está aqui se engalfinhando com uma qualquer no meio da noite. Não vai fazer isso com ela, está ouvindo-me? Se não der um jeito de mandar essa mulher embora agora, eu mesmo vou contar tudo para sua noiva.

Juliette deu um risinho baixo e retirou a capa.

— Boa noite, lorde Ian.

Os olhos do rapaz registraram a surpresa e,
PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

logo depois, um sorriso sarcástico se ergueu.

— Vejo que me enganei, não há nada para ser visto aqui...

Porém, antes que ele fechasse a porta, foi detido pela voz do irmão.

— Ian, tive uma ideia e acho que precisarei de você, mas é uma ideia nada convencional.

— E quando é que não o são? Claro que estou disposto, não pode ser pior que o duelo, a aposta ou a serenata.

Gregor estreitou os olhos em sua direção.

— A serenata foi sugerida por quem?

— Não sei do que está falando... Mas ande logo, conte qual a sandice da vez.

Gregor sorriu animado.

— Em primeiro lugar, quero saber o que me diria, Juliette, se eu dissesse que podemos nos casar sem convidar Londres inteira, sem lustres russos, bailes ou apresentações?

PERIGOSAS ACHERON

— Diria, por favor, que seja assim.

Ele sorriu, aprovando a resposta.

— Pois bem, Ian, nós iremos para a Escócia e você fará o casamento.

— Ele?

— Eu?

Perguntaram Juliette e Ian ao mesmo tempo.

— Claro, na Escócia as leis acerca do casamento são mínimas e basta que na presença de ao menos duas testemunhas os noivos digam *sim* para que estejam de fato casados.

— Mas... seríamos considerados casados aqui também?

— Claro que sim, são costumes de outro povo e os ingleses os aceitam dessa maneira.

Juliette caminhou lentamente até a lareira que estava acesa, o fogo crepitava e ela observou as chamas por algum tempo.

— Nicole, meus pais... Acha que irão ficar

muito magoados?

— Não creio que sua família se importe com essa festa mais que com sua felicidade e os Morph, bem... Daqui alguns anos, os netos se casam e poderão fazer vários bailes. Vão superar.

— Acho que está certo. Concorde com isso, Ian?

— Vou pegar minha batina reserva, colocar na mala e partimos pela manhã — gracejou sorrindo.

Juliette voltou o rosto para os irmãos, que a encaravam da soleira da porta.

— Pela manhã? Mas já? Como vou sair com minhas coisas sem que me vejam?

— Não vai — respondeu Gregor. — Escreva um bilhete para Helen, sua criada. Vou entregar e pedir que separe apenas algumas coisas que caibam em uma valise para que eu traga. Logo que todos souberem sobre o casamento,

PERIGOSAS ACHERON

mandaremos buscar o restante.

— Quer dizer que não devo voltar para a mansão hoje? Mas Helen está esperando-me!

— Eu explico a situação a ela. Não partiremos de manhã, iremos assim que eu retornar com suas coisas.

Juliette concordou ainda um pouco temerosa.

— Está bem, atire umas pedrinhas na janela do meu quarto, ela estará esperando-me lá.

O sorriso dele diante da aquiescência dela era ofuscante.

— Vamos comigo, Ian.

— Vou ficar e arrumar nossas coisas... Pedirei que Wallace separe as suas e que esteja pronto para partir, Donald também.

— Pois bem. Juliette, pode descansar um pouco se quiser. Viajaremos antes de o sol nascer para não sermos interceptados por Wheston. Apesar

de que ele odeia festas desse tipo, ainda mais que eu. Não acho que irá tentar nos deter, mas por certo irá enviar alguém logo que sua irmã descobrir.

Juliette deu de ombros; não sabia mesmo como sua família reagiria àquilo.

Com papel e a pena em mãos, Juliette escreveu a Helen um bilhete no qual explicava seus planos e uma pequena lista das coisas que precisaria, além de instruções para que ela partisse para a mansão Wheston tão logo fosse possível. Em seguida, escreveu uma carta para tranquilizar a família, que deveria ser entregue a Nicole apenas no dia seguinte, de preferência quando estivessem longe.

Gregor acrescentou um bilhete seu a correspondência, no qual tranquilizava Wheston sobre suas intenções e os convidava para uma visita a eles na Escócia; então, saiu apressado e Juliette recostou-se em sua poltrona.

PERIGOSAS NACIONAIS

Por mais cansada que estivesse, foi impossível que descansasse um pouco, como Gregor havia sugerido; a euforia e a ansiedade impediam qualquer avanço que a sonolência tentasse fazer.

Ian subiu as escadas e começou a arrumar a bagagem enquanto dava ordens para que os outros fizessem o mesmo. O homem parecia feliz, afinal retornaria para casa.

Cerca de duas horas depois, Gregor retornou com a valise em mãos e um sorriso fatal no rosto.

— Preparada para mais uma aventura, minha Juli?

Juliette nunca havia se sentido mais pronta.

A viagem era um pouco longa e as carruagens já haviam sido abastecidas, sendo que uma delas conduzia Juliette, Gregor e Ian e a outra os dois criados e as bagagens.

PERIGOSAS ACHERON

— E então, senhorita Smith, animada com a ideia de se tornar minha irmãzinha? — questionou Ian sarcasticamente.

— Bom, estou preparada para ser a esposa de Gregor, já sua irmã veremos...

Os irmãos gargalharam em uníssono; era bom vê-los tão relaxados e agindo como amigos outra vez, Juliette apreciou a relação que havia entre eles.

— Como faremos isso?

Gregor a observava divertido.

— Teremos que ser rápidos. Se estiver certo, e eu sempre estou, por mais que talvez ele não venha pessoalmente por causa do bebê, Wheston não a negligenciaria ao ponto de não enviar alguém em sua procura para verificar se realmente nos casamos.

— Então... vamos correr?

— Quando chegarmos à Escócia, nos

PERIGOSAS ACHERON

casaremos em casa. Ian será o celebrante e também uma das testemunhas, os criados poderão testemunhar também. Poderíamos parar em Gretna Green, mas acredito que dê tempo de chegarmos ao castelo e merecemos um bom banho antes de tudo.

— Gretna Green? — Ela sorriu. — Céus, estou mesmo fugindo como uma juvenzinha que não tem permissão para se casar e o pior de tudo é que a fuga é justamente de um majestoso casamento.

Ian também sorriu com deleite.

— E eu serei o padre, mas não de bigorna como os ferreiros que fazem os casamentos dos casais fugitivos por aí. Serei um padre muito atraente, não concordam?

— Tudo bem... Acho que não devo responder a isso. — Foi a resposta da noiva.

Por mais algum tempo, seguiram viagem conversando animadamente; Ian os entretinha com

PERIGOSAS ACHERON

suas histórias e seu desagrado por Londres. Juliette e Gregor aproveitavam os momentos de descontração para aliviar a tensão que a fuga lhes causava.

— Então, eu vi nossa prima Ane oferecendo à menina uma touca horrorosa. Ouvi muito bem quando lhe disse que deveria usar aquilo, já que era oficialmente uma solteirona.

— Que cruel da parte dela! — exclamou Juliette.

— Também achei, inclusive estava a caminho de te encontrar para tirá-la para uma dança e assim provocar Gregor um pouco mais, quando eu ouvi tudo.

— E o que houve? — perguntou curiosa.

— Ela respondeu alguma coisa em um tom de voz tão baixo que não pude ouvir, mas imagino que tenha dito que com aquela touca ninguém a convidaria para dançar, pois, em seguida, ouvi

PERIGOSAS ACHERON

minha tia dizendo em alto e bom som que ninguém a convidava para dançar a mais de cinco bailes e que não era culpa da touca.

Juliette escancarou a boca em surpresa e a cobriu com as mãos, enquanto Gregor apenas balançava a cabeça em descrença.

— Pobre lady Mariene, tão bonita e muito prendada pelo que dizem... — Foram as palavras da noiva.

— Dizem mesmo, não entendo por que não se casou — comentou Gregor, entrando no assunto.

— Ora, sabe como as pessoas são. Dois condes declinaram da intenção de contrair matrimônio com a moça. Como uma jovem de família respeitável, imagino que deva ter dado um tempo para que os boatos cessassem, mas então vieram outras debutantes, mais jovens, com dotes maiores, e ela acabou ficando esquecida. Além disso, é muito tímida e acho que isso dificulta as

coisas um pouco... Mas e então, Ian? Ela por fim colocou a touca?

Ian sorriu.

— Não. Convidei-a para dançar e ainda disse diante de lady Ane como a beleza da moça ofuscava a todas as outras no salão, apenas para deixar minha tia constrangida, claro. Salvei-a daquele adereço tenebroso, ao menos naquela noite.

A jovem sentia-se curiosa, recordando os comentários que lady Caroline fizera a respeito da outra mulher.

— E como ela é?

— Fisicamente? Encantadora. Devo dizer que poucas mulheres poderiam ser consideradas mais belas... com exceção de minha linda cunhada, claro.

— Ah, os escoceses e suas lisonjas. Sei exatamente como lady Mariene é fisicamente, já a vi diversas vezes. Refiro-me à sua personalidade.

Ian pensou um momento e deu de ombros.

— Pareceu-me bastante insípida. Em todo o tempo em que dançamos, não me dirigiu uma só palavra, exceto *sim* ou *não* para alguma pergunta que eu lhe fiz; nem mesmo me agradeceu por ter valsado com ela e ainda pisou em meus pés, isso porque estava olhando para eles, já que não me encarou um momento sequer. Acho que os comentários sobre suas prendas podem ser superestimados.

— É, e para completar, o dote da moça não é realmente enorme. Eles têm algum dinheiro, mas nada absurdo e eu recebi o condado, mas não tinha mesmo condições para manter as propriedades em ambos os países. Permiti que morassem lá até então, mas temo que não seja mais possível, vou vender tudo que não estiver vinculado ao título na Inglaterra.

Juliette o observou por entre as pestanas

escuras.

— Mas sabe que não há mais a necessidade de que venda, certo? Meu dote é muito bom, uma recompensa por me aturar a vida toda.

Gregor sorriu.

— Ficaria com você mesmo que não houvesse dote algum, sabe que sim. Mas a questão não é tão somente o dinheiro. Se fosse seu desejo morar em Londres, eu teria mantido tudo, mas como não é intenção de nenhum de nós dois, comprarei algumas terras perto do castelo, melhorarei a condição de vida dos que residem conosco e a nossa própria. E tem a casa onde estávamos, aquela é propriedade do conde de Harrington e não pode ser vendida, então sempre teremos onde ficar quando visitarmos Londres. Ian tem também alguma coisa na Inglaterra que herdou de nossa mãe, sabes disso?

Juliette olhou para o futuro cunhado.

— É mesmo? E que herança é essa?

O homem pareceu sem palavras por alguns instantes, os cabelos ruivos caindo sobre a fronte enquanto ele tentava se recordar.

— Sabe que não sei exatamente como são? Herdei duas propriedades, mas nunca tive a curiosidade de conhecê-las. O administrador cuida de tudo e eu fico em paz no castelo. Creio que as propriedades eram parte do dote de minha mãe que foram dadas ao meu pai e ele as entregou para mim, enquanto que Gregor ficou com as posses de nosso pai, como o castelo.

— Então tem seus próprios rendimentos...

Ele sorriu irônico.

— Sim, não vivo às custas de meu irmão. Apesar de viver sob o mesmo teto que é dele.

Gregor o interrompeu.

— Sabes bem que não é assim. Posso ter herdado o que era de nosso pai, mas o castelo é tão

seu quanto meu; crescemos ali e a sua ligação com o lugar é ainda mais profunda que a minha.

Juliette os observou com atenção antes de expressar sua opinião.

— Sabe, se não tem interesse nas suas propriedades na Inglaterra, poderia facilmente as vender e comprar terras na Escócia, onde terá de fato o desejo de cuidar de suas posses.

Gregor e Ian olharam para a moça e depois se encararam longamente. Por fim, o rapaz falou:

— Sabe, agora me sinto deveras estúpido... É tão óbvio que deveria tê-lo feito que não compreendo por que a ideia nunca me ocorreu.

— Fico feliz em ter ajudado. — Sorriu satisfeita.

Ian percebeu de repente as mãos entrelaçadas do casal e sorriu para ambos.

— Ficam bem juntos, estão cientes, eu imagino. Deveria me oferecer para ir na carruagem

com os criados e deixá-los a sós. — O rapaz fez uma pausa, observando a reação do casal, que parecia mesmo ansioso por alguns momentos de privacidade. — Mas não o farei porque sou mesmo inconveniente e já estamos chegando.

De fato, algum tempo depois, as planícies mudaram e Juliette soube que haviam cruzado a fronteira. A mansão Wheston ficava ali perto e ela se recordou com carinho do local onde haviam se conhecido. Seus sentimentos se tornaram mais ternos à medida que avançavam pela Escócia na direção do castelo.

Enquanto a distância diminuía, o trio viajante fez uma refeição que havia sido preparada pelos criados e disposta ali para eles; conversaram sobre tudo e nada. Juliette sentiu-se feliz em pensar que aqueles dois seriam sua nova família e que conseguia sentir-se em casa com eles, apesar da saudade que por certo sentiria de seus pais, mas

PERIGOSAS ACHERON

alegrava-se em saber que eles também seriam bem-cuidados e que ela poderia, enfim, dedicar seus dias a própria vida.



O lago ficou visível quando começaram a subir os vales e Juliette sentiu que seu coração por fim teria paz, afinal, em poucos minutos estaria em casa, sua nova moradia, o castelo de *Glamis*. Teria sua vida unida a de Gregor para sempre. O escocês notou que a noiva o fitava com carinho e desejou que fosse realmente amor e que continuasse sendo...

Por mais que não quisesse dar vazão aos pensamentos obscuros, nos recônditos de sua mente ainda havia certa dose de receio de que a maldição fosse real e os alcançasse.

Pouco depois, avistaram as torres do castelo

e, quando Juliette deu por si, Gregor lhe estendia a mão para que descesse.

Os empregados vieram receber o lorde e foi então, apenas então, que Juliette se lembrou de Davina e das péssimas sensações que a moça lhe causava e principalmente do pacote estranho que havia encontrado entre seus pertences quando retornara à Inglaterra. Entretanto, apoiando a mão na curva do braço de seu noivo, Juliette cumprimentou a todos os criados — incluindo a ruiva — e entrou com ele e Ian escoltando-a.

Davina veio logo atrás.

— Lorde MacRae, demorou mais que imaginávamos por lá. Seus outros amigos não vieram?

Ele lhe sorriu com educação. Juliette notou que não havia em seu sorriso nada mais que isso.

— Não, Davina. Juliette, na verdade, é...

Um apertão em seu braço o calou; Juliette

preferia não dizer nada enquanto não houvessem de fato se casado, sabe-se lá por que motivo, mas a Escócia a tornava mais supersticiosa.

— Juliette precisa se arrumar.

— Claro, vou preparar um quarto para ela. O mesmo que ficou na última vez, pode ser?

Foi ela mesma quem respondeu, mas ela se dirigiu ao noivo.

— Não precisa se incomodar em me arrumar um quarto no qual ficarei por pouco tempo, apenas peça que levem minha bagagem para cima. Vou me arrumar e desço em um instante.

Davina observava os dois de braços dados, os olhos faiscando em desagrado. Algo nas palavras de Juliette atraiu sua atenção.

— Quer dizer que não pretende ocupar os aposentos por muito tempo? Visita rápida e logo irá retornar para seu lugar? Digo, para sua casa?

— De certa maneira, sim. Agora, se me dão

PERIGOSAS NACIONAIS

licença, preciso de um banho e trocar minhas roupas imediatamente.

Gregor observava a noiva ainda sem entender por que não havia dito nada à criada. Tencionou contar à moça sobre seu noivado e o papel de Juliette no castelo, mas respeitou a opção feita por ela. Haveria tempo mais tarde.

— Certo, Davina, mande subir com baldes de água quente para o banho dela, estarei em meu quarto também. Encontro os dois aqui embaixo em seguida.

Ian, que apenas observava a cena, divertido, aquiesceu e subiu os degraus para seu próprio quarto e os outros dois também tomaram seus rumos distintos.

Juliette tomou seu banho, lamentando não ter mais tempo para desfrutar da água quente, perfumou o corpo com água de lavanda e logo deixou o calor da banheira para trás.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

A noite chegaria em breve e logo o sol não iluminaria mais o céu; portanto, vestiu-se rapidamente, escolhendo um vestido de tecido leve como o que usara no *hogmanay*, muito diferente do vestido púrpura que havia sido confeccionado para seu casamento em Londres, e colocou sobre os cabelos soltos a grinalda que havia trazido consigo.

Dispensou o véu e sua simbologia e calçou sapatilhas de cetim; então, ela se encarou no espelho e o brilho que notou em seus olhos claros era a maior prova de que havia tomado a decisão correta ao fugir com seu amado. Sentia-se mais linda que em todos os momentos em que vislumbrara sua aparência antes de um baile. Ela soube que o que transformava seu semblante era a alegria que tomava conta de sua alma.

Desceu as escadas com uma agilidade libertadora, que as anáguas que costumava usar não lhe permitiam.

PERIGOSAS ACHERON

Gregor avistou-a de imediato e lhe lançou um olhar que fez com que suas entranhas se revirassem em antecipação, ansiando tê-lo por completo outra vez, desejando o toque das mãos experientes, dos lábios incandescentes e do seu corpo rígido e anguloso sob sua pele macia. O olhar dela se acendeu ainda mais ao notar que o traje típico estava lá, o *kilt* que agora associava ao noivo; mas, ao invés de uma camisa, Gregor se vestira com esmero, uma casaca e gravata completavam a vestimenta.

Ele, por outro lado, via diante de si um ser místico. A luxúria que tomava conta de seu corpo quando olhava para ela não permitiria que a mulher fosse comparada a um ser celestial, mas a paz que sentia ao vê-la vindo ao seu encontro, a beleza angelical de sua face rosada, o brilho de ternura e afeto que ele vislumbrava enquanto focava sua atenção nos olhos verdes... Nada disso poderia ser

PERIGOSAS ACHERON

descrito como terreno. Ela era uma fada. Os cabelos soltos emoldurando o rosto e descendo em cascatas sobre os ombros...

Juliette estava em casa e, ali, Gregor não permitiria que nenhum tipo de grilhão prendesse o espírito livre que fisgara seu coração.

A expressão dele mostrava que reconhecia os pensamentos pecaminosos dela e a análise que fez em seu corpo dizia que claramente retribuía seus desejos. Era um olhar que fazia promessas.

Quando ela o encontrou ao pé da escadaria, todos juntos caminharam para fora e Gregor conduziu Juliette pela mão. Atrás deles seguia Ian com uma tocha acesa e, logo depois, Donald e Wallace, que tinham nos rostos expressões de orgulho e solenidade; pareciam de fato orgulhosos de serem parte da cerimônia, apesar de encararem um ao outro em alguns momentos.

Quando por fim Gregor encontrou o local

PERIGOSAS ACHERON

onde haviam feito amor sob a luz das estrelas, ele lhe sorriu, compartilhando com ela aquela lembrança.

— Pronto, nos casaremos aqui, Ian. Pode começar.

Ian, por sua vez, fincou no chão a tocha que carregava e tomou sua posição em frente ao casal; os criados observavam tudo com atenção, alegria e — Juliette notou também — alguma apreensão, como se por mais que estivessem felizes, não soubessem ao certo se o casamento era algo bom.

Como poderia não ser se se sentia tão feliz?
— pensou ela.

Mas então Ian começou a falar e sua atenção voltou-se para o momento que vivia.

— Queridas... pessoas aqui presentes, diante da deusa mãe, do fogo que nos aquece, da água que nos circunda, da terra em que pisamos e do ar que enche nossos pulmões, dando-nos vida, e
PERIGOSAS ACHERON

mesmo do seu deus — indicou Juliette com o queixo — estamos aqui hoje para unir esse casal em matrimônio. Gregor, trouxe o cordão?

O escocês assentiu e estendeu ao irmão um cordão comprido.

— Deem as mãos, por favor.

O casal acatou a ordem e então, utilizando o fio que acabara de receber das mãos de Gregor, Ian laçou as mãos dos noivos, unindo-os com aquele cordão em uma tradição mais antiga que as próprias *highlands*.

— Nós aqui presentes testemunhamos o desejo que os noivos expressam de se unirem para toda a eternidade, com a benção da deusa, que lhes concederá felicidade e amor sem fim. Gregor de *Glamis*, do clã MacRae, conde de Harrington para alguns, deseja e aceita se casar com essa mulher?

Olhando nos olhos de sua amada, Gregor assentiu primeiro com um gesto e em seguida com

as palavras.

— É meu maior desejo. Eu aceito.

Ian sorriu encorajador.

— Juliette Smith, *uma flor inglesa*, aceita se casar com Gregor MacRae? Deseja esse enlace?

— É meu maior desejo — repetiu as palavras do noivo. — Sim, eu o aceito para sempre.

— Então, é isso. Estão casados, pode colocar a aliança.

Juliette desviou os olhos do fogo azul que a encarava.

— Como assim? Já?

— Sim, já faz parte da família, Juliette NicRae, condessa de Harrington. Podemos voltar tranquilamente para o castelo e os pombinhos poderão começar a lua de mel... Se é que restou algo que não tenham feito.

— Ian! — Juliette enrubesceu enquanto o repreendia.

— Desculpe, minha cunhada, fui indelicado. Logo irá se acostumar comigo e não ficará mais constrangida com meus gracejos. Vamos com isso, Greg? Trouxe a aliança para sua esposa?

O *highlander* retirou do bolso da casaca um anel de ouro belíssimo e Juliette não deixou de notar a largura do círculo, como se fosse o desejo do homem que todos soubessem que ela era sua; no topo, uma esmeralda reluzia.

— Sei que é um pouco chamativo, mas pense que é para compensar o fato de não ter lhe comprado um anel de noivado, afinal, nem mesmo tivemos tempo o bastante para isso.

Ela lhe dirigiu um olhar cínico enquanto Gregor deslizava o anel por seu dedo, encarando-a com os selvagens olhos azuis que a faziam arder em brasa para em seguida derreter. O olhar dela era o de quem sabia muito bem que os motivos do

PERIGOSAS ACHERON

escocês para a descomunal aliança não se resumiam ao desejo de agradar a mulher.

Enquanto a lua ascendia aos céus, de braços dados com o marido, Juliette retornou para o castelo. *Seu castelo*. Sentindo-se a mulher mais feliz do universo todo, nem mesmo a deusa mãe a quem Ian se referira na cerimônia poderia ser mais feliz que ela naquele momento, ou um pouco mais tarde, quando enfim pudesse ter Gregor para si outra vez.



Capítulo 24

O FULGOR DA LAREIRA

Juliette

Quando enfim retornaram, a noite já caía sobre os vales escoceses e o frio chegava junto com a lua. Ian entrou no castelo, batendo a poeira das botas na soleira e respirando profundamente em seguida.

— Ahhh, nada como estar em casa! Acredito que amanhã sairei em uma caçada. Sinto falta da adrenalina, da perseguição e do cheiro do sangue fresco.

Juliette revirou os olhos, entrando também no grande salão, acompanhada de Gregor.

— Sabes que não precisa caçar para comer, não é? Existem dezenas de outros homens por aqui que poderiam fazê-lo em seu lugar.

Gregor sorriu, meneando a cabeça.

— Ele sabe, mas faz questão. É seu tipo de diversão.

— Hum, bem... Se é assim, não direi mais nada. — Caminhou até a lareira acesa em um canto e esfregou as mãos a fim de espantar o frio. — Estou com fome, será que podemos comer? Meu estômago já está dando sinais de que não está bem. Não queremos que se repita o que aconteceu aqui em outro jantar, certo?

— Claro, mas nós dois vamos jantar no quarto e ficaremos lá por muito, muito tempo. Se quiser subir, vou pedir uma bandeja com nossa comida. Sabe onde fica meu quarto, ou melhor, nosso quarto de hoje em diante.

Um barulho de vidro quebrando-se ecoou

pelo salão; os três se viraram a tempo de ver Davina com uma bandeja vazia nas mãos e aos seus pés uma jarra estilhaçada.

Juliette olhou para a mulher, que a encarava ainda sem reação, os olhos fixos na aliança dela que brilhava em sua mão diante do fogo. Dirigiu-lhe um sorriso vitorioso e colou os lábios nos de Gregor, que se aproximara por trás.

— Tudo bem, estarei esperando.

Juliette subiu para seus novos aposentos; os passos dados com imponência demonstravam claramente que não era mais uma convidada, mas a senhora do castelo. Uma condessa inglesa nas *highlands*. Percorreu o corredor com dignidade e entrou no quarto que sabia ser de Gregor, fechando a porta após si. Mesmo assim, colou o ouvido a porta, planejando ouvir a conversa lá embaixo. Para sua surpresa, as vozes ecoavam no imenso castelo, tornando possível que os escutasse.

— Não acredito que fez isso! Casou-se com ela? — Ouviu a voz exaltada da mulher.

— Casei-me sim, não entendo por que essa reação. Não creio que minha vida particular seja de sua conta, Davina.

— Não entende? — A voz da criada se elevou ainda mais — Sabes muito bem que não será feliz com essa inglesa...

Juliette pensou em descer e dizer algumas verdades para a criada intrometida, mas se conteve.

— Isso é bobagem, eu vou determinar como minha vida será e decidi que vai ser assim.

— Decidiu? Não entendo como mudou de ideia assim, sempre disse que nunca se casaria, Gregor.

A voz de Ian chegou aos ouvidos dela, um pouco mais comedida, mas ainda assim audível.

— Ouviu meu irmão, Davina. As decisões dele não lhe dizem respeito e nem a mais ninguém

aqui. Se tudo isso for verdadeiro, ainda assim é a felicidade dele que está em jogo e, portanto, é o único com poder de decisão.

Se tudo isso for verdadeiro? Isso o quê? A relação de Gregor com a mulher, provavelmente. Os pensamentos se aglomeravam na mente da nova condessa e traziam com eles alguns traços de insegurança. Algo estava errado naquela história, havia por certo algo que não haviam lhe dito.

Ouviu quando Gregor se dirigiu à ruiva outra vez.

— Eu disse que não me casaria, mas as coisas mudaram. Não havia outra maneira de fazer isso e espero que a trate muito bem. Juliette não sabe de nada disso e prefiro que continue assim.

Não sei? Mas sei há meses que essa mulher foi sua amante, a menos que continue sendo...

— Sabes que isso não muda nada, não é?

— Veremos. — Foi a resposta dele. —

Agora, deixe-me em paz e peça que me tragam uma bandeja com o jantar para dois.

De que eles estariam falando? A mulher pareceu alterada aos ouvidos atentos de Juliette por descobrir sobre o casamento e, com certeza, irritada por não ter sido a escolhida. Mas se ela pensava que continuaria sendo amante de Gregor agora que ele era seu marido, estava muito enganada.

Sentou-se na beirada da cama macia, a mesma sobre a qual se entregara a ele pela primeira vez. O ciúme corroendo-a aos poucos.

Quantas vezes ele teria se deitado com Davina ali? Aquilo não a incomodara antes, mas agora os pensamentos se infiltravam em sua mente. Onde mais haviam estado juntos? Ele não pretendia manter a mulher como amante, ou sim? Não, não permitiria que as dúvidas destruíssem a relação sólida que vinham criando aos poucos.

Gregor deixara de lado sua resolução de

PERIGOSAS ACHERON

manter-se solteiro por ela; abrisse mão de uma vida desregrada e libertina para tomá-la por esposa. Dispusera-se até mesmo a deixar seu país se ela assim pedisse. Ele a amava e não seria uma mulher amargurada que plantaria dúvidas em seu coração, ou que se colocaria entre eles.

Juliette era inexperiente quando o conheceu, mas não inocente. Sabia como funcionavam as relações entre um marido e sua mulher, entre os homens e suas amantes. Foi esse conhecimento que a levou até ele naquela primeira noite; as prostitutas satisfaziam os desejos mais exóticos dos homens, enquanto que as esposas eram adoradas pela capacidade de produzir herdeiros e deveriam manter-se sempre dóceis e desinteressadas.

Com eles as coisas nunca haviam seguido as convenções e Gregor nunca havia se incomodado por suas ideias avançadas sobre a satisfação feminina; pelo contrário, estivera sempre disposto a

PERIGOSAS ACHERON

partilhar com ela dos prazeres. Não permitiria que o casamento a colocasse em uma posição que não desejava. Juliette não seria a tola esposa relegada a uma vida doméstica enquanto seu marido se divertia com outras.

Toda aquela selvageria, todo aquele fogo escocês seria dela. Apenas dela.

Resoluta, Juliette retirou a combinação por baixo do vestido, assim como o *corset*, e preparou-se para surpreendê-lo mais tarde, tão nua por sob as roupas quanto ele embaixo do *kilt*.

Ele entrou pouco depois com o jantar, seguido de perto por Wallace, que trazia a bagagem de Juliette.

— Pode pôr as coisas de minha esposa perto da porta, Wallace. Queremos ficar sozinhos, deixe para organizar os pertences depois.

Com uma reverência para ela, Wallace os deixou a sós. Finalmente. Gregor deixou a bandeja

PERIGOSAS ACHERON

sobre a mesa de madeira, na lateral do quarto, e observou a esposa de soslaio.

— Está confortável? Pode fazer o que quiser, estamos em casa. Se desejar algo é só dizer.

Decidiu-se pela verdade.

— Não sei... Não me sinto muito à vontade com Davina. Perdoe minha franqueza, mas sabe que não sou de meias-palavras e ficou nítido o quanto nosso casamento a desagradou.

Gregor assentiu.

— Sei disso, também sei que está ciente de que me envolvi com ela no passado, mas isso faz tempo. Foi antes de nós e, se ela fizer algo para perturbá-la, daremos um jeito.

— Agora que tocou no assunto... Aconteceram coisas estranhas que nunca mencionei. Após o *hogmanay*, quando retornei ao meu quarto, minhas coisas haviam sido reviradas e meu vestido, o que eu havia usado no jantar no dia

anterior, estava estraçalhado sobre a cama. Depois disso, quando retornei a Londres, encontrei um pequeno pacote no fundo de um baú meu. Não tenho certeza, mas parecia algum feitiço.

Gregor franziu o sobrolho.

— E por que não me disse isso antes? Não podemos culpá-la sem provas, mas se tivesse me dito poderíamos ter descoberto quem fez isso. Vamos ficar atentos. Se acontecer qualquer coisa, quero que me conte e resolverei. Quanto a Davina, não tenho nenhum interesse nela.

— Tudo bem. Isso quer dizer que quando fui para Londres não estive com ela novamente?

O escocês se aproximou de onde Juliette havia se sentado, atirou a casaca sobre a cama e retirou a camisa em seguida.

— Não estive com mulher alguma desde que estivemos juntos pela primeira vez. Na verdade, desde que a conheci...

— Ótimo. — Era para manter uma conversa eloquente e transparente, mas com o torso nu de seu marido banquetecendo sua visão, as palavras se perdiam.

— Na verdade, quem tem motivos para ciúmes sou eu. — A voz dele atraiu sua atenção. — Jamais esquecerei que beijou Devonshire, que Deus o tenha, naquele baile.

— Gregor! Não diga uma coisa dessas nem de brincadeira, ele vai se recuperar.

— Está preocupada com ele?

— Imagino que esteja até mais que eu, mas isso não vem ao caso agora. Preciso contar uma coisa...

Gregor a olhou receoso.

— Diga-me. Qualquer coisa.

Ela lhe sorriu, fazendo piada de seu ciúme infundado.

— Não era eu. O beijo que viu... Nunca

PERIGOSAS NACIONAIS

beije o duque.

— Ouvi o que ele disse quando o atingi, mas não pude compreender... Vi os dois juntos, ele a chamou pelo nome e eu até...

— Atirou uma maçã em sua cabeça, eu soube. Era Helen, levei-a ao baile, mas para que pudesse entrar ela precisou disfarçar-se como se fosse eu. Sebastian pensava realmente que estivesse falando comigo e beijando-me, mas o tempo todo era Helen.

— Mas que confusão! Ao menos é uma notícia boa.

— Sim, de certa forma é mesmo. Mas Helen parece estar em apuros. Acredita que ele irá procurá-la por algum problema do passado, temo que já tenham se conhecido em outro momento, um momento infeliz.

— Podemos ajudar de alguma maneira. Gosto dela.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Por não o ter entregado quando nos seguiu?

Gregor fechou o semblante.

— Gostava da moça, agora vejo que me enganei.

— Não se enganou. Helen não me contou, ao menos não até oficializarmos o noivado.

A carranca se desanuviou um pouco.

— Talvez ela seja confiável, podemos fazer algo para ajudar, mas não agora. Neste momento, eu gostaria de me deitar sobre seu corpo e amá-la até o nascer do sol; senti tanto a sua falta...

Juliette o encarou com intensidade.

— Eu desejo isso na mesma proporção. Porém, temo que se não comer algo antes não consiga forças para nossas urgências.

— Claro, meu amor. Venha, vamos jantar.

O jantar correu de maneira romântica e íntima, levando em conta o relacionamento dos

PERIGOSAS ACHERON

dois e o ambiente. Exatamente como Juliette gostava; sem imposições exageradas, apenas natural.

A lareira foi aquecendo o quarto enquanto os dois apreciavam a comida, o vinho tinto e suave e a conversa animada sobre as reações de todos na mansão Morph, explanando as diversas atitudes que poderiam ter tomado ao descobrirem a fuga.

Deitaram-se um nos braços do outro após a refeição e Gregor contou-lhe um pouco de sua infância. Juliette notou que ele não falava muito dos pais, focando nas travessuras que ele e Ian faziam e desviando-se propositalmente quando o assunto levava aos seus progenitores.

Juliette, por outro lado, narrou sua infância pobre e a adolescência dedicada aos cuidados aos seus pais em ricos detalhes.

— Não me sinto aliviada por não precisar cuidar mais deles, não como se fossem um fardo

para mim. Apenas me alegro em saber que estão bem, que ambos têm todo tipo de conforto que nunca antes tiveram e que posso viver para meus próprios sonhos agora.

— Eu compreendo, Juli. Seu coração é puro e sei que não se ressentir do tempo que dedicou aos seus pais. Se quiser, podemos trazê-los para passarem um tempo aqui. Divido minha sogra com Wheston se assim o desejar, temos pessoas que podem auxiliar sua mãe em suas dificuldades e podem passar um tempo aprazível juntos.

Ela levantou a cabeça e o encarou.

— Faria isso?

— Não há nada que não faria caso me pedisse.

Juliette fitou o teto que se elevava muito acima deles.

— Gosto muito da ideia. Primeiro quero um tempo para nós, mas depois vamos fazer isso.

Obrigada...

— Sabe, existem inúmeras formas de me agradecer.

— Ah, eu sei disso e tive uma ideia que estou ansiando pôr em prática desde que dissemos o *sim*, mais cedo. Esta noite, eu lhe farei vivenciar as mesmas sensações que desperta em mim.

— Adoro promessas — respondeu Gregor, já antecipando os bons momentos.

As mãos do escocês se insinuaram pelo decote do vestido e Juliette se esquivou rapidamente.

— Não creio que consiga se conter, que se permita levar por mim apenas porque estou dizendo para fazê-lo.

— Está pedindo demais. Estive longe de você todos esses dias e agora pede que me controle?

Os olhos dela brilharam quando uma nova

PERIGOSAS ACHERON

ideia surgiu.

— Já sei como farei que se comporte. Onde está o cordão que usamos na cerimônia?

— No bolso da minha casaca. O que pretende? — Ares de confusão estavam presentes em seu tom de voz.

— Espere e verá.

Juliette alcançou as roupas que ele havia atirado sobre a cama e encontrou com agilidade o cordão que procurava.

— Estou sempre à sua mercê. Seus beijos e seus toques me deixam sob seu comando e muitas vezes chego a me sentir incapaz de corresponder; em dados momentos, toma até mesmo minha alma para si. Desta vez não irá me desconcertar, escocês. Sei que seria pedir muito que um inglês aceitasse tais avanços de sua esposa, mas não é mesmo um inglês, certo? Caso aceite minhas condições, apenas eu irei tocá-lo e depois... bem, se ainda lhe restar

PERIGOSAS ACHERON

ânimo, poderá fazer o que bem entender comigo.

Gregor não podia crer em seus ouvidos. Ela realmente acreditava que ele tivesse forças para recusar a proposta?

— Quer dizer que, se eu ceder e deixá-la tomar as rédeas neste momento, fará tudo que eu quiser mais tarde?

— Exatamente. Pense nisso como uma de suas apostas no white's. Vai permitir que eu tenha o poder por algum tempo e veremos quem de nós faz melhor uso dele.

— Que vença o melhor. — Foi a resposta e a rendição dele, sabendo bem que naquele jogo não haveria um perdedor.

Juliette uniu as mãos de seu marido e deu algumas voltas com o cordão, amarrando-as fortemente, de maneira que ele não conseguisse desatar o nó sozinho e que não pudesse tocá-la.

— Pronto. Assim terá que manter as mãos

longe de mim.

Munida de um novo impulso e de uma determinação ferrenha, a de fazer com que Gregor soubesse que amante alguma nunca superaria o que ambos tinham, Juliette colocou-se de pé sobre a cama, no meio das pernas dele, que a encarava fascinado.

O vestido branco que usara na cerimônia começou a ser erguido, mostrando primeiro os tornozelos e subindo lentamente a cada instante.

Em seguida, as pernas se tornaram visíveis e o olhar de Gregor fixou-se na barra do vestido, que continuava seu caminho. Os joelhos vieram logo depois e, quando enfim ela desnudou as coxas, Gregor gemeu baixo. As mãos se fecharam em punhos, ansiando por tocar a tez macia.

— Onde está sua combinação, Juliette? — perguntou com rouquidão.

A resposta dela veio instantes depois em

PERIGOSAS ACHERON

meio a um sorriso.

— Retirei logo que cheguei ao quarto.

— Juli, sei que tenho um passado, mas quero que saiba que nada que vivi até hoje... Eu... nunca senti algo que sequer se compare a... Nada se compara ao que nós temos juntos.

Ela ergueu um pouco mais o vestido, deixando que o tecido encobrisse apenas o centro de seu poder feminino.

— Assim espero, que não precise de mais ninguém além de mim. Nunca.

Gregor sorriu deliciado com o ciúme que detectava na voz da bela mulher que o seduzia completamente.

— Como eu poderia? Mulher nenhuma conseguiu me surpreender como você faz e nada no mundo me deixa tão excitado quanto seu corpo. Tire o vestido, minha fada.

Sorrindo, ela atendeu ao pedido. Pedido

sim, pois naquela noite Gregor não lhe daria ordens enquanto não lhe fosse permitido. *Que a deusa me ajude* — pensou Gregor. — *E que ninguém jamais descubra como essa mulher é única.*

Olhando-a de pé sobre ele, Gregor a via como algo sobrenatural, os cachos negros descendo em ondas sobre os seios, a grinalda de flores coroando-a como uma rainha e, abaixo dos cabelos, o corpo nu.

Juliette sentou-se sobre ele, que lamentava ainda estar vestido da cintura para baixo. Então, como a feiticeira sem coração que era, começou a tocá-lo; os dedos esguios percorriam seus braços, o peito e, logo depois, trilharam a linha que descia por seu torso como se finalmente fosse recompensá-lo, tomando-o nas mãos. Porém, ela subiu outra vez.

Substituiu as mãos pelos lábios, beijando demoradamente o corpo de Gregor nos lugares

PERIGOSAS ACHERON

desnudos. Enquanto beijava seu pescoço, Gregor podia ver os seios fartos a centímetros de seu rosto, a ânsia por tocá-los angustiando-o e levando seu desejo a um nível totalmente novo.

Talvez ele pudesse se livrar facilmente do cordão, mas por maior que fosse a tortura, valia a pena ser dominado por ela; para variar, ser o banquete ao invés de ser aquele que se alimentava.

Juliette desamarrou com destreza o *kilt* e o abriu, revelando o mastro que se erguia em sua direção.

Gregor viu quando ela umedeceu os lábios e sua ereção ficou ainda mais imponente. O próprio corpo o impulsionava para que enfiasse os dedos em meio aos cabelos negros e a direcionasse para que o tomasse na boca, mas estava à mercê das vontades de sua esposa. Uma esposa. Um homem jamais deveria pedir esse tipo de coisa à sua mulher, mas Gregor nunca se deitaria com outra

que não fosse ela e com certeza não abriria mão do prazer de ter seu membro envolto pela maciez da boca feminina.

Porém, não havia necessidade de convencê-la, Juliette sabia bem o que fazia com ele e o rumo que seus pensamentos tomavam, pois seus lábios se curvaram em um sorriso sensual e, colocando a língua em sua base, lambeu-o até em cima, lentamente.

Juliette o castigou com um gemido que acompanhou a trajetória úmida da língua. Gregor elevou o corpo, clamando para que ela o sugasse. Mas ela não o fez.

Distribuiu beijos molhados sobre as coxas fortes e brincou com ele, sempre se aproximando de onde a desejava para em seguida se afastar. O teste de sanidade ainda durou algum tempo, tempo em que ela limitou-se a dar pequenas amostras do que poderia fazer, mas sem de fato tomá-lo.

Quando Gregor sentia-se ao ponto de explodir ali mesmo, finalmente ela abriu a boca e o saboreou, envolveu sua rigidez até onde pôde, mas a cada investida fazia o possível para que nenhum centímetro fosse menosprezado.

Sugou-o com força, arrancando um grunhido do homem, e sorriu enquanto lambia seu topo demoradamente, sentindo com a língua uma gota de prazer que lhe escapava.

— Juli, quando me soltar, nada no mundo poderá libertá-la. Ficaré presa nesta cama até desfalecer.

Ela riu e, apesar das circunstâncias e do momento, Gregor sentiu que um calor invadia seu peito, aquecendo-o em lugares que nem mesmo sabia que antes estivessem enregelados.

— Vou senti-lo agora com meu corpo. Continue bem quietinho, pois vamos fazer isso com lentidão. Muita lentidão.

— Inferno, mais tortura!

— Se continuar praguejando em nossa noite de núpcias, posso fazer pior.

Ainda sorrindo diabolicamente, Juliette desceu sobre o membro, sentindo-se ser preenchida por ele e gemendo seu nome em abandono. Quando ela começou a se movimentar, os seios acompanharam o ritmo, atraindo a atenção do escocês. A visão da mulher que o dominava, emocional e agora fisicamente, foi mais que ele pôde suportar placidamente.

— Juli, solte-me agora.

Ela arqueou uma sobrancelha, reprovando a ordem.

— Ainda não, eu dou as ordens, lembra-se?

— Fez o que quis de mim, agora posso fazer o que bem entender. Foi nosso acordo, certo? Quero que saiba que por mais que diante da sociedade me deva respeito, em nossa intimidade é

livre para fazer o que quiser e negar também aquilo que a incomodar.

Ela apenas assentiu.

— Sei que não é uma mulher puritana como as demais inglesas, longe disso. Mesmo assim quero que me diga se algo que fizemos aqui não lhe proporcionar prazer.

Juliette estreitou os olhos, confusa e desconfiada.

— Claro que lhe direi. Quando foi que aceitei que impusesse suas vontades como se fossem a lei? Vou soltá-lo então, mas diga logo o que quer, pois estou curiosa.

— Quero fazer sexo com você em uma posição que dizem não ser apropriada para esposas, mas reservada para prostitutas. Mas também dizem que as mulheres devem detestar o ato sexual e que mesmo assim precisam fazê-lo para satisfação de seus maridos tão somente. Sabemos que disso você

discorda, então veremos se gosta de me sentir assim.

— Deveria saber que não me assusto facilmente, além disso, meu marido não verá prostitutas e nem terá amantes, então se gosta desse... posicionamento durante o sexo é melhor que me mostre logo, pois só terá a mim em sua cama.

Os olhos dele faiscaram de excitação.

— Então me desamarre.

Juliette soltou o cordão e Gregor agilmente a segurou pela cintura, levantando-se e erguendo-se em seguida.

— De joelhos, querida. Apoie suas mãos no encosto da cama e dê-me a visão privilegiada de seu traseiro. Lembra-se que fizemos amor na última vez que a visitei e a coloquei de costas, certo? É semelhante, mas dessa vez quero que fique sobre seus joelhos.

Ela lhe dirigiu um olhar desconfiado, estranhando o pedido, mas não se recusou a fazê-lo.

Sentiu o calor do corpo masculino que se aproximava por trás e aguardou pelos seus próximos movimentos. Estava pronta para recebê-lo, de seu centro a excitação gotejava, mas mesmo assim Juliette se retesou por um instante ao sentir que Gregor a preenchia.

— Óh, isso é... interessante.

— Fique tranquila, estamos apenas mudando o ângulo. Experimentando...

Com isso, ele permitiu a entrada de seu corpo duro para dentro da feminilidade úmida, quente e macia e logo começou a se mover; a princípio, em um deslizar suave e lento, testando-a. Porém, quando Juliette acostumou-se ao ritmo e elevou o quadril ao seu encontro, silenciosamente pedindo por mais, Gregor passou a investir mais fundo e rápido.

Juntos alcançaram uma conexão perfeita; olhando por sobre o ombro, ela pôde vê-lo em toda sua majestade, tomando-a e marcando como sua, os músculos retesavam-se com o esforço e Juliette deliciava-se com a visão máscula e com as sensações que todo seu corpo experimentava nas mãos dele.

Era surreal que algo pelo qual a condenariam e a dariam por uma mulher imoral pudesse proporcionar aos dois tanto prazer. Entre oferecer prazer a sociedade ou a si mesma, as matronas do *almack's* não tinham mesmo nenhuma chance.

Os dedos habilidosos de Gregor encontraram o pequeno monte rosado que latejava e o tocaram ali. Lentamente, o escocês passou a acariciar o ponto desejoso, enquanto ondas de prazer se avolumavam dentro dela, até que por fim irromperam todas as barreiras, banhando aos dois

em igual medida. Quando os espasmos no corpo de Juliette o comprimiram em êxtase, todo o furor do escocês explodiu dentro dela, liberando sua semente em abundância.



Capítulo 25

PEDRAS NO CAMINHO

Juliette

Quando finalmente despertou no dia seguinte ao seu casamento, a manhã já havia se findado. A noite havia sido prazerosa e extenuante. Assim que Juliette abriu os olhos, Gregor não estava ao seu lado e a cama estava fria, onde antes ele havia se deitado.

Trocou-se rapidamente, ou ao menos na velocidade que conseguia sem o auxílio de uma criada, e desceu as escadas a fim de encontrar seu marido. Precisava escrever para casa e tranquilizar a todos dizendo que o casamento, de fato, PERIGOSAS ACHERON

acontecera.

Vasculhou os cômodos conhecidos a procura dele, mas não o encontrou. Porém, quando tencionava retornar aos seus aposentos, encontrou Davina no grande salão, carregando toalhas e lençóis limpos. Observou a mulher sem dar-lhe muita atenção, mas ela também fez questão de ignorá-la como se não a houvesse visto.

— Senhorita, será que por acaso viu meu marido?

— Não creio que tenha muita coisa que possa chamar de seu aqui — respondeu Davina com arrogância. — Mas na verdade vi lorde Gregor mais cedo. Saiu... Meio cedo para já a deixar sem explicações, não acha?

Juliette sorriu diante da intransigência. Os dias dela naquele lugar estavam contados se mantivesse aquele comportamento. Não aceitaria que alguém vivesse sob seu teto ressentida de não

PERIGOSAS ACHERON

poder estar com seu marido.

— Não, não acho. Tenho certeza de que preferiu não me despertar, sabia como eu estava precisando de um descanso depois da noite que tivemos. Por falar nisso, pode trocar os lençóis das camas, por favor? — Juliette sentiu-se vitoriosa.

Davina, no entanto, observou-a com malícia.

— Claro. Ele ainda prefere os lençóis roxos, eu suponho.

A nova condessa dignou-se a apenas encarar a outra, furiosa, e Davina, satisfeita, deu-lhe as costas. Aproveitando-se que a outra sumira em um dos corredores, Juliette caminhou para a cozinha e a encontrou em plena atividade. Várias criadas trabalhavam no preparo da refeição, alguns rostos que já lhe eram conhecidos e outros que nunca vira. Obrigou-se a esquecer a rusga com a criada e concentrou-se no mais importante: sua

PERIGOSAS ACHERON

fome.

— Bom dia! Acordei um pouco tarde e sei que já estão preparando o almoço, mas gostaria de saber se posso comer alguma coisa antes.

Uma das criadas, uma mulher mais velha, sorriu e secou as mãos nos amplos tecidos de seu vestido cinza. O toucado cobria os cabelos, mas alguns fios claros escapavam e Juliette supôs que a mulher tivesse a idade de sua mãe, o que lhe trouxe um sentimento incômodo de saudades, afinal não via os pais havia meses. Gostou do rosto bondoso imediatamente.

— Claro, menina. Vou lhe arrumar uma bandeja. Lembro-me que estive aqui algum tempo atrás com o marquês de Wheston. Todos voltaram? Eu sou a cozinheira, sabe? Mas não me informaram de nada, veja só.

Enquanto ela falava, as mãos habilidosas começavam a preparar um apetitoso desjejum para

PERIGOSAS ACHERON

Juliette.

— Acredito que o senhor proibiu Wallace ou Donald de nos dizer qualquer coisa, porque quando perguntei sobre os hóspedes eles disseram que lorde Gregor nos diria depois.

Juliette abriu a boca para responder, mas seus olhos desviaram-se para a entrada da cozinha; vindos de fora e completamente enlameados da cintura para baixo, entravam Gregor e Ian em meio a gargalhadas ruidosas.

Logo que entrou no ambiente, Gregor a viu de pé e um sorriso iluminou seu rosto e os olhos brilharam; Juliette compreendeu que ele estava feliz em vê-la.

— Vejo que acordou. Imagino que esteja com fome e encontrou o caminho para a comida. Ia pedir que levassem seu desjejum, mas não quis que a acordassem.

Era nítido o carinho na voz dele; os criados

continuavam seus afazeres, mas a atenção deles estava na conversa. Gregor aproximou-se dela e passou o braço ao redor de seus ombros, puxando-a para si.

— Bom, não sei quantos de vocês já sabem, mas essa é Juliette. Juliette NicRae agora, minha esposa. Portanto, senhora deste castelo. Devem obedecer às ordens dela e auxiliá-la no que for necessário.

Toda a movimentação cessou e os criados observavam o jovem casal, paralisados. Juliette esperava felicitações, mas a maioria deles parecia ter visto uma assombração. Ian, por outro lado, encarava a todos com um riso nos lábios e balançava a cabeça como se desdenhasse da atitude dos empregados.

— Não vão cumprimentá-la? — questionou quando o silêncio já se tornava constrangedor.

A mulher, que antes do anúncio preparava a

PERIGOSAS ACHERON

bandeja de Juliette, deu um passo à frente, vencendo a surpresa inicial.

— Meu nome é Gerlane, senhora. Sou a responsável pela cozinha e estou à sua disposição.

Juliette acenou sorrindo, grata pela mulher que pareceu despertar os outros de um transe estranho; logo após ela, começaram a se aproximar, apresentando a ela seus nomes e suas funções.

Gregor sorriu para os empregados e tomando-a pela mão deixou a cozinha em seguida.

— Juli, quero falar sobre alguns assuntos. Primeiro quero lhe mostrar seus aposentos, sei que está acostumada a ter seu próprio quarto e aqui no castelo nossos aposentos se comunicam por uma porta em comum. Apesar de seus pertences terem o próprio espaço agora e de haver uma cama lá para seu conforto, quero que se sinta à vontade para dormir comigo e estar no meu quarto sempre que quiser. Por mim, prefiro que seja assim em todas as

PERIGOSAS ACHERON

noites.

Ela concordou, afinal aquilo era mesmo o natural. Principalmente em uma residência daquela magnitude.

— Gostaria que saísse comigo para que eu lhe apresente os arredores e as pessoas que aqui trabalham. Vamos até o moinho e também a destilaria onde produzimos nosso próprio uísque.

— Gosta mesmo dessa bebida ao ponto de fabricar a sua própria!

Gregor sorriu.

— Eu gosto. Mas não produzo uísque por apreciar a bebida, mas por ser rentável. Infelizmente, as coisas por aqui estavam meio paradas. Herdei o condado de meu avô e as terras de meu pai, mas nenhum deles me parece ter sido muito habilidoso com as finanças.

Ainda de mãos dadas, saíram porta afora. Juliette observou a vista do alto, notando os vales

embaixo, as montanhas à sua frente e a paisagem bucólica. Seu novo lar era realmente de tirar o fôlego.

— Poderá recuperar tudo agora...

— Sim, principalmente porque já consegui um comprador para minhas propriedades na Inglaterra, ao menos as que não são atreladas ao título. Minha prima Ane e os filhos não ficarão muito felizes com isso, mas não me importo. Precisarão aprender a se virar sem mim.

— Eles têm... meios para isso? — questionou um pouco preocupada com os parentes distantes do marido.

— Sim, o marido dela era um barão, morreu uns dois anos atrás e agora o título é do filho. Não são absurdamente ricos, mas podem se manter, inclusive eles fazem isso porque nunca fui responsável pelo sustento deles. A única coisa que lhes cedia era a residência em que moram, apenas

pelas aparências.

Juliette o fitou em dúvida.

— Associar o nome de sua família a um conde não a torna uma condessa e bem... Lady Ane é uma baronesa, para mim não faz sentido algum.

— Vai entender o que se passa na mente dela, ou deles todos. Wheston tem razão, não tenho obrigação de manter esse equívoco em que eles se colocaram, podem eles mesmos arrumarem uma casa.

A moça apenas deu de ombros, a atenção agora atraída para uma construção antiga de pedras da qual se aproximavam.

Quando Gregor pegou a chave antiga e girou no ferrolho, abrindo a porta de madeira, Juliette sentiu o cheiro forte da bebida atingi-la. Diversos barris de carvalho estavam dispostos nos fundos do cômodo; alambiques de cobre mais a frente para o processo de destilação e os grãos

PERIGOSAS ACHERON

reservados em sacas, antes mesmo de serem germinados para então obterem o malte.

O conde caminhou à frente, mostrando a ela os utensílios e explicando as funções.

— Gregor, isso é incrível! Este lugar tem um potencial enorme para produção. Precisa investir nisso, realmente.

— Penso em tornar Ian responsável pela produção, ele ama isso aqui e injustamente tudo que era de meu pai acabou sendo transferido para minhas mãos quando ele se foi. Dessa forma poderei ajudá-lo para que realmente possa viver na Escócia e quem sabe logo constituir uma família.

Juliette riu.

— A ideia da destilaria nas mãos dele é ótima, agora sobre a família já não sei. Não o vejo casando-se com uma jovem escocesa.

— Ninguém imaginava que eu fosse me casar também. Ele precisa apenas encontrar a

PERIGOSAS ACHERON

pessoa que o fará mudar de ideia.

Aproveitando-se do momento, Juliette decidiu levantar uma questão que a incomodava desde que haviam deixado o castelo.

— Sabe, quando contou aos seus criados sobre o casamento, todos reagiram de modo muito estranho. E no casamento também... Wallace e Donald pareciam felizes, porém ao mesmo tempo estavam um pouco, bem, não sei exatamente o que era, mas pareciam incomodados.

Gregor casualmente começou a encher dois copos com o uísque de um barril. Casual demais, ela notou.

— Bobagem, apenas não esperavam que me casasse.

— Sei... Nunca acho que tenha lhe perguntado, mas por que tanta ressalva quanto ao matrimônio?

Gregor estendeu um dos copos a ela, que o

PERIGOSAS ACHERON

pegou desconfiada.

— Apenas porque apreciava minha vida de solteiro, sem dar satisfações e podendo ir e vir quando quisesse. Nada demais, era apenas um solteiro convicto. — Indicando o copo com um gesto, prosseguiu: — Vamos, precisa beber para conhecer nosso produto. Este já está pronto para beber, aguardando nesse barril há mais de três anos.

Juliette observou o líquido âmbar no copo e em seguida o cheirou, fazendo uma careta logo depois.

— Três anos? Tem certeza de que devo tomar?

— Só fica bom depois de envelhecido, pode beber.

Juliette lhe sorriu divertida.

— Apenas se prometer não contar para lady Kenfort que sua pupila cometeu essa atrocidade.

Sorrindo diante do tom de brincadeira,

Gregor tomou um gole da bebida e ela o acompanhou. O líquido desceu queimando por sua garganta e uma tosse se seguiu.

— Isso é horrível! Tem certeza de que é um bom investimento? Não me parece algo que eu compraria.

Gregor virou o que ainda restava no copo em uma única vez.

— Vai se acostumar. Ou não... Independente disso, é o melhor uísque do mundo todo e sim, um excelente investimento. Não fale mal da nossa bebida, Juli.

— Se está dizendo...

Saíram os dois em uma conversa animada e em mais algum tempo haviam visitado ao moinho e aos estábulos. Retornaram ao castelo e almoçaram juntos. Davina havia desaparecido e Juliette deu graças a Deus por isso.

Após a refeição, os dois saíram outra vez e

Gregor foi apresentando-a aos funcionários e moradores da região, que trabalhavam de uma forma ou de outra nas terras dele. A cada nova pessoa que ela conhecia, mais aquele incômodo aumentava.

Foi apenas no fim do dia, quando retornaram para o castelo, que ela percebeu o que era que a estava incomodando-a. As pessoas ali pareciam assustadas com alguma coisa.

Mais tarde, enquanto jantavam à mesa, Ian distraía a todos com a história de sua caçada naquela tarde e Juliette continuava pensativa sobre a maneira como as pessoas estavam reagindo sobre a vinda dela para a Escócia.

Gregor gargalhou diante de alguma façanha do irmão, que Juliette não ouvira, desatenta, apenas notando os olhares de pena que os criados dirigiam a Gregor e de terror com que a olhavam vez ou outra, quando pensavam que ela não os estava

PERIGOSAS ACHERON

vendo.

— Querida, recebi uma carta agora à tarde. Donald me entregou pouco antes do jantar, era de Wheston.

Isso conseguiu atrair a atenção da moça.

— Óh, sim! E o que ele diz?

— De acordo com ele, todos ficaram preocupados a princípio, mas lady Caroline os acalmou e acabaram por se contentar com uma visita em breve. Pelo que entendi chegam aqui esta semana ainda, mas não pretendem ficar. Mesmo assim ele pediu que o mensageiro confirmasse o casamento para levar à sua família as informações exatas; Donald ficou feliz em contar-lhe que foi uma das testemunhas e o homem voltou para Londres.

— Isso é bom, pensei mesmo em escrever-lhes. O que mais ele disse?

— Que estavam retornando para a mansão

Wheston e que sua criada abandonada iria com eles. — Ele sorriu. — Portanto, Helen também está a salvo de Devonshire. Pediu que lhe dissesse que apesar dos boatos e da notícia já estarem no *Floreios & Cetim*, seus pais e sua irmã estão muito contentes e esperam que lhes escreva em breve. A duquesa ficou um pouco irritada, mas se conformou com o cancelamento do evento que planejava.

Juliette sorriu, um pouco mais animada com as informações.

— Isso é ótimo. Tudo deu certo, não é?

— Sim, agora não há mais motivos para preocupação...

Juliette lembrou-se dos pensamentos anteriores.

— Bom, quanto a isso... Pode ser tolice minha, mas tenho sentido que as pessoas estão olhando-me de forma estranha, como se estivessem com medo de mim. Isso é muito estranho porque

nunca dei motivos para isso. Além disso... — falou em um sussurro para que não fossem ouvidos. — Percebo que o observam com pena, como se eu fosse um fardo terrível que assumiu!

Os irmãos se encararam por um instante além do que seria natural e, logo depois, Gregor ostentou um sorriso radiante para ela, radiante demais.

— Realmente é uma tolice. Por qual motivo teriam medo de uma criatura tão doce? E pena de mim... Sou o homem mais sortudo do mundo por tê-la!

A resposta fazia sentido, mas a atitude dele, na defensiva, sem fazer piada dos pensamentos absurdos dela e, principalmente, o fato de Ian ter se calado, observando o prato de comida com atenção, fez com que Juliette ficasse ainda mais desconfiada, mas preferiu não insistir. Depois, apenas depois, iria dar um jeito de descobrir ela

mesma o que estava acontecendo.

Quando por fim terminaram a refeição, Juliette levantou-se a fim de retirar-se para seu quarto e os homens também o fizeram.

— Vou conversar com Ian um pouco e logo depois também irei me deitar.

Ela o fitou com ternura, enquanto deixava implícito que o esperaria.

— Estarei no meu quarto, acordada.

Gregor assentiu com um sorriso enquanto Ian olhava de um para outro com um sorriso dissimulado.



Gregor

A conversa havia demorado mais que o previsto. Ian começara a narrar animadamente seus planos para comprar uma propriedade ali perto,

instigado pelas ideias que Juliette lhe havia dado, e Gregor decidiu compartilhar com o irmão seus planos para a destilaria, o que acabou por render horas não planejadas de conversa, entre risadas, bebida e charutos.

Já era tarde quando finalmente Gregor entrou em seus aposentos, a lareira já havia sido acesa algum tempo atrás e o cômodo estava aquecido, afinal de contas, mesmo que não fosse inverno, nas *highlands* sempre estava frio.

Retirou o casaco e a camisa de linho branco, em seguida, atirou as botas longe e então pensou em Juliette esperando-o todo aquele tempo. Questionou a si mesmo se ela estaria zangada, ou pior, dormindo, e decidiu ir até ela e deitar-se ao seu lado. Porém, antes que abrisse a porta que comunicava os quartos para chamá-la, ouviu um ruído quando a sua própria foi aberta.



Juliette

Juliette o aguardava há algum tempo; não sabia exatamente quanto tempo ele demorou, mas ouviu quando a porta se abriu no quarto ao lado e retirou o vestido com precisão, vestindo sua camisola em seguida, preparando-se para receber seu marido.

Quando ele não veio até ela, no entanto, Juliette decidiu ir procurá-lo; talvez Gregor pensasse que ela já havia dormido, mas a verdade era que não planejava dormir longe dele uma noite sequer.

Porém, ao abrir a porta, a cena que viu fez com que seu coração disparasse e o sangue de seu rosto se esvaísse. Deitada na cama de Gregor estava Davina, usando apenas suas roupas de baixo, que já estavam erguidas até o meio das coxas. Ele, de pé

diante dela e suas roupas atiradas pelo chão, fazia com que a cena fosse aterradora.

Juliette não desejava acreditar no que acontecia ali com base nas evidências que poderiam ser equivocadas; mesmo assim, não pôde deixar de sentir seu peito ser comprimido com a suposta traição.

Retornou para seu quarto em silêncio e fechou a porta sem nenhum ruído. Precisava ficar sozinha. Poderia entrar no quarto e fazer um escândalo, mas algo lhe dizia que a história não estava ainda completa e que para que uma atitude pudesse ser tomada contra Davina e talvez, quem sabe, contra seu marido, se ele houvesse ousado trai-la, precisava conhecer o cenário como um todo e para isso... o ideal era tomar distância o bastante para enxergar.

Não podia lidar com aquilo naquele momento. Seu estômago se contraiu enquanto

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

recordava a cena, os cabelos de Davina espalhados sobre a cama, a luz do fogo banhando-os de modo a deixá-los ainda mais em evidência... Gregor diante dela, na mesma cama em que haviam estado juntos na noite anterior.

Saiu para o corredor e logo desceu as escadas com pressa, afastando-se daquilo tudo, antes, porém, de atingir o térreo, uma tontura a acometeu, fazendo com que perdesse o equilíbrio por um instante. Juliette segurou com força o corrimão e sentou-se no degrau enquanto recuperava a estabilidade.

Passos ecoaram e logo ela vislumbrou um par de botas pretas na sua frente. Ergueu os olhos um pouco esperançosa, mas logo se deparou com Ian, que a fitava com ares de preocupação.

— Está tudo bem?

— Bem, sim... Não. Estou sentindo-me mal.

PERIGOSAS ACHERON

Ele a fitou divertido.

— O estômago outra vez, imagino.

— O quê? Não, quer dizer, ele também não está em seus melhores dias, mas me senti tonta agora a pouco, creio que precise comer alguma coisa.

— Onde está Gregor? Por que não veio junto?

O escrutínio em seu olhar a desconcertou um pouco.

— Ele está ocupado. — Foi a resposta dela.

— Venha comigo.

Juliette levantou-se e o seguiu de perto na direção das cozinhas.

— Vejamos, aqui deve ter algo pronto que possa comer.

Quando entraram, Ian a fez sentar-se diante da mesa e começou a procurar por algo que pudesse alimentá-la. Encontrou pão e queijo e colocou

diante da cunhada, além de leite e chá.

— Imagino que o chá não deva estar muito quente mais, mas por hora vai servir e é medicinal, vai ajudar com o mal-estar.

Ele sentou-se diante dela e retirou uma lasca do pão para si, enquanto a encarava desconfiado.

— O que não estou entendendo é por que desceu sozinha até aqui.

Juliette baixou os olhos para o prato, tentando esconder a verdade. Não que planejasse ficar passiva diante dos fatos, mas por ainda não estar certa do que faria a respeito e do quanto o que vira era mesmo culpa de seu marido.

— Eu disse, Gregor estava ocupado.

— Sim, mas era de se esperar que estivessem ocupados juntos...

Ela revirou os olhos diante do comentário.

— Não quer mesmo contar o que houve? — questionou Ian diante da óbvia relutância.

— Digamos apenas que não quero falar com seu irmão agora, vamos conversar nós dois. Conte-me o que decidiu sobre suas terras; a conversa entre os dois demorou, imagino que deva ter chegado a alguma conclusão.

Os olhos dele se iluminaram diante do assunto.

— Sim, Gregor disse que irá passar a destilaria para mim e vou vender o que herdei na Inglaterra e investir aqui, como sugeriu. A propósito, obrigado por isso.

— Não tem por que agradecer, Ian. Já sabe onde exatamente irá comprar essa propriedade?

Com isso, os dois conversaram por algum tempo, Juliette direcionando a conversa para que não voltassem a falar sobre Gregor. Retornou aos seus aposentos apenas bem mais tarde, quando imaginava que qualquer coisa que seu marido estivesse fazendo já tivesse se findado.

PERIGOSAS NACIONAIS

Silenciosamente, caminhou até a porta de comunicação e a trancou de seu lado, impossibilitando que ele fosse até ela mais tarde. Porém, quando seus olhos fixaram-se na cama, ela notou que alguém havia entrado em seus aposentos. Seus lençóis haviam sido revirados e suas camisolas e as roupas de baixo estavam atiradas em um canto, escondidas.

Ao pegar uma nas mãos, Juliette notou que estavam molhadas com um perfume estranho e horrível. Finalmente compreendeu. Aquela criada rameira havia tentado lhe fazer mal com um feitiço quando ela encontrou aquele pacote em Londres e agora tentava outra vez com suas peças íntimas.

Não importava que Juliette não acreditasse naquilo, o que a incomodava era saber que a outra acreditava e queria lhe fazer mal propositalmente, dentro daquela que agora era sua casa.

Alguma coisa precisava ser feita. E logo.

PERIGOSAS ACHERON



Gregor

Gregor, no entanto, já havia a procurado e, quando não a encontrou, esperou que retornasse logo. Seus ouvidos, que estavam atentos, escutaram quando Juliette voltou e quando a chave girou separando-os. Deitou-se em sua cama, o cenho franzido tentando compreender o que levaria Juliette a desaparecer no meio da noite e a isolá-lo logo em seguida. Compreendia que estivesse chateada por sua demora em subir, mas não justificaria uma recusa tão contundente sem ao menos o ouvir.

Incomodado com a atitude da esposa em sua segunda noite como marido e mulher, Gregor levantou-se e testou a porta. Realmente trancada.

Não insistiu e não a chamou. Recordou-se

PERIGOSAS NACIONAIS

de seu pai... De jeito nenhum agiria da mesma maneira. Retornou para sua cama e deitou-se sozinho, lembrando-se os momentos que tivera com Davina um pouco mais cedo e meditando sobre quais deveriam ser suas atitudes a seguir.

Como um sussurro vindo das profundezas pútridas e fétidas do inferno, ele ouviu em sua alma uma voz melancólica dizendo-lhe que já deveria ter esperado por aquilo, afinal era um MacRae e a maldição, sua sina.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 26

FOGO NA ESCÓCIA

Ian

O rapaz se levantou cedo, tomou seu desjejum farto e então se pegou pensando no comportamento estranho da cunhada e nos enjoos que vinha apresentando sucessivamente.

Tinha quase certeza de que ela estava esperando um filho e o que o intrigava era o fato de ser o único a notar isso; nem Juliette e nem seu irmão haviam desconfiado daquilo, entretidos em suas rusgas tolas e Gregor afundado em desespero por conta de uma crença ridícula que o havia feito internalizar de tal forma que, mesmo tendo o amor

PERIGOSAS ACHERON

de Juliette, ele se recusava a crer na possibilidade de que tamanha felicidade existisse de fato.

Talvez com a chegada do filho as coisas mudassem em definitivo, mas Ian sabia que o que realmente era necessário era uma conversa franca, em que ele contaria para Juliette sobre o passado e ela o ajudaria a encontrar fé para acreditar nos dois.

No momento, porém, precisava que Juliette se alimentasse e cuidasse da gravidez que desconhecia; animado, pensando em seu futuro sobrinho, Ian entrou na cozinha onde Gerlane trabalhava ao lado de Davina.

— Gerlane, preciso de ajuda e de seus conhecimentos. Pode preparar um chá para sua senhora? Vou levar algo para que coma. Ela tem tido enjoos e é necessário que tome algo para melhorar o estômago, é bom que prepare o chá todas as manhãs, creio que continuará com isso por algum tempo.

Gerlane arregalou os olhos, desconfiada.

— Mas... eles se casaram essa semana, por Deus!

Ian apenas sorriu.

— Eu não disse nada do que está pensando. Pode preparar o chá? Eu espero para acompanhá-la até ela.

A mulher assentiu, ainda intrigada, e Ian deixou a cozinha, esperando que a bandeja ficasse pronta.



Juliette

O dia havia amanhecido havia pouco e ela ainda estava deitada em sua cama na exata posição em que se colocara na noite anterior, em que passara a noite toda em claro, remoendo o ódio da meretriz ruiva e pensando em uma vingança

adequada. Enquanto seguia olhando para o teto abobadado, fiscalizava o cortinado que cobria o dossel alto e refletia sobre o que vira e o que deveria pensar sobre aquilo.

A conversa com Ian servira aos seus propósitos de evitar Gregor e ganhar tempo para que a situação se tornasse clara e para que suas emoções estivessem sob controle a fim de se utilizar da razão para discernir o que em realidade devia ter acontecido no quarto ao lado.

Por mais que tenha sido desconcertante a cena que presenciou, Juliette sentia que suas emoções estavam muito controladas diante de uma situação que deveria ter feito seu mundo ruir. Alguma tonteira e uma palpitação mais forte, sim, mas seu mundo estava intacto e completamente no lugar. Sua mente deslizava por pensamentos sórdidos que iam desde percevejos na cama da criada indo até ao ponto nada razoável de atirá-la

dentro de uma lareira acesa como se fosse um acidente.

Ficara bastante aturdida a princípio e descera as escadas profundamente magoada, mas conseguira manter uma conversa decente com o cunhado sem se descabelar ou quebrar todos os móveis do castelo; aquilo era de fato incomum para ela. Poderia justificar sua longanimidade com o fato de que nunca antes fora traída e de que por se tratar de sua primeira experiência como uma esposa tola, ainda não tivesse assimilado o ocorrido.

Por outro lado, poderia pensar que seu amor pelo marido não era forte o bastante e por isso agira com indiferença, mas ela sentia em todos os seus poros e em cada minúsculo pedaço de seu corpo e alma a profundidade dos sentimentos que tinha por ele. Fosse como fosse, sabia que deixá-lo não passara por sua mente em nenhum momento.

E por quê?

Juliette virou-se de lado, abraçando um travesseiro enquanto escrutinava o próprio coração em busca da resposta, tentando entender por que estava deitada planejando sua vingança contra a empregada e não encontrava em si nenhum fio de ódio direcionado ao esposo; apenas a irritação excitante de sempre que não fizera com que derramasse uma só lágrima.

Uma batida na porta a distraiu por alguns instantes.

— Sim?

A porta se abriu, revelando seu cunhado, que apenas apontou a cabeça para dentro.

— Está vestida?

— Hum, não apropriadamente, aguarde um minuto no corredor.

Ele assentiu e fechou a porta. Juliette colocou um vestido e prendeu os cabelos em um coque desajeitado. Náuseas a atingiram fortemente

quando se colocou de pé, levando-a a culpar Gregor pela irritação que lhe causara e que agora se refletia em sua saúde.

— Pode abrir, lorde Ian.

O homem entrou sorrindo e Gerlane o acompanhava de perto, trazendo uma bandeja nas mãos.

— Vim pessoalmente acompanhar Gerlane para lhe trazer o chá e alguns bolinhos. Quando estiver melhor, pode descer e tomar seu desjejum completo.

Ela franziu o cenho.

— Muito atencioso. Mas como sabia que não estava bem?

— Chame de intuição. Além disso, gostaria de conversar com a senhorita... senhora.

Juliette adiantou-se, pegando das mãos da criada a bandeja.

— Sabe que se Gregor nos vir aqui as coisas

poderão ficar tensas, não deve ficar em meus aposentos.

Ian lhe sorriu amplamente.

— Sim, ele já me viu quando entrei e não pareceu nada contente, mas me parece tão abatido... Nem mesmo tentou me impedir.

— Estranho... Deixe a porta aberta quando sair Gerlane e obrigada pelo chá.

Ian caminhou mais para dentro do quarto enquanto Juliette sentava-se à mesa para apreciar os aperitivos. A criada se dirigia à saída quando Juliette a questionou.

— Do que é o chá, Gerlane?

A mulher sorriu.

— De capim-santo; eu mesma pedi que uma das moças colhesse e preparasse.

Juliette sentiu o aroma gostoso, mas estranhou um pouco.

— Estranho, eu sempre preparei chá de
PERIGOSAS ACHERON

capim-santo para mamãe, o cheiro era diferente. Esse chá tem cheiro de... canela, acho. Colocou um pouco? Não que esteja reclamando, aprecio muito o sabor da canela.

Gerlane arregalou os olhos e olhou da patroa para lorde Ian, que a encarava, confuso.

— Por favor, senhora, dê-me aqui a xícara. Deixe-me ver.

Juliette estranhou a atitude, mas entregou a xícara de imediato. Gerlane cheirou e em seguida tomou um gole, o que Juliette considerou bastante rude de sua parte.

— Com licença, senhora Juliette. Vou levar até a cozinha e preparar pessoalmente outro chá, pode comer enquanto isso.

Juliette sorriu.

— Eu não me importo, gosto de canela.

Ian olhou para a criada interrogativamente.

— O que foi, Gerlane?

— O chá, lorde Ian, não é de capim-santo... É boldo com canela, arrisco dizer que até um pouco de gengibre. Eu não pedi isso, juro por Deus.

Juliette fez uma cara de desagrado, mas sorriu para a mulher.

— Que mistura estranha, não vou tomar então. Mas pode ficar tranquila, descerei em seguida e tomo o outro.

Gerlane assentiu, mas encarava lorde Ian, que a olhava interrogativamente.

— Pode ir, Gerlane. Falarei com você em seguida.

A mulher saiu do quarto um tanto desnorteada e Ian voltou-se para a cunhada.

— Quero saber o que houve ontem. Gregor havia combinado de ir comigo até a destilaria hoje de manhã para estudarmos as melhorias e não apareceu. Quando o encontrei, parecia que já havia bebido todo nosso estoque de uísque, adicionando a

isso o fato de tê-la encontrado sozinha ontem à noite, presumi que algo não estivesse bem entre os recém-casados. Vai me dizer agora o que está acontecendo para que eu possa me intrometer e resolver pelos dois, como sempre. É imprescindível que resolvam o que quer que seja logo.

Juliette mastigou parte de um bolinho coberto com raspas de limão e seu estômago roncou grato, arrancando mais um sorriso do escocês. Pensou por um instante sobre o que deveria dizer ao cunhado e, por fim, decidiu-se pela verdade; talvez pudesse ajudá-la a compreender o que se passava em seu coração e sua mente.

— Vou contar porque preciso de ajuda comigo mesma. Não consigo entender minha maneira passiva de agir quando deveria ter tido um rompante de fúria desmedida que não deixasse uma pedra sequer deste castelo intacta; ontem à noite, esperei por seu irmão acordada e ansiosa...

— Sim, profundamente apaixonada, como sempre foi.

— Exatamente! Mas então ele demorou e eu ouvi quando retornou aos seus aposentos e decidi ir até ele. Quando abri a porta, eu o vi, mas não estava sozinho.

O semblante de Ian foi fechando-se conforme pressentia o que viria a seguir.

— Davina estava deitada sobre a cama, apenas parcialmente vestida, e Gregor não tinha muitas peças de roupa no corpo. Senti-me humilhada com a cena e fugi do quarto sem que vissem.

O homem sentia-se enfurecido com a desfaçatez da empregada.

— Eu sinto muito que tenha presenciado algo assim. Como está sentindo-se?

— Aí é que está, fiquei irada com a despudorada da Davina e em minha mente já pensei

em diversas maneiras de fazê-la pagar. Geralmente, sou impulsiva e se houvesse agido como sempre, teria entrado lá e lhe dado no mínimo algumas bofetadas e arrancado aqueles cabelos bonitos, mas ao invés disso tenho maquinado contra ela, pensando em atitudes que possam ser mais drásticas. Mas o que me espanta mesmo é o fato de que não sinto raiva dele; pensei muito a respeito disso e duas coisas sei, com certeza; uma delas é que o amo com tudo que há em mim. Estou certa de que meus sentimentos são puros e genuínos e minha calma não advém de indiferença e a outra coisa que sei é que venho comportando-me de maneira muito estranha.

Aguardou que Ian lhe dissesse alguma coisa, mas ele apenas a encarava com raiva crescente.

— Diga alguma coisa. Por que acha que não estou chorando ou gritando alucinada? —

questionou Juliette.

Um sorriso ainda tenso curvou um dos cantos da boca dele.

— Não é óbvio? Não agiu de modo impetuoso porque sabe que Gregor jamais faria isso; é um homem tolo e bastante obtuso, mas não é infiel de maneira alguma. A julgar pelo cheiro forte de uísque e a expressão vazia, sei bem o que vai na mente daquele imbecil. Ele sim está sofrendo.

Juliette ponderou.

— E não poderia estar assim por remorso? Porque na verdade nós nem mesmo brigamos, eu apenas tranquei minha porta para que ele não pudesse entrar. Depois disso não falei com ele, nem mesmo lhe disse o que eu vi.

Uma sombra perpassou pelos olhos do rapaz.

— Trancou a porta para impedi-lo de entrar? Então é por isso que ele está agindo assim,
PERIGOSAS ACHERON

seria melhor que tivesse o esfaqueado.

— O quê? Mas eu não lhe disse nada, apenas me isolei.

Ian assentiu.

— Sim, garanto que foi a pior coisa a se fazer, ao menos para ele. Precisa entender que essa atitude não fala apenas pelo que é, trouxe lembranças a Gregor e coisas que preferíamos os dois esquecer e que não devo lhe contar, mas ele sim. Diga que quer saber sobre tudo, insista e pense bem antes de agir. Entendo que não queira Davina mais aqui e que as circunstâncias são suspeitas, mas nós dois sabemos que, em nenhum momento, acreditou de fato que Gregor a trairia.

Foi como se uma luz entrasse no recinto, iluminando tudo ao seu redor e clareando até mesmo sua alma que por um momento havia se escurecido parcialmente.

Era tão claro quanto a água límpida do lago

em frente ao qual haviam se casado; não sentia seu mundo despedaçar-se porque confiava em seu marido, que a amava e abria mão de muitas convicções para ficar com ela.

— Claro! Eu confio nele apesar dos indícios. Passamos por tantas coisas e em momento algum ele demonstrou interesse por outras mulheres desde que nos conhecemos, mesmo quando estava enciumado. Na verdade, nem tenho tantos motivos para acreditar em sua fidelidade, mas em meu coração sinto que a única culpa que ele carrega é a de ser um tolo e de me esconder seus medos e receios.

O rapaz sorriu compreensivo.

— Provavelmente se sente assim porque ele é mesmo confiável, cheio de falhas e erros como qualquer homem, mas não sabe mentir ou mesmo esconder as coisas por muito tempo, basta que insista e ele lhe dirá. Além disso, com as crenças

que tem, não traria a ruína para seu casamento com as próprias mãos.

Juliette cerrou os olhos para o cunhado.

— Mas me lembro que aquele dia, no escritório em Londres, pensou que ele estivesse com outra mulher.

— Não sou perfeito. Quando Donald me disse que uma moça encapuzada entrara no meio da noite, pensei que ele estivesse se auto sabotando, talvez desistindo do casamento por motivos que, como já disse, não cabem a mim explicar. Mas tenha certeza de que ele jamais trairia seus votos.

Juliette assentiu, decidida a crer naquelas palavras.

— Mas ainda preciso saber o que aconteceu.

— Não está claro? Davina não aceita que Gregor tenha se casado, principalmente por não ter sido a escolhida e agora está tentando demonstrar

para ele que não será feliz. Provavelmente se atirou na cama dele, mas seja razoável, acha que mesmo que Gregor não a amasse como ama, a trairia no quarto ao lado e sem nem ao menos trancar a porta de comunicação dos cômodos? Seria estupidez demais até mesmo para ele.

Juliette riu diante do comentário.

— Sim, seria mesmo. — De repente, as coisas se tornaram ainda mais nítidas. — Ian! Essa mulher é uma víbora. Se ela quisesse apenas o seduzir, teria o atraído para qualquer outro lugar, mas se entrou em seu quarto sabia que eu os ouviria. Foi proposital para que eu os encontrasse.

Ele aplaudiu o raciocínio.

— Bravo, minha cunhada! A julgar pela atitude de Gerlane agora a pouco devo te dizer uma coisa, precisa tomar cuidado com Davina. Tenho absoluta certeza de que foi ela quem preparou o chá errado e sabe o motivo, não?

— No mínimo para aumentar meu enjoo, aquela cobra!

Ian estava sério.

— Não é apenas isso. Na hora não raciocinei, mas agora compreendo o porquê do espanto da cozinheira. Ela misturou gengibre, canela e boldo, todos os três têm propriedades que fariam... Bom, que a impediriam de conceber um filho saudável no mínimo. Ou até mesmo abortar caso estivesse esperando um.

Juliette arregalou os olhos, espantada. Era asquerosa a maldade humana e até onde as pessoas iam por interesses próprios.

— Agora que falou, devo confessar uma coisa... Encontrei minhas coisas remexidas ontem à noite e minhas peças... íntimas mergulhadas em um perfume estranho. Acho que a doida vestiu minhas camisolas, Ian!

Ele riu; era horrível e ao mesmo tempo

hilário.

— Claro que não. Davina acredita em feitiçaria, certamente as umedeceu com alguma coisa que acredite que vá manter Gregor longe de você ou algo assim. Por mais que haja maldade no gesto, isso é inofensivo, mas o chá... Isso é coisa de uma pessoa horrível que faria tudo para prejudicar você, até mesmo a machucar ou a um bebê inocente.

Juliette fitou o cunhado, o rosto um misto de temor e fúria.

— Isso não pode ficar assim, Ian. Ela queria matar meu filho, Ian, um que ainda nem tenho.

Ele concordou.

— E agora? O que faremos? Se quiser posso dar uma lição em Gregor também por ser enredado nessa armadilha com tanta facilidade. Posso pendurá-lo pelas... hum, sabe o que quero dizer.

Juliette finalmente sorriu, animada com o plano que começava a formar-se em sua mente.

— Não quero que faça nada com ele, mas irei me manter afastada até que ele perceba que não ficarei neste lugar com aquela mulher sob meu teto. Vou fazer o que faço de melhor, serei absurdamente inconsequente.

A gargalhada ruidosa que era tão característica dos irmãos se fez ouvir.

— Posso ajudar com alguma coisa?

Ela riu da infantilidade do homem enorme à sua frente.

— Adora um malfeito, não? Mas seu auxílio será essencial. Em primeiro lugar, não conte o que ela fez ao Gregor, sei como age por impulso e as coisas podem ficar horríveis, deixe que lido com ela. Conhece alguém que seja bastante desprezível aqui na região? Refiro-me a um homem que todos considerem pedante ou algo assim, não

PERIGOSAS NACIONAIS

precisa ser um criminoso, mas alguém de fato insuportável.

Ian arregalou os olhos.

— Conheço alguém com essa exata descrição, mas o que tenciona fazer?

— Ian, ela quer destruir meu casamento e tornar minha vida aqui insuportável, a única coisa que fiz foi me questionar sobre o que lady Caroline faria em meu lugar.

O riso acompanhou facilmente as palavras dele.

— A mesma que atirou lady Mariene do camarote na ópera?

— A própria, ela não daria uma surra em sua oponente, mas a destruiria sem que esta soubesse o que a atingiu. Cheguei a uma conclusão. Vou oferecer um jantar hoje para comemorar meu casamento e quero todos os criados convidados, inclusive ele.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ele?

— O homem desprezível de que falou, quero que o convide para o jantar.

A expressão do homem era nitidamente de surpresa.

— Mas isso não faz sentido algum, por que convidar aquele... insuportável do Rupert?

Ela negou a ele uma resposta clara.

— Quero que sua reação seja genuína, então apenas o convide e certifique-se de que ele virá.

Ele caminhou até a janela estreita em um canto.

— Estou ficando assustado, mas tudo bem. Eu a ajudarei em tudo que precisar, minha irmã.

Juliette sorriu amplamente.

— Não esperava menos, irmão.



PERIGOSAS ACHERON

Gregor

Morte.

Talvez a morte fosse algo perturbadoramente lindo e tentador para um homem que havia experimentado o sabor da vida e agora se afundava em podridão.

Saber que sua doce e apaixonada esposa se afastara dele em poucos dias, ouvindo as lamúrias de um rogo tão antigo quanto as pedras do castelo que os refugiava, era algo que lhe tirava a paz de espírito e a sanidade.

Realmente chegara a crer que a maldição não fosse real, acreditou que com ele as coisas seriam diferentes e que faria a própria sorte; mas em apenas dois dias de casado, uma mulher deitara-se em sua cama tentando tragá-lo para o centro de uma catástrofe e sua esposa, antes amorosa, fechara-se em um casulo de tristeza.

Em pouco tempo, ela poderia definhar como

sua mãe, sua avó e as que vieram antes destas; e ele sucumbiria à bebida, como seu pai fizera antes dele, permitindo que sua mente fosse tragada pelo desespero.

Notou quando Ian entrou nos aposentos de sua mulher; ele sim havia sido bem recebido e ficara com ela por um bom tempo. Não que isso fosse ruim, aprendera com o tempo a conhecer sua esposa e depois de todo apoio que recebera do irmão, sabia que não o trairia. Além disso, ele já vira acontecer e sabia que ela precisaria de um amigo, de alguém que a instrísse a fugir, a deixar para trás aquele desespero e a deixá-lo também.

Ele enfrentaria sua sina, sozinho, afinal, seria o único responsável se permitisse que seu doce anjo sofresse as consequências de suas esperanças tolas e vãs.

Jogado em uma poltrona no cômodo que tinha como seu escritório, Gregor recordou-se da

PERIGOSAS ACHERON

noite anterior e de tudo que acontecera. Precisava ficar sóbrio para tomar uma atitude quanto a Davina. Pensando bem... Bom, não faria diferença.

Recordou-se de ouvir a porta do quarto se abrir e de ter estranhado um pouco, mas pensando que fosse sua esposa continuara de costas enquanto atiçava o fogo na lareira, mudando então os planos de ir até ela.

Porém, quando se virou, sua surpresa foi de uma imensidão indescritível. Davina subira com agilidade sobre sua cama, apenas em seus trajes de dormir, e ostentava um sorriso malicioso no rosto.

— Boa noite, Gregor.

Ele caminhou a largos passos e parou de frente para a cama, encarando-a furioso.

— O que faz aqui? Perdeu o último resquício de sanidade? Se Juliette a vir estarei perdido. Ande, saia logo daí.

— Por que adiar o que é inevitável? Sabes

que não serão felizes. Lembra-se do seu pai, ou esqueceu de tudo com tanta facilidade? Lembra-se de sua mãe trancada na torre? Eu me lembro.

Gregor a observou, lutando para que as lembranças não se infiltrassem em sua mente outra vez.

— Não é assim... Aquilo foi escolha deles.

— E essa inépcia de casamento não foi escolha sua? Quer terminar como seu pai? Quer que ela morra como sua mãe?

Gregor passou a mão pelos cabelos, frustrado por se permitir considerar as palavras dela.

— Davina, não sabes do que está falando. São apenas... crendices tolas.

— São mesmo? Eu não me esqueci todas as histórias, ninguém aqui esqueceu. Venha, fique comigo...

Enquanto ela falava, levantava as roupas,

tentando-o. Gregor se recordou da noite anterior, quando Juliette fizera algo semelhante e ao mesmo tempo completamente diferente.

A distinção não se tratava apenas da sedução em si, mas principalmente de quem estava diante dele. A mulher deitada em sua cama não o atraía, não mais. Era bonita sim, mas não o instigava nem mesmo minimamente.

— Saia logo daí. Prefiro não ter que obrigá-la a ir. Não quero mais que fale sobre esse assunto e a proíbo de entrar em meus aposentos.

Ela não se moveu.

— Já estivemos juntos antes. Não acredito que vai mesmo fazer isso comigo. Nós temos algo especial.

— Nós nunca tivemos nada especial, Davina, e sabe disso. Nunca lhe enganei e em momento algum prometi nada.

— Também disse que não se casaria,

PERIGOSAS ACHERON

principalmente com uma inglesa.

Gregor suspirou irritado.

— É tão difícil compreender? Eu me apaixonei. Amo Juliette e as coisas mudaram porque a amo. Não quero forçá-la a sair, mas o farei se for preciso.

Ele lhe deu as costas e escorou-se na lareira, aguardando que a mulher se retirasse. Pouco depois, ouviu a porta do quarto bater. Imediatamente cruzou o cômodo, indo procurar por Juliette, afinal de contas, se ela tivesse escutado mesmo que fosse parte da conversa, poderia estar furiosa e apenas a deusa poderia contê-la.

Mas não a encontrou e depois, mais tarde, quando ela finalmente chegou ao quarto, trancou a porta, impedindo-o de entrar. Foi como se as palavras de Davina houvessem desencadeado as reações de Juliette; como se a maldição tivesse sido reafirmada com os dizeres da escocesa e retornado

com força total, separando Juliette dele por algum motivo que Gregor desconhecia.

Voltando ao presente, Gregor pensou que seria sensato procurar por sua esposa e conversar. Descobrir onde estivera e o motivo de sua evidente recusa, mas logo descartou a ideia. Com coisas sobrenaturais não havia maneira de se argumentar.

A porta do escritório se abriu e um Ian bastante preocupado o analisou de cima abaixo, pousando os olhos sobre a garrafa sobre a mesa.

— Estás sóbrio?

Gregor apenas relanceou os olhos para o irmão.

— Claro que sim, é preciso bem mais que algumas... garrafas para me derrubar ou tirar minha razão.

— Pois não é assim que enxergo as coisas. Penso que sua razão já se foi há algum tempo. Por que está agindo dessa maneira?

Cabisbaixo, Gregor respondeu aquilo que já aceitara como certo.

— Não percebe? A maldição já começou a agir.

— Deixe de ser tolo, não existe essa bobagem, já lhe disse. O que é isso que tem nas mãos?

O homem tratou de logo esconder o papel, tirando-o de vista.

— Não vai me dizer que andou lendo a carta de papai outra vez? Ande, dê-me isso — disse, arrancando a carta das mãos do irmão.

Gregor fechou o semblante e cobriu o rosto com uma das mãos, já antecipando o que as palavras lhe causariam outra vez.

— *“Meus filhos, um homem melhor usaria seu último suspiro para propagar o amor por sua prole e deixar palavras de conforto; infelizmente para todos nós, eu sou o mais infeliz dos homens.”*.

— Pare com isso, Ian.

— Parar? Mas eu mal comecei! A parte que ele defende a veracidade da maldição é a melhor, assemelha-se a um livro utópico. Veja esse pedaço! *"Destruí a única mulher que amei e a mim por tentar ser um homem racional, não dando ouvidos para aquelas palavras que outrora haviam destruído outros além de mim. Peço que não se esqueçam do que esse agouro fez a nossa família e imploro para que deixem nosso sangue manchado morrer... Sejam a família um do outro até o fim..."*. Quer que eu continue? Sabe o que vem a seguir, *a confissão*.

Gregor atirou a garrafa longe, atingindo então a parede atrás do irmão.

— EU NÃO QUERO OUVIR ISSO!

— Não quer ouvir, mas fica aí lendo e remoendo o que ele fez. Nosso pai era um covarde, Greg, não seja um também; a propósito, vim aqui
PERIGOSAS ACHERON

para avisar que sua esposa decidiu que teremos um jantar especial hoje em comemoração ao casamento.

Isso finalmente atraiu a atenção dele.

— Comemoração? Ela me ignorou ontem e não dirigiu uma palavra a mim hoje.

— Sei bem o que isso pode tê-lo feito recordar, mas chegou a procurá-la? Ou simplesmente está agindo como um idiota atribuindo as atitudes dela à maldição? Creio que o mais sensato seria olhar para si mesmo e pensar no que pode ter feito para que Juliette o rejeitasse.

— Claro que é a maldição, eu não fiz nada! Estávamos conversando e, quando finalmente fui vê-la, havia trancado a porta, deixando-me de fora, exatamente como nossa mãe fez tantas vezes.

— Greg, você é um imbecil e a essa altura da vida isso não deveria me surpreender. Vamos fazer assim, dê-me o benefício da dúvida e

compareça ao jantar que ela pediu que preparassem e então, quem sabe, compreenda o que está acontecendo? Juliette convidou a todos os criados, creio que quer com esse ato informal mostrar a eles que não é assustadora como pensam.

— Eles não têm medo dela, mas sim da maldição.

— Está ouvindo isso? Um homem bem resolvido, de boa aparência, endinheirado e com um humor contagiante, deixando-se levar por essa crença ridícula e por coisas que aconteceram tanto tempo atrás.

Gregor encarou o irmão, enraivecido.

— Como pode ser tão desprendido? Aconteceram alguns anos atrás, mas estamos falando de nossos pais.

— Sim, eu sei disso, mas isso não muda os fatos e nem o que eram. Porte-se como homem e receba os convidados, não ouse fazer uma desfeita

à sua esposa e esteja naquela mesa na hora do jantar.

— Tem certeza de que ela me quer lá?

— Claro que tenho, quer que ela comemore o casamento como, sozinha?

Gregor expressou a sombra de um sorriso.

— Bom, se ela planejou isso pode ser que eu tenha exagerado um pouco... Talvez as coisas não estejam tão ruins. É que, ontem à noite, Davina me disse umas coisas e logo depois Juliette refletiu os atos de mamãe e tudo isso acabou mexendo com minha mente.

— Ao inferno com Davina, Gregor! Ela quer você e dirá qualquer coisa para fazer sua cabeça, aquele demônio de saia está nesta casa desde menina, viu tudo o que passamos e não tem o mínimo de escrúpulos, usando sua dor para destruir seu casamento, seu tolo.

— Ela... Eu sei que não é uma mulher

decente, mas não acredito que seja cruel a esse ponto.

Ian riu com escárnio, muito tentado a contar ao irmão sobre o filho que ele ainda desconhecia e a tentativa da criada de matá-lo, mas se conteve. Que Juliette lidasse com ela, pois Gregor a mataria com as próprias mãos se soubesse e, bom, estava farto de tragédias.

— Não acredita? Veja o que fez com você, veja como magoou sem nenhuma hesitação uma mulher no estado em que se encontra sua esposa. Ela fez de propósito, sabia que Juliette estava no quarto ao lado.

O semblante de Gregor assumiu uma expressão de surpresa.

— O que quer dizer com isso? Acha que Juliette nos ouviu?

— Acho que ela os viu, seu imbecil.

Finalmente a sensatez transpareceu nas

PERIGOSAS ACHERON

feições do homem.

— Isso explicaria o porquê de ter se afastado.

— Explicaria, não é mesmo?

Então sua atenção foi desviada para as outras palavras do irmão.

— Por que disse uma mulher no estado de minha esposa? O que ela tem? Vi que levou chá esta manhã, ela está doente?

Suspirando em exasperação, Ian observou o irmão com ares de piedade.

— Que a deusa me livre de me apaixonar se todos ficam tão cegos e ridículos assim. Não direi mais nada, pense apenas em consertar suas besteiras e deixe que com Davina sua mulher se entende.

— Pela deusa! Ela vai matar Davina.

— Não, se fosse assim teria feito antes, mas conhecendo minha cunhada como já conheço,

penso que talvez Davina prefira morrer a cair nas garras dela.

— Inferno, vou ter que esperar e descobrir o que ela reservou para nós, mais prudente que tentar impedi-la.

Finalmente Ian sorriu para o irmão.

— Agora sim está falando como meu irmão. Lembre-se de tomar um banho antes do jantar e de estar apresentável, afinal, como já disse antes, o conde aqui é você. Deixe que sua mulher libere toda sua raiva.



Juliette

A tarde passou rapidamente enquanto Juliette preparava o espetáculo da noite. Perto do horário marcado, ela desceu as escadas, já vestida para o jantar que organizara com tanto esmero e

dedicação, e correu para colocar seu plano, até então teórico, em prática.

Próximo à entrada do castelo, encontrou Wallace; o rapazote olhava de um lado para o outro temendo ser descoberto.

— Trouxe o que lhe pedi?

— Sim, milady. Mas temo que se for pego, o patrão me esfole!

Com um gesto, desdenhou da preocupação do camareiro.

— Deixe de tolices. Eu também sou sua senhora agora e não irei permitir que nada lhe aconteça por me ajudar, agora me entregue logo a chave e fique preparado para sua próxima tarefa.

— Sim, senhora. Mas não vamos prejudicar ninguém?

— Claro que não, todos estarão no salão de jantar. Quando eu lhe der o sinal, peça licença e se retire. Em seguida, cumpra com o que lhe pedi e

não se esqueça do balde de água, no meio da confusão ninguém irá notar que fez de propósito.

O menino depositou o objeto nas mãos dela e saiu correndo em disparada logo depois.

Juliette subiu novamente para seus aposentos e aguardou tempo o suficiente para que todos já houvessem chegado. Aproximou-se da porta que ligava seu quarto ao de Gregor, ouvindo atentamente para confirmar suas suspeitas de que ele já havia descido. Destrancou a porta e preparou o primeiro ato, deixando na mesa tudo que seria necessário para que o rapaz cumprisse suas ordens.

Deixou o local instantes depois e se juntou aos outros, que a aguardavam para que o jantar tivesse início. Cumprindo o protocolo, depositou sua mão no braço de seu marido e sentiu-se estremecer com o contato.

Como podia querer esganá-lo em alguns momentos e beijá-lo com paixão no instante

PERIGOSAS ACHERON

seguinte?

O olhar que ele dirigiu a ela... O azul dos olhos dele eram um misto de interrogação e ternura, de medo e uma fagulha de esperança; Juliette lhe dirigiu um sorriso dissimulado.

— Estás triste? — questionou a voz grave e rouca quase inaudível.

— Triste? — Juliette devolveu com outra pergunta no mesmo tom sussurrante. — Óbvio que não. Devo matá-lo antes que a noite termine, mas não me sinto triste.

Ele sorriu, aliviado.

— Ótimo, com sua raiva sei que posso lidar, mas não suporto pensar que a entristeci.

— Hum, também não é como se eu estivesse saltitando de alegria, mas conversaremos sobre sua imbecilidade mais tarde, agora temos um jantar e vários convidados.

— Um circo, quer dizer. O que o senhor
PERIGOSAS ACHERON

Rupert faz aqui? Nem meus criados o suportam.

— Não ofenda meu convidado, Gregor.

Tomaram então seus lugares à mesa e, apesar do receio que os criados pareciam ter com relação a ela, estavam divertindo-se, conversando animadamente entre si.

Davina chegou um pouco depois, acompanhada de Ian, que de alguma maneira conseguira obrigá-la a comparecer. A escocesa se sentou no único lugar disponível, que coincidentemente ou não, era ao lado do senhor Rupert.

Juliette concentrou-se no convidado especial. Ela analisou o homem que supunha ter pouco mais que quarenta anos, menos que um metro e sessenta e uma circunferência bem ampla.

— Senhor Rupert, soube que cria vacas. Deve ser fascinante!

Sagazmente a anfitriã questionou.

— Sim, senhora — respondeu o homem corpulento, que parecia orgulhoso por receber atenção.

— E como elas são? Ouvi dizer que esses animais aqui nas *highlands* podem ser um pouco ariscos.

Ele riu e Juliette pôde ver quando um pedaço pequeno de pão caiu de sua bocarra aberta, aterrissando no prato ao lado; notou com um sorriso a expressão enojada de Davina.

— São ariscas sim. Se me permite a comparação, pense nelas como nas mulheres.

— Óh, que comparação interessante. Por que o senhor diz isso?

O homem ficou feliz em explicar.

— Basta que coloque um bom cabresto que elas pastam direitinho.

Gregor fez sinal de que iria dizer alguma coisa, mas Juliette demonstrava apreciar as palavras

do homem, que se saía melhor que o planejado, e ele se calou, aguardando.

Ian, por outro lado, usava o guardanapo para esconder o sorriso.

— Inacreditável! — Todos ouviram a ruiva se expressar, encarando o homem com irritação. — O senhor compara as mulheres a vacas?

— Não se ofenda, senhorita. Pense apenas no básico; as mulheres e as vacas são fêmeas, além disso, as duas espécies têm o poder de alimentar aos filhos, as vacas andam olhando para o chão, assim como as mulheres devem se manter submissas e, principalmente, as vacas dão gastos e dor de cabeça. Nem preciso dizer que as mulheres também são assim. Concorda, lorde Gregor?

A expressão do anfitrião era puro asco, mas Juliette advertiu-o com um olhar e, antes que ele pudesse opinar sobre o assunto, Ian o fez.

— Eu com certeza estou de acordo, lorde

PERIGOSAS ACHERON

Rupert. Imagino que seja por isso que ainda não se casou.

— Eu? Não, na verdade um casamento com uma dona bonita não me faria mal. — O homem colocou o dedo gordo no nariz e, em seguida, usou o guardanapo para limpá-lo. — Gostaria de ter uma mulher para gerar meus filhos; quero ter uns cinco, no mínimo.

Davina não se conteve.

— E quem em nome da deusa se casaria com o senhor? Um homem nojento, que não sabe se comportar à mesa e que fede a vacas. Imagine seu peso sobre uma mulher cinco vezes, no mínimo, para engravidar a coitadinha...

A mesa toda se calou e Juliette observou o homem murchar e seu rosto atingir um tom muito forte de escarlate. O homem de fato era pedante e tinha ideias extremamente machistas, mesmo assim Davina se arrependeria amargamente de tê-lo

insultado, mas principalmente por ter tentado impedir que ela gerasse um filho. Além dos feitiços tolos, claro.

— Bom, senhorita, não precisa falar assim. Quero o que todo mundo sonha em ter e isso não é um crime. E mesmo que me ache repugnante, eu ainda acho que a senhorita seria uma excelente esposa para um homem de sorte, é linda como o céu estrelado.

A expressão de Davina era de repulsa e Juliette aproveitou-se do momento para acenar discretamente para Wallace que, sem se preocupar com cerimônias — afinal tudo já ia de mal a pior —, levantou-se da mesa e saiu do salão correndo.

— Eu entendo o que o senhor quis dizer. Não dê atenção à minha criada Davina. Ela é um pouco impulsiva às vezes; fala e faz coisas bastante impróprias.

Davina a encarou e a chama refletida em

PERIGOSAS ACHERON

seus olhos era fúria pura, o que fez Juliette sorrir ainda mais.

Instantes mais tarde, o caos estava formado.

— Fogoooooooooooo... — Ouviu-se o grito alarmante de Wallace, que descia as escadas com pressa.

— Fogo? — Juliette levantou-se, aparentando surpresa. — Onde está pegando fogo?

— Sim, milady, nos aposentos de lorde Gregor. É bom que corram ou o fogo se espalhará.

Gregor levantou-se em um impulso e Ian direcionou um olhar enviesado à cunhada, que apenas deu de ombros. Donald e Davina iam logo atrás de Gregor, afoitos.

Juliette viu quando os outros criados se levantaram, alguns seguindo para as cozinhas a fim de buscarem água e outros subiam correndo para prestar alguma ajuda.

Os únicos ainda parados junto dela na mesa

eram Ian e o senhor Rupert, que não tinha familiaridade com os ocupantes do castelo o bastante para oferecer ajuda.

— Senhor Rupert, como pôde ver a situação atual exige minha total atenção, vou pedir que lorde Ian o conduza até uma sala, onde poderá aguardar que as coisas se acalmem.

— Creio que deveria ir embora.

— Evidente que não, ainda vamos terminar nosso jantar. Mostre o caminho a ele, Ian; a terceira porta no último corredor.

Ian ergueu as sobrancelhas em descrença, finalmente compreendendo o que ela planejava. Sorrindo diabolicamente, conspirando com os planos absurdos, ele levantou-se e aguardou que o homem o acompanhasse desajeitadamente. Ian o conduziu pelo corredor estreito e pouco iluminado.

— É aqui, pode entrar e aguardar.

O homem passou pela porta e o encarou

PERIGOSAS ACHERON

surpreso.

— Mas isso é um quarto.

— Sim, é a única ala segura do castelo em caso de incêndio, volto logo.

Ian caminhou de volta para o salão, onde encontrou a cunhada, torcendo para que os planos de Juliette dessem certo.

— Vamos ajudar com o incêndio?

Juliette avistou Davina, que descia a escadaria encharcada, os cabelos pingando água e o corpo tremendo com o frio da noite.

— Pode ir, ainda tenho algo a fazer.

Ele sorriu.

— Claro que tem.

Subiu com agilidade, deixando as mulheres a sós.

— Deveria se trocar, Davina! Pode pegar um resfriado...

A criada lhe dirigiu um olhar ferino.

— Gostaria disso, não é mesmo? Espero que fique decepcionada, pois minha saúde é de ferro e não vai se livrar de mim assim tão fácil.

Juliette apenas deu de ombros como se não soubesse do que a outra falava, mas quando a viu caminhar apressada para o corredor de onde ela própria acabara de sair, refez a trajetória enquanto a seguia a uma distância segura. Quando viu que a moça abriu a porta do quarto, correu apressada. Ouviu as vozes exaltadas e Davina gritando com o homem por invadir seus aposentos. Estavam tão distraídos; ele tentando explicar que fora levado até ali para escapar do fogo e ela indignada com a invasão, que não perceberam quando Juliette puxou a porta e girou a chave que estava em sua posse, trancando-os ali.

Girou sobre os próprios calcanhares e rumou para o andar superior a fim de ver se já haviam apagado o fogo que ateara no colchão no

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

qual a meretriz havia se deitado, enquanto deixava que os futuros pombinhos se conhecessem melhor.

PERIGOSAS ACHERON



Capítulo 27

ALMA DESNUDA

Juliette

A nova condessa entrou no quarto, tratando de colocar no rosto uma expressão de espanto e nos pés a agilidade necessária para demonstrar preocupação. O que viu a alegrou um pouco mais; no centro do quarto a espiral de fogo finalmente diminuía, restando apenas poucas chamas teimosas, mas o colchão e a cama haviam virado cinzas.

— Meu Deus! O que houve aqui? — questionou, alarmada.

Gregor voltou-se na direção da voz dela, já
PERIGOSAS ACHERON

sorrindo.

— Nem imagino, suponho que deva ter deixado alguma vela acesa perto do colchão. Talvez o vento possa tê-la derrubado, não crê que assim foi?

— Teoria interessante. Provável que tenha sido exatamente o que aconteceu. Afinal, quem poderia ter feito isso?

Gregor apagou uma última labareda.

— Exatamente! Quem? — Voltando-se para os criados, ordenou: — Deixem tudo como está. Quero um minuto a sós com minha esposa e desceremos em seguida.

Wallace, Donald e até mesmo Ian saíram apressados, deixando o casal sozinho. Gregor admirou sua esposa à distância e sentiu seu coração se apertar, sabendo que seus temores apenas faziam com que se afastassem.

— Em primeiro lugar, peço que me perdoe

se a magoei, se tivesse esperado teria visto que não toquei nela. — Ele aproximou-se de onde Juliette o fitava de pé. — Não preciso de nada além do que tenho e nunca faria algo propositalmente para te machucar.

Juliette o olhou exasperada.

— Sei disso, mas ainda assim tem me escondido algumas coisas e não vou perdoá-lo enquanto não me contar tudo. Quero conhecer todas as suas facetas e isso inclui quem você foi e não apenas quem é hoje. Desejo saber sobre seu passado, viver com que és no presente e traçar com você um futuro, por completo, com transparência e honestidade. Não vou aceitar menos que isso, Gregor.

Ele assentiu, enfim reconhecendo que precisava se abrir para que pudesse confiar no que eram juntos.

— Eu sei que te devo algumas respostas e

explicações, mas peço que acredite que a amo com tudo que há em mim, apenas tenho vergonha do passado. É muito difícil para mim abrir mão desse segredo.

Ela trocou o peso do corpo de um pé para o outro.

— Pois perca a vergonha, nada que tenha feito, pensado ou vivido poderia minguar o amor e a devoção que tenho por você. — Suspirando, ela continuou: — Gregor, atirou vísceras em mim, seguiu-me pelo *Hyde Park* e caiu no *Serpentine*, atirou uma maçã na cabeça de um homem, apostou meu nome no *white's*, escreveu-me passando-se por seu irmão, participou de um duelo ferindo a um homem e arruinou minha reputação diante de minha família. Entende o que eu digo? Aceito-o com todas as suas excentricidades e idiossincrasias, mas exijo que se doe por completo em troca.

Ele apenas moveu a cabeça concordando,

PERIGOSAS NACIONAIS

um sorriso discreto enquanto recordava o longo caminho que percorreram até ali.

— Tudo bem. Mais tarde em nossa cama contarei tudo que deseja saber. Aliás, não tenho mais uma cama e ainda não entendi por que fez isso.

— Simplesmente porque me recuso a me deitar outra vez na cama em que estive antes com aquela dissimulada. Não aceito me deitar onde copulou com ela, não importa quanto tempo faça. Nem quero que você tenha contato com esse colchão imundo.

Ele riu de seu rompante.

— Juli, nunca estive com outra mulher nesta cama. Queimou a pobre injustamente.

Juliette pareceu desconectada por um instante.

— Bem, mas estive com essa bruxa ruiva.

Ele negou ainda sorrindo.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Não no meu quarto.

Com um gesto de desdém, ela dispensou as palavras do marido.

— Ela colocou aqueles pés imundos aí. Aposto que não vê um banho há um bom tempo e estava sobre a cama. Já é o bastante.

Gregor a fitava divertido.

— Por que diz que ela não toma banho?

— Sabes o frio que faz aqui? Duvido muito que ela, que nem mesmo tem uma banheira no quarto, banhe-se com frequência.

A gargalhada dele foi um conforto para Juliette, que apesar de não compreender, odiava vê-lo cabisbaixo pelos cantos.

— Mas se queimar meu colchão não foi uma maneira de jogar a culpa nela para que fosse demitida, não compreendo o que planejou.

Ela o observou por entre as pestanas longas, simulando um flerte.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Ah, Gregor, não me subestime assim que me ofendo. Se eu quisesse que Davina fosse demitida simplesmente, eu mesma teria feito. Para ela preparei algo muito mais específico, vamos descer e logo vai entender.

Acompanhando a esposa, que descia os degraus largos da escadaria exalando confiança, Gregor sentiu que a vida voltava a lhe sorrir. Ela não o desprezava ainda e ele trataria de resolver seus problemas e superar suas perdas passadas concentrando-se no futuro.

Retornaram para o salão, onde os criados aguardavam reunidos. Ian também estava presente, ansioso pelo desfecho da noite.

— Pois bem, infelizmente tivemos um inconveniente, mas agora podemos fazer nossa refeição em paz. Onde está meu convidado, o senhor Rupert?

Ninguém soube dizer.

PERIGOSAS ACHERON

— Eu pedi que aguardasse em uma das salas de espera enquanto resolvíamos o problema com o fogo, alguém pode procurar por ele?

Ian prontificou-se.

— Pode deixar que eu o encontrarei, vi quando seguiu para a ala leste do castelo. Imagino que esteja por lá.

Mas Juliette tinha outros planos.

— Não é preciso que vá. Gerlane, pode encontrá-lo, por favor? Prefiro que a senhora vá, pois precisa também chamar Davina, a pobre não chegou a comer.

A mulher a olhou sem entender bem o pedido; todos os criados conheciam o desdém da empregada pela nova patroa.

— Sim, senhora.

A mesa era comprida e havia vários rostos que Juliette ainda não conseguia atribuir nomes. Mesmo assim todos eles, sem exceção, levantaram-

se quando ouviram os gritos da cozinheira.

— É uma afronta ao nosso sagrado Deus!

Pelo jeito aquela era cristã como muitos dos escoceses que haviam deixado a religião antiga. Juliette sorriu animada, estava com sorte; quanto mais cristãos ali, mais pessoas escandalizadas com a fornicação da criada.

— Senhor Donald, tem as chaves de todos os aposentos, certo? Venha comigo, pelo amor do menino Jesus. Aquela desmiolada está trancada no quarto!

Donald, que não compreendia qual a tragédia, levantou-se com vagar.

— Acalme-se, mulher. Eu tenho, mas não estão aqui, terei que ir buscá-las. Espere mais um pouco.

— Ande logo, isso é um pecado absurdo!

Com a palavra pecado, vários dos criados que estavam de pé seguiram a empregada. Como o

PERIGOSAS ACHERON

mel doce atrai enxames de abelhas, escândalos atraem curiosos.

— Venha, Greg — disse Ian, levantando-se também. — Precisamos assistir em primeira mão.

Gregor acompanhou o irmão sem saber ao certo qual o problema, mas com a certeza de que sua bela esposa estava por trás daquilo e bastante desconfiado do que encontraria.

Enquanto todos em polvorosa agitavam-se no corredor, que já estava abarrotado, Juliette permaneceu sentada à mesa, aguardando pacientemente por seu jantar.

Qual não foi sua surpresa ao ver Donald retornando sem as chaves? Imensa.

— O que foi, Donald? Não encontrou suas chaves?

— Na verdade, não cheguei a procurar por elas, senhora. Temos visitantes inesperados.

Juliette surpreendeu-se, afinal a noite já

PERIGOSAS ACHERON

estava avançada.

— E quem é que está aí?

— Sua família, senhora. O marquês de Wheston disse que a carruagem deles deu um problema na estrada e por isso chegaram mais tarde que o planejado. Devo pedir que entrem? Estão todos no hall, aguardando.

O sorriso que surgiu em seu rosto não era apenas de felicidade por ver sua família, mas de deleite pelo momento oportuno.

— Faça-os entrar. Todos e rápido, por favor. Depois busque as chaves.

Donald atendeu ao pedido de Juliette e logo entravam todos no grande salão, como em uma procissão católica. Wheston acompanhado de Nicole, lady Caroline e lorde Albert que os seguiam de perto e logo atrás o pai de Juliette, que empurrava a esposa em uma cadeira de rodas.

— Oh, vieram todos! Mamãe, que

maravilhoso! Vejo que tem uma nova carruagem.

Os pais sorriram por vê-la, em um misto de alegria e repreensão.

— Meu *adorável* genro mandou que me fizessem uma.

Juliette notou pelo tom que adorável não era adjetivo para seu marido, evidentemente estavam descontentes com a fuga.

— E Helen?

Nicole prontificou-se a responder.

— Ficou em Derbshyre com as crianças, vai trabalhar cuidando de Adam e Cecília. Caroline deixou Josh com eles e viemos ver como estão saindo-se com o casamento, afinal fugiram de nós!

Juliette sorriu.

— Bom, tive alguns imprevistos desde que cheguei aqui, mas estou saindo-me bem em resolvê-los. Porém, no momento preciso de um pequeno auxílio. — Caminhou até onde estavam o

conde e a condessa de Devon, que observavam os arredores com aprovação. — Lady Caroline, seguindo por aquele corredor tem uma jovem criada trancada no quarto com um homem que não é seu marido; preciso que se casem, mas tenho medo que os criados decidam abafar o caso, pode ir até lá e lhes dar um incentivo?

Lady Caroline olhou para lorde Albert com um sorriso radiante.

— Chegamos na melhor parte! Quer vir comigo, Nicole?

Nicole assentiu alegremente e juntas as duas tomaram a direção indicada. Pouco depois, Donald passou por eles com as chaves.

Juliette correu para abraçar a mãe, que já tinha lágrimas nos olhos.

— Sua desnaturada! Fugindo sem nos dizer nada... — Foi a repreensão de Mary.

— Isso não é verdade, mamãe. Eu deixei

cartas avisando sobre meus planos.

O pai se aproximou delas, colocando uma mão sobre o ombro da filha.

— O que importa é que está casada, certo? Não vou precisar morrer em um duelo contra MacRae...

Juliette respondeu ao pai com um abraço.

— Claro que não, casamo-nos logo que chegamos à Escócia. Sentem-se à mesa, o jantar ainda não foi servido. Vou resolver essa questão sobre a criada e retorno logo.

Albert assentiu e auxiliou Jhon para que Mary pudesse tomar um lugar entre as cadeiras vazias. Wheston decidiu acompanhar a cunhada e a fim de ver o que realmente acontecia ali.

— Juliette, onde está MacRae?

— Logo ali, venha comigo.

Quando chegaram ao corredor, viram Donald finalmente abrindo a porta e uma Davina

furiosa saindo de lá. As roupas molhadas de seu uniforme moldando-se ao corpo e completando sua ruína. Logo atrás vinha Rupert parecendo ansioso para deixar o local e a companhia, que era tão odiosa quanto ele.

A voz de Ian se fez séria, anormalmente.

— Estavam sozinhos e trancados no quarto? Isso é um desrespeito ímpar! Em nossa casa! Logo o senhor que foi convidado pela anfitriã, desrespeitando-nos dessa maneira.

Davina encarou a todos com ódio.

— Alguém nos trancou aí dentro, não tive culpa alguma.

Gerlane deu um passo à frente, enojada com a cena que presenciava.

— Não acredito que tenha tido cabeça para isso enquanto todos estavam preocupados com o fogo. Sempre soube que era um pouco desavergonhada, mas jamais imaginei que chegasse

ao ponto de seduzir esse homem.

— Seduzir? Estão loucos, eu não fiz nada disso! Já disse, alguém nos trancou e acho que sei exatamente quem foi. — Virando-se para Gregor, ela tratou de destilar um pouco mais de seu veneno. — Foi sua esposa, Gregor, não vê? Ela me despreza por causa de nossa ligação profunda e preparou um ardil para que perca a boa imagem que tem de mim.

Gregor deu um passo à frente e a fitou com asco, finalmente a vendo como era.

— Como ousa levantar falso contra minha esposa? Quem pensa que é para maldizer sua senhora?

— Minha senhora? Faça-me o favor, ela não é nada minha.

Juliette deu um passo à frente, mas foi Nicole quem falou:

— Vejo que tem uma Ana em sua casa, minha irmã. Lembra-se da criada que trabalhava

para nós e quase matou Cecília congelada na chuva? É como essa aí, ponha essa víbora daqui para fora.

— Sim, soube que Davina também prefere evitar as criancinhas — Juliette respondeu a irmã e Davina a encarou, finalmente percebendo que havia sido descoberta.

Mas lady Caroline, que reconheceu de imediato os planos de Juliette, apressou-se em auxiliar para que o foco fosse mantido.

— Pôr para fora? Após ter sido usada por esse homem, que para mim nada tem de cavalheiro, é imprescindível que se case com a moça, senhor. Por mais que ela tenha o seduzido, o senhor não resistiu. Se não assumir suas responsabilidades por tê-la desonrado, irei espalhar sua vergonha para todos os jornais, de Londres a Edimburgo.

Rupert deu um passo à frente, os olhos esbugalhados diante da ameaça.

— Não é necessário, claro que me casarei com a jovem.

Juliette sorriu para o homem.

— Evidente que sim, sei que és um homem honrado. Percebe, Davina? Mesmo que as circunstâncias não sejam as ideais, não ficará desamparada.

A mulher girou sobre os próprios pés, encarando Juliette, esbaforida.

— Foi você! Eu sei que armou isso contra mim, mas não vai adiantar de nada, eu não vou me casar com esse homem.

Gregor adiantou-se, colocando-se ao lado da esposa.

— Davina, foi criada neste castelo, seus pais moram em minhas terras, é uma moça de família, por mais que não venha comportando-se como uma. Não vou permitir que dê essa tristeza para seus pais, vai se casar sim e inclusive...

Wallace — chamou o rapaz atrás dele. — Chame os pais dela, por favor. As coisas serão feitas de maneira correta.

O rosto de Davina foi tingido de vermelho, a raiva borbulhando na superfície e então ela explodiu.

— Seu hipócrita! Quando se deitava comigo não tinha tanta moral assim. Foi só trazer essa maldita inglesa para cá que passou a se achar melhor que eu? Você é marcado, Gregor, nunca vai ser feliz com essa, essa... rameira! — A última palavra foi dita em voz alta, estridente.

O silêncio caiu em absoluto sobre todos, os criados olhavam de Gregor para Juliette.

— Pode ser que não, mas isso não nos diz respeito, Davina. Você ultrapassou todos os limites — avisou Gerlane, que apesar da repreensão, não discordava totalmente.

Os olhos de todos estavam fixos em Davina,
PERIGOSAS ACHERON

que respirava pesadamente, o ódio ainda tingindo sua face.

Juliette deu um passo à frente e olhou nos olhos da outra.

— Pode bater, Juliette — Nicole sussurrou, porém audivelmente.

— Não — interrompeu Ian. — Nada de brigas para minha cunhada.

Juliette queria agarrá-la pelos cabelos e arrastá-la dali para fora, mas sentia que a própria mulher se afundava ainda mais com suas palavras, como alguém preso em areia movediça que luta bravamente para se livrar e todos os seus movimentos apenas acabam por lhe matar. Juliette precisava usar as palavras com perfeição para que a outra não pudesse escapar da justiça que armara contra ela.

— Escute aqui, todos acabam de ouvi-la dizer que se deitou com Gregor antes que ele se

PERIGOSAS ACHERON

casasse e agora com Rupert; e Deus sabe com quantos mais. Creio que se casar seja a melhor alternativa, pois com certeza não haverá outro homem que a aceite.

Lady Caroline falou, animada com a cena.

— Principalmente depois dos tabloides...

— Tabloides? Quem são vocês para se intrometerem em minha vida? A senhora dos jornais aí, nunca vi mulher mais alcoviteira. Acaso não sabe que sou uma criada apenas? Jornais não se importam com minha ruína...

— Mas eu me importo. — A voz do homem estava séria, enquanto ele abria caminho entre a multidão aglomerada. — Sou seu pai e a menos que queira viver na rua a partir de hoje, o casamento será realizado agora mesmo.

Davina olhou para o pai que acabara de chegar, acompanhado da mãe, que chorava copiosamente. Apesar de a voz ter diminuído a

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

altura um pouco, ainda o desafiou uma vez mais.

— Eu? Casar-me com esse porco? Nunca!

Gregor direcionou um olhar para Rupert, que se ocupava em inspecionar as curvas dela destacadas pelo tecido úmido.

— O que pensa disso, senhor Rupert?

— Penso que ela não tem mesmo escolha, afinal tudo que houve entre nós dois... não dá para voltar atrás.

Finalmente a moça voltou sua atenção para o criador de vacas.

— O quê? Por que está dizendo isso? Sabes muito bem que nada aconteceu.

Ian adiantou-se antes que o homem mudasse de ideia.

— Já posso ver seus cinco filhos, Rupert, serão lindos se puxarem os cabelos e olhos da mãe, não acha? É um homem de sorte por arrumar uma esposa tão... bela.

PERIGOSAS ACHERON

Rupert sorriu animado, esfregando uma mão na outra.

— É verdade, lorde Ian. Um pouco arisca, exatamente como eu disse antes sobre as vacas, mas eu sei bem como amansar e domar esse gênio difícil.

— É mesmo? — perguntou Ian sorrindo. — Logo, logo terá uma boa esposa, costurando suas meias e preparando seu jantar.

— Claro. Podemos nos casar agora mesmo, meus pés estão doendo e é bom que logo em seguida poderemos ir embora. Hoje ainda minha esposa poderá me agradar, massageando meus pés.

— Perfeito! — Animado com o aceite fácil, Ian concluiu: — Fiz um casamento essa semana, posso fazer outro se todos estiverem de acordo.

Ninguém mais se pronunciou.

O casamento aconteceu em questão de minutos, com dezenas de pessoas testemunhando;

nenhuma delas gostava do noivo e a maioria detestava a noiva. Pouco depois, os noivos partiram, Davina levada para a pequena casa, que agora dividiria com o esposo e todas as suas vacas.

Um pouco mais tarde, a mesa estava outra vez cheia, os alimentos foram aquecidos e os visitantes inesperados sentaram-se, assim como os criados. Um grupo um tanto incomum.

— Juliette teve a ideia de oferecer um jantar para nossos criados, a ideia era comemorar nosso casamento, então é ótimo ter todos aqui conosco. Creio que o atraso tenha sido oportuno afinal. — Gregor sorria diante da mesa abarrotada de pessoas que não poderiam ter menos em comum.

Wheston, que há pouco tempo começara a se relacionar um pouco melhor com os criados, ainda se sentia desconfortável com tantas pessoas desconhecidas ali, mesmo assim se mostrava

contente em participar daquele momento.

— Quando Helen nos disse que Juliette havia fugido, mamãe ficou assustada, brigou com Caroline dizendo que era tudo culpa dela, mas logo Carol nos convenceu que de certa maneira talvez fosse melhor assim.

O pai da noiva parecia não estar de acordo com o arranjo.

— Não me convenceu. Por mais que esteja feliz em ver que o casamento aconteceu, poderia ter sido feito da maneira tradicional.

Gregor acenou concordando.

— Estou certo que seria ótimo também, mas Juliette estava infeliz, não queria o casamento como estava sendo preparado. Esteja certo, senhor, de que tudo que fiz foi para vê-la sorrindo. Sei que sua filha poderá lhe dizer que a cerimônia foi belíssima.

Todos os rostos se voltaram para Juliette,
PERIGOSAS ACHERON

que narrou em detalhes como havia acontecido, frisando as partes mais românticas e arrancando suspiros das damas ali presentes.

Um pouco depois, outro assunto seguiu aquele.

— Tem notícias de Devonshire, Wheston?

— Apesar de não ter dito nada que mostrasse isso, Juliette sabia que Gregor se culpava pelo incidente e que se preocupava com o ferimento do duque.

Mathew assentiu, também compreendendo, mas foi lorde Albert quem explicou a situação.

— Fomos vê-lo dois dias após o ocorrido. De acordo com o médico, ele voltará a andar em alguns meses. Pode ser que fique alguma sequela, talvez um coxear venha a persistir, mas é provável que se recupere quase por completo.

Wheston olhou para a cunhada.

— Sabe, quando estivemos lá, ele perguntou por Helen. Queria a todo custo saber

PERIGOSAS ACHERON

onde estava, quem era e quais informações podíamos lhe dar.

Juliette limpou a boca delicadamente e ergueu o rosto, tentando não entregar o quanto aquilo a deixava perturbada.

— E o que disseram? Contou que ela ficaria em sua casa?

Mathew negou.

— Não, disse a ele que não conheço bem os criados de meus pais e que não sabia quem era a moça, que mal a notei no dia em que ele a viu e reconheceu como Mary. Percebi que ela não queria que o duque soubesse seu paradeiro, porque estava desesperada para partirmos para o campo e notei também que você a havia acobertado, então preferi nada dizer.

— Certo, fez bem. Eu não sei exatamente qual o problema entre os dois, mas sei que Helen tem medo dele e acredito que tenha seus motivos,

por mais que não acredite que seja um homem mau.

— Sim, ele nos disse algumas coisas estranhas — Albert contou. — Pareceu-me uma história bem esquisita.

Lady Caroline concordou com vivacidade.

— Sempre me pareceu uma criada bastante incomum e muito misteriosa.

Juliette aquiesceu.

— Sim, Helen é única.

O jantar continuou; os criados mantinham o assunto entre eles enquanto a família se divertia comentando sobre os feitos de Gregor e compartilhando as próprias histórias.

Apenas bem mais tarde, quando os convidados foram conduzidos para seus quartos, foi que Gregor se lembrou da conversa que teria com Juliette. Nem mesmo entraram no quarto dele, que deveria ficar aberto por um tempo até que o cheiro de fumaça saísse. Passaram direto para os

PERIGOSAS ACHERON

aposentos de Juliette.

— Ande logo, Gregor, quero saber tudo —
inqueriu sem perambulo.

Gregor atirou-se sobre a cama, apoiando a
cabeça sobre as almofadas espalhadas.

— Nem mesmo sei por onde começar —
respondeu pensativo.

— Bom, pelo início, eu acho... Seus pais?
— Juliette sentou-se diante da penteadeira,
começando a soltar os cabelos.

Ele negou.

— Não, tudo começou bem antes deles.
Lembra-se de que no *hogmanay* te contei uma ou
duas lendas? Então, nossa cultura é recheada de
mitos e crenças; muitos abandonaram a religião
antiga totalmente, mas vários outros ainda
acreditam em tudo isso. Principalmente aqui nas
terras altas, onde o contato com a natureza é muito
maior. Essas histórias têm uma facilidade em se

espalharem e se fixarem.

— Sim, acho lindo isso. Mesmo que eu não acredite nas histórias, não vou negar que tem certo apelo. É instigante.

— Nem sempre. O clã MacRae já foi muito poderoso, isso quando a Escócia era independente, hoje ainda tem várias pessoas que usam esse nome com orgulho, mas as coisas mudaram muito. Nesse tempo em que a Escócia ainda era livre e vivia em meio às batalhas com a Inglaterra, viveu um antepassado meu, neste mesmo castelo.

Juliette apenas assentiu.

Gregor observava os cachos sedosos caindo, as mãos dele ansiando por tocá-los e as palavras presas em sua garganta.

— O que aconteceu?

— Ele se apaixonou por uma inglesa, mas já tinha um relacionamento com uma escocesa e a moça era uma bruxa. Se hoje ainda existem

mulheres aqui que fazem suas feitiçarias, na época era muito comum. Ela, ressentida por ter sido abandonada, lançou uma maldição em toda a descendência dele, de que todos seriam infelizes no matrimônio caso se casassem com inglesas; ninguém sabe quais foram as exatas palavras dela, mas, desde então, todos os homens da minha família acreditam carregar esse fardo.

Gregor esperou que Juliette fizesse alguma piada, que risse dele ou o chamasse de estúpido, mas ela apenas se levantou da penteadeira e caminhou até ele, deitando-se ao seu lado na cama.

— Essas bruxas malditas... E foram infelizes?

— Não tem ideia de como. Sei que parece tolice, mas meu tataravô sofreu muito pelo que contam com uma esposa horrível. Meu bisavô tentou escapar da maldição não se casando com a mulher que amava e foi infeliz da mesma forma e

meus avós também não se davam bem.

Ela sentiu que seu coração diminuía de tamanho, já pressentindo o que viria e sofrendo por ver como aquilo o afetava.

— E então, seus pais...

— Meu pai se apaixonou instantaneamente e minha mãe parecia gostar dele. Por mais que meu avô fosse um conde, na época alianças por razões políticas eram comuns e para firmar ainda mais a amizade entre nosso clã e os ingleses, planejaram o casamento deles, um acordo entre meus dois avós; meu pai tinha pouco dinheiro aqui na Escócia e minha mãe tinha um bom dote, então eles se casaram. Logo os problemas começaram; minha mãe odiava a Escócia, o clima, as pessoas e a falta delas, até mesmo as comidas e, por fim, passou a detestá-lo também.

Juliette se remexeu, colocando-se mais perto dele.

— Mas e quanto a vocês? Os filhos?

— Eles ficaram juntos em algum momento, pois tiveram a mim e Ian, mas não tenho uma única lembrança boa deles. Minha mãe evitava ficar aqui e partia para Londres sempre que podia, mas meu pai não gostava. As viagens começaram a ficar mais frequentes e longas e ele sabia que logo ela não voltaria mais, então a proibiu de ir. Ela o afastou por completo. Eu sempre o ouvia bater na porta que separava os quartos, implorando que o deixasse entrar e ela apenas o ignorava, fingia não ouvir quando sabíamos que até os criados podiam ouvir lá embaixo os gritos dele.

— Isso é muito triste. Vocês iam com ela para a Inglaterra?

— Nessa época Ian ainda não havia nascido e às vezes ela me levava junto. Não parecia se importar comigo, mas também não me maltratava. Um dia, descobriram que teria outro filho; eu ainda

era pequeno e meu pai ficou furioso, pois ele não tinha certeza que era dele porque minha mãe, de acordo com ele, estava tendo um caso.

— Ah, Gregor, isso é horrível. — A mão dela envolveu as dele, que estavam fechadas em punho, como se fosse muito difícil narrar aqueles acontecimentos.

Um riso sem humor escapou dos lábios dele.

— Fica muito pior. Ela disse que o bebê poderia ser dele, lembro-me como se fosse ontem. Segundo ela, meu pai a havia forçado algumas vezes, eu não entendia na época o que significava e, levando em conta como ele estava sempre fora de si, não duvido muito que o tenha feito. Além disso, ele assumiu Ian, então imagino que houvesse alguma chance mínima de que fosse filho dele.

Juliette sentiu que seus olhos começavam a lacrimejar diante da dor de tudo aquilo que ele lhe

PERIGOSAS ACHERON

contava.

— E Ian, sabe disso?

Gregor apenas deu de ombros.

— Nunca lhe disse nada, não havia razão. Mesmo porque não sei com certeza de nada. Meu pai disse que assumiria o bebê e que ela nunca mais veria seu amante, pelo qual estava loucamente apaixonada. A princípio não era uma má pessoa, mas foi transformando-se aos poucos. A partir, daí trancou minha mãe no alto de uma das torres e alguém era responsável apenas por alimentá-la diariamente. Ela não podia mais sair de lá.

— Eu sinto muito, Gregor. Você ainda podia vê-la?

— No início, me levavam lá uma vez por semana, mas depois de um tempo as coisas ficaram insuportáveis. A gravidez foi avançando e com ela a insanidade de minha mãe. Eu era só um garoto, não entendia por que ela me odiava tanto, mas

PERIGOSAS ACHERON

sempre que ia vê-la, ela gritava e me expulsava até que deixaram de me levar com frequência. Às vezes, minha mãe tentava se matar, fazer mal a ela mesma e ao bebê, e então, quando ia visitá-la, eu a encontrava amarrada. Na verdade, foi um alívio quando não me deixaram mais ir, foi aterrorizante como ela deixou de existir logo que descobriram a gravidez. Em um momento enfrentava meu pai sobre a legitimidade de Ian e logo depois estava ensandecida.

— E seu pai? Como ele lhe tratava?

— Meu pai matou o homem que era amante dela e passou muitos anos bebendo para esquecer, nem mesmo se lembrava que tinha filhos na maior parte do tempo. Infelizmente para mim, acabei bebendo mais do que deveria também e metendo os pés pelas mãos muitas vezes.

— Não é a mesma coisa. Você é um homem bom e não é um alcoólatra inveterado.

Gregor não estava mais ouvindo, estava perdido em suas lembranças.

— Ian nasceu quando eu tinha mais de cinco anos e me deu algo em que me focar, eu precisava protegê-lo deles, precisava que ele tivesse o amor de alguém. Não queria que as pessoas mais próximas dele fossem os criados ou os tutores rígidos que eu tinha, então ajudei as empregadas que cuidavam dele desde pequeno. Depois, a medida que ele foi crescendo, fomos tornando-nos amigos.

Juliette lhe sorriu com ternura.

— Você deu uma família a ele, mas também ganhou alguém que se importa com você.

Ele assentiu.

— Sim, ele foi a melhor coisa que poderia ter me acontecido. Minha mãe morreu um pouco depois, acabou definhando em um sofrimento tão pungente que a levou à loucura. Meu pai nunca

PERIGOSAS NACIONAIS

parou de beber e nem mesmo de amá-la. Ele sofria pela rejeição, pela morte dela e acredito que principalmente por tudo que fez a ela. Sempre atribuiu tudo isso à maldição. Segundo ele, foi a maldição que o atraiu para ela no início e foi por ela que ele foi desprezado, foi o que levou minha mãe a ter um amante e a morrer... Por fim, foi o que o conduziu a cavar a própria sepultura.

— Nossa, ele deixou que toda sua vida girasse em torno disso...

O escocês a fitou e Juliette não viu ali o homem grande e másculo de sempre, mas um menino, um garoto perdido que nunca tivera o amor de sua mãe, que morrera afundada na loucura, ou de seu pai, que era um homem morto, mesmo em vida.

— Eu sei que deve parecer que sou um tolo, mas essa maldição é a crença de todos neste castelo e é por isso que...

PERIGOSAS ACHERON

Ela assentiu.

— Por isso que me olham como se eu fosse o próprio diabo.

Ele sorriu, um sorriso triste.

— Sim, não acreditam que possamos ser felizes juntos.

— Não me parece tolice que creiam nisso. Você cresceu aqui, vendo tudo isso acontecer com seus pais, as únicas pessoas que tinham como obrigação amá-lo e cuidarem de você, mas que viveram em um tormento que atribuíram à maldição. É natural que tenha acreditado nela. Estudou com tutores a vida toda?

— Meu pai pagou para que eu tivesse uma boa educação em casa antes de finalmente ir para Eton, aí sim as coisas começaram a mudar. Aqui estava cercado pelos criados, que sempre me lembravam do que me aconteceria caso desposasse uma inglesa. Tinha uma senhora que trabalhava

aqui... Ela já morreu têm uns anos, mas me lembro que sempre que podia me levava para ver minha mãe; segundo ela, era para me recordar de nunca cometer o mesmo erro de meu pai.

Juliette crispou os lábios, o desagrado óbvio em suas feições.

— Sorte dela que morreu, ou eu mesma a mandaria para a cova. Imagino que se referia ao erro de se casar...

Gregor esboçou um sorriso diante da irritação dela.

— Sim, mas principalmente o de me casar com uma inglesa. Em Eton, conheci Wheston, fiz outros amigos e temi por Ian, que ficou aqui tendo que lidar com tudo aquilo. Ele não se recorda de nossa mãe, acho que nunca o levaram até ela porque logo que ele nasceu ela já nem mesmo se parecia com um ser vivo. Ian conviveu com meu pai, mas o estrago que ele causava era menos

assustador, nada mais que um bêbado.

— E então você decidiu que nunca iria se casar? Sua convicção sempre foi por causa da maldição... Agora entendi toda sua resistência ao matrimônio. Não poderia ser diferente, vendo tudo que viu...

— Eu decidi na adolescência que não precisava ser infeliz, bastava que não me casasse. Comecei a sair; podia ter várias mulheres sem de fato me envolver emocionalmente com nenhuma delas e deixei de pensar na maldição por um tempo. Vivendo entre o castelo e Londres, indo e vindo, a força daquele jugo começou a esmorecer aos poucos, mas então meu pai morreu...

— Sinto muito. Teve que voltar para cá e acabou por se recordar de tudo.

— Não foi isso. Juliette, nunca contei isso a ninguém, é um segredo apenas meu e de Ian, mas quando meu pai morreu, as coisas apenas pioraram.

Juliette sentiu que seus olhos transbordavam de emoção, as lágrimas escorrendo pelo rosto acompanhando as do próprio Gregor, que diante das recordações, não pôde mais se conter.

— Por quê?

— Meu pai ficou acamado por dias e depois morreu, essa é a versão que contamos a todos, até mesmo os criados da casa creem nisso. A verdade é que, após alguns dias de cama, sofrendo de uma gripe que o castigava com uma febre forte e que poderia, quem sabe, até tê-lo matado mesmo, ele começou a alucinar. Via minha mãe e, às vezes, quando íamos falar com ele, estava chorando e conversando com ela.

— Ah, meu amor...

— Um dia, eu entrei e ele não estava na cama, as cortinas estavam fechadas e eu não o vi de imediato. Chamei por ele e não obtive resposta. Lembro-me de que por um momento pensei que

pudesse ter melhorado, mas então eu o vi... atrás das cortinas; ele havia subido na janela e se pendurado pela corda. Fiquei tão aturdido com a cena que não fiz nada, apenas observei seu corpo já sem vida que oscilava junto com o tecido, os pés que não tocavam o chão. Era impossível que cortinas pesadas e presas na pedra caíssem, libertando-o, acredito que tenha morrido imediatamente após ter saltado.

Juliette apenas encarava o marido, esperando que concluísse a narrativa. Não ousou dizer nada, apenas acariciava seu rosto banhado pelas lágrimas enquanto ele se perdia em meio às lembranças.

— Então, Ian entrou; creio que tenha ficado tão assustado com a cena quanto eu. Juntos tiramos ele de lá e o deitamos na cama. Se alguém mais notou as marcas arroxeadas em torno do pescoço, nada disse... Fizemos o funeral dele e as únicas

PERIGOSAS ACHERON

peessoas que compareceram foram os empregados, além de nós dois.

— Isso renovou suas crenças na maldição...
Ele assentiu.

— Encontramos uma carta, que ele escrevera antes de se matar para mim e Ian. Na carta ele dizia muitas coisas... Quer que eu a leia para você? É horrível...

— Está aí? Agora? — Juliette ergueu o sobrolho, indagando.

— No meu bolso — respondeu timidamente.

— Dê-me, eu mesma lerei.

Gregor lhe estendeu o papel já amassado e Juliette o abriu diante dos olhos. Enquanto ia assimilando cada palavra, as lágrimas iam caindo de seus olhos com abundância. Em alguns momentos, um soluço estrangulado era ouvido e Gregor aproximou-se um pouco mais, abraçando-a.

PERIGOSAS NACIONAIS

Quando ela enfim retirou os olhos dos papéis, seu rosto estava corado.

— Eles não podiam ter feito isso com você, não tinham esse direito de ditar o que deveria viver ou não, fazendo com que girasse em torno dessa maldição apenas porque fizeram escolhas ruins.

Juliette compreendia que as pessoas na Escócia e, em outros países com a mesma ascendência, eram mais crédulas e supersticiosas, mas imaginar que seu marido, outrora um garotinho, fora vítima de tal fé a destroçava.

A voz dele fez com que erguesse os olhos outra vez.

— Eu conheci você e a princípio tudo bem, seria um envolvimento apenas físico. Mas então Wheston te deu o dote e você partiu e fiquei aqui, lutando para não ir atrás de você, para não agir diante da falta que me fazia e fiz tudo para evitar procurá-la, mas não resisti.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Então começaram as cartas...

— Era uma maneira de saber sobre você sem de fato me mostrar interessado, mas então me contou sobre o duque e eu pensei *"vou até lá para ver o bebê do Wheston, não tem nada a ver com ela. Já estou farto de cortar lenha."*

— Cortar lenha?

— Isso não vem ao caso, mas então eu fui... A cada minuto que passava perto de você, ou longe, tudo me fazia te querer mais. Quando não podia mais resistir ao que sentia, quando percebi que contra todas as minhas tentativas de detê-la, você tinha se esgueirado sorrateira para dentro do meu coração e que minha alma já era sua, procurei Mathew e contei a ele sobre a maldição, apenas parcialmente, sem entrar em detalhes demais. Ele me convenceu de que era bobagem e que eu ditava as minhas próprias regras, então a pedi em casamento daquela maneira linda e convencional.

PERIGOSAS ACHERON

Juliette soltou um riso baixo, enquanto secava uma última lágrima teimosa.

— Mas fui estúpido, voltei para cá com você sem avisar a ninguém e todos estavam despreparados, olhavam-na com medo do que enfrentaríamos com nosso casamento e me encaravam com piedade. Alguns mais íntimos chegaram a me questionar sobre a certeza do que eu havia feito e eu me esforcei para não dar ouvidos para eles, até a outra noite.

Ela revirou os olhos diante das palavras.

— Quando aquela bruxa entrou no seu quarto.

— Ela me lembrou de minha mãe e não pude deixar de pensar em você, temendo que fosse acontecer o mesmo. Lembrou-me do meu pai e eu... bem, não pude deixar de pensar que as coisas poderiam se repetir. Quando eu a expulsei de lá, porque é claro que eu não a tocaria, fui procurar por

você e não a encontrei. Mais tarde, quando a ouvi chegando ao quarto, testei a porta e estava trancada. Aquilo fez com que as lembranças voltassem claras. Meu pai esmurrando a porta, pedindo para que ela a abrisse; eu me afundei em desespero. Foi uma estupidez sem tamanho, mas nem me passou pela cabeça que pudesse ter nos ouvido e que por isso não me deixou entrar.

Juliette levantou-se e recostou o corpo no encosto da cama.

— Venha cá.

Gregor deitou a cabeça sobre o colo da esposa e ela passou a acariciar os cabelos dele.

— Agora é minha vez. Eu cresci em uma família amorosa, meus pais cuidaram de nós até que não puderam mais e então nós cuidamos deles. Foi assim que eu cresci, foi como aprendi e é isso que está enraizado em mim. Nossa família será assim, Gregor. Nunca teve amor ou o cuidado de

sua família, mas eu estou aqui agora e prometo que nunca vai lhe faltar nenhuma das duas coisas. Todo meu amor é seu e, quando um dia tivermos nossos filhos, o amor será multiplicado. Não vou rir do que você acreditava jamais, pois entendo o que o levou a isso, entendo a cultura rica do seu povo e sei que ter crescido aqui, cercado por tudo isso, tornou as coisas mais reais. Entendo a dor que tornou essa crença razoável, mas quero que saiba que, se um dia essa maldição existiu, e não estou dizendo que acredito nela, mas se um dia foi real, ela não é mais.

Gregor ergueu os olhos e o que viu foi o bastante para reconfortá-lo. Os sentimentos refletiam-se nos olhos verdes de sua esposa.

— Sei que muitos acreditam nisso aqui e não será minha palavra que irá convencê-los do contrário, mas uma vida de amor, dedicação e felicidade mútua deve bastar. Eu amo você, Gregor,

PERIGOSAS ACHERON

com cada fibra do meu corpo. O que sinto por você não é o que me mantém viva, mas é o que torna minha existência válida. Antes de te conhecer, minha vida não era triste, mas não havia adrenalina, não havia paixão e nada que me fizesse ansiar pelo amanhecer todos os dias. Agora meu ânimo é infindável, anseio pelos dias para passá-los ao seu lado, para vê-lo e sentir o magnetismo que me atrai para você e desejo com ainda mais ardor pelas noites que poderei passar em seus braços. Eu sou tua e você é meu e qualquer coisa fora disso, não é forte o bastante para nos atingir.

— Nunca vai me deixar de fora?

Ela negou.

— Inclusive, acredito que possamos aproveitar o incidente com o fogo para nos mudarmos de quarto, aconteceram muitas coisas horríveis aqui e não quero esse cenário de dor enquanto construimos nossa vida plena e muito,

muito feliz.

Gregor sorriu para ela.

— Sempre julgando os pobres quartos. Acha mesmo que dormiria onde meu pai morreu, Juli? Aquela ala do castelo foi posta abaixo e reconstruída como quartos de hóspedes e uma biblioteca pequena. Aqui era outra ala para os hóspedes, que transformei nos aposentos principais.

— E mesmo não querendo se casar nunca, fez um quarto para sua condessa? Muito suspeito.

Nem mesmo ele encontrou o que dizer sobre os aposentos.

— Bom, não sei o que dizer quanto a isso...

Juliette aquiesceu e, pensativa, começou a divagar sobre as mudanças.

— Então está bem, vamos derrubar essa parede, você nunca mais ficará de fora, nem da minha cama e nem do meu coração. Gosta de apostas, não é? Faça uma comigo, vamos provar

PERIGOSAS NACIONAIS

para esse povo crédulo, isso inclui você, que se existia uma maldição, nós a quebramos.

— Quero o mesmo que você, não posso apostar contra nossa felicidade.

— Estamos apostando contra a maldição e contra todos que duvidam de nós. Já perdeu uma aposta?

O escocês negou com convicção.

— Não posso dizer que tenha perdido.

— Pois então, somos eu e você contra o mundo e ele que se cuide. Meu *highlander* não aposta para perder.

— Minha devassa sempre vence.

O sorriso dele era de cumplicidade e o olhar de pura devoção; os olhos azuis mais escuros tendo apenas as chamas da lareira iluminando-os. De repente, fitou os lábios dela e o clima mudou, apesar de as palavras que foram ditas ali ainda pairarem sobre eles, o desejo se sobressaiu e

PERIGOSAS ACHERON

Gregor tomou os lábios de sua esposa em um beijo ardente, que entregava a ela tudo que ele era, o menino que havia sido, o rapaz que precisou ser e o homem que seria ao lado dela. Passado, presente e futuro compartilhavam a mesma cama.

Juliette puxou-o sobre si e, ainda mais apaixonada que antes, entregou-se aos beijos e carícias de seu amado. Gregor a marcou outra vez como sua, jurando a todos os deuses, os dele e o dela, que a única crença que o afetaria para sempre seria a confiança que tinha nos sentimentos de sua mulher e no amor que tinham um pelo outro.



Capítulo 28

O FIM É UM NOVO COMEÇO

Gregor

O dia amanheceu diferente. Observando pela janela do quarto de Juliette, que agora também era seu, ele notou que o clima nas *highlands* permanecia o mesmo. Por mais que o verão estivesse no auge, o frio era sempre presente ali em cima.

O que havia mudado era definitivamente algo dentro dele. Fitou Juliette, que ainda dormia sobre a cama, os cabelos pretos espalhados ao redor do rosto, o corpo envolto por várias mantas e o ressonar tranquilo. Sua esposa mudara algo dentro

PERIGOSAS ACHERON

dele.

Por mais que soubesse que, vez ou outra, as lembranças do passado pudessem voltar para assombrá-lo, Gregor estava certo de que os braços dela sempre estariam ali, para abraçá-lo, provando mais uma vez que a felicidade era real.

Essa tangibilidade do sentir-se completo era o que havia mudado. Ele podia quase tocar a completude, a alegria de saber que amava e era amado, que nada poderia se impor entre eles.

Nada a não ser Ian, que agora esmurrava a porta, chamando por ele.

— Greg, ande logo, homem. Está aí?

Gregor quase revirou os olhos, mas não o fez. Atitude que caberia melhor em mulheres. Abriu uma fresta da porta para que Juliette continuasse fora das vistas de curiosos e Gregor inquiriu o irmão.

— O que foi?

PERIGOSAS NACIONAIS

— Preciso falar com os dois, mas sem que os visitantes estejam por perto. Podem descer e me encontrar no seu escritório?

Gregor estranhou a atitude.

— Não me diga que temos problemas.

Ian negou, sorrindo.

— Não, não é um problema.

Um aceno concordando e logo Gregor fechou a porta outra vez. Juliette, que despertara com a conversa sussurrada dos dois, fitava-o sentada no centro da cama.

— Vamos descer?

Enquanto subia outra vez para a cama ao lado da esposa, Gregor sorriu deliciado.

— Logo, logo. Deixe que ele espere um pouco mais...

Gregor entrou por baixo das mantas e encontrou a esposa nua, como havia deixado na noite anterior.

PERIGOSAS ACHERON

Delineou com as mãos o caminho que seguia pelas coxas esguias até encontrar o centro de seu prazer. O dela e o dele. Então, tomou-o nos lábios, perdendo-se ali.

Entre suspiros e espasmos, Juliette soube que não havia maneira melhor de iniciar um dia.



Um pouco mais tarde, entraram os dois no escritório.

Se Ian fosse menos esperto e não houvesse já presumido o que os detivera, os sorrisos bobos desenhados nos rostos dos dois bastariam para isso.

— Enfim terminaram, desse jeito terei dois sobrinhos logo.

Ergueu a sobrancelha, esperando que compreendessem a brincadeira. Nada.

— Querida cunhada, como se sente nesta

manhã?

Ela sorriu.

— Particularmente bem.

Falhou outra vez.

— Um pouco enjoada, talvez?

Juliette negou.

— Não, sinto-me bem mesmo.

— Hum, as coisas não estão sendo como planejei. Vamos tentar de maneira diferente então, deem-se um tempo para pensar.

Gregor, estranhando aquela conversa, decidiu ser mais contundente.

— Ian, tirou-nos da cama. No mínimo, espero que tenha algo importante para nos dizer. Que conversa é essa de que em seus planos Juliette estaria passando mal?

A boca de Ian se abriu para explicar, mas Juliette o interrompeu.

— Se bem que... agora que disse, não

parece que estou sentindo-me tão bem quanto antes.

Gregor olhou de um para outro.

— O que ela tem, Ian? Sabe o que está acontecendo?

— Isso apenas Juliette poderá confirmar, mas estou quase certo que sim. Lembra-se de quando Gerlane passava uma temporada inteira vomitando? Desmaiando pelos cantos e com drásticas mudanças de humor? O que chegou para ela no fim de cada uma das oito vezes em que esteve assim?

Os olhos de Gregor poderiam ter saltado das órbitas.

— Está dizendo que... que... está dizendo que Juliette, assim como nossa cozinheira...

— Sim, achei melhor não falar diante da família dela e contar para os dois, que ficaram tão concentrados em discutir que nem notaram os

PERIGOSAS ACHERON

sinais.

Juliette, ainda sem compreender a conversa estranha, sentou-se em uma cadeira.

— Acho melhor encerrarmos essa conversa logo, tenho quase certeza de que vou vomitar em breve. Parece que meu cunhado desencadeou uma onda de enjoo terrível.

Gregor a encarava radiante, o que era muito bizarro, levando em conta as últimas palavras que proferira. Juliette o questionava sobre isso quando ouviram um ribombar suave de batidas na porta.

— Juliette, querida, está aí?

Nicole.

— Sim, pode entrar.

Ian puxou os cabelos enquanto silenciosamente dizia "*Nããão*" apenas com os lábios. Gregor continuava a sorrir e logo Nicole e Caroline entraram.

— Bom dia, senhores. Bom dia, querida.

Viemos anunciar que partiremos ainda esta tarde, viemos apenas para vê-la e por... Bom, obrigação de ter certeza acerca do casamento. As crianças estão em casa e não posso deixar o bebê por muito tempo.

Enquanto Nicole falava, pôde perceber que Juliette ficava a cada instante mais pálida, apenas assentindo. Lady Caroline, com seus olhos de águia, esquadrinhava o ambiente e os presentes ali. Segundos antes de Juliette vomitar, ela já havia colocado um balde aos pés da moça.

— Bom, isso foi inesperado, mas me parece que minha irmã adquiriu o hábito de vomitar em público tem um tempo.

Gregor começou a rir, lembrando-se do jantar ao qual Nicole se referia e ao mesmo tempo ria por não conseguir conter a alegria indescritível que sentia naquele momento. Juliette havia primeiro lhe resgatado da escuridão e mostrado que

PERIGOSAS ACHERON

sua mão sempre o guiaria nos dias nebulosos para, em seguida, oferecer a ele também o sol, uma certeza de que as sombras não mais o cercariam.

— Hum, há exatamente quanto tempo vem sentido essas náuseas?

Juliette olhou para lady Caroline de pé diante dela e tentou se recordar.

— Não sei bem, creio que comecei a sentir-me mal durante nossa fuga, mas atribui o enjoo à adrenalina.

A condessa de Devon sorriu.

— Bom, é uma maneira de se dizer.

Nicole olhou para a cunhada, questionando-a sem nada dizer; lady Caroline assentiu sem nenhuma descrição.

— Minha irmã — Nicole sondou. — Além disso, tem tido mais algum incômodo?

— Bom, eu...

Enquanto Juliette pensava, Ian já explanava

a situação.

— Já notei que sente algumas tonturas e tem tido um apetite bem... indelicado.

Juliette abriu a boca, surpresa.

— Está analisando meu apetite? Isso não é muito cortês e nem um pouco galante de sua parte!

— Tenho analisado ainda mais, percebi que seu humor não anda muito estável.

Juliette levantou-se aturdida.

— Quer dizer que acha que eu deveria não ter feito nada com aquela abusada que estava dando em cima do meu marido? Sabes que ela fez coisas ainda piores.

Ian sorriu divertido.

— Não, quero dizer que esperava que fizesse antes, quando viu ela sobre a cama dele. Entendo perfeitamente que confie em Gregor, mas geralmente não agiria com inércia em um momento de fúria, eu a vi atirar uma jarra sobre meu irmão

apenas por causa de uma serenata.

Ela refletiu um pouco sobre suas palavras e então horror tingiu suas feições.

— Óh, céus, querem dizer que estou sendo vítima de alguma doença? Chamem um médico então, seus palermas!

Caroline riu, deliciada, e Ian dirigiu-se a ela.

— Percebe o que digo? Chamei os dois aqui justamente para contar a eles que descobri sozinho o que vinha acontecendo e que, claro, nenhum deles havia notado. Imagino que não seria aprazível que seus pais tomassem conhecimento. — Dessa vez suas palavras foram direcionadas a Nicole.

— Já descobriu o que está acontecendo? — interrogou Juliette, agitada. — Por que estão todos sorrindo com essas expressões parvas? Enjoo, tonturas, humor instável e fome voraz você disse? Não consigo pensar em nada a não ser...

ser... Não pode ser, pode?

Todos assentiram em uníssonos.

— Bom, imagino que possa ser, talvez... —
Ela começou a divagar, falando para si mesma e para seu marido. — Se levarmos em conta aquela vez que estive em meus aposentos depois do noivado, algumas semanas atrás, mas pensei que havíamos mesmo nos prevenido.

As palavras continham surpresa, apesar de também ser nítido por suas feições que estava feliz.

— Não posso dizer que não seja uma ótima notícia, mas mesmo assim pensei que não aconteceria.

Gregor franziu o cenho.

— De acordo com as minhas perspectivas, acho que era mesmo bem possível que isso ocorresse, não nos prevenimos de maneira alguma, Juliette.

— Realmente, pensando bem, não mesmo.

Agora que penso melhor nisso, deveras não me utilizei de vinagre, nem mesmo você se vestiu daqueles... Bom, você sabe, daquelas *capas* feitas de membranas animais, além disso, no calor do momento, era impossível que interrompêssemos o... — Aturdida como estava, Juliette pareceu finalmente se recordar de que tinham companhia. — Ah, desculpem-me, acho que falei além do que deveriam ouvir.

Lady Caroline sorria enquanto Nicole tentava demonstrar desaprovação, mas os olhos brilhavam em um esforço para conter o riso.

— De acordo com todas essas revelações, creio que não restem dúvidas. Devem chamar um médico mesmo assim, apenas para confirmar as suspeitas.

Nicole concordou.

— Acho que seria melhor que o fizessem quando partirmos, melhor que mamãe descubra

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

algum tempo depois, talvez ela possa pensar que nasceu prematuro e assim não terá por que imaginar que o bebê foi concebido antes do casamento.

Assim foi feito. Após a partida dos pais de Juliette e todos os outros, finalmente Gregor pediu que um médico viesse vê-la; em razão da distância, o homem demorou algumas horas e apenas pôde realizar a consulta quando a noite já chegava.

De acordo com o que ele dissera, com as regras de Juliette em atraso e todos os sintomas que vinha apresentando, era mesmo impossível que se tratasse de outra coisa que não fosse um bebê. A confirmação da gravidez deixou o casal tanto abobalhado quanto em êxtase.

Gregor pediu que levassem o jantar no quarto e sentados à pequena mesa, juntos compartilharam da refeição e da intimidade que aquele novo laço estreitou ainda mais.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

— Em pensar que um ano atrás eu o vi na entrada da mansão Wheston e pensei que era o homem mais lindo que já havia caminhado sobre a terra. Nunca imaginei que um dia poderia ser tão completamente meu e que minha vida mudaria tanto em tão pouco tempo.

Os olhos do escocês estavam ainda mais azuis naquela noite, enquanto fitava a esposa em um misto de devoção, paixão e cuidado.

— Eu vi uma linda garota proibida e dócil, mas quando quebrou as regras fazendo-me uma proposta indecente, logo notei que era feita de um material único e que tinha que ser minha; por mais que naquele momento eu apenas pensasse em possuí-la fisicamente, afinal jamais tive seu coração como alvo.

— Ainda assim o acertou em cheio.

— Eu não a mereço, Juli, mas sou egoísta o bastante para nunca me imaginar sem você.

PERIGOSAS ACHERON

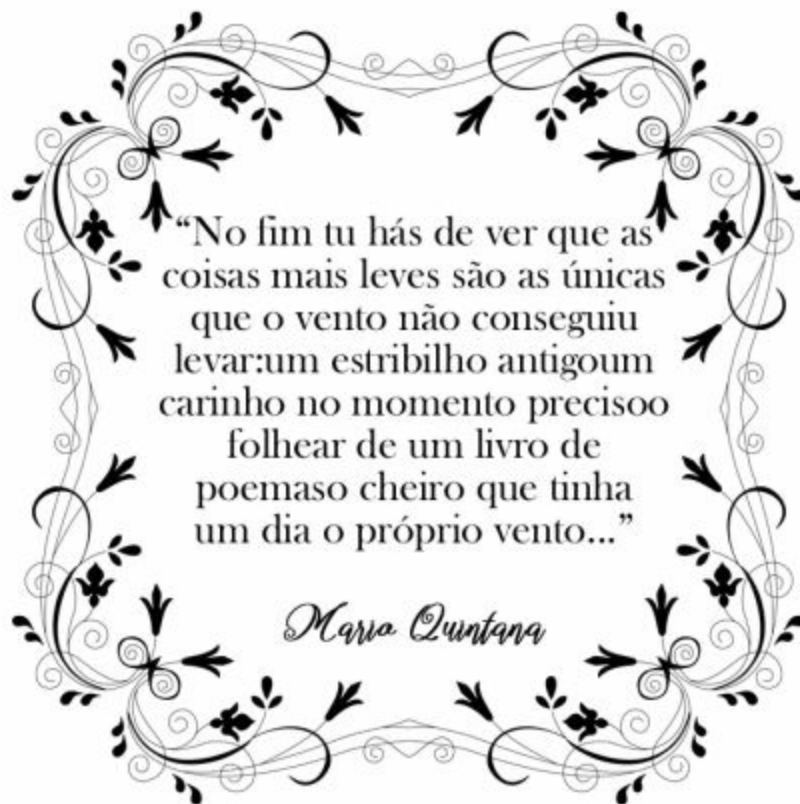
PERIGOSAS NACIONAIS

— Se alguém merece o amor, esse alguém é você. Nós iremos te amar de uma maneira tão intensa e límpida que ninguém em toda a Escócia poderá duvidar disso.

A mão dela alcançou a do esposo por sobre a mesa iluminada por uma vela. Era verdadeiramente um jantar romântico e Juliette não achava nada piegas.

Mais tarde naquela noite, amaram-se com docilidade. Gregor preenchia Juliette em todos os lugares e não apenas naquele ponto físico pelo qual estavam em sincronia, unidos, mas preenchia mais da sua alma e do seu coração a cada movimento. Eles estavam dentro um do outro, para todo o sempre.

PERIGOSAS ACHERON



Epilogo

Juliette

Ela ergueu o corpo na cama com alguma dificuldade e deixou que alguns impropérios lhe escapassem pela boca.

Enquanto segurava o dossel, buscando apoio para sentar-se mais facilmente, pensava que em breve seria necessário que um guindaste semelhante aos que eram usados nos portos fosse instalado no castelo a fim de erguê-la sempre que se sentasse ou deitasse.

A barriga no sexto mês de gestação estava imensa e pesada e a coordenação e graciosidade nos movimentos deixaram de existir. Finalmente

Juliette sentou-se na cama e tocou a campainha que Gregor havia colocado ao lado dela para que pudesse chamar uma criada.

Apesar da insistência dela de que não era necessária uma camareira, com os sintomas mais intensos e a protuberância da barriga, ficou impossível vestir-se sem ajuda. Além disso, alguns confortos eram bem-vindos.

Logo Maisie, a nova camareira, abriu a porta e entrou para ajudar sua senhora em sua higiene matinal e a vestir-se para o desjejum em seguida. A criada estendeu-lhe a mão e Juliette desceu do alto da cama para o chão.

— Viu meu marido, Maisie?

— Sim, milady. Ele pediu que lhe dissesse que a espera para comerem juntos.

Com eficácia, a camareira ajudou Juliette a passar o vestido rosa pela cabeça e fechou-o, amarrando o cordão. *Corsets* apertados e vestidos

PERIGOSAS ACHERON

de cintura fina haviam sido banidos até o fim da gestação; de acordo com Gregor, ninguém obrigaria seu filho a crescer apertado dentro de um espartilho. Juliette não poderia estar mais de acordo, afinal ela também crescia e não desejava que fosse reprimida em meio às barbatanas.

Desceu as escadas em uma lentidão que agora era característica sua e encontrou o marido sentado à mesa. O habitual *kilt* atraiu seus olhos para as pernas fortes e fez com que ela amaldiçoasse outra vez as dezenas de bolinhos que vinha comendo diariamente.

— É injusto que eu precise ficar enorme para gerar um herdeiro, enquanto você pode manter a mesma excelente forma física.

— Não vejo nenhum problema que tenha ganhado algum peso, é saudável para o bebê. O problema seria se ele nascesse mirrado por falta de alimentação, então se sente aqui e tome seu

desjejum.

Juliette caminhou até a mesa e se aproximou do esposo para um beijo fugaz. Gregor aproveitou a proximidade e puxou-a para o colo, fazendo com que se sentasse.

— Veja, pedi que preparassem seu mingau de aveia. Depois que comê-lo, pode escolher entre algo mais leve, como bolos, pães e frutas ou algo mais inglês como ovos e linguças fritas.

Enquanto detalhava o cardápio, Gregor retirou a tampa das bandejas, permitindo que ela desse uma boa olhada nos alimentos.

— Greg, desse jeito não dá! Como vou escolher entre essas delícias e ainda assim voltar ao meu peso anterior após o nascimento de nosso filho se você fica tentando me engordar?

Gregor já estava distraído, deixando um rastro quente de beijos no pescoço delicado da esposa.

— Sabes muito bem que não está gorda, acho que o peso a mais até lhe fez bem. Deixou-a mais curvilínea.

— É mesmo? — Ela sorriu ao ouvi-lo; sabia perfeitamente como o marido se sentia a respeito de suas novas curvas, pois ele sempre abordava o assunto nos momentos mais íntimos.

— Não tenho provado como amo seu corpo?

— Ah, não sei, acho que talvez possa se esforçar um pouco mais para convencer-me.

— Sua engraçadinha... Está enrolando-me, coma um pouco de mingau. Vamos, abra a boca.

A colher já havia sido mergulhada no prato e Gregor aproximou-a para que Juliette pudesse comer.

— Agora vai me dar de comer? Como a uma criança?

— Não sei por que o espanto, já o fiz

PERIGOSAS ACHERON

diversas vezes antes.

Ela sorriu em resposta.

— É diferente. Fez quando estava passando mal e não tinha nem forças mais para comer. Agora está exagerando...

— Não é exagero, temos um *highlander* crescendo aí dentro. Você precisa de forças para quando o momento chegar.

Juliette abriu a boca para receber a colherada. Então, sem aviso prévio, Gerlane entrou no cômodo carregando uma jarra de suco. Desviou os olhos, ruborizada ao avistar Juliette sentada sobre as pernas do marido.

— Desculpem a interrupção, não tive a intenção. Apenas preparei um refresco e pensei em trazer para milady, é saudável.

Apesar das desculpas, Gregor sabia que não havia arrependimento.

Durante os meses que havia passado desde
PERIGOSAS ACHERON

o casamento, muitos criados ainda tinham fé na maldição, mas vários outros já haviam compreendido que o amor que havia entre Gregor e Juliette era genuíno e a alegria advinda dele, real.

Gerlane era uma dessas. Ao ver que o casamento deles era de fato singular, a mulher não perdia a oportunidade de flagrá-los em momentos de carinho. Era revigorante para ela; uma maneira de reafirmar sua fé de que o amor não poderia ser vencido por feitiçarias ou agouros.

— Você também, Gerlane? — questionou Juliette. — Desse jeito logo vão ter que me rolar escada abaixo se quiserem me ver fora de meus aposentos.

A senhora sorriu para sua patroa e deixou a jarra sobre a mesa, retirando-se em seguida.

— E seu irmão, onde está? — inqueriu ao marido.

— Pediu que me despedisse de você por ele,

foi resolver assuntos sobre a expansão da destilaria. Os negócios vão bem.

— Fico feliz por Ian.

— Eu também. Agora tenho uma surpresa para você e sei que ficará muito feliz quando souber.

Juliette cruzou as mãos em torno do pescoço de Gregor.

— Conte-me então, não me deixe curiosa.

— Wheston me escreveu na semana passada, pedindo-me que recebesse alguém aqui. Não lhe disse nada antes porque preferi que fosse surpresa. Adivinhe quem vem passar um tempo conosco?

Juliette estreitou o olhar, pensativa.

— Mas mamãe e papai acabaram de retornar para Derbyshire...

De fato, os pais de Juliette haviam passado algum tempo no castelo, visitando-os, mas há

PERIGOSAS ACHERON

pouco mais de uma semana haviam retornado para a casa deles que ficava na propriedade de Wheston.

— Sim, não são eles.

Em uma segunda tentativa, ela arriscou outro palpite.

— Cecília? Seria muito bom que ela viesse, mas honestamente vamos precisar de alguém para cuidar dela, Greg, olhe meu estado!

Ele sorriu diante da reação dela.

— Não, nossa hóspede não é sua sobrinha.

— Não? Mas então... Óh! Não acredito! Como não pensei antes! É Helen, não é? Minha preciosa amiga vem ficar conosco?

Gregor assentiu, satisfeito em compartilhar a alegria de sua mulher.

— Sim, chega hoje ainda. Peça que lhe preparem um quarto. Mathew me pediu que lhe arrumasse um trabalho, ela não viria sem que pudesse trabalhar para pagar sua estadia, palavras

dele... Não sabia o que fazer porque sei que é sua amiga, então disse que ela poderia ajudá-la como sua camareira se assim desejasse.

— Bobagem, já temos Maisie. Helen será nossa hóspede.

Ele aquiesceu, concordando.

— Sei que não tem essa necessidade, mas creio que ela não viria de outra forma e, além disso, deve precisar do dinheiro. No entanto, não precisa preparar um quarto para ela na ala dos criados, prepare um dos quartos de hóspedes. Converse com sua amiga quando chegar e veremos se consegue convencê-la a apenas lhe fazer companhia.

— Pensarei em algo que ela possa fazer se for da vontade dela, mas não compreendi por que decidiu vir para cá agora...

Gregor pensou um pouco antes de dar sua opinião.

— Na carta não dizia nada, mas soube que

Cavendish já voltou a caminhar e a sair de casa. Será possível que a tenha encontrado?

— Não sei, creio que se tivesse feito ela não teria tempo para vir. Mais provável que ela esteja antecipando-se, imaginando talvez que lá ele a encontre mais facilmente.

Gregor assentiu pensativo.

— Essa história dela é muito curiosa. Será que um dia saberemos quem realmente é Helen?

Juliette recordou-se da amiga e dos bons momentos em que a ajuda dela havia sido vital para seu bem-estar.

— Estou certa de que ainda iremos descobrir quem é sua família, mas a pessoa que ela é nunca me foi omitida. Ela apenas age com discrição para esconder-se de alguém. Não creio que suas preocupações sejam apenas com o duque, imagino que tenha algo mais aí.

De repente, Gregor a olhou com ares de

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

suspeita.

— Será que ela pode ter problemas com a lei? Estar fugindo por ter cometido algum crime?

Juliette o analisou com o sobrolho franzido.

— Não creio que seja o caso, mas se fosse lhe negaria ajuda?

Gregor fez uma pausa antes de sorrir divertido.

— Evidente que não. Uma criminosa em nossa casa pode nos trazer algumas aventuras, vamos auxiliar em suas fugas, escondê-la sob as vistas de todos e, quem sabe um dia, possamos ver a guarda britânica invadindo nossas terras para uma captura? Que será frustrada, claro. Teremos aqui apenas um cavalheiro que sutilmente saiu pelos fundos.

— Um cavalheiro?

— Sim, poderíamos vesti-la com minhas roupas.

PERIGOSAS ACHERON

PERIGOSAS NACIONAIS

Juliette gargalhou gostosamente.

— Ah, Greg, você é impossível e vê coisas onde não existem. Helen não poderia ser uma fugitiva, de maneira alguma.

— Se você diz...

Os pensamentos dela voaram longe por alguns instantes e, quando voltou a fitar o marido, havia malícia em seu olhar.

— Mas se quiser... podemos desfrutar de uma ou outra aventura em nosso quarto. Basta me acompanhar.

Instantaneamente Gregor a levantou de seu colo e se colocou de pé.

— Adoro ver que sua devassidão não foi sufocada pelo *peso da responsabilidade* que carrega.

Puxou-a escada acima; Gregor tentava acompanhar o ritmo lento de Juliette. Ela sorriu do gracejo feito por ele.

PERIGOSAS ACHERON

— Jamais. O peso da responsabilidade que carrego apenas me faz querer te amar mais.

Estacando na metade do caminho, Gregor capturou os lábios dela em um beijo apaixonado.

— Então me ame, minha Juli.

É APENAS O INÍCIO...

Agradecimentos

Chegamos ao final do livro e o que sinto é um misto, alegria por mais um livro alcançando diversas pessoas e tristeza por me despedir da história de Gregor e Juliette.

Foi maravilhoso passar um tempo com eles, me diverti muito e espero que você também tenha dado boas gargalhadas com as trapalhadas desse escocês e sua flor inglesa, como diria Ian MacRae.

Eu disse lá no início que iríamos nos encontrar no final e aproveito esse momento para fazer um convite a você; não sei se costumar ler pela plataforma wattpad, mas o próximo livro da série será postado por lá e então poderão conferir a história de Helen em “O Duque e a Fugitiva”. Caso

preferam esperar pela versão final do livro, em pouco tempo ele deve chegar a Amazon também.

Convido você a conhecer minhas redes sociais e ficar por dentro de tudo que acontecerá nessa série:

Grupo no facebook com as ladys

<https://www.facebook.com/groups/354301831111111>

Meu perfil, também no facebook

<https://www.facebook.com/sgfidelis.autora?ref=bookmarks>

No wattpad, poderão me encontrar aqui e conferir os próximos livros

<https://www.wattpad.com/user/SGFidelis>

E no instagram, como @sgfidelisautora

<https://www.instagram.com/sgfidelisautora/>

Espero vocês!

Até a próxima,

Lady SG Fidelis

